



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**LEVANTA OS OLHOS E CONTEMPLA AO TEU REDOR; TODOS ESTES QUE SE
AJUNTAM VEM A TI: JUAZEIRO DO NORTE, PEDRA E PRECES NO MEIO DO
MUNDO.**

JOÃO PEREIRA SILVA NETO

CAMPINA GRANDE – PB

2024

JOÃO PEREIRA SILVA NETO

**LEVANTA OS OLHOS E CONTEMPLA AO TEU REDOR; TODOS ESTES QUE SE
AJUNTAM VEM A TI: JUAZEIRO DO NORTE, PEDRA E PRECES NO MEIO DO
MUNDO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em História, na linha de pesquisa: Cultura e Cidades.

Orientador: **Prof.^a Dr.^a Keila Queiroz e Silva**

CAMPINA GRANDE – PB

2024

S5861

Silva Neto, João Pereira.

Levanta os olhos e contempla ao teu redor; todos estes que se juntam
vem a ti: Juazeiro do Norte, pedra e preces no meio do mundo / João Pereira
Silva Neto. – Campina Grande, 2024.

126 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Profa. Dra. Keila Queiroz e Silva."

Referências.

1. Romeiros. 2. Juazeiro do Norte. 3. Padre Cícero. I. Silva, Keila
Queiroz e. II. Título.

CDU94(813.1)(043)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Às 10h00 (dez horas) do dia 26 (vinte e seis) de março de 2024 (dois mil e vinte e quatro), de forma presencial na sala 204 do bloco BC2 do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo(a) aluno(a) **João Pereira Silva Neto**, intitulada: "LEVANTA OS OLHOS E CONTEMPLA AO TEU REDOR; TODOS ESTES QUE SE AJUNTAM VEM A TI: JUAZEIRO DO NORTE, PEDRA E PRECES NO MEIO DO MUNDO", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "aprovado", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Keila Queiroz e Silva - Orientador(a), Severino Cabral Filho - Examinador(a) Interno(a), Auricélia Lopes Pereira - Examinador(a) Externo(a). Assina também a presente Ata o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino e a Coordenadora do PPGH Michelly Pereira de Sousa Cordão, para os devidos efeitos legais.

Parecer: _____

Lista de Presença

Orientador(a)	Keila Queiroz e Silva	PPGH/UFCG	
Examinador(a) Interno(a)	Severino Cabral Filho	PPGH/UFCG	
Examinador(a) Externo(a)	Auricélia Lopes Pereira	CH/UEPB	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino		
Coordenadora	Michelly Pereira de Sousa Cordão		

Campina Grande-PB, 26 de março de 2024.

JOÃO PEREIRA SILVA NETO

**LEVANTA OS OLHOS E CONTEMPLA AO TEU REDOR; TODOS ESTES QUE SE
AJUNTAM VEM A TI: JUAZEIRO DO NORTE, PEDRA E PRECES NO MEIO DO
MUNDO.**

Texto avaliado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Keila Queiroz e Silva – PPGH/UFCG (Orientadora)

Prof. Dr. Severino Cabral Filho – PPGH/ UFCG (Examinador Interno)

Prof^ª. Dr^ª. Auricélia Lopes Pereira – UEPB (Examinadora Externa)

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos – PPGH/ UFCG (Suplente Interno)

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina de Aragão – UEPB (Examinadora Externa)

DEDICATÓRIA

À memória eterna do meu pai, cujos acordes de coragem ressoam no silêncio, enquanto a luz radiante da minha mãe continua a iluminar o caminho da alegria. Nesta dissertação, dedicada à sinfonia da vida, honro o amor pela música que meu pai nutria e a alegria inesgotável que minha mãe emanava.

Meu pai, o homem corajoso que buscava conhecimento em cada nota, e minha mãe, a mulher da alegria cujo sorriso é eternizado nestas páginas. Esta dissertação é a partitura da memória deles, uma melodia que transcende a mortalidade, guiando-me como o céu que meu pai agora cuida, e minha mãe que levou consigo tudo de mais belo que eu já tive e já senti um dia, ela era a minha própria alma, e agora é a própria essência celestial.

AGRADECIMENTOS

Viver a correr atrás dos meus dias passados, sem nunca conseguir alcançá-los. Essa máxima traduz a minha existência, de perseguidor dos tempos e das histórias. Já ouvi muitas vezes, que devo dar as costas ao passado e seguir adiante, mas como se segue adiante se tudo o que quero e o que sonho é recuperar minha vida antiga, como se continua quando você começa a entender que não há volta? Existem certas coisas que o tempo não pode curar, nem sei se ele cura alguma coisa, pois como falou uma grande amiga ao tratar sobre o tempo, “*Por sua presença-sempre deu-se a ser lido como curandeiro das horas, mestre a resolver os problemas de difícil solução, sábio decifrador dos enigmas*”¹. O tempo não sarou as minhas feridas abertas e que ainda hoje sangram.

A vida foi ficando dura, cada dia mais difícil, a dor da ausência dos meus pais ocuparam toda a minha existência. Procurei seguir de diversas formas, mas me desencontrei no bravo mar da vida. Gritei por ajuda e aqui devo iniciar agradecendo aos que me ouviram. Mas não posso agradecer de qualquer forma, acho que os agradecimentos de um texto acadêmico devem ser muito bem elaborados. Ouvi certa vez que o pior pecado é a ingratidão, e para não ser ingrato tentarei nessas linhas que se seguem, remeter aos nomes que transbordam essas páginas, que alvoroçam minha simples escrita. E como a música me salvou da dor, com músicas irei dizer desses que iluminaram meu caminho para cá.

É um ponto final que tento colocar aqui, mas antes de seguir, precisamos agradecer. Olhar primeiro para o céu e dizer a Deus, muito obrigado! Obrigado por não me deixar desistir, obrigado por colocar diante de mim pessoas que me seguraram no braço e me livraram da queda. Obrigado ainda por ser através da Virgem Maria e do Padre Cícero meu porto de pouso e de reabastecimento. Obrigado por tudo. Ele é para mim, como cantou Padre Zezinho, em Águia Pequena, “*Tu me fizeste uma das tuas criaturas, águia pequena que nasceu para as alturas Com ânsia de voar... tu me fizeste amar o risco das alturas com ânsia de chegar. E, embora eu seja como as outras criaturas, não sei me rebaixar. Não vou brincar de não ter sonhos se eu os tenho.... não vou trair meus ideais pra ser feliz. Não vou descer nem jogar fora o meu projeto Vou ser quem sou e sendo assim serei feliz...*”.

Órfão, nunca pensei que essa palavra pudesse ser atribuída a mim um dia. Me vi lançado na noite escura, era difícil viver, me manter de pé todos os dias enfrentar os problemas

¹ PEREIRA, Auricélia Lopes. **Fluxos de Vida/textos de rua: mendigos nas dobras do tempo**. UFPE. 2010. Doutorado em História – Programa de pós-graduação em História do Brasil- Recife 2010.

cotidianos e seguir adiante, devolver à vida, vida na própria potência era impossível, quando tudo o que havia em mim era cansaço.

Foi no meio dessa noite que minha vovó provou que o amor é capaz de superar qualquer coisa. Foi através do amor que ela me disse, lá na escuridão: "Vá estudar, deixe essas coisas aí. Eu pago suas contas, sua mãe não iria querer isso pra você!" Jamais esquecerei disso. E hoje percebo que tudo isso fala mais de amor do que qualquer livro, ou canção.

E com um aperto no coração percebo a judiação do tempo sobre seus ombros. A memória falha, o corpo debilitado e o olhar fustigado dos seus 97 anos de luta. Mas esse seu olhar é preenchido por completo por sua capacidade de amar, mesmo diante da dor de perder sua filha. Tantas vezes te vi chorando com saudades... E um dia você me falou a coisa mais dolorida que já ouvi: "Eu *tava* pelejando pra me lembrar de tua mãe e não consigo" te mostrei um vídeo e a lágrima de dor que caia desmanchando teu sorriso de saudade era também de alívio por lembrar-se da tua menina. E por falar em lembrança deixo para você a música de Caetano na esperança de te tornar eterna: "*lágrimas encharcam minha cara, vivo a força rara dessa dor, clara como a luz do sol que tudo anima, como a própria perfeição da rima para amor, há muitos planetas habitados e o vazio da imensidão do céu e essa voz que Deus me deu, mas nada igual a ela e eu*".

Neste perpétuo renascer que é a jornada da vida, é imperativo que não nos esqueçamos da essência familiar, mesmo quando essa tece complexidades e desafios aparentemente insuperáveis. A família constitui o alicerce inicial de nossa construção humana e de valores, uma fonte inesgotável de vínculos intrínsecos. A armadilha perigosa que muitos de nós enfrentamos é a comparação, alimentando a noção de que nossa família é atípica, como se existisse uma definição universal de normalidade. Como podemos categorizar os laços sanguíneos que não escolhemos, sabendo que as decepções podem ser igualmente intensas? A dinâmica familiar é complexa e, apesar das adversidades, eu, um hermeneuta fatigado, reconheço que tive a bênção de um lar feliz. Permita-me, então, realçar a presença marcante de meus irmãos, Ewerton Rômulo e Raudek Woney. Embora não sejamos os mais inseparáveis, compartilhamos a carga da perda e da devastação que a saudade e a morte podem impor. Meus sobrinhos, em meio às tempestades da vida, surgem como fonte de risadas revigorantes, iluminando os momentos sombrios. São para mim o que cantou Chico Buarque em sua composição *Vida*: "*[...] Mas, vida, ali, quem sabe, eu fui feliz, luz, quero luz, sei que além das cortinas são palcos azuis e infinitas cortinas com palcos atrás, e pulsa, pulsa, pulsa, pulsa, pulsa mais. Mais, quero mais, nem que todos os barcos recolham ao cais, que os faróis da*

costeira me lancem sinais, arranca vida, estufa vela, me leva, leva longe, leva mais, vida, minha vida, olha o que é que eu fiz”.

Nesse agradecimento sincero, reconheço o papel crucial de minhas tias e tios - Rivailda, Jussara, Glestu, Rosilda, Auderina, Maria Helena e Cecita. Suas portas sempre abertas representaram refúgios constantes, moldando-me em uma versão mais compassiva de mim mesmo. Transformar suas casas em extensões do meu lar é uma dívida que palavras não podem totalmente expressar. Aos primos, que são como irmãos, meu agradecimento especial. Minha prima-irmã Débora, uma força incansável em minha jornada, esteve presente nos extremos da euforia à devastação da depressão, consolando minha alma e restaurando minha vida. A Júnior e Nayara, seus braços se abriram em abraços calorosos e fraternos. A todos os primos e primas, meu profundo agradecimento. Vocês são para mim o que cantou Gal Costa em *Sem Medo Nem Esperança*: *“Nada do que fiz, por mais feliz, está a altura do que há por fazer, e se me entrego às imagens do espelho sob o céu, não pense que me apaixonei por mim, bom é ver-me assim, de fora de si, eu viveria tantas mortes e morreria tantas vidas, e nunca mais me queixaria, nunca mais”.*

Não posso deixar de expressar minha gratidão a duas almas essenciais que desempenharam papéis cruciais na minha trajetória rumo ao mestrado. Primeiramente, minha estimada prima Maria Letícia, cuja presença foi um farol em meio às tempestades. Ela não apenas me impediu de desistir, mas também colaborou na elaboração do projeto, estendeu-me a mão e assegurou que estaria ao meu lado. Naquele momento de aflição e sombras, ela trouxe consolo e iluminou meu caminho. Da mesma forma, minha gratidão se estende à Professora Doutora Wanderléia Farias, a quem enviei dois projetos para avaliação. Nos momentos derradeiros, suas palavras decisivas ecoaram: "João, envie o projeto de Juazeiro, está excelente! Não há o que discutir, envie esse!" Agradeço, Wanderléia, por sua orientação e por encorajar-me quando minha mente exausta ansiava pelo descanso. Após noites insones de escrita, leitura e pesquisa, você foi a primeira a afirmar que daria certo. Vocês duas estavam nas linhas da canção *Caminhos do Coração*, de Gonzaguinha: *“Há muito tempo que eu estou na vida, foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz, principalmente por poder voltar a todos os lugares que já cheguei, pois lá deixei um prato de comida, um abraço amigo, um canto para dormir e sonhar, e aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. É tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. É tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho, por mais que pense estar”.*

Enquanto dançamos com firmeza sobre as linhas da nossa existência, traçadas em nossas próprias mãos, surgem seres especiais que chamamos de amigos, escolhas preciosas feitas nos

recantos da jornada. Certa vez, ouvi a poesia de um filme que comparava os amigos a anjos, guias e protetores que, mesmo em silêncio, caminham ao nosso lado. Podemos negar a existência desses anjos, duvidar de sua presença, mas, de maneira mágica, eles se manifestam em lugares inesperados e momentos inusitados, entrelaçando-se conosco para toda a eternidade. Sempre me orgulhei de carregar um vasto círculo de amizades, como um tesouro cultivado ao longo dos dias aqui, em Lagoa Seca - PB. Desde os amigos de infância, que se tornaram pedras fundamentais, até aqueles que fui colecionando ao longo do caminho, como joias raras. Victor Muniz, um amigo desde a infância, agora padrinho de sua filha, e Júnior Porto, que me estendeu a mão nos momentos mais difíceis, a vocês, meu profundo agradecimento. Não posso deixar de mencionar o amigo de longa data, Marcos Vinícius, cuja amizade permanece inalterada mesmo quando nossos caminhos se cruzam raramente. Ao meu irmão Frei Anésio Gomes OFM e ao Frei Almir Siqueira OFM-Conv, agradeço pelo elo religioso que nos une, pela acolhida e pelas preces. Falando em religião, minha jornada na Igreja Católica me presenteou com amizades sinceras, especialmente ao Círculo de EJC da Catedral Diocesana de Campina Grande. Vocês foram luz nas sombras, e mesmo quando invadiram meu quarto de hospital, causando tumulto entre os médicos, só posso agradecer por esse gesto ousado e feliz. Agradeço também ao EJC da Paróquia de Lagoa Seca, às pessoas com quem servi e a todos que agradeço a Deus diariamente por terem cruzado meu caminho. Assim como as amizades que floresceram no ambiente de trabalho, na escola Irmão Damião. Cada um de vocês é uma estrela que ilumina minha trajetória, transformando a jornada em um mosaico de afeto e gratidão. Posso agradecer a vocês utilizando a canção *Força Estranha*, de Caetano Veloso: “*Eu vi muitos homens brigando, ouvi seus gritos, estive no fundo de cada vontade encoberta e a coisa mais certa de todas as coisas não vale um caminho sob o sol, e o sol sobre a estrada é o sol sobre a estrada, é o sol. Por isso uma força me leva a cantar, por isso essa força estranha no ar. Por isso é que eu canto, não posso para. Por isso essa voz tamanha*”.

E como mencionei que o pior pecado é a ingratidão, não posso deixar de agradecer as pessoas que me deram a oportunidade de trabalhar, de exercer meu ofício pois, como certa vez disse Maria Bethânia: “*a vida só é vida na realização plena do seu ofício*”. Portanto, agradeço à Secretaria Municipal de Educação, a Prefeitura Municipal, a Escola Santa Rita e ao meu estimado amigo Fabiano Ramalho. São para mim, como disse Cazuza em *Vai à Luta*: “*Eu te avisei, vai à luta, marca teu ponto na justa, o resto, deixa pra lá*”.

É fascinante como a vida tece surpresas, guiando-nos por caminhos inesperados. Antes de adentrar no universo do programa de pós-graduação, ouvia falar frequentemente da renomada Professora Doutora Keila Queiroz, uma das orientadoras mais requisitadas.

Inicialmente, o Professor Doutor Alarcon Agra Do Ó escolheu conduzir minha pesquisa, a quem sou grato, mas, devido a questões de saúde, teve que abrir mão da orientação. Foi então que Keila, ao ministrar a disciplina "TE Movimentos Sociais Urbanos na Contemporaneidade", mergulhou mais profundamente em minha pesquisa. Nesse encontro, descobri nela uma alma generosa e um brilhantismo invejável. Keila acolheu meu trabalho e se tornou mais do que uma orientadora, uma amiga cuja presença pretendo preservar ao longo da vida. Expresso meu agradecimento à Professora Doutora Auricélia Lopes Pereira, que não apenas me inspirou a escrever, mas também me guiou nessa jornada de aprendizado. Com ela, descobri a arte de escrever, onde os conceitos se entrelaçam no texto sem sobrecarregá-lo, e a vida e a escrita tornam-se uma única entidade através da caneta do historiador. Ao Professor Doutor Severino Cabral Filho, que aceitou o convite de Keila para integrar a banca, oferecendo contribuições valiosas e significativas. Meus sinceros agradecimentos também à Professora Doutora Patrícia Cristina de Aragão e ao Professor Doutor Rodrigo Ceballos, que prontamente aceitaram participar da banca avaliadora. Não posso deixar de destacar a importância da Professora Mestra Maria de Lourdes Ramos, carinhosamente conhecida como Babi. Foi ela quem abriu meus olhos para a riqueza da história do Brasil durante sua disciplina "História do Brasil III" na Universidade Estadual da Paraíba. Nesse espaço, que abrange o período republicano até a ditadura varguista, Babi nos ensinou a amar a história de nosso país. Foi nesse cenário que vislumbrei a história dos movimentos messiânicos no Brasil, incluindo o movimento de Juazeiro. Foi uma paixão à primeira vista. Agradeço a Babi por suas aulas inspiradoras, que continuam tocando o coração de alunos apaixonados por nossa história. Vocês representam em mim toda a força de Maria Bethânia quando cantou *Salmo*: “*Vida, ó bela, ó terna, ó santa, vida, é breve, é grande, é tanta vida, ai de quem não te canta, ó vida. Diante da vida delirante, ai de quem vacilante repousa e não ousa viver, deve passar toda a existência entre o medo e a ansiedade. Não quero ter calma, eu quero ser tempestade. Não quero ser letargia, eu quero ser travessia. Eu quero andar pela cidade, me embriagando de poesia, bebendo a claridade da luz do dia*”.

Ao longo dos anos do meu mestrado, algumas almas se entrelaçaram de forma fundamental, costurando seus sonhos junto aos meus, tornando-se pilares essenciais para que, nos momentos de tristeza, eu pudesse erguer-me com renovada força. Em primeiro lugar, expresso minha profunda gratidão ao meu leal companheiro, Aleffy, cuja presença foi um bálsamo quando a depressão lançou sua sombra e me vi quase solitário neste vasto mundo. Agradeço, igualmente, aos amigos que parecem entrelaçados em nosso código genético. A participação do Frei Alexandre de Lima OFM foi singular, acolhendo-me, auxiliando-me a

vencer desafios e a transpor labirintos sombrios e assombrosos. Da mesma forma, agradeço a Alexander e sua mãe Taiti, que gentilmente abriram as portas de sua casa, fazendo-me parte de sua família. Estendo meus agradecimentos àqueles que estiveram comigo nos dias difíceis: Eduardo, meu afilhado, Advânia, minha afilhada, Luan, Emanuely, Laís, Wanusa, Gabriel Silva, Andrely... nossos encontros eram repletos de risos que garantiam leveza aos momentos sombrios. Outras pessoas, ao longo do tempo, assumiram ares de irmãos, como Josy Rocha, que ocupa um espaço especial em meu coração. Maricélia, Alan Alves, Vagner e Alexsandra, cuja amizade nasceu no ambiente de trabalho e, instantaneamente, floresceu como uma união inseparável, provocando inveja alheia. Falando em irmandade, devo expressar agradecimentos especiais a um amigo que reconheço como um irmão valioso. Sua presença se manifesta mais em gestos do que em palavras, e se me pedissem hoje para traduzir a palavra amizade em uma pessoa, eu diria seu nome, Gabriel Dias. Deixo a vocês a canção belíssima de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, *Amigo*: “*As vezes, em certos momentos difíceis da vida, em que precisamos de alguém para ajudar na saída, o seu coração é uma casa de portas abertas, amigo, você é o mais certo nas horas incertas*”.

Nietzsche certa vez falou que as grandes coisas exigem silêncio, ou que delas falemos com grandeza. Com grandeza significa com amor, respeito e inocência. Não sei se disponho dessas características, mas preciso falar das grandes coisas, pois elas me moldaram e me tornaram o que sou. Essas grandes coisas foram grandes pessoas. A vida, ela tira da gente, de repente, sem avisos, essas pessoas. É um acontecimento que te destrói por completo, que rasga o ser na existência e, ao mesmo tempo, exige de nós que sigamos adiante. Essa, acredito que seja, a vida em sua forma mais cruel. É olhar para o mundo e pensar: “como as pessoas estão seguindo?”, “Como é possível que estejam vivendo suas vidas, se estou sofrendo tanto?”. E aí, a gente percebe que a sua dor é só sua. Intransferível, ela corrói e te derruba várias vezes. E a vida da gente se desencontra, perde o elo, mas é necessário reencontrar outras tantas vezes. E, como disse Blanchot, escrever para não morrer. Agradeço ao meu padrinho Assis Costa (*in memoriam*), ele me levou tantas vezes para o Juazeiro, nunca me cobrou nada, me apresentou a história do Padre Cícero, e ainda na graduação, abriu prontamente o seu acervo de livros e me emprestou, como fonte de pesquisa, quase 30 exemplares de fontes bibliográficas variadas sobre o Sacerdote do Ceará, onde estiveres, Tio Assis, receba o meu agradecimento. Assim como a Roberto Sampaio (*in memoriam*), que transformou-se em um pai, quando o meu já não estava comigo; almoçava em sua casa todos os domingos como se fosse de fato um membro de sua família, seu jeito bruto era apenas um disfarce, que não escondia em nada o coração mole e a felicidade em me receber. Deixo a vocês a música de Tereza Tinoco, para que possam escutar

essa melodia de onde estiverem: *“Eu me sinto um tolo como um viajante pela tua casa, pássaro sem asa, rei da covardia. Mas, se guardo tanto essas emoções nessa caldeira fria, é que arde o medo onde o amor ardia... mas o viajante é, talvez, covarde, ou talvez seja tarde para gritar que arde no maior ardor. Talvez esperando desse viajante algo que ele espera também receber e quebrar as cercas, com que insistimos em nos defender”*.

*Minha mãe me fez rezar para ser feliz um dia, a felicidade se passou, foi durante a noite em que eu dormia. A noite, a escuridão que abarca a tudo. Foi a noite escura que chegou sobre mim e destruiu um outro João Neto, que era feliz, e que hoje sabe que essa felicidade jamais será completa. Não será completa porque esse mestrado que fiz, e que hoje encerro, depois de tantas noites sem dormir, deveria, acima de tudo, ser dedicado a duas pessoas que me ensinaram que a educação é a única forma honesta de conseguir uma vida melhor. E, para isso, eles não mediram esforços, nem para mim, nem para os meus irmãos. E hoje sei que fui o único que eles não conseguiram ver formado. Meus pais achavam a educação a coisa mais preciosa que existia, e não era. Em 2014, quando fui fazer a prova do ENEM, eu teria que sair de casa cedo devido ao trânsito, e o almoço no sábado da minha casa sempre era mais tarde, por volta de 13h30 da tarde, mas, quando acordei, minha mãe já tinha feito o almoço, era minha comida preferida. E aquele almoço estava com um gosto diferente, tinha gosto de amor. Entramos no carro e fomos para o local da prova, e quando eu descii, eles acenaram com a mão e falaram em coro: “Deus abençoe!”, era amor, esse sim, foi o bem mais precioso que eles deixaram para mim. Ao meu pai, que lia sobre tudo, passava o dia pesquisando histórias, notícias e músicas, muito obrigado, por sua lucidez, por sua constância, sua paciência, você foi o grande herói da minha história. E a minha mãe, bem, acima de tudo, ela tinha um sorriso lindo. Ela trapaceou a morte, pois essa palavra não havia em sua gramática, sua vida foi formada por presenças-alegrias, criações e pura potência de existir. A morte, com sua solidão, não conseguiu deforma-la, a morte, com sua desconcertante separação, não conseguiu imobiliza-la, a morte, com sua devastadora tristeza, não conseguiu corroê-la e, nessa guerra, a morte foi dobrada e saiu perdendo. Eu queria dizer tanta coisa a eles, e sonho com o dia do nosso reencontro. Eles são, portanto, todas as músicas do mundo, sou incapaz de enquadrá-los em uma única composição. Mas, já que falei em reencontro, no dia em que reencontra-los, irei dizer como Chico Buarque: *“Ah, eu quero te dizer, que o instante de te ver custou tanto penar, não vou me arrepender, só vim te convencer que eu vim para não morrer de tanto te esperar. Eu quero te contar das chuvas que apanhei, das noites que eu vareei no escuro a te buscar, eu quero te mostrar as marcas que ganhei nas lutas contra o rei, nas discussões com Deus. E, agora que cheguei, eu quero a recompensa, eu quero a prenda imensa dos carinhos teus”**

E, enquanto isso não acontece, honrarei para sempre a sua memória. E, se foi por eles que tudo começou, foi por eles que me formei, foi por eles que entrei no mestrado, foi por eles que escrevi essa dissertação, é com eles que eu encerro, dizendo que os amarei para sempre...

Enquanto o sempre existir.

Ainda moro no passado, porque lá minha mãe ainda vive comigo...

RESUMO

Esta dissertação analisa a identidade social e cultural de Juazeiro do Norte, focando na sacralidade do espaço e nas memórias coletivas dos habitantes entre 1934 e 2022. Utilizando a História Oral Temática como principal metodologia, a pesquisa permite a coleta de narrativas pessoais e memórias sobre as romarias, a figura do Padre Cícero e as práticas religiosas locais. Foram realizadas entrevistas com diversos atores sociais, incluindo romeiros, moradores antigos, estudiosos locais e religiosos. A análise dos dados se baseia nas abordagens de memória social e nos estudos sobre espaço sagrado, fundamentando-se nos conceitos teóricos de Deleuze, Guattari e outros autores relevantes na área. A pesquisa adota uma abordagem fenomenológica, harmonizando a materialidade da cidade com as emoções e valores presentes em suas esquinas e praças. A cartografia sagrada desempenha um papel crucial, orientando a exploração histórica e contextual da cidade. A narrativa ressalta a complexidade das experiências dos romeiros, revelando a multiplicidade de perspectivas e identidades que compõem a realidade da cidade. As fontes utilizadas incluem entrevistas conduzidas com romeiros, moradores e líderes religiosos, documentos históricos, arquivos pessoais, registros da igreja, jornais locais e estudos acadêmicos sobre Juazeiro do Norte e o Padre Cícero, além de fotografias, vídeos de eventos religiosos e mapas históricos da cidade. A pesquisa abrange o período de 1934 a 2022, oferecendo uma perspectiva histórica ampla que permite analisar as continuidades e mudanças na prática religiosa e na identidade cultural da cidade, capturando tanto a consolidação das tradições religiosas após a morte do Padre Cícero quanto as transformações contemporâneas.

Palavras-chave: Romeiros; Juazeiro do Norte; Padre Cícero.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the social and cultural identity of Juazeiro do Norte, focusing on the sacrality of space and the collective memories of its inhabitants between 1934 and 2022. Utilizing Thematic Oral History as the primary methodology, the research allows for the collection of personal narratives and memories concerning the pilgrimages, the figure of Padre Cícero, and local religious practices. Interviews were conducted with various social actors, including pilgrims, long-time residents, local scholars, and religious leaders. The data analysis is based on approaches to social memory and studies on sacred space, grounded in the theoretical concepts of Deleuze, Guattari, and other relevant authors in the field. The research adopts a phenomenological approach, harmonizing the materiality of the city with the emotions and values present in its corners and squares. Sacred cartography plays a crucial role, guiding the historical and contextual exploration of the city. The narrative highlights the complexity of the pilgrims' experiences, revealing the multiplicity of perspectives and identities that make up the city's reality. The sources utilized include interviews with pilgrims, residents, and religious leaders, historical documents, personal archives, church records, local newspapers, and academic studies on Juazeiro do Norte and Padre Cícero, as well as photographs, videos of religious events, and historical maps of the city. The research covers the period from 1934 to 2022, providing a broad historical perspective that allows for the analysis of continuities and changes in religious practices and the cultural identity of the city, capturing both the consolidation of religious traditions after Padre Cícero's death and contemporary transformations.

Keywords: Pilgrimages; Juazeiro do Norte; Padre Cícero.

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 – Canhão utilizado na guerra de Juazeiro em exposição no Cariri Shopping	74
Figura 2 – Exposição do Memorial Padre Cícero, no Cariri Shopping	75
Figura 3 – Paninhos manchados de sangue em exposição no Cariri Shopping.....	75
Figura 4 – Chapéu do Padre Cícero em exposição no Cariri Shopping.....	76
Figura 5 – Crianças com vestes pretas pagam promessas junto a estátua do Padre Cícero	79
Figura 6 – Cama do Padre Cícero.....	85
Figura 7 – Romeiros em busca da água milagrosa na casa do Padre Cícero	85
Figura 8 – Imagem do Padre Cícero no balcão da franquia do McDonalds, no centro da cidade	87
Figura 9 – Comércio noturno de Juazeiro após a missa.....	88
Figura 10 – Telefone público na Praça Padre Cícero	91
Figura 11 – Telefone público em formato de chapéu e bengala do Padre Cícero. Localizado no Antigo Prédio da Telemar/Oi, na Rua Padre Cícero.....	92
Figura 13 – Estátua do Padre Cícero localizada no Horto	103
Figura 14 – Romeiros na estátua do Padre Cícero.....	104
Figura 15 – Estátuas do Monsenhor Murilo, Padre Cícero e Beata Maria de Araújo, respectivamente	107
Figura 16 – Estátua do Padre Cícero localizada na praça central da cidade	108
Figura 17 – Teleférico do Horto	111
Figura 18 – Santo Sepulcro, na colina do Horto.....	114

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1	93
TABELA 2	198

SUMÁRIO

COM O PASSAR DO TEMPO PELA VIDA, E A POEIRA SUMINDO NO HORIZONTE	9
.....	9
Da empreitada para a viagem	9
Do todo composto em partes	10
Do primeiro pedaço.....	16
Do pedaço do meio	20
Do último pedaço	24
FÉ, SANGUE E GLÓRIA: ENTRE A CRUZ E A ESPADA.....	29
Nomes que sussurram histórias: a toponímia entre letras e pedras.....	36
Do divino aos homens: Cícero e Juazeiro, ecos místicos.....	39
A César o que é de César.....	48
O crepúsculo do ídolo: Juazeiro e a sinfonia do luto	59
Rituais e mitos: Juazeiro nas sombras do tempo	64
O eco imortal: Cícero, a alma vibrante de Juazeiro	77
O MEIO DO MUNDO	82
Sagrado mosaico urbano: a topografia e o espaço vivo	90
Ritmos da eternidade: Juazeiro e a transcendência do agora	110
As Dobrações da experiência em Juazeiro	121
Do êxodo à convergência de toda terra	126
DOS PASSOS TÃO LONGOS DE PEDRA E AREIA	138
A viagem nunca acaba, só os viajantes acabam	154
Espaços sagrados, vínculos profundos: o tecido social de Juazeiro	158
Entre as teorias e os caminhos sagrados: Juazeiro do Norte como espaço de encontro	163
Sagrados destinos: a eterna jornada divina.....	168
Ano após ano: a espiral ritualística da Terra Santa de Cícero	176
Cruzando o limiar: o silêncio ocupando a existência inteira.....	188
O TEMPO FINALMENTE ESTILHAÇADO: ENFIM, PONTO FINAL NA ESPERANÇA.....	201
REFERÊNCIAS.....	218

Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a tua vã filosofia

William Shakespeare

COM O PASSAR DO TEMPO PELA VIDA, E A POEIRA SUMINDO NO HORIZONTE

Da empreitada para a viagem

*A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa*². Prolongar-se em memória foi o que Juazeiro fez em mim desde a primeira vez que meus pés pisaram seu chão, meus olhos contemplaram suas construções e meus ouvidos ouviram suas histórias. Hoje eu percebo que de fato aconteceu um movimento simbiótico entre o hermeneuta e a cidade, Juazeiro aconteceu em mim e eu aconteci em Juazeiro. E talvez, só talvez, seja por isso que criei uma forte ligação com este lugar. As viagens que fiz foram numa época feliz, e é pra isso que escrevo hoje, para que essa viagem nunca acabe.

A ida a Juazeiro, como abordarei ao longo do texto, ela acontece durante toda a preparação, as memórias que tenho dessas viagens querem se eternizar, e no silêncio da escrita, elas gritam e pulsam e, em sua vontade própria, comandam o hermeneuta em sua escrita. A viagem muda o viajante.

Ulisses, respondendo o chamado à guerra, sai de sua casa para proteger o seu povo e, principalmente, defender sua família. A preocupação com Penélope, grávida de Telêmaco, faz com que o herói deixe a sua vida, o seu cotidiano, a sua certeza, e parta para o desconhecido. E o desconhecido arrebatará Ulisses para a eternidade dos contos do panteão de heróis gregos. Entretanto, é esperança da volta que faz com que Ulisses resista e enfrente os mais improváveis e desafiadores obstáculos. Na famosa batalha de Tróia, enquanto planejava o célebre cavalo de madeira, na sua mente sua esposa e filho dependiam da sua engenhosidade. Nas aventuras da volta, enquanto enfrentava o ciclope em sua assustadora e tenebrosa caverna, novamente a imagem o fazia seguir adiante. E em um dos mais difíceis e tentadores episódios da Odisseia, quando o herói, preso na ilha da deusa Calipso, depois de sete anos de cativo, quando a divindade o oferece a juventude eterna, e a resposta que ele prontamente dá a deusa é a primeira grande resposta da história da filosofia para a vida boa: que é preferível uma vida de mortal, uma vida de humano, vivida no seu lugar, no lugar certo, do que uma vida de deus no lugar errado. Aqui está a chave do início do pensamento ocidental: existe um lugar para nós, um jeito

² Disponível em: <https://caderno.josesaramago.org/44720.html>. Acesso: 28/08/2023.

certo de viver, que tem a ver com a nossa natureza, com as nossas expectativas e com o nosso sentido na luta.

O historiador, como um moderno Ulisses, parte audaz de sua zona segura, em busca do elo que a história tece. No entanto, mal suspeita das voltas da vida, cujos contornos se desdobram em mistérios insondáveis – linhas de uma trama que não se revelam inteiramente. A jornada do hermenauta rumo a Juazeiro traz consigo uma epopeia inédita, onde aventuras florescem como jardins de Prometeu.

Desbravador de enigmas, o pesquisador emprega sua astúcia para triunfar nas batalhas da memória, costurando nas páginas do tempo as palavras do silêncio e os murmúrios dos sentimentos. Não há encerramento de significados, mas sim uma miríade de sendas e encruzilhadas que se entrecruzam diante de mim e de ti, leitor. Descobrirás que este texto de fragmentos, resquícios e estratos foi entalhado pelos ecos dispersos de reminiscências, caminhos que ainda se desvelam em mistério.

O legado de Ulisses, como rastro de memórias, desliza para o reino das sombras: ainda paira tão próximo ao mito ancestral, do qual emergiu, que o próprio passado que viveu se metamorfoseia num outrora mítico, um mundo de serenidade. É por meio da constância ordenada do tempo que ele tenta confrontar essa realidade. O trilho que persigo com estas palavras busca evocar ao presente o eco do passado, sem prender-me, permitindo que eu me erga no agora, não como conhecimento utilitário, mas como um deleite de sabedoria. Que pretensiosamente busco para teu deleite nessas linhas que se seguem.

É chegada a hora de partir, o início de nossa jornada, deixando Ítaca para trás e em busca de preservar nossa saga, salvaguardar o tesouro intrínseco. Para isso, me comprometo a gastar meus dias, minha vida, e devotas dedicações, enquanto tu, leitor, investirás teus olhos neste relato. Mas devo te prevenir: não te permitas enredar pelo feitiço das sereias. Assim como o intrépido explorador grego diante do desafio perigoso, tapou os ouvidos de seus camaradas com cera e se amarrou ao mastro da nau, forçando os marinheiros a remar com todas as forças. Quem almeja superar a prova não deve atender ao chamado tentador das fendas silenciosas deste texto. O capitão se fixou ao mastro, impotente ao perceber que já não podia deter a embarcação. Portanto, avança, nobre leitor, a nau de tua leitura agora é irrefreável. Tu, que seguirás estas linhas, com teu poder optarás por seguir ou acabar com todo o caminho.

Do todo composto em partes

Tratar da relação entre os romeiros e a cidade de Juazeiro encontra sua justificação na busca por iluminar uma abordagem singular da identidade histórica, em relação a uma cidade e uma figura que, ao longo dos tempos, despertaram curiosidade dentro do contexto social, religioso, político e especialmente cultural, principalmente na região do Nordeste brasileiro. Ao ser imerso nesse tema durante meus anos de graduação, pude identificar, através das leituras, algumas lacunas no estudo específico dos romeiros e de suas percepções em relação a Juazeiro do Norte.

As peregrinações e a construção simbólica da cidade como um refúgio de esperança revelam um terreno fértil para exploração. Seu potencial em moldar identidades culturais na contemporaneidade expandiu-se, à medida que as múltiplas facetas de continuidade e mudança emergem das tensões e contradições inerentes ao fenômeno. As tradições enraizadas no campo ritualístico permitem um reexame das antigas práticas e as reinterpretações desses fenômenos por atores externos ao âmbito religioso, apontam para discussões de grande promessa. Essa relação da cidade foi abordada por Sandra Jatahy Pesavento em seu texto *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias* (2007), em que a autora discute a cidade como um fenômeno cultural complexo, que vai além de sua materialidade física. Ela explora a ideia de cidades visíveis, sensíveis e imaginárias, destacando como as representações urbanas refletem não apenas a realidade tangível, mas também as emoções, sentimentos e significados atribuídos ao espaço urbano. A cidade é vista como um palimpsesto de histórias, revelando as sensibilidades e razões por trás de sua construção e das narrativas que a cercam. A autora enfatiza a importância da sensibilidade na percepção e representação das cidades, destacando como elas são espaços de interação cultural, expressão artística e construção de identidades coletivas.

No caso de Juazeiro do Norte, torna-se é um exemplo vivo da intersecção entre as dimensões visíveis, sensíveis e imaginárias de uma cidade, como afirmou Pesavento (2007). Conhecida por sua forte ligação com a religiosidade popular e as tradições do Padre Cícero, Juazeiro atrai milhares de romeiros todos os anos em busca de experiências espirituais e curas milagrosas. Esses visitantes não apenas transformam a paisagem urbana da cidade, mas também contribuem para a construção de um imaginário coletivo em torno do sagrado e do profano.

A presença dos romeiros em Juazeiro do Norte revela a sensibilidade urbana por meio das práticas religiosas, das manifestações culturais e das narrativas simbólicas que permeiam o cotidiano da cidade. Os rituais e as devoções dos fiéis criam uma atmosfera única, onde a fé se entrelaça com a história e a identidade local, conferindo à cidade uma aura especial e carregada

de significados. A devoção ao Padre Cícero, considerado um santo popular, é um elemento central nesse contexto, conectando passado e presente, tradição e contemporaneidade.

Além da dimensão religiosa, a cidade de Juazeiro do Norte também se revela como um espaço de encontros e trocas culturais, onde os romeiros e os moradores locais compartilham experiências, saberes e emoções. Essa interação entre diferentes atores sociais e culturais contribui para a construção de uma cidade viva e pulsante, onde as fronteiras entre o real e o imaginário se diluem, dando lugar a novas formas de percepção e representação do espaço urbano. Juazeiro do Norte se torna, assim, um exemplo emblemático de como as cidades podem ser compreendidas não apenas em sua materialidade física, mas também em suas múltiplas camadas de significado e experiência, como lembrou Pesavento (2007).

Os significados entrelaçados com a cidade de Juazeiro e suas romarias me levaram a escolher examiná-los de perto, direcionando o foco para o estudo das representações e práticas que convertem Juazeiro em um espaço de heterotopias (Foucault, 2003). No universo das ideias de Michel Foucault (2003), o conceito de "heterotopia" emerge como uma lente intrigante para examinar espaços que transcendem o convencional, desafiando a compreensão tradicional de lugares. Ao adentrar o cenário singular de Juazeiro do Norte, uma cidade marcada por uma intensa devoção religiosa, é possível observar como essa noção de heterotopia encontra ressonância e profundidade em sua essência. As heterotopias, conforme Foucault (2003) as definiu, são espaços reais que possuem uma dualidade intrigante: são simultaneamente concretos e imaginários, reais e simbólicos. Esses lugares funcionam como contrapartes, espaços que subvertem a ordem estabelecida e abrem as portas para possibilidades alternativas. Essas heterotopias têm o poder de criar um espaço-tempo próprio, isolado da realidade circundante, onde as normas cotidianas podem ser desafiadas e redefinidas.

Em outras palavras, um domínio de alteridades e interações complexas, que não se revelam de maneira homogeneizada e simplista. Ancorando-me no empirismo, defini como ponto de partida as construções de significado realizadas pelos indivíduos autodenominados romeiros, estabelecendo conexões entre eles e a cidade, bem como os elementos que constituem sua devoção. Nesse contexto, as romarias se erguem como uma experiência de deslocamento que instiga uma temporalidade diversa do cotidiano, oferecendo vivências coletivas e individuais o que Durkheim (1989), em *“As Formas Elementares da Vida Religiosa”*, investiga como a religião é um componente fundamental da vida social, como ela atua para unir e fortalecer a coesão social e como ela é intrínseca à própria estrutura da sociedade. Ele desenvolve a ideia de que a religião é uma representação coletiva da sociedade em si, espelhando os valores, normas e laços sociais.

Dado que as esferas acadêmicas têm explorado minuciosamente as contendas simbólicas entre diferentes atores notáveis na narrativa histórica de Juazeiro, a relação entre os romeiros e a cidade permanece envolta em certa obscuridade. Isso não é por acaso; “é uma categoria em constante movimento, um relacionamento que abrange uma multiplicidade de significados” (Cordeiro, 2010), tornando assim complexo o trabalho de categorização analítica. Sinto o peso desse desafio ao tentar delinear fronteiras claras. Minha atenção recai na compreensão da caracterização dos participantes autodenominados romeiros em meio às representações e práticas que permeiam as romarias e sua ligação com a urbe cearense. A minha decisão de reconhecer esses romeiros como protagonistas da pesquisa decorre do fato de que são eles os responsáveis tanto pela preservação do poder do santo e do espaço sagrado, quanto pelas representações mais amplas desse evento, contrapondo-se à visão tradicional da historiografia.

O espaço temporal que vai do início das romarias até a contemporaneidade, lança um feixe renovado de luz sobre o foco da nossa pesquisa. Ao longo dos anos, muito se discutiu sobre os acontecimentos que deixaram marcas indeléveis nos primórdios da história de Juazeiro. Desde o advento das primeiras romarias, quando o próprio Padre Cícero ainda caminhava entre nós, até os anos que seguiram imediatamente após o sua morte. Tais perspectivas de tempos passados ganharam reconhecimento à escala nacional. Uma delas, por exemplo, foi a visão do jornalista Lourenço Filho, que em 1926, conduziu uma investigação marcada por ceticismo e desconfiança em relação às relações que ele categorizou como "fanatismo religioso", supostamente fomentado pelo próprio Padre Cícero. Lourenço Filho sustentava que o padre estava explorando a "ingenuidade" das pessoas em seu benefício pessoal.

Outras obras também abordaram esse tema, como as de Neto (2009) e Nobre (2014), as quais examinaram a presença dos devotos que orbitavam em torno da figura de Cícero, bem como a participação de membros de irmandades, como a Irmandade da Santa Cruz. Esses fiéis peregrinavam em direção a Juazeiro, atraídos pela atmosfera mística que envolvia a cidade. No entanto, uma análise mais minuciosa dessas obras revela que, apesar de abordarem as romarias e as conexões dos romeiros com Juazeiro, há uma notável lacuna na literatura historiográfica a respeito desse tema específico. Esta carência contrasta com o enfoque que já foi dedicado a esse assunto por estudiosos das áreas de antropologia e sociologia, como exemplificado nas contribuições de Cordeiro (2010).

Assim, nosso objetivo se estende para além da mera análise dos eventos, adentrando o cerne das motivações e crenças profundas que impulsionam os romeiros em suas jornadas em direção a esse santuário. Ancorando nossa exploração histórica e sociocultural da época, nossa

intenção é preencher essa lacuna persistente, recontextualizando as interações essenciais entre os elementos cruciais da narrativa de Juazeiro: seus dedicados romeiros e o próprio cenário da cidade.

As romarias a Juazeiro do Norte ostentam uma tradição que perpassa os limites de um século. Anualmente, multidões de indivíduos se engajam nessa peregrinação rumo a Juazeiro, no coração do Ceará, imbuídos em uma jornada encharcada de simbolismo. Nesse itinerário, eles se entregam à experiência de uma jornada carregada de significados profundos (Durkheim, 1989), adentrando "no encontro de pessoas que vêm de lugares diferentes, universos distintos reúnem-se num imenso caldeirão, constituindo uma composição culturalmente eclética" (Cordeiro, 2010).

Ao considerar essas romarias, é essencial possuir um entendimento abrangente do conceito de cultura, visto que elas se manifestam como expressões intrínsecas da cultura. De acordo com essa abordagem, as romarias não são meramente deslocamentos físicos, mas sim práticas culturais densamente imbuídas de significado. A interação de romeiros provenientes de variados lugares e contextos resulta em uma complexa sinergia cultural, onde tradições, crenças e valores se entrelaçam de maneira única pois, de acordo com Chartier (2003), "Para descrever uma cultura é necessário compreender a totalidade das relações que nela se encontram entrelaçadas, o conjunto de práticas que nela se exprimem, as representações do mundo, do social ou do sagrado".

Incorporar as vozes dos romeiros à pesquisa é infundir nela o protagonismo das suas memórias. Ao abordar o conceito de memória, vale a pena considerar as palavras de Jacques Le Goff em seu livro "História e Memória" (1992), onde ele delinea a memória como um fenômeno individual e psicológico, que permite ao ser humano resgatar suas impressões e informações do passado. Segundo Le Goff (1992), a memória, enquanto propriedade de reter certas informações, apresenta um conjunto essencial de funções psíquicas. Através dessas funções, o indivíduo é capacitado a reviver e atualizar continuamente o que o passado representa.

Ao trabalharmos com as falas dos romeiros, transcendemos o papel tradicional de meros observadores para nos tornarmos ouvintes atentos das histórias que eles carregam consigo. Cada relato, cada palavra proferida, é um fragmento da memória viva desses indivíduos, uma janela para os eventos, crenças e experiências que moldaram suas vidas. Essas memórias, entrelaçadas com o contexto histórico e cultural das romarias, desvelam um rico mosaico de perspectivas individuais e coletivas.

A compreensão da memória como algo mais que um simples armazenamento de informações passadas é crucial nessa análise. Ela é a lente através da qual os romeiros revisitam os momentos que constituíram suas jornadas. Esses relatos carregam a capacidade de transcender o tempo, permitindo que o passado seja resgatado e reavivado no presente. Assim, ao trazer as falas dos romeiros para o cerne da pesquisa, estamos não apenas explorando narrativas, mas também adentrando nas camadas profundas de identidade, pertencimento e significado que essas memórias encerram.

De acordo com a perspicácia de Le Goff (1992), a escrita desdobra-se em um duplo avanço para a memória coletiva. Nesse desdobramento, surgem duas formas distintas de memória. A primeira delas se manifesta por meio das comemorações, um movimento que celebra eventos memoráveis. Sob essa luz, a memória assume a forma de inscrição e engendra o surgimento da epigrafia como uma ciência auxiliar da história. A segunda face desse desdobramento é representada pelo documento escrito. O autor enfatiza que é fundamental reconhecer que todo documento carrega consigo um caráter de monumento, de forma que a memória coletiva não surge de maneira bruta e sem intermédio.

O nascimento de Juazeiro está intrincado em conflitos e contendas no âmbito religioso e político. Todavia, Braga (2007) nos incita a evitar uma visão homogeneizadora ao olhar para Juazeiro, pois essa cidade se apresenta como um intrincado tecido de complexidades. Compreender Juazeiro como um espaço demanda adotar a perspectiva de que o espaço é uma construção moldada pelas práticas dos que o constituem e pelos indivíduos que nele trilham, de acordo com a visão de Certeau (1994). Nesse cenário, um encontro íntimo entre o ser humano e o divino se facilita, não de forma aleatória, mas através de intrincadas formas de "fazer e dizer" o sagrado, englobando "as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural" (Certeau, 1994, p. 41), um tema que será mais amplamente explorado posteriormente.

A contribuição do historiador Mircea Eliade (2001) no campo religioso se mostra de extrema relevância para a compreensão de dois conceitos intrincados: o sagrado e o profano. Dentro da visão de Eliade (2001), aquilo que é considerado sagrado mergulha no âmbito do sobrenatural, constituindo um contraponto àquilo que conhecemos como "Realidade natural", onde, justamente, ocorre o domínio do profano. Nesse contexto, emerge a primeira distinção entre esses termos: o sagrado surge como uma antítese ao profano, como Eliade (2001) tão bem expressa: "[...] O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano" (2001).

Eliade nos convida a explorar um universo conceitual em que o sagrado se destaca como uma dimensão distintiva, um reino que transcende as limitações da realidade comum. Dentro dessa perspectiva, o sagrado se manifesta como uma esfera permeada por mistério e poder, um domínio onde os véus entre o divino e o terreno se tornam tênues. Esse conceito se insere em uma dicotomia profunda com o profano, o reino da rotina diária e da familiaridade. A separação entre o sagrado e o profano, para Eliade (2001), não é apenas uma questão de definição, mas sim de experiência. A experiência do sagrado transcende o ordinário, revelando-se como algo singular e transcendental. É o âmbito onde os indivíduos entram em contato com o divino, com o inexplicável, com aquilo que está além das fronteiras do conhecido.

Do primeiro pedaço

Na primeira parte do texto, trabalharemos como algumas cidades, no decorrer da trajetória humana, surgiram do desejo de eternizar legados de líderes e chefes políticos. As cidades, ao longo da história, não foram apenas edificações físicas, mas sim ecossistemas sociais vivos. Enquanto as ruas pulsavam com a energia das atividades cotidianas e as feiras fervilhavam com o comércio, as cidades emergiam das memórias individuais que se amalgamavam para forjar uma identidade comum. Era o tecido dessa identidade que dava origem às devoções religiosas, arranjos políticos e narrativas culturais que moldavam a essência de cada local. Monumentos grandiosos eram erguidos não apenas como estruturas físicas imponentes, mas como testemunhos da presença humana, como um eco do passado para as futuras gerações.

Contudo, a história não é apenas um conjunto de grandiosidades, mas também de lições aprendidas. A cidade de Amarna, fundada por Aquenátón, ilustra vividamente essa dualidade. Após a morte de Aquenátón, sua cidade e seu legado foram rapidamente esquecidos, como se a areia do tempo tivesse soterrado suas realizações. Os sacerdotes restauraram o antigo culto aos deuses e a cidade de Tebas recuperou seu papel como epicentro do poder. A grandiosidade efêmera de Amarna nos lembra que, por mais imponentes que sejam as estruturas que erguemos, é nas histórias e significados intrínsecos que reside a verdadeira grandiosidade.

A busca humana por eternidade, entretanto, transcende o concreto das construções. À medida que a urbanização avançava, a ânsia de perpetuar a presença e a influência se tornava visível. Monumentos e estátuas eram erguidos como marcas duradouras de uma existência notável. Mas essa busca por imortalidade expandiu-se para além das pedras esculpidas, estabelecendo um vínculo indissolúvel entre a cidade e seus habitantes. Cada canto se tornava

um reflexo das pegadas daqueles que ali viveram, uma constante lembrança de sua passagem pelo mundo.

Esse desejo de eternidade não se limitava a uma única estrutura ou monumento, mas permeava toda a cidade. Essa ânsia se manifestava não apenas na matéria, mas também na associação automática: mencionar a cidade evocava automaticamente o nome de uma pessoa específica. Suas ações, devoções e marcas se entrelaçavam à própria essência do local, criando uma simbiose indelével entre os habitantes e o ambiente que os cercava. As primeiras cidades eram mais do que agrupamentos físicos; eram repositórios vivos de memória, onde identidades individuais e coletivas se fundiam para moldar um legado inextinguível.

Entretanto, a história também nos alerta sobre as armadilhas da grandiosidade. Amarna e o esquecimento subsequente de seu legado são um lembrete poderoso da fragilidade das ambições humanas diante do fluxo do tempo. Aquenáton, em sua busca por eternidade, criou uma cidade que desapareceu e uma fé que foi apagada. Esses exemplos atestam que a grandiosidade das cidades não reside apenas nas pedras que erguemos, mas nas histórias e significados que permeiam cada canto.

Este fenômeno de construir cidades em homenagem a líderes poderosos não se limitou ao Egito antigo. Na época do império macedônico, Alexandre, o Grande, se destacou como um dos maiores conquistadores da história. Sua vaidade e desejo de eternizar sua influência e glória o levaram a fundar cerca de vinte cidades que levavam seu nome. Essas cidades, muitas das quais foram batizadas de Alexandria, não eram meras instituições administrativas, políticas ou culturais. Elas eram reflexos físicos do legado de Alexandre, servindo como marcadores de sua conquista e influência.

A prática de nomear cidades em homenagem a personalidades é um reflexo da interligação entre a história humana, a cultura e a memória coletiva. Mais do que meros rótulos geográficos, esses nomes carregam consigo narrativas ricas em significado, enraizadas nas complexidades das sociedades e das individualidades que as constituem. Desde as antigas civilizações até os tempos modernos, a relação entre os nomes das cidades e as personalidades homenageadas revela uma emaranhada teia de influências, desejos de imortalidade e reverência.

Neste capítulo, exploraremos o fenômeno das cidades nomeadas em honra a figuras notáveis, mergulhando em suas histórias entrelaçadas e na maneira como essas escolhas linguísticas transcendem o papel de meros identificadores geográficos. Ao examinar exemplos históricos e contemporâneos, será possível entender como essa prática evoluiu ao longo do tempo e como ela moldou a identidade das cidades e de suas populações. Veremos como esses

nomes não apenas perpetuam o legado de indivíduos importantes, mas também influenciam a forma como as cidades são percebidas, vivenciadas e incorporadas à memória coletiva.

Além disso, este capítulo se propõe a explorar como as cidades nomeadas se tornam espaços onde as narrativas individuais e coletivas se entrelaçam, dando origem a um tecido de identidade cultural. Analisaremos como a prática de nomear lugares em homenagem a personalidades está enraizada em nossa necessidade de deixar uma marca duradoura no mundo, uma busca por eternidade que transcende a efemeridade da vida humana. Ao fazê-lo, examinaremos as motivações subjacentes a essa prática, as maneiras pelas quais ela influencia a construção da memória e as formas pelas quais essas cidades se tornam testemunhas físicas da relação entre o sagrado e o terreno.

Esta investigação também se aprofundará na interseção entre as cidades nomeadas e as personalidades homenageadas, explorando como essas escolhas linguísticas capturam os valores, crenças e realizações que definem uma sociedade. Analisaremos como esses nomes transcendem a mera representação geográfica, incorporando a história e a devoção que moldaram a trajetória de uma cidade. Através desses exemplos, compreenderemos como as cidades nomeadas se tornam repositórios tangíveis de memória, perpetuando a ligação entre passado e presente, e como elas se tornam mais do que meros locais no mapa, transformando-se em testemunhos vivos da complexa rede de influências que moldaram a história humana.

No capítulo, mergulharemos em uma jornada pela complexa relação entre lugares e personalidades, explorando como essa conexão vai além de meras designações geográficas, transcendendo o espaço físico para se tornar uma parte inextricável da identidade cultural e histórica de uma cidade. Através do exemplo icônico da cidade de Juazeiro do Norte e da influência marcante do Padre Cícero, examinaremos como uma figura singular pode transcender categorias tradicionais e se enraizar profundamente nas linhas do tempo urbanas e históricas.

Em Juazeiro do Norte, o casamento entre o espaço local e a figura do Padre Cícero vai além de uma simples associação cultural. Padre Cícero desempenhou um papel crucial tanto na história quanto na política da cidade, indo além das fronteiras religiosas para se tornar um dos principais pilares da identidade local. Seu impacto não apenas atravessou esferas religiosas, mas foi instrumental na emancipação da cidade, inclusive ocupando o cargo de seu primeiro prefeito. Esta relação entre Padre Cícero e a cidade ilustra vividamente como indivíduos notáveis podem ir além de suas esferas originais de influência, deixando uma impressão duradoura nas narrativas urbanas e históricas.

A interação entre toponímia e memória revela-se como um portal para a riqueza das histórias e culturas que moldaram o tecido de nossas cidades. Nesta exploração, convidamos você a adentrar esse universo fascinante, onde os nomes dos lugares transcendem sua natureza geográfica, tornando-se veículos vivos da memória coletiva. Emerge uma viagem que nos conduzirá ao âmago das cidades, onde cada nome sussurra a melodia que une passado e presente, criando uma gama de significados e conexões.

Entretanto, é na cidade de Juazeiro do Norte que essa relação adquire uma profundidade ainda maior. Embora não oficialmente designada como "Juazeiro do Padre Cícero", a cidade carrega essa designação carinhosa, uma reverência à figura patriarcal do Padre Cícero, originada da devoção dos romeiros e comerciantes locais. Mais do que uma simples nomeação, essa ligação entre o padre, a cidade e os fiéis transcende a casualidade, abraçando uma complexa interação ideológica e religiosa. Reconhecer a influência das estruturas ideológicas, bem como a interseção intrínseca entre crenças religiosas e práticas, torna-se fundamental para a compreensão da essência única de Juazeiro.

Nessa investigação, desvendaremos as raízes históricas dessa relação entre Padre Cícero e Juazeiro, remontando ao século XIX, quando a figura carismática do padre começou a tomar destaque na cidade. Sua influência ultrapassou o âmbito religioso, marcando a cidade com sua presença e orientações espirituais. No entanto, a influência do padre e a conexão entre ele e Juazeiro vão além do convencional, habitando o extraordinário. A cidade, enraizada no misticismo, transcende o cotidiano, tomando forma como um espaço sagrado.

Através do estudo das tradições inventadas, percebe-se a complexa interação entre o passado, o presente e as forças culturais e sociais que moldam as cidades e as identidades que nelas habitam. O conceito delineado por Eric Hobsbawm (1984) na sua obra "A Invenção das Tradições" traz à tona uma perspectiva fascinante sobre como as tradições são forjadas, adaptadas e manipuladas para cumprir propósitos específicos em diferentes contextos históricos e culturais.

A história de Juazeiro é uma narrativa entrelaçada de transformações e reconfigurações. Nesse contexto, as tradições inventadas assumem um papel vital. Hobsbawm (1984) categoriza essas tradições em três tipos: aquelas que reforçam a coesão social, as que legitimam instituições ou autoridades, e as que visam a socialização e a transmissão de padrões comportamentais. Ao observar Juazeiro sob essa lente, percebemos as várias camadas dessas tradições emergindo na vida cotidiana da cidade.

A santificação de Padre Cícero ilustra vividamente a primeira categoria. A devoção fervorosa que circunda sua figura transcende a esfera individual, criando uma coesão social

fundamentada na fé compartilhada. As ruas de Juazeiro ecoam essa conexão invisível, unindo os moradores em torno do legado espiritual do Padre, como uma constante lembrança do poder das tradições inventadas.

A segunda categoria se manifesta na legitimação da autoridade espiritual por meio das práticas religiosas. Os rituais, as preces e os símbolos que permeiam a cidade atuam como alicerces, sustentando a influência do sagrado sobre o cotidiano. Esse entrelaçamento do religioso com o urbano não apenas fortalece as instituições, mas também reforça a interconexão entre as tradições inventadas e a vida real dos cidadãos.

Por fim, a terceira categoria se espalha pelas praças e encontra ressonância nas histórias compartilhadas pelos habitantes. Essas sementes de valores e tradições florescem em uma sociedade englobante, moldando identidades individuais e coletivas. Em Juazeiro, a história é contada por meio de múltiplas vozes, cada uma contribuindo para a tessitura de uma tapeçaria cultural rica e vibrante.

Assim, à medida que adentramos as veredas das tradições inventadas de Juazeiro, exploramos a linha complexa que liga o passado e o presente, o espiritual e o terreno, a individualidade e a coletividade. A cidade se torna um testemunho vivo das mudanças sociais e culturais que se desdobram ao longo do tempo, refletindo a habilidade humana de criar, adaptar e reinterpretar tradições em resposta às transformações que moldam as sociedades. Esta dissertação convida a uma exploração profunda desses intrincados laços entre tradição e transformação, entre o sagrado e o profano, para lançar nova luz sobre a rica história de Juazeiro e as narrativas que a sustentam.

Do pedaço do meio

A relação entre memória, espaço e sacralidade é uma cocha de retalhos complexa e heterogênea que se desenrola ao longo da história. Desde tempos remotos até a contemporaneidade, a construção de memória por meio de monumentos e práticas culturais tem sido uma constante, evidenciando a importância da memória coletiva na formação das identidades urbanas. Neste contexto, emergem lugares emblemáticos, como Juazeiro do Norte, onde as nuances entre o sagrado e o profano, o passado e o presente, se entrelaçam em uma trama rica de significados.

A escrita, como aponta Le Goff (1992), provocou uma revolução na forma como a memória é preservada. As inscrições e a documentação escrita moldaram não apenas a maneira como a história é lembrada, mas também como as cidades são construídas e vivenciadas. As

práticas cotidianas e os rituais urbanos encontraram na escrita uma nova dimensão, permitindo a continuidade de narrativas ao longo das gerações. A escrita se tornou um veículo para a consolidação de poder, como evidenciado pelas inscrições que giravam em torno do rei, personagem central na memória institucionalizada.

Dentro desse contexto, Juazeiro do Norte emerge como um lugar singular, um espaço onde as histórias das pessoas e as manifestações culturais se entrelaçam para construir uma memória coletiva rica e multifacetada. A cidade, como aponta Certeau (1994), é mais do que um mero conjunto de coordenadas geográficas; é um espaço vivo que é moldado pelas práticas cotidianas e pelas experiências das pessoas que a habitam. Juazeiro é uma sinfonia de vivências e ações, onde a memória urbana ganha vida e se torna parte integrante da identidade da cidade.

A abordagem de Mircea Eliade sobre o sagrado e o profano lança uma luz adicional sobre a compreensão de Juazeiro como um espaço repleto de significado. O sagrado, para Eliade, transcende a realidade mundana e se manifesta como algo distintamente diferente do profano. Em Juazeiro, essa distinção entre o sagrado e o profano se desfaz, dando origem a um espaço liso, onde as fronteiras entre o divino e o terreno se tornam permeáveis. A cidade se torna um centro de hierofania, onde o sagrado se manifesta de maneira poderosa, transformando os espaços profanos em locais de sacralidade.

Essa complexa interação entre memória, espaço e sacralidade molda a essência de Juazeiro do Norte, onde a memória urbana é tecida em cada rua, praça e história compartilhada. À medida que exploramos as tramas desse lugar enigmático, nos convidam a desvendar as camadas ocultas das "tradições inventadas" que permeiam cada aspecto da vida cotidiana. Nesta dissertação, mergulhamos nas profundezas dessa rica conjuntura da memória urbana, desvelando como a cidade se torna um reflexo vivo das transformações sociais, culturais e espirituais que ecoam através do tempo.

No âmago da reflexão filosófica sobre o espaço, as palavras de Merleau-Ponty (1999) ecoam com um convite para desvendar as profundezas da interconexão entre as coisas e as dimensões que transcendem a mera disposição física. Sob essa luz, o espaço emerge como um protagonista ativo na maneira como compreendemos o mundo, estendendo-se muito além de um simples cenário estático. Nesse contexto, Juazeiro, cidade repleta de simbolismo e rica em narrativas entrelaçadas, se apresenta como um cenário inspirador para explorar a complexidade desse conceito.

A cidade, com suas ruas sinuosas, fachadas coloridas e símbolos religiosos, é mais do que um aglomerado de estruturas físicas. Ela se transforma em um vasto campo de significados entrelaçados, onde o sagrado e o profano dançam em uma coreografia única. Merleau-Ponty

(1999) nos desafia a transcender a aparência superficial das coisas, a perceber que o espaço não é apenas um vazio que contém objetos, mas uma rede viva de experiências e interpretações que moldam nossa relação com o ambiente.

Nessa exploração fenomenológica, Juazeiro se torna um exemplo vívido do conceito de espaço como proposto pelo filósofo. Aqui, a materialidade da cidade é harmonizada com as emoções e os valores que ecoam em suas esquinas e praças. O espaço se transforma em uma linguagem que conta histórias, que nos conecta ao passado e projeta nossa imaginação no futuro. O mosaico de conexões físicas e simbólicas torna-se uma sinfonia complexa que define a identidade da cidade e como ela é percebida.

No entanto, a relação de Juazeiro com o espaço não se limita a uma representação abstrata. É nesse contexto que a cartografia sagrada desempenha um papel crucial, orientando a exploração histórica e contextual da cidade. A estátua do Padre Cícero no topo da Serra do Catolé, nomeada de Horto, carrega uma simbologia profunda, unindo a espiritualidade da cidade àquela do Horto das Oliveiras, associado aos momentos finais da vida de Cristo. Essa relação simbólica amplifica a compreensão de Juazeiro como um espaço onde o sagrado e o terreno se entrelaçam.

Neste capítulo, adentraremos no mundo das imagens fotográficas, não apenas como um recurso ilustrativo dos espaços investigados nesta pesquisa, mas também como um meio de análise para os leitores. Conforme perspicazmente destacado por Cabral Filho (2009), a utilização de imagens fotográficas como fontes históricas representa uma ferramenta eficaz para enriquecer a abordagem historiográfica. A capacidade intrínseca das imagens fotográficas em oferecer uma riqueza documental inesgotável torna-se, portanto, uma estratégia metodológica valiosa para o pesquisador, permitindo não apenas a atribuição de novos significados a eventos passados, mas também a diversificação das representações já estabelecidas.

Seguindo o entendimento de Cabral Filho (2009), ao considerar a fotografia como uma fonte documental, dois conceitos fundamentais emergem: iconografia e iconologia. O primeiro diz respeito à descrição das imagens fotográficas, enquanto o último envolve a análise dessas imagens à luz do conhecimento histórico do período em que foram produzidas. Estes conceitos servirão como ferramentas essenciais para nossa exploração das imagens que encontramos ao longo deste capítulo, permitindo-nos não apenas apreciar visualmente esses vestígios do passado, mas também compreendê-los em seu contexto histórico mais amplo.

Trabalhar com imagens, perseguir o objetivo de atribuir-lhes sentidos, também revela o lado prazeroso da pesquisa social, principalmente quando compreendemos que essas imagens podem constituir-se no meio pelo qual podemos chegar a uma compreensão

das cidades a partir da sua dimensão imaginária. (CABRAL FILHO, 2009, p. 40 – 41).

Assim, este trabalho se lança em um mergulho profundo no conceito de espaço de Merleau-Ponty (1999), usando Juazeiro como um exemplo vívido de sua complexidade. A cidade não é apenas um cenário físico, mas um texto vivo que desafia a nossa percepção e nos convida a explorar as camadas ocultas de significados que habitam suas ruas e praças. Ao abraçar essa jornada, somos levados a descobrir que o espaço não é um contêiner vazio, mas um elemento fundamental da nossa experiência e entendimento do mundo que nos cerca.

Na busca por compreender a intrincada dança entre memória e espaço, emergem conceitos que iluminam as interações subjacentes. No âmago dessa exploração encontra-se o conceito de memória coletiva delineado por Maurice Halbwachs em sua obra seminal "A Memória Coletiva" (2004). Esta teoria nos conduz à compreensão de que nossas lembranças individuais não são ilhas isoladas, mas sim reflexos de nossas conexões sociais, sejam elas físicas ou emocionais. Em outras palavras, as memórias não são entidades isoladas, mas sim o eco de experiências compartilhadas por indivíduos dentro de grupos sociais ao longo do tempo.

Em Juazeiro, esse conceito encontra solo fértil para florescer, lançando luz sobre as relações intrincadas entre a memória coletiva e o espaço vivido. O contexto fervoroso de devoção religiosa e a convivência próxima dos devotos em torno do Padre Cícero propiciaram uma conexão íntima entre as memórias individuais e a memória coletiva. Os eventos que moldaram a trajetória do Padre Cícero transcenderam a categoria de episódios isolados, configurando-se como blocos fundamentais na construção de uma narrativa partilhada por uma comunidade de fiéis.

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (2000) amplia nossa compreensão sobre a formação da memória coletiva ao destacar como eventos marcantes são selecionados e posteriormente celebrados como memória oficial, frequentemente materializados em lugares de memória tangíveis, como monumentos e museus. Contudo, em Juazeiro, algo notável ocorreu: a memória oficial foi esculpida pela voz do povo, desafiando as narrativas preestabelecidas e poderes institucionais. Em meio à oposição da igreja e da memória oficial, emergiu a tradição oral como uma força poderosa, tecendo a rica tapeçaria de perspectivas diversas e narrativas entrelaçadas.

A cidade de Juazeiro, além de sua tradição religiosa, também incorporou a onda de modernização, exemplificada pela chegada da ferrovia. O registro de Walter Barbosa (1980) ressoa a mitologia que entrelaça as ferrovias com a inovação científica e o progresso. Juazeiro,

assim, se torna um local onde a tradição e a modernidade se fundem, formando um palco dinâmico de evolução contínua.

E, sob a lente de Mircea Eliade (2001), Juazeiro adquire uma dimensão singular. Eliade nos convida a perceber a cidade como um espaço onde o transcendente e o terreno se entrelaçam, onde o tempo assume uma forma espiralada. Os rituais e práticas religiosas, longe de serem meros atos de devoção, são portais que conectam o presente ao passado sagrado, em uma simbiose íntima entre o cotidiano e o sagrado.

Do último pedaço

Portanto, esta pesquisa segue firmemente os princípios da História Oral abordados por Meihy (2015), destacando as narrativas transmitidas de forma verbal que a atravessam. Essa decisão é fundamentada na perspectiva de Michel de Certeau (1994), que enfatiza como "todo discurso ou pronunciamento é emitido de um dado lugar, que deve ser interrogado pelo historiador: um lugar temporal, espacial, institucional; um lugar de fala ou de autoria; um lugar social". Nesse sentido, a oralidade se configura como um canal privilegiado nesta pesquisa para acessar as representações que foram internalizadas, permitindo uma compreensão da realidade de Juazeiro a partir das perspectivas das pessoas que desempenham um papel fundamental em sua história.

Comungamos do entendimento de que a prática de ouvir de forma habitual é uma tarefa intrincada e multifacetada. Isso envolve a necessidade de prestar atenção minuciosa aos detalhes, desde os gestos até as pausas na expressão verbal, passando pelas manifestações de sentimentos e emoções. Esses procedimentos tornam-se elementos fundamentais nos estudos relacionados à História Oral (Meihy, 2011).

No âmbito metodológico, optamos inicialmente pela História Oral Temática pensada por Meihy (2015) como abordagem para a coleta de dados. Essa metodologia orienta o pesquisador a evocar memórias, proporcionando uma imersão em um caleidoscópio que reinterpreta as narrativas históricas já produzidas. Essas narrativas desempenham um papel crucial ao nos auxiliar na interpretação do movimento que desvenda o passado educacional. Cada indivíduo é portador de relatos vívidos, fragmentos da realidade, conjunturas e contextos singulares, os quais se entrelaçam com outras experiências coletivas. Isso nos transporta para um tempo que exploramos minuciosamente ao longo de nossa jornada acadêmica. Ao abordar a temática da memória, buscamos inspiração no pensamento de Le Goff (1990).

Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos, mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada pelo grande público, obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva, que se exprime desajeitadamente na moda retro, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória desde que a memória se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vendem bem (LE GOFF, 1990b, p. 407).

Um outro aspecto de extrema relevância para este estudo é a percepção de que nas palavras dos romeiros existe um interdiscurso que guia suas expressões, algo que fala antes mesmo de suas palavras serem ditas. Conforme Ferro (1989), a cada declaração, emerge uma série de subentendidos não expressos diretamente. A exploração dos elementos simbólicos que estão intrinsecamente ligados e presentes nesses não-ditos, e que se manifestam nos gestos e nas intenções das falas (*apud.* Foucault, 2013), ganha relevância. Esta pesquisa busca reinterpretar a existência desses elementos que carregam grande significado, uma vez que demandam uma série de análises e interpretações para que possam ser adequadamente compreendidos. Assim, a abordagem historiográfica avança através de um movimento de imersão no documento, que envolve tanto a entrada quanto a saída, conforme o conceito desenvolvido por Albuquerque Júnior (2013). Nesse processo, assumimos o papel de "cirurgiões" da memória, trabalhando para dar vida, reconstruir, reviver e conferir significado a esses aspectos fundamentais.

A dissertação proposta explora o "êxodo sertanejo" no nordeste brasileiro, investigando as razões por trás dessa migração em massa para as regiões Sul e Sudeste do país. A seca, o baixo desenvolvimento econômico e a falta de oportunidades de trabalho foram fatores fundamentais que impulsionaram as famílias a deixarem suas terras em busca de uma vida melhor nas cidades urbanas. No entanto, essa migração não foi isenta de desafios, com muitos migrantes enfrentando condições precárias de moradia e falta de infraestrutura. As representações culturais desse fenômeno, retratadas em obras literárias e canções, revelam as complexidades das experiências migratórias, refletindo os sentimentos de esperança e insegurança que permeiam essa jornada em direção aos grandes centros urbanos.

Nesse contexto, obras literárias icônicas como a canção "Triste Partida" e a narrativa "Morte e Vida Severina" emergem como registros expressivos desse movimento. Essas representações artísticas permitem uma compreensão rica e emocionalmente carregada das motivações e desafios enfrentados pelos migrantes. Ao mesmo tempo, a mudança para ambientes urbanos secularizados marca uma transição do cenário religioso tradicional para uma mentalidade mais pragmática, alinhada com a busca por melhores oportunidades econômicas.

No entanto, essa transição pode ser vista como uma jornada em direção a um cenário distópico, onde a esperança se esvai e os valores tradicionais cedem lugar a uma visão mais racionalista do mundo.

Um contraponto significativo a essa trajetória sombria é a peregrinação a Juazeiro do Norte. Ao contrário do movimento em direção às cidades urbanas, a jornada para essa cidade sagrada representa um caminho de esperança e utopia. Em um movimento inverso ao "êxodo sertanejo", os peregrinos direcionam suas esperanças em direção a essa "Meca dos Sertões". A simbologia sagrada de Juazeiro, incluindo cruzeiros fincadas nas árvores e as iniciais "PC" em homenagem ao Padre Cícero, oferece alívio aos migrantes, indicando que estão se aproximando de um lugar onde o sagrado e o profano se entrelaçam de forma única. Essas representações culturais complexas e interligadas formam o cerne desta investigação, oferecendo insights valiosos sobre as dinâmicas sociais e emocionais que permeiam o "êxodo sertanejo" e a peregrinação a Juazeiro do Norte.

Dessa forma, a pesquisa abraça o conceito de heterotopias, que, longe de uniformizar as vozes dos romeiros e suas narrativas, emerge do vazio e da multiplicidade. Ele se enraíza nas camadas, nos vestígios, e se recusa a oferecer soluções diretas ou abrigo, se apresentando como um grande número de possibilidades. Nesse sentido, a grandiosidade se torna a única capaz de abarcar as falas capturadas em meu celular, pois elas são compostas por infinitos vestígios, operando por meio de murmúrios e silêncios que não são sinônimos de mudez. O silêncio dos romeiros, representado pela "reticência" e impossível de ser plenamente traduzido na escrita, ressoa em mim, talvez mais do que toda a narrativa, e, ao tentar capturá-lo, restam apenas os vestígios. A essência dessa pesquisa é, portanto, explorar esses vestígios, divinos e inacessíveis.

A abordagem de Michel Foucault (2003) sobre as heterotopias emerge como uma lente intrigante para examinar espaços que desafiam o convencional, criando alternativas à compreensão usual de lugares. Ao mergulhar no cenário único de Juazeiro do Norte, uma cidade profundamente marcada pela devoção religiosa, torna-se evidente como a noção de heterotopia se encaixa e se aprofunda em sua essência. Heterotopias, segundo Foucault (2003), são espaços reais que apresentam uma dualidade intrigante: eles são simultaneamente concretos e imaginários, reais e simbólicos. Esses lugares funcionam como contrapartes, espaços que desafiam a ordem estabelecida e abrem portas para possibilidades alternativas. Eles têm a habilidade de criar seu próprio espaço-tempo, isolado da realidade circundante, onde normas cotidianas podem ser desafiadas e redefinidas.

Conforme exposto, Juazeiro transcende as fronteiras geográficas ao se tornar uma heterotopia que se expande para além de seus limites físicos, permeando o cotidiano de cada

romeiro. Quando um devoto arruma a mala para a viagem, ele já sente a presença de Juazeiro em sua casa. Afinal, como salientou Emile Durkheim (1989) em sua obra "As Formas Elementares da Vida Religiosa", os rituais e práticas religiosas são intrínsecos à crença. Em Juazeiro, esses rituais começam desde o pequeno cofre onde moedas são guardadas para a passagem, evidenciando que a essência de Juazeiro já está em movimento.

No contexto das "Formas Elementares da Vida Religiosa" de Emile Durkheim (1989), encontramos uma estrutura teórica que lança luz sobre as práticas religiosas que reverberam em Juazeiro do Norte. O arcabouço de Durkheim (1989) explora os alicerces fundamentais da religião e suas implicações na coesão social. Ao examinarmos as práticas presentes em Juazeiro, torna-se evidente como os princípios delineados por Durkheim (1989) ecoam nesse cenário sagrado do nordeste brasileiro.

Nas curvas sinuosas que atravessam Juazeiro do Norte, um silencioso diálogo entre duas teorias notáveis – as de Emile Durkheim (1989) e Michel Foucault (2003) – ressoa nas fervorosas práticas que dão vida a essa cidade sagrada. A análise das formas elementares da religião, concebida por Durkheim (1989), e o conceito de heterotopias, forjado por Foucault (2003), encontram um ponto de convergência profundo na experiência partilhada pelos peregrinos e pelos habitantes desse solo consagrado.

Durkheim (1989), ao perscrutar como a religião cunha a coesão social, encontraria em Juazeiro do Norte um exemplo concreto de suas premissas teóricas. A cidade assume o papel de epicentro de devoção que transcende as individualidades e unifica uma diversidade de fiéis sob um objetivo comum: a veneração ao Padre Cícero. A peregrinação ao Horto, epicentro dessa espiritualidade, consolida os laços sociais, fortificando a solidariedade e o sentimento de pertença que as formas elementares de religiosidade buscam alimentar.

Entretanto, Foucault (2003) oferece uma perspectiva complementar por meio do conceito de heterotopias. A própria cidade de Juazeiro do Norte emerge como uma representação concreta desses espaços que desafiam a ordem convencional. Seja no Horto, onde o tempo e o sagrado se entrelaçam, seja nos monumentos que pontuam o encontro do humano com o divino, Juazeiro se manifesta como um santuário heterotópico. Os rituais, as romarias e até mesmo os próprios habitantes conferem a esse território um caráter onde as fronteiras entre o tangível e o transcendental se diluem.

Duas vezes se morre: primeiro na carne, depois no nome. Os nomes, embora mais resistentes do que a carne, rendem-se ao poder destruidor do tempo, como as lápides.

Manuel Bandeira

FÉ, SANGUE E GLÓRIA: ENTRE A CRUZ E A ESPADA

É inegável que as primeiras cidades representam pilares fundamentais no curso da evolução da civilização humana. Elas simbolizam o ponto de partida dos assentamentos permanentes, da intrincada organização social e do refinamento da divisão do trabalho. Essas cidades ancestrais lançaram os alicerces da sociedade urbana que moldou o mundo contemporâneo.

Um caso notório que ilustra essa transformação é Uruk, localizada no sul da antiga Mesopotâmia, correspondente à região do Iraque hoje. Sua aparição em torno de 3.500 a.C. a coloca entre as primeiras cidades conhecidas da história. Além de suas realizações culturais, Uruk desempenhou papéis políticos e econômicos de destaque. Outra cidade antiga notável é Jericó, localizada no vale do rio Jordão, no que é atualmente a Cisjordânia. Jericó é considerada uma das cidades mais antigas do mundo, com vestígios de assentamentos que remontam a cerca de 9.000 a.C. Jericó possuía uma fortificação em forma de muralha, uma torre de observação e casas construídas com tijolos de barro. Esses vestígios indicam que Jericó tinha uma estrutura social e uma economia baseada na agricultura.

A cidade de Mohenjo-Daro, situada nas margens do rio Indo, no que compreende o território atual do Paquistão, assume igualmente um lugar destacado entre as pioneiras cidades urbanas da história. Emergindo aproximadamente por volta de 2.600 a.C., Mohenjo-Daro se distingue como um exemplo de urbanização planejada, apresentando amplos caminhos, um sistema de drenagem sofisticado e até mesmo a presença de banheiros em algumas das habitações. Essas características demonstram a considerável engenhosidade empregada no desenvolvimento da cidade.

As primeiras cidades antigas, como Uruk e Mohenjo-Daro, que emergiram nas antigas civilizações da Mesopotâmia e do vale do rio Indo, compartilhavam diversas características fundamentais. Além das estruturas urbanas planejadas e das avançadas redes de infraestrutura, essas cidades eram verdadeiros polos de poder político, onde se tomavam decisões que afetavam as comunidades circundantes. Os templos religiosos ocupavam um lugar central, não somente como locais de culto, mas também como pontos de referência para orientação e organização social.

A complexa organização social que essas cidades abrigavam era essencial para a manutenção do funcionamento da comunidade. Hierarquias sociais definiam os papéis de diferentes indivíduos na sociedade, desde líderes políticos e sacerdotes até trabalhadores e artesãos. Tais cidades também testemunharam o desenvolvimento de sistemas de escrita, como

a escrita cuneiforme na Mesopotâmia e uma forma de escrita ainda não totalmente decifrada em Mohenjo-Daro. Esses sistemas de escrita eram empregados para registrar transações comerciais, leis e eventos culturais, possibilitando uma maior centralização administrativa.

No que diz respeito às atividades econômicas, essas cidades serviam como centros multifacetados. Além de serem agrupamentos urbanos, elas também desempenhavam papéis importantes nas redes comerciais da época, facilitando a troca de bens e recursos. A agricultura era uma parte vital da economia dessas cidades, fornecendo alimentos para a população em crescimento. Ao mesmo tempo, a urbanização favoreceu o desenvolvimento de atividades artesanais especializadas, resultando na produção de itens de valor cultural e comercial.

O surgimento dessas primeiras cidades antigas representou um marco essencial na trajetória da humanidade. Elas sinalizaram um afastamento das sociedades nômades e uma virada em direção a formas mais complexas de organização social. A urbanização trouxe consigo o estabelecimento de instituições mais estruturadas, a promoção do desenvolvimento cultural e tecnológico e o lançamento dos alicerces que moldaram o futuro das sociedades urbanas nas décadas e séculos vindouros.

As pedras de que constrói uma cidade não são suficientes para edifica-la. Seja Babel ou a Atenas clássica. Seja Londres, Paris ou “as cidades invisíveis” de Calvino. Por mais engenhosas, monumentais e indestrutíveis que possam ser as construções de pedra, elas são insuficientes para se fazer uma cidade. Da pedra com sua dureza se faz o muro, a muralha, a rua, a catedral, o monumento. E ainda assim, não temos a cidade, mas um aglomerado pétreo que, apesar de engenho humano, continua sendo matéria mineral da natureza das rochas.

Para que a cidade haja, para que o petrificado se desencante como nos contos de fada não basta nomear o aglomerado de pedras de cidade. É preciso mais do que dar-lhe um nome. É preciso construir-lhe uma história, revelar uma origem, eternizar uma memória. Sopr a vida à cidade de pedra é insuflar-lhe a maciez de um discurso que diz quão dura a pedra é!

Aí está, pois, a fórmula da bruxa para transformar “cidades de pedra” em pedras da cidade: inventar a cidade. Dizer do amontoado de casas, templos, monumentos, fortalezas que são uma cidade, dar-lhe um sentido, traçar-lhe um destino. Trata-se de dar a essas formas físicas um enquadramento numa teia discursiva, de maneira tal que a dureza da pedra não se reconheça mais na alma mineral, mas somente na fluidez do discurso. (PECHMAN, 1998, p. 351-368).

Assim, as primeiras cidades, para além de serem simples aglomerados de habitações, assumiram o papel de centros vitais de interação e intercâmbio social. Elas transcendiam as meras necessidades físicas e se elevavam à construção de espaços que definiriam a identidade coletiva de uma comunidade. Por meio da edificação de praças, monumentos e templos dedicados às divindades veneradas, assim como palácios que abrigavam líderes políticos e castelos que serviam à nobreza, as cidades se transformavam em microcosmos de cultura e poder.

Contudo, as cidades não eram apenas construções físicas, mas sim ecossistemas sociais vivos. As ruas pulsavam com a energia dos cavalos que as percorriam, enquanto as feiras fervilhavam com o comércio e as trocas de bens e recursos. Celeiros, armazéns e depósitos garantiam a segurança alimentar da população. No entanto, a cidade verdadeiramente emergia das pessoas, dos fragmentos de memórias individuais que se amalgamavam para criar um tecido comum de identidade. Era a partir dessas memórias que se originavam as devoções religiosas, os arranjos políticos e as narrativas que moldavam a cidade.

À medida que a urbanização progredia, o desejo humano de perpetuar sua presença se tornava visível. Monumentos grandiosos e estátuas eram erguidos como testemunhos físicos de uma existência marcante. Contudo, essa busca por imortalidade também se manifestava em uma escala mais ampla, à medida que os indivíduos buscavam estampar sua influência em toda a cidade. A edificação de templos ou pontes não mais satisfazia o anseio pelo legado duradouro. Era uma voracidade por eternidade que se expandia, forçando a construção de um vínculo indissolúvel entre a cidade e os indivíduos que a povoavam.

Esse desejo de eternidade não se limitava a uma única estrutura ou monumento, mas se alastrava por toda a cidade, imbuindo cada canto com as pegadas daqueles que ali viveram. Esse anseio ia além da matéria, alcançando a esfera intangível da associação automática: mencionar a cidade evocava automaticamente o nome de uma pessoa específica, pois suas ações, suas devoções e suas marcas se entrelaçavam à própria essência da localidade. Portanto, as primeiras cidades foram muito mais do que meros agrupamentos de construções; elas se tornaram os repositórios da memória humana, onde as identidades individuais e coletivas se fundiam para moldar um legado inextinguível.

Ao longo da história, o desenvolvimento das cidades não apenas criou centros de convivência e troca, mas também definiu polos de poder e status. À medida que o tempo avançava, algumas dessas cidades se destacavam e se tornavam proeminentes entre as demais. A escolha do governante em relação a qual cidade adotar como sua morada conferia a essa localidade o prestígio de ser designada como capital. Nesse ponto, o epicentro do poder político e a concentração da riqueza da nação convergiam para uma única localidade, solidificando seu status como epicentro da vida e cultura.

A vaidade humana, entrelaçada com a busca por grandiosidade, tem sido um elemento constante na história das cidades. Um dos exemplos mais notáveis remonta ao Egito antigo, com o faraó Aquenáton. Esse monarca ficou registrado como aquele que instaurou um monoteísmo singular em um contexto tradicionalmente politeísta. Sua ousadia religiosa o levou a decretar que somente o deus solar Aton deveria ser cultuado, abolindo o panteão de mais de

dois mil deuses egípcios. Além disso, para consolidar sua nova visão, ele empreendeu a construção de uma cidade totalmente nova, Akhetaton, também conhecida como Amarna. Aquenátton viu em Amarna a oportunidade de erigir uma cidade que refletisse seu ideal monoteísta. Essa cidade se tornou a expressão física de sua visão religiosa revolucionária e também um reflexo de sua busca pelo eterno.

Este fenômeno de construir cidades em homenagem a líderes poderosos não se limitou ao Egito antigo. Na época do império macedônico, Alexandre, o Grande, se destacou como um dos maiores conquistadores da história. Sua vaidade e desejo de eternizar sua influência e glória o levaram a fundar cerca de vinte cidades que levavam seu nome. Essas cidades, muitas das quais foram batizadas de Alexandria, não eram meras instituições administrativas, políticas ou culturais. Elas eram reflexos físicos do legado de Alexandre, servindo como marcadores de sua conquista e influência.

Essas cidades levavam o nome de Alexandre aos confins de seu vasto império, imortalizando-o através das gerações. Elas eram centros de cultura helenística³, onde o intercâmbio de ideias, comércio e conhecimento floresceu. Assim como Aquenátton, Alexandre entendeu o poder de uma cidade como um monumento vivo de seu próprio poder e influência. No entanto, ao contrário de Aquenátton, o legado de Alexandre perdurou ao longo dos séculos, influenciando a história, a cultura e o pensamento de diversas regiões do mundo.

Portanto, a prática de fundar cidades em nome do poder e da vaidade de um líder transcende as culturas e os tempos. É uma demonstração do desejo humano de deixar uma marca duradoura no mundo, de estender a própria influência através do tempo e do espaço. Essas cidades não apenas representam locais de habitação, mas são testemunhas tangíveis das ambições, conquistas e complexidades da humanidade ao longo da história.

O uso das cidades como homenagens tem sido uma prática que atravessa as eras, perpetuando-se como um meio de marcar influência e reverência ao longo do tempo. Um exemplo notável dessa prática é encontrado na Igreja Católica, que utilizou esse artifício de maneira significativa para enraizar sua devoção e legado na história. A estratégia de batizar

³ O helenismo foi um período histórico que se seguiu à conquista de Alexandre, o Grande, no século IV a.C. Ele envolveu a difusão da cultura e influência grega nas terras conquistadas pelo império de Alexandre. Durante esse período, houve uma mistura entre a cultura grega e as culturas locais, resultando em uma síntese de elementos gregos e orientais. O helenismo teve um impacto significativo na arte, arquitetura, filosofia, literatura, ciência e política, espalhando a língua grega como uma língua franca e estabelecendo cidades cosmopolitas, como Alexandria, como centros intelectuais. Foi caracterizado por uma fusão de diferentes culturas e pelo estabelecimento de reinos helenísticos independentes, como o Reino Ptolemaico no Egito, o Reino Selúcida na Ásia e o Reino Antígônida na Macedônia. Esses reinos adotaram a cultura grega como a principal forma de governo e promoveram o intercâmbio cultural e comercial entre o mundo grego e o oriente. O helenismo também teve um impacto duradouro na história posterior, influenciando a cultura romana e se tornando um fator importante na formação da identidade cultural do mundo ocidental.

localidades com nomes de santos não se limitou apenas a cidades, mas também se estendeu a estados e até mesmo países, servindo como uma conexão tangível entre o sagrado e o terreno.

A tradição de nomear lugares com referências a santos teve sua origem na segunda metade do século VI na Europa, quando igrejas específicas começaram a ser erguidas em honra de um santo patrono. Essa conexão entre o lugar e o santo simbolizava uma proteção divina sobre a comunidade local, vinculando a esfera religiosa à geografia física. No entanto, foi apenas uma questão de tempo até que essa prática ganhasse uma dimensão ainda mais abrangente.

No Brasil, essa tradição de nomear lugares em homenagem a santos foi trazida pelos colonizadores e enraizou-se de forma profunda na cultura e no cotidiano das localidades. De acordo com os estudos da professora Ana Paula de Carvalho, em sua tese de doutorado para a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), essa prática encontrou solo fértil no estado de Minas Gerais. Em sua pesquisa, ela identificou um total impressionante de 5649 nomes de lugares, incluindo cidades, vilarejos e acidentes geográficos, que carregavam referências a santos e santas católicas. Dentre essas denominações, 3801 foram dedicadas a santos masculinos, 1658 a santos femininos e 190 à Nossa Senhora, representando um mosaico complexo de devoção e identidade.

Nomes como Santo Antônio lideram essa lista, com impressionantes 565 referências, evidenciando a profunda conexão entre a espiritualidade e o espaço geográfico. Esses nomes não apenas reforçam a influência da Igreja Católica, mas também lembram aos habitantes locais os valores, a fé e os princípios que permeiam a história da região. Cada nome de lugar, uma espécie de elo entre o terreno e o divino, transmite uma herança cultural, construindo pontes entre o passado e o presente.

Dessa forma, a prática de nomear lugares em homenagem a santos transcende sua função descritiva e geográfica. Ela serve como um lembrete tangível da devoção, cultura e legado que moldaram as sociedades ao longo do tempo. Cada denominação é uma cápsula de história, capturando a essência das crenças e valores que moldaram as comunidades e reforçando a forte interligação entre o sagrado e o terreno.

Ao abordarmos o contexto brasileiro, é notável como diversas cidades carregam consigo não apenas nomes geográficos, mas também nomes de pessoas que desempenharam papéis significativos na história do país. Um exemplo notório é Florianópolis, cuja origem remonta a um momento de agitação política e mudança no cenário nacional. No ano de 1893, o Brasil vivenciava a Revolução Federalista, um conflito armado que ficou conhecido como a "Revolução de 1893". Naquela época, Florianópolis era conhecida como Desterro, e esse

conflito deixou uma marca indelével em sua história. É interessante observar que, durante essa revolta, Floriano Peixoto exercia o cargo de presidente do Brasil e tomou partido a favor do governo central.

A participação de Floriano Peixoto na Revolução Federalista trouxe impactos significativos e, como sinal de gratidão pelo apoio prestado por ele, bem como como uma forma de reconhecimento pelos serviços que ele prestou à nação, a cidade de Desterro foi renomeada como "Florianópolis" no ano de 1894, logo após o término do conflito. Essa alteração no nome da cidade foi uma maneira tangível de perpetuar a memória desse período histórico e de prestar uma homenagem duradoura ao ex-presidente.

O nome "Florianópolis" é resultado da combinação do nome "Floriano", em referência ao presidente, com o sufixo "ópolis", que é frequentemente utilizado para indicar "cidade". Essa escolha linguística não apenas enaltece o presidente, mas também insere a cidade em uma tradição que tem raízes antigas, conectando-a ao legado de outras cidades ao redor do mundo que carregam o mesmo sufixo.

Assim, Florianópolis transcende seu status de mero nome geográfico. Ele é um emblema da história, uma manifestação da gratidão e do reconhecimento da nação a um líder e um marco que captura a complexidade e a intersecção entre eventos históricos, figuras notáveis e o tecido urbano. Cada vez que o nome "Florianópolis" é pronunciado, ele ecoa essa memória coletiva, perpetuando a ligação entre passado e presente, entre a cidade e a figura que a influenciou.

Petrópolis, a encantadora cidade situada no estado do Rio de Janeiro, revela outro exemplo fascinante de como nomes de cidades podem ser intrincadamente ligados à história e às personalidades que moldaram o país. A própria essência de Petrópolis carrega consigo uma homenagem nobre: a celebração do Imperador Dom Pedro II do Brasil. O nome "Petrópolis" é uma cuidadosa combinação de elementos. O termo "petro" remete ao nome "Pedro", que, por sua vez, se refere ao imperador em questão. Já "polis", originário do grego, significa "cidade". Essa fusão de palavras culmina em um nome que não só enaltece Dom Pedro II, mas também funde de maneira elegante o elemento humano e o urbanismo.

Na ensolarada Paraíba, a cidade de João Pessoa surge como um exemplo notável de como os nomes das cidades podem ser intrincadamente entrelaçados com as trajetórias de figuras notáveis. A própria essência de João Pessoa reflete a homenagem sincera ao político e jurista brasileiro, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.

A história de João Pessoa é marcada por uma reviravolta trágica que serviu de catalisador para a mudança de nome da cidade. O ano era 1930, um período efervescente na política do Brasil. João Pessoa era uma figura de grande influência, governador do estado da

Paraíba e um aspirante à Presidência da República. Seu nome estava associado a um esforço político incansável e suas aspirações estavam finamente entrelaçadas com o destino da nação.

Entretanto, a trajetória de João Pessoa foi abruptamente interrompida em 26 de julho de 1930, um dia que entraria para a história como o "Crime de 26 de Julho". Em um cenário repleto de disputas políticas, ele foi tristemente assassinado em Recife, Pernambuco. A notícia de sua morte reverberou não apenas nas regiões próximas, mas por todo o país, provocando comoção e indignação.

Esse trágico evento não apenas mudou o curso da política, mas também desencadeou um movimento profundo para homenagear e preservar a memória de João Pessoa. O legado deixado por ele era significativo demais para ser esquecido. Assim, a cidade que antes era chamada de Parahyba decidiu dar um passo de respeito e reconhecimento, renomeando-se como João Pessoa. Este ato não foi apenas uma mudança superficial, mas uma forma duradoura de honrar o líder político que havia dedicado sua vida à melhoria do país.

Cada vez que o nome "João Pessoa" é pronunciado, ele evoca não apenas uma cidade, mas também a memória de um homem dedicado à sua nação, cuja trajetória complexa e impactante influenciou profundamente a história política do Brasil. Assim, a cidade se transforma em um tributo vivo e duradouro a essa personalidade marcante, lembrando-nos da capacidade de um nome para contar uma história e preservar um legado.

Vale explorar além dos nomes óbvios das cidades, adentrando um território onde as associações culturais e históricas ganham vida. Nesse contexto, emerge a cidade de Goiás Velho, um exemplo inegável de como um nome pode evocar automaticamente uma figura emblemática. No caso, a cidade sempre ecoa o legado de Cora Coralina, uma das vozes literárias mais distintas do Brasil.

Goiás Velho, situada em um cenário de ruas de pedra e edifícios coloniais, adotou o rico legado literário de Cora Coralina como parte intrínseca de sua identidade. A memória da poetisa é cuidadosamente mantida viva nos corações e nas ruas da cidade. O Museu Casa de Cora Coralina, um lugar de respeito e reverência, abriga preciosidades como objetos pessoais e manuscritos, permitindo que os visitantes mergulhem na história e na perspicácia de Cora. Esse local não é apenas um museu, mas um santuário de homenagem à vida e ao legado de Cora Coralina.

Além disso, o espírito de Cora Coralina é continuamente celebrado no Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), um evento que agrega artes e consciência ambiental em Goiás Velho. Esse festival é uma clara representação de como a cidade mantém viva a conexão entre sua identidade cultural e a figura ímpar de Cora Coralina. A memória da

poetisa flui pelas veias da cidade, influenciando não apenas seu passado, mas também seu presente e futuro.

Já na cidade de Juazeiro do Norte, a relação entre o local e a figura do Padre Cícero ganha destaque. Mais do que uma associação cultural, Padre Cícero exerceu um papel fundamental na história e na política da cidade, como será abordado mais adiante. Sua influência não se limitou às fronteiras religiosas; ele foi uma peça-chave na emancipação da cidade, desempenhando o papel de primeiro prefeito. Sua figura transcendeu os limites do religioso, moldando a própria identidade da cidade.

O exemplo de Juazeiro do Norte e Padre Cícero demonstra como uma personalidade marcante pode transcender fronteiras, passando a ser um dos pilares que sustenta a cidade em sua totalidade. Isso nos relembra que a influência de figuras notáveis muitas vezes se espalha além de suas áreas de atuação iniciais, deixando uma marca indelével nas linhas do tempo urbanas e históricas.

Nomes que sussurram histórias: a toponímia entre letras e pedras

A relação entre toponímia e memória é uma via que nos conduz por intrincadas camadas da história e da cultura. Nesse texto, convidamos você a adentrar essa jornada que revela como os nomes dos lugares transcendem o mero rótulo geográfico, adquirindo ares de discurso vivo e reflexo da memória coletiva. É uma viagem às raízes das cidades, onde cada nome é uma nota em uma melodia que une passado e presente.

Na intrincada trama da memória, a vertente oficial se ergue como um monumento do poder. As vias e espaços públicos são rebatizados em homenagem a figuras históricas, frequentemente líderes políticos e personalidades de destaque. Esta memória oficial, meticulosamente tecida, carrega o peso de uma narrativa escolhida, uma versão da história que enaltece e perpetua uma visão específica do passado. Ao perpetuar essas figuras no cenário urbano, o manto da memória oficial envolve a identidade de uma comunidade, direcionando a percepção compartilhada dos eventos históricos.

As cidades, assim, são mais do que meros aglomerados de edifícios; são testemunhas da memória coletiva, testemunhas que falam por meio dos seus nomes. A toponímia é um mosaico complexo, composto por camadas de significados que vão muito além da geografia. Cada rua, praça ou bairro é um pedaço do que já foi e um convite a reviver o passado. Um exemplo tangível é Paris, onde nomes como "*Place de la Bastille*" ecoam o clamor revolucionário que reverberou nas pedras das ruas.

Mas a toponímia não é uma narrativa estática; é um espelho em constante evolução da identidade de uma sociedade. Mudanças nas denominações urbanas muitas vezes refletem uma reavaliação das histórias que nos definem. No final do apartheid na África do Sul, por exemplo, nomes de lugares foram alterados para refletir uma história mais inclusiva, uma tentativa de superar a memória oficial que perpetuava a opressão.

Portanto, os nomes das cidades transcendem o óbvio; são palavras que contam histórias, lançam sombras e luzes sobre eventos passados e nos convidam a olhar para além da superfície. Eles encerram memórias, sussurram os ecos dos que vieram antes de nós e, ao mesmo tempo, apontam para um futuro moldado pela compreensão do passado. Nesse intrincado laço entre toponímia e memória, encontramos uma tessitura fascinante da narrativa humana, tecida em cada esquina, cada praça e cada rua.

Por outro lado, a memória coletiva se manifesta através de nomes espontâneos e descritivos atribuídos pelos indivíduos de uma comunidade. Essa memória surge da conexão afetiva e significativa que as pessoas têm com determinados lugares. Nomes como "Praça das Flores" ou "Rua dos Namorados" revelam a relação emocional e cultural que as pessoas têm com esses espaços. Essa memória coletiva é construída através das experiências compartilhadas e histórias transmitidas de geração em geração, criando um senso de identidade e vínculo com o lugar.

Para desvendar os intrincados fios que entrelaçam toponímia, história e memória, vamos mergulhar no universo da cidade de Bento Gonçalves. Revolvendo livros, documentos e fontes teóricas, descortina-se um enredo onde os nomes dos lugares constituem as páginas vivas da história e memória da comunidade. Cada nome, qual pincelada de tinta no quadro urbano, carrega em si as tintas das culturas, vivências e legados que se entrelaçam nesse tecido social.

Ao traçarmos um mapa imaginário dos lugares batizados na cidade, vislumbramos uma trama narrativa que remete à saga dos imigrantes italianos. É uma história que reverbera nos nomes como acordes musicais que continuam a ecoar. "Vila Ricci" e "Rua Garibaldi" não são meros rótulos geográficos; são cápsulas do tempo que nos transportam àquele momento em que as margens do Atlântico foram atravessadas em busca de um novo lar. São nomes que perpetuam a memória das famílias que se enraizaram nas terras de Bento Gonçalves, edificando uma comunidade que carrega consigo as marcas da Itália.

Nessa tessitura toponímica, além de contar a história das famílias que moldaram a cidade, a toponímia é um espelho da própria cultura italiana. "Garibaldi", por exemplo, vai além de ser apenas uma rua; é um elo que mantém viva a aura do general que liderou a unificação da Itália, evocando a resiliência e luta que permeiam a trajetória de muitos imigrantes.

Cada nome nas ruas e praças é um capítulo da história local, um tributo à herança cultural que se traduziu em tijolos, lajes e alicerces. Assim, a toponímia se revela como uma ferramenta de preservação do passado e conexão entre as gerações. Os nomes nos lembram da trama de vidas entrelaçadas que culminou naquela cidade.

Além disso, a escolha dos nomes também está relacionada aos eventos históricos e culturais que ocorreram ao longo do tempo. Nomes como "Praça da República" ou "Avenida Getúlio Vargas" remetem a momentos importantes da história do país, como a proclamação da república ou o período do governo de Getúlio Vargas. Essa toponímia oferece pistas sobre os ideais políticos e as mudanças sociais que ocorreram na região.

Ao analisar a toponímia, também podemos observar a presença marcante da natureza e das características geográficas da região. Nomes como "Cachoeira do Salto" ou "Monte das Oliveiras" destacam localidades e elementos naturais encontrados em Bento Gonçalves. Essa toponímia reflete a relação entre os habitantes e o ambiente ao seu redor, evidenciando a importância da natureza na construção da identidade local.

Mais do que apenas uma forma de identificação geográfica, a toponímia revela-se como um reflexo da cultura e da memória de uma população. Ao dar nomes aos lugares, as pessoas estão ancorando sua história e experiências, deixando um legado para as gerações futuras. A toponímia contribui para um sentimento de identidade e pertencimento, unindo os indivíduos em torno de uma herança comum.

É crucial enfatizar que o ato de atribuir nomes aos lugares é um ato de profunda imersão no discurso, na cultura e nos componentes do cenário de comunicação. O nome que escolhemos para um lugar é influenciado por uma sinfonia de fatores: a época em que vivemos, o contexto histórico que nos cerca, as complexas teias políticas e os ecos sociais que reverberam em nossa comunidade. Assim, nomear um lugar transcende a mera atribuição linguística – é uma forma de expressar nossa visão, nossos valores, nossa conexão com a terra que pisamos e a comunidade que nos acolhe.

Consequentemente, percebemos que essa intersecção entre toponímia e memória é de uma riqueza inestimável. Os nomes que adornam os mapas não são meras inscrições geográficas; são marcos do que somos, do que fomos e das histórias que compartilhamos. Cada nome sussurra a identidade de um local, a memória de um povo e os capítulos que escreveram a sua jornada.

A toponímia, em sua essência, é uma lente através da qual vislumbramos a cultura, os valores e a evolução de uma comunidade. Um nome pode evocar tradições ancestrais, personagens memoráveis, episódios marcantes. É uma herança que se perpetua nas ruas, praças

e recantos que povoam nossa vivência. Além de um identificador geográfico, cada nome carrega consigo uma carga histórica e cultural que enriquece nossa compreensão do passado.

Nesse intrincado emaranhado de letras e sons, a toponímia assume um papel central na manutenção e preservação da memória coletiva. Os nomes de lugares atuam como guardiões do patrimônio, conectando as gerações através de um fio invisível. Como mensageiros do tempo, eles nos narram a trajetória das nossas origens, as vitórias, desafios e tradições que moldaram nossa jornada. Desse modo, a toponímia transcende a própria linguagem, tornando-se um elo entre passado, presente e futuro, um eco de vozes que ecoam através do tempo para contar a história das nossas terras e dos nossos corações.

Do divino aos homens: Cícero e Juazeiro, ecos místicos

Mesmo que não seja oficialmente denominada como Juazeiro do Padre Cícero, a cidade de Juazeiro carrega consigo, devido à iniciativa dos próprios romeiros e comerciantes locais, essa afetuosa designação em reverência ao patriarca da região. Essa ligação especial que se teceu entre Padre Cícero, a cidade e os devotos transcende uma mera designação casual. É fundamental perceber a influência das estruturas ideológicas no processo de formação histórica, como apontado por Pesavento (2008). Além disso, reconhecer a interação intrínseca entre crenças religiosas e práticas religiosas é essencial ao explorar a essência da cidade.

Para desvendar essa íntima relação entre Padre Cícero e Juazeiro, é imprescindível mergulhar na contextualização histórica e compreender a construção dessa tríplice afinidade entre Cícero, a cidade e os peregrinos. A história dessa relação começa a ser traçada no século XIX, quando a figura carismática do padre começa a ganhar destaque em Juazeiro. Padre Cícero Romão Batista, um líder religioso de forte influência, exerceu um papel fundamental na vida dos habitantes, marcando a cidade com sua presença e orientações espirituais.

O fenômeno das peregrinações em Juazeiro, impulsionado pela fama de milagreiro atribuída ao Padre Cícero, moldou profundamente a dinâmica da cidade. A devoção e a devoção ao líder religioso se entrelaçaram com o próprio tecido urbano. Ruas, praças, capelas e monumentos erguidos em honra ao padre testemunham essa interpenetração entre a figura do líder religioso e o cenário urbano.

Essa simbiose entre Padre Cícero e Juazeiro também se estende aos romeiros, que, guiados por uma fé fervorosa, fazem jornadas até a cidade em busca de orientação espiritual, cura e conexão com o sagrado. Esse fluxo constante de devotos que se dirigem a Juazeiro atua como elo vivo entre o passado e o presente, uma ponte entre a devoção de ontem e a de hoje. A

cidade, portanto, é o epicentro onde a memória de Padre Cícero se entrelaça com a fé dos peregrinos, criando um encontro entre o terreno e o divino.

A construção dessa relação profunda entre Padre Cícero, Juazeiro e os romeiros transcende o plano puramente geográfico, é uma relação forjada pela crença, pelo significado cultural e pelo legado histórico. É uma ligação que não apenas define a cidade, mas também a enriquece com uma narrativa que se desenrola ao longo das gerações. Ao reconhecer essa intrincada rede de significados, não apenas entendemos o presente, mas também honramos as camadas de devoção e história que moldaram Juazeiro do Padre Cícero.

Cícero Romão Batista nasceu no Crato⁴, em 24 de março de 1844, seu pai era o Sr. Joaquim Romão Batista, sua mãe, Sra. Joaquina Vicência Romana, mais conhecida como Dona Quinô. Aos seis anos começou a estudar com o professor Rufino de Alcântara. Em 1856, aos 12 anos, Cícero fez voto de castidade, quatro anos depois, em 1860, foi matriculado no colégio do renomado Padre Inácio Rolim, em Cajazeiras, na Paraíba, para realizar formação e tornar-se sacerdote. Entretanto, em 1862, seu pai morreria vítima de cólera, obrigando-o a largar os estudos e voltar para junto da mãe e das irmãs solteiras, Maria Angélica, de 20 anos e sua irmã, Angélica Vicência, com 13. A morte de seu pai, que era um pequeno comerciante do Crato, trouxe sérias dificuldades financeiras a família. Seu falecido pai deixara poucos bens de herança – um boi, quatro vacas, duas novilhas, dez bezerros, duas escravas, uma casa de tijolos e a escritura de alguns palmos de chão – entretanto, segundo ao que apurou Lira Neto (2009), seu pai devia mais de um conto de réis aos fornecedores de bugigangas e mercadorias, ainda segundo o autor, este valor representava o equivalente a todo o orçamento calculado pelo Governo da Província do Ceará para a necessária reforma do Cemitério de Fortaleza.

Com o falecimento do marido, a viúva Quinô se viu em uma situação difícil, precisando mais do que nunca da ajuda do jovem Cícero. Nesse momento, parecia que tudo estava perdido, e a aspiração de Cícero de seguir seus estudos e se tornar um sacerdote parecia desvanecer-se. No entanto, para Cícero, aquilo não era o fim. Ele afirmava ser tocado por visões premonitórias, que ocorriam em seus sonhos e lhe forneciam orientações sobre sua vida. Essas visões o

⁴ Para facilitar a leitura e a fluidez do texto, os relatos que se seguem sobre a vida do Padre Cícero e seu envolvimento com a política foram retirados das seguintes referências:

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 [1977];

DINIZ, M. **Mistérios do Joazeiro: história completa do Padre Cícero Romão Batista do Ceará**. Juazeiro: Tipografia de O Joazeiro, 1935;

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Joazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1926];

NETO, Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no Sertão**. São Paulo: Companhia das letras, 2009;

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci - Verdadeira História de Juazeiro**. Fortaleza: Premius, 2001 [1969].

acompanharam ao longo de sua trajetória. Uma das primeiras, das quais há registro, aconteceu justamente nessa hora de necessidade extrema. Cícero contou que, altas horas da noite, estava deitado na rede estendida de uma parede a outra da sala, quando ouviu passos suaves dentro de casa. Ele se ergueu para investigar o que era e afirmou ter visto a imagem de seu falecido pai, Joaquim Romão. Seu pai querido trouxe-lhe um pedido e, ao mesmo tempo, conforto sob a forma de uma profecia. Ele disse ao filho que não deveria desistir nem por um minuto do caminho abençoado dos livros e acrescentou: "Deus encontrará uma solução".

Com a morte do marido, a viúva Quinô não tinha como manter o filho estudando em Cajazeiras, longe do Crato. Tudo levava a crer que a aspiração do jovem Cícero viria a ser sepultada na mesma cova em que descansariam, para sempre, os ossos do pai. Foi o padrinho de crisma Coronel Antônio Luiz Alves Pequeno quem o socorreu naquele instante de incerteza e aflição. Homem poderoso do lugar, rico comerciante, o Coronel Alves Pequeno se compadeceu da mingua que vivia a família do falecido compadre Romão. E, em especial, ficou bastante impressionado com a história singular narrada de viva voz pelo afilhado. (NETO, 2009, p. 31).

Cícero compartilhou essa visão com seu padrinho, o Coronel Antônio Luís Alves Pequeno, um influente comerciante local e político do Crato. Diante do relato impressionante e movido pelo desejo de seu falecido compadre, o Coronel decidiu financiar os estudos do jovem no recém-criado Seminário Episcopal do Ceará, em Fortaleza. Assim, aos 21 anos de idade, em 1865, Cícero deu início à sua jornada no Seminário Diocesano de Fortaleza, carinhosamente conhecido como "Seminário da Prainha".

Após completar seus estudos e se dedicar plenamente à sua formação religiosa, Cícero recebeu a ordenação sacerdotal em 30 de novembro de 1870. Com a responsabilidade de guiar e servir sua comunidade, o jovem padre retornou à sua cidade natal, no Crato, onde celebrou sua primeira missa em sua terra amada. Durante um ano, aguardou ansiosamente a oportunidade de assumir uma paróquia e dedicar-se plenamente ao pastoreio.

Enquanto esperava, Cícero encontrou maneiras de exercer seu ministério. Celebrava missas em capelas da região, levando a palavra de Deus aos corações sedentos de fé. Além disso, compartilhava seu conhecimento como professor de latim no colégio de seu primo, o respeitado professor José Marrocos. Embora tivesse encontrado um propósito temporário em sua cidade natal, o anseio de Cícero era retornar a Fortaleza, onde sonhava em se tornar professor no Seminário da Prainha, local que marcou o início de sua trajetória sacerdotal.

No entanto, em 1871, o professor Simeão Correia de Macedo fez um convite especial ao Padre Cícero. Ele solicitou que Cícero celebrasse a Missa do Galo na véspera de Natal, na capela da pequena vila conhecida como Juazeiro. O padre aceitou prontamente o convite,

cumprindo seu dever religioso ao celebrar a Missa do Galo e prestar assistência espiritual aos moradores daquela comunidade.

Acontece que Juazeiro estava sem um capelão designado, e a presença do Padre Cícero foi tão impactante que logo lhe foi solicitado que assumisse definitivamente aquela capelania e se estabelecesse naquela vila. Sem hesitar, Cícero aceitou a proposta e, em abril de 1872, mudou-se para Juazeiro junto com sua mãe, suas duas irmãs e uma escrava alforriada chamada Tereza do Padre. Cinco meses depois, em setembro, o Bispo Dom Luiz oficializou sua nomeação como capelão de Nossa Senhora das Dores em Juazeiro, conferindo-lhe o status de sacerdote oficialmente estabelecido naquela comunidade.

Essa história, pelo que nos parece, poderia ser considerada uma biografia comum de um homem comum em um lugar aparentemente insignificante. No entanto, quando estudamos a vida de pessoas como o Padre Cícero, percebemos que a palavra "comum" não pode ser aplicada em sua trajetória. Ao questionar o que teria levado Cícero a abandonar seus planos de lecionar no Seminário de Fortaleza e decidir ficar em Juazeiro, encontramos uma resposta que permeia toda a sua biografia: seus sonhos-visões.

Analisar os sonhos-visões de Cícero como objetivo de estudo é um desafio verdadeiramente complexo, pois essas experiências oníricas nos proporcionam uma perspectiva singular do mundo no qual o sacerdote vivia no século XIX. Cícero atribuía a esses sonhos um caráter de verdade absoluta, a ponto de influenciarem suas decisões e transformarem o curso de sua vida. O sonho em questão teria ocorrido em 1872, na casa que abrigava a Escola de Juazeiro, onde Cícero se hospedava enquanto prestava seus serviços à comunidade. Segundo relatos, ele teria adormecido em um quarto improvisado em uma das salas de aula, e foi nesse momento que algo extraordinário aconteceu:

Cícero sonhou que estava sentado na cabeceira da grande mesa na escola, quando viu entrar na sala 13 pessoas com vestes talares, e uma delas com o coração exposto, em que atribuiu ser os 12 apóstolos e Jesus Cristo. Os apóstolos colocaram-se em pé ao lado da mesa, enquanto Jesus colocou-se atrás da cadeira onde ele, Pe. Cícero estava sentado. Ouviu perfeitamente a voz do coração de Jesus dizendo as seguintes palavras: Estou muito magoado com as ofensas que os homens me têm feito, e me fazem todos os dias. Irei fazer um último esforço pela salvação de todos, mas, se não quiserem se corrigir acabarei com o mundo." Enquanto pronunciava essas palavras, adentrou na sala um mangote de sertanejos mal vestidos, e quase todos descalços, então, Jesus disse com voz forte: E, quanto a ti, (disse dirigindo-se a Cícero) tome conta deles. 'Cícero acordou sob a impressão tão viva, que mais lhe pareceu uma realidade.' (OLIVEIRA, 2001, p. 57).

Para Cícero, aquele não foi um sonho comum, daqueles que se têm todas as noites, mas sim algo de uma ordem diferente. Segundo relatos, esses sonhos eram tão vívidos e reais para

ele que deixavam uma marca profunda. Na verdade, ele os considerava como experiências em que Cristo lhe confiava uma missão de extrema importância. Esses sonhos sempre permearam a vida de Cícero, como no momento em que seu pai faleceu e ele retornou ao Crato para ajudar sua mãe e irmãs. Nesse período, ele teve um sonho em que seu pai lhe aparecia, orientando-o a seguir o seu sonho de se tornar sacerdote.

Outro relato interessante diz respeito a um sonho premonitório que teve durante seus estudos no seminário, no qual viu todos os eventos da deposição de Dom Pedro II e a proclamação da República. No mesmo sonho, testemunhou os líderes do golpe de 1889 planejando executar o imperador, mas Cícero interveio, pedindo que não o fizessem, argumentando que, apesar de seus erros, o imperador era uma figura ilustre que havia feito grandes contribuições à Pátria. Por causa disso, ele próprio teria que partir para o exílio.

Existem ainda outros exemplos de sonhos, com um caráter mais simbólico, que marcaram a vida de Cícero. Um desses sonhos ocorreu em Juazeiro, onde ele teria presenciado um enorme urso branco com manchas pretas segurando o globo terrestre em suas mãos. Nesse sonho, o urso dilacerava a Terra com suas garras, causando sofrimento entre as nações. Em outro sonho, ele teria visto uma criatura semelhante a um urso, sendo recebida festivamente por crianças nuas e maltrapilhas. Intrigado, Cícero questionou o motivo da celebração em honra daquela criatura, e as crianças responderam que o animal era "A Garra das Garras", o progenitor de todos os desejos e prazeres, que agora estava livre. Essas experiências oníricas deixaram uma profunda impressão em Cícero. (OLIVEIRA, 2001, p. 60).

Nos últimos dois sonhos mencionados, podemos perceber algo interessante. O primeiro deles apresenta um caráter escatológico, indicando uma visão apocalíptica, enquanto o segundo possui elementos de forte teor sexual. No entanto, ambos os sonhos são permeados por uma percepção de pecado que recai sobre os ombros de Cícero. É evidente a presença de um *ethos* e uma visão de mundo que refletiam a realidade na qual Cícero estava inserido, assim como os valores do catolicismo do século XIX. Esses sonhos revelam que Cícero era um homem com uma profunda inclinação mística, capaz de estabelecer contato com o sobrenatural e com uma realidade espiritual e transcendente.

Mas vamos nos deter a analisar o primeiro sonho, pois ele é o marco divisor na história de Cícero como sacerdote, e de toda sua dedicação para com Juazeiro. Vale salientar que Cícero não era tomado totalmente por este misticismo, como foi comum no catolicismo popular⁵, ou

⁵ O catolicismo popular exerceu um papel de extrema importância no interior do Nordeste brasileiro durante os séculos XIX e XX. Nessa região, marcada por uma forte presença do catolicismo, a fé e a devoção do povo se manifestavam de maneira intensa e peculiar. O catolicismo popular se diferenciava da religiosidade oficial da

seja, como sendo homem com poderes sobrenaturais. Ao trabalhar sobre essa questão, Antônio Mendes (2007) nos diz que, essa espécie de espiritualismo o coloca em uma posição cara ao cristianismo e a igreja católica, se recorrermos à Bíblia para tentar justificar tais eventos sobrenaturais, encontraremos no livro do Gênesis a figura de José, filho de Jacó, (Gn, caps. 2-21) que ficou famoso por seus sonhos e principalmente pela capacidade de os interpretar. Além disso, esses “sonhos místicos” percorrem toda a escritura sagrada, como ocorreu com Jó nas revelações particulares que Deus lhe havia feito (Jó 4, 12-21). Também vemos estas revelações feitas à Pedro (At 2, 17), Paulo (At 16, 9; 18, 9; 23, 11) e até mesmo ao próprio Pai de Jesus, quando foi avisado em sonho que deveria fugir para o Egito (Mt 2, 12).

No sonho, um momento de grande significado é o discurso proferido pelo Sagrado Coração de Jesus, que expressa sua mágoa com as ofensas dos homens e revela seu último esforço pela salvação de todos. Ele adverte que, se as pessoas não se corrigirem, ele acabará com o mundo. Nesse contexto, o Coração de Jesus se dirige diretamente ao Padre Cícero, confiando-lhe a responsabilidade de cuidar das pessoas. Essas palavras ecoam a semelhança com as mensagens dirigidas a Santa Margarida Maria Alacoque, referindo-se ao "fim dos tempos", quando um Deus ofendido consideraria encerrar o mundo. No entanto, para nosso

Igreja em suas práticas e expressões, encontrando suas raízes nas tradições e crenças populares, influenciadas por elementos indígenas, africanos e portugueses.

No contexto nordestino, o catolicismo popular se desenvolveu de forma sincrética, mesclando elementos do catolicismo com práticas e rituais de origem ancestral. Essa religiosidade expressava-se por meio de festas, romarias, procissões, novenas, promessas e peregrinações, que reuniam a comunidade em torno da fé e da devoção aos santos e figuras sagradas.

Essas manifestações religiosas eram permeadas por uma intensa emotividade e envolvimento dos fiéis, que buscavam nas práticas religiosas o conforto espiritual, a proteção divina e a solução para seus problemas e aflições. O catolicismo popular também se conectava à busca por curas, milagres e intervenções divinas para questões de saúde, trabalho, amor e proteção familiar.

No interior do Nordeste, o catolicismo popular se tornou um importante elemento de identidade e coesão social, fortalecendo os laços comunitários e contribuindo para a preservação de tradições culturais e valores religiosos. Essa religiosidade era vivenciada de forma coletiva, estabelecendo uma conexão profunda entre os fiéis e a espiritualidade.

O catolicismo popular no Nordeste brasileiro do século XIX e XX desempenhou um papel significativo na vida das pessoas, oferecendo um refúgio espiritual, um sentido de pertencimento e uma forma de resistência cultural diante das adversidades sociais e econômicas. Ele representou uma expressão autêntica da religiosidade do povo nordestino, enraizada em suas tradições e modo de vida, e continua a desempenhar um papel relevante até os dias de hoje.

Esse tipo de prática tem algumas características peculiares como: O leigo ocupa papel central; o especialista, papel secundário; Há uma perda relativa da importância do sacramental frente ao devocional; Verifica-se uma manipulação do sagrado com finalidades pragmáticas; por consequência, é sensível uma diferença entre religião e magia. A religião importa uma transcendência; a magia conota imanência; Enfim, releva notar o caráter protetor da religiosidade popular. Ela visa a solução prática dos problemas do cotidiano. Oferece uma segurança adicional frente ao esforço material.

De acordo com, Souza,2013; Os praticantes do catolicismo popular são o conjunto de fiéis que exercem seus cultos à margem da Igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição. Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações sendo vistas como sacrílegas ou como uma perda de respeito, e seus praticantes se situam, majoritariamente, entre os setores mais pobres e menos escolarizados da população, possuindo, ainda, profunda ressonância no meio rural.

estudo, vamos nos concentrar no trecho em que o Sagrado Coração de Jesus diz: "quanto a ti, toma conta deles". Nessa frase, está claramente expressa a missão primordial da vida de Cícero: cuidar do povo sertanejo, em especial dos mais pobres, que mais tarde se tornariam seus devotos e romeiros.

A fala do Sagrado Coração de Jesus despertou em Cícero um profundo senso de dever, uma vez que ele estava inserido em uma hierarquia divina. Foi o próprio Cristo, e não um bispo, cardeal ou mesmo o Papa, quem lhe deu a ordem. É importante destacar que, para um jovem sacerdote do século XIX, a noção de autoridade era muito sólida. Ao contrário de nós, que, como disse Sartre, "somos condenados a tomar nossas próprias decisões", Cícero estava condenado a fazer a vontade de Deus. Agir de acordo com a vontade divina não era uma restrição à sua liberdade humana, mas sim a condição para a sua própria salvação.

Esta fala do Sagrado Coração, “enquanto a ti, toma conta deles” pode ser lida como significativa de uma vontade superior a ser cumprida. Isto assim ocorreria dentre outros motivos por que estamos falando de um sujeito – Pe. Cícero – que fazia parte de uma sociedade onde o valor dado a obediência e a vontade superior contrasta de forma significativa com o valor que, em nosso tempo, damos ao princípio do livre arbítrio. Outro ponto importante a considerarmos é que os desdobramentos da história de Padre Cícero, inclusive a ação sócio-político-religiosa que ele veio a ter no Juazeiro, terminaram, muitas vezes, dando margem para que a fala do Sagrado Coração fosse interpretada como uma orientação profética; isto é, indicava que ele haveria de cuidar das necessidades espirituais e materiais dos pobres sertanejos que futuramente ali iriam chegar.” (BRAGA, 2007, p. 114).

A trajetória de Cícero já era marcada por acontecimentos místicos, como os sonhos premonitórios que ele experimentava. No entanto, algo ainda maior estava destinado a acontecer em sua vida, um momento fatídico que o elevaria à condição de santo nos corações do povo. Como mencionado anteriormente, rezar pela conversão do mundo era uma missão sagrada do sacerdote. E foi durante uma vigília, no dia 1º de março de 1889, durante a Quaresma, enquanto ele implorava a Deus por perdão pelos pecados do mundo, que o Milagre ocorreu. Vamos agora mergulhar no relato detalhado escrito por Lira Neto:

Naquela noite escura e sem lua, quem olhasse para a capela de Nossa Senhora das Dores avistaria, já de longe, o lampejo das centenas de velas acesas cortando o breu. O forte cheiro de cera derretida e o adiantado da hora indicavam que os membros da irmandade de beatos, cerca de vinte deles, haviam passado mais uma madrugada inteira em vigília, em louvor ao Sagrado Coração de Jesus, pedindo perdão a Deus. Meia hora antes do amanhecer, quando os galos se preparavam para anunciar outra escaldante manhã de sol no sertão, Cícero decidiu que as sete ou oito mulheres ali presentes mereciam receber a comunhão antes dos homens, para retornarem às respectivas casas. Elas precisavam descansar o corpo fatigado de tão prolongada sentinela em nome da fé. Com véu escuro sobre a cabeça e o alvo rosário entrelaçado nas mãos magras e morenas, as beatas atenderam ao chamado e se aproximaram em fila indiana, uma a uma. À frente delas, ia Maria de Araújo. Com os olhos fechados,

ela foi a primeira a se postar diante do padre e entreabrir a boca, contrita. Contudo, quando a hóstia lhe tocou a língua, a beata abriu e revirou os olhos espantados. Parecia ter entrado em estranho transe. E foi então que se deu o fenômeno: segundo chegariam a jurar sobre a Bíblia as testemunhas ali presentes, a hóstia na boca de Maria de Araújo mudou de forma e de cor. Transformou-se, inesperadamente, em sangue vivo.

O fio de sangue desceu dos lábios da mulher e, como ela tentasse contê-lo, este lhe banhou o dorso da mão esquerda. Depois, escorreu ao longo do braço, até cair no chão da capela, que ficou respingado de vermelho. Com ar aflito, a beata mirava e mostrava ao padre uma toalhinha branca dobrada nas mãos, tingida pelas manchas rubras que haviam transbordado da boca e que ela depois procurara enxugar. Foi um alvoroço sem par. Quando os primeiros raios de sol aqueceram a alvenaria da fachada principal do templo, a notícia já corria pelo povoado, na branca capela de Nossa Senhora das Dores, entre os lábios da Beata Maria de Araújo, a hóstia consagrada pelo Padre Cícero havia se materializado no corpo, na carne e no sangue divino de Jesus. Sangue que, a exemplo do que ocorrera dois milênios antes e no alto da Cruz, estaria sendo derramado para lavar os pecados e as dores dos homens. (NETO, Lira, 2009, p. 65-66).

Nesse contexto, todo o cenário estava montado para abalar a história do Estado do Ceará. No entanto, o milagre não se limitou a apenas um momento, ele se repetiu ao longo de meses, desafiando os incrédulos nas quartas e sextas-feiras. E no sábado de Aleluia daquele ano, o fenômeno ocorreu novamente, mas dessa vez em uma escala ainda mais impressionante. A quantidade de sangue que jorrou da boca da beata foi tão intensa que encharcou o corporal, o tecido branco que cobre o cálice, e transbordou para a patena, o prato onde as hóstias são colocadas. Esses eventos não demoraram a ultrapassar os limites do vilarejo e se espalhar rapidamente pelas estradas e caminhos do sertão. A notícia se espalhava: em Juazeiro, um milagre aconteceu! Seu solo é sagrado!

Segundo relatos de Lira Neto (2009), os moradores das cidades e vilarejos vizinhos começaram a se dirigir a Juazeiro movidos por uma curiosidade devota em relação ao sangue de Cristo que respingava no agreste do Ceará. Foi então, no dia 7 de julho de 1889, durante a festa em honra ao Precioso Sangue de Jesus, que o povoado de Juazeiro testemunhou a chegada de cerca de 3 mil pessoas, marcando o início das romarias que persistem até hoje. Essas pessoas vinham principalmente da cidade do Crato, acompanhadas pelo novo reitor do seminário, o monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro. Ele liderou uma procissão até a capela onde o milagre havia ocorrido e, após a missa, proferiu um sermão no qual exibiu os paninhos manchados de sangue, declarando que era, de fato, o sangue de Cristo Jesus.

Ao fazer o histórico dos acontecimentos, Cícero era capaz de jurar pela Cruz do Rosário que, mesmo estando crente no milagre, fizera de tudo para não dar a mínima publicidade ao episódio. ‘Eu fiz por abafar quanto pude; porém o fato continuou regularmente’, alegou. Em pouco tempo, ficaria impossível ocultar o que já se tornava voz corrente no lugar. Mas se alguém era o verdadeiro responsável pela divulgação maciça da notícia, esse alguém não seria ele, e sim o Monsenhor Francisco Monteiro, o fiel portador daquela carta. Ele, Monteiro, que fez o sermão inflamado. Ele, também,

que mostrou em público os paninhos ensanguentados, afirmando ser aquele o sangue de Jesus. ‘Quando eu soube fiquei para morrer de vexame’, escreveu Cícero. ‘Desejava sumir-me pelo chão de angustiado. A pobre beata, que é humilde na altura das graças que recebe, só não morreu de aflição por milagre.’ O bispo continuou a ler e tomou conhecimento de que diante da visão dos tais panos o povo inteiro chorava de emoção, em extraordinário clamor. ‘Só não chorei, porque a minha aflição era outra’ narrou Cícero. (NETO, 2009, p. 77).

Os jornais de todo o país logo começaram a noticiar o ocorrido. No Rio de Janeiro, o Diário do Commercio, em sua edição de 19 de agosto daquele ano, trouxe à capital a notícia dos feitos de Cícero. Pouco tempo depois, foi a vez do Diário de Pernambuco, que divulgou o evento de forma exuberante, relatando a chegada de grandes caravanas de peregrinos que se dirigiam ao local dos acontecimentos. A repercussão do milagre se espalhou rapidamente, despertando o interesse e a devoção de pessoas de diferentes partes do país.

É provável que esta fiel exposição de um acontecimento sobrenatural levante a incredulidade, e que esta o comete a seu sabor. Mas o que é certo é que ele foi testemunhado por mais de 30 mil pessoas; e que o Juazeiro tem se tornado uma nova Jerusalém pela romaria dos povos vizinhos. Uma nova Jerusalém. A senha estava dada. A serra do Catolé e seu espinhaço de pedra recortando o horizonte do Juazeiro seria o novo monte das Oliveiras. O riacho Salgadinho, que banhava as terras do povoado, o novo Jordão. Jesus Cristo teria escolhido o povo mais simples e o lugar mais remoto do mundo para, sobre ele, derramar de novo sua palavra. (NETO, Lira, 2009, p. 70).

Neste trecho extraído da obra de Lira Neto, podemos vislumbrar o imenso impacto que o milagre ocorrido em Juazeiro começou a ter. A igreja, representada pelo Bispo Dom Joaquim Vieira, que era o segundo bispo do Ceará, manifestou sua posição a respeito. Inicialmente, o prelado solicitou a Cícero que descrevesse em detalhes tudo o que havia acontecido, a fim de que o fenômeno da hóstia pudesse ser julgado de acordo com as leis da Igreja. Em seguida, ordenou ao sacerdote que cessasse qualquer manifestação relacionada aos eventos ocorridos. Vejamos um trecho da carta enviada pelo Bispo a Cícero, datada de 4 de novembro de 1889:

[...] Sou amigo de Vossa Reverendíssima; confio na sinceridade e na sua ilustração e por isso o julgo incapaz de qualquer embute. Faça-me, com a maior urgência, uma exposição minuciosa de todas as circunstâncias que precederam, que acompanharam e subseguiram o fato, para que eu possa tomar as providências atinentes ao caso. Enquanto espera meu juízo, proíbo expressamente a Vossa Reverendíssima qualquer manifestação a esse respeito.

[...] Parece-me ser grande imprudência chamar atenção do público para a beata Maria de Araújo. Este fato pode trazer a ela sentimentos de vaidade, em detrimento da salvação.

Estou persuadido que Vossa Reverendíssima, ilustrado e piedoso como é, não se escandalizará com esta minha determinação, pois sabe que me incumbe o dever de velar sobre a pureza da doutrina católica. Deixo de fazer mais considerações porque julgo ter explicado bem claramente o meu pensamento. (NETO, Lira, 2009, p.70 - 71).

A resposta de Cícero à carta do Bispo jamais foi enviada, frustrando a expectativa de um minucioso relatório. Todo o conhecimento sobre o milagre e seus desdobramentos seria disseminado através da imprensa, que não cessava de noticiar os acontecimentos miraculosos ocorridos em Juazeiro. Diante disso, Dom Joaquim sentiu-se enganado e convenceu-se de que havia uma grave indisciplina em Juazeiro. Ele tinha plena consciência de que a rapidez com que as notícias dos milagres se espalhavam, aliada ao contexto histórico do Brasil naquele momento, como a queda do Imperador Dom Pedro II e a Proclamação da República, levavam o povo a acreditar que aqueles sinais eram indícios do fim dos tempos. Essa conjuntura tornava o terreno propício para que o sinal miraculoso se tornasse ainda mais explosivo, como uma resposta divina diante daquela situação.

A César o que é de César

Após as previsíveis repercussões do Bispo Dom Joaquim Vieira, as tensões entre ele e Padre Cícero se intensificaram, chegando ao ponto em que acusações de fraude foram lançadas sobre o milagre. Assim, a Igreja Católica cearense se dividiu em dois grupos: os apoiadores do milagre e, conseqüentemente, do Padre Cícero, e aqueles que apoiavam a decisão do Bispo, considerando o Padre Cícero como um charlatão. Através da mídia e das fofocas locais, o embate entre os dois grupos se intensificou, levando a questão do milagre da hóstia até o Vaticano, onde um inquérito foi instaurado pelo Tribunal do Santo Ofício. Após a abertura do inquérito e um decreto inicial emitido pelo Tribunal em 4 de abril de 1894, Padre Cícero viajou a Roma na tentativa de reverter a situação. No entanto, após quase quatro anos de processos, ao retornar ao Brasil, Cícero encontrou Dom Joaquim irredutível, que suspendeu o direito do Padre de celebrar missas em Juazeiro e região, negando-lhe assim a continuidade da missão confiada a ele por Jesus Cristo em um de seus sonhos-visões.

Diante da impossibilidade imposta de seguir sua missão do ponto de vista religioso, Cícero começa a traçar outros caminhos para cumprir o designo que lhe fora confiado, o de cuidar dos sertanejos e da cidade do Juazeiro. É necessário, porém, ter em mente que, devido a sua fama, e o poder que Cícero passou a exercer sobre os sertanejos, não é de se estranhar que em algum momento ele acabasse se envolvendo na política local. Pois, se havia um milagre realmente incontestável era o crescimento vertiginoso de Juazeiro após a divulgação dos milagres, e a fixação de milhares de pessoas na “Meca sertaneja”, o local cresceu tanto que não poderia sendo tratado como simples povoado, segundo Lira Neto (2009), o centro urbano de

Juazeiro possuía dezoito ruas alinhadas e mais quatro travessas, ainda segundo o autor, o número de habitantes girava em torno de 25 mil, além disso, já existiam cerca de vinte lojas funcionando em Juazeiro, outras vinte bodegas, dez armazéns, duas escolas públicas, duas farmácias e uma tipografia, havia também mais de 138 oficinas dos mais diversos tipos de arte e ofício. Havia de alfaiates a fogueteiros, de marceneiros a modistas, de ourives a ferreiros, de funileiros a pintores, de fundidores a sapateiros, tudo isso atendendo a recomendação de Cícero, que era “Em cada casa um santuário, em cada quintal uma oficina”. Até mesmo a mão de obra menos qualificada tinha lugar em Juazeiro, as encostas da Serra do Araripe era reservada a estes, o sacerdote tinha uma predileção pelo cultivo da maniçoba, que representava uma considerável fonte de renda pois, dela se extraía uma espécie de látex semelhante ao da seringueira na produção da borracha:

O produto constava da pauta de exportação do Brasil e era negociado no estrangeiro, embora em menor escala e com preço mais baixo do que o da borracha amazônica, com o nome de Ceará Rubber. Assim, quando um cidadão norte-americano acelerava seu automóvel em Nova York, podia se arriscar uma aposta: os pneus que rodavam sobre a Quinta Avenida poderiam ter sido com a matéria prima cultivada bem longe, na Serra do Araripe, pelos devotos de Cícero. (NETO, Lira, 2009, p. 290).

Naquele período, o cenário eclesiástico do Brasil passava por uma reorganização administrativa. O início do século XX testemunhava a criação de dezenas de novos bispados em todo o país. As cidades do interior mais prósperas eram as principais candidatas a sediar essas futuras dioceses. No estado do Ceará, surgiram especulações sobre a possibilidade de dividir o bispado de Fortaleza, visando uma melhor assistência aos fiéis do interior. Considerando as condições socioeconômicas da época, o Crato despontava como uma escolha óbvia. No entanto, Cícero empreendeu esforços, especialmente financeiros, para assegurar que Juazeiro fosse a cidade selecionada. Ele enfrentava dois desafios: emancipar a cidade e arrecadar uma quantia considerável para convencer os líderes da igreja de que Juazeiro era a escolha ideal.

Sob o chapéu de Cícero mais cabelos brancos surgiam, queimando neurônios para conseguir levantar uma numerosa quantia. Foi então que chegou em Juazeiro a procura de Cícero, o baiano Floro Bartolomeu⁶, este, tinha informações de que o padre havia comprado,

⁶ Floro Bartolomeu da Costa nasceu em Salvador no dia 17 de agosto de 1876, seu irmão, Antônio Batista dos Anjos, foi professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Formando-se também médico, clinicou durante algum tempo pelos sertões baianos, mas, em 1908, acompanhado do conde francês Aldolfovan Den Brule, especialista em mineralogia, viajou ao então povoado de Juazeiro, no sertão do Ceará, local onde, segundo se ouviu falar, existiriam preciosas minas. Logo a cercou-se de pessoas influentes do local, entre elas o padre Cícero Romão

anos antes, uma légua e meia de terreno na fronteira dos municípios de Milagres e Aurora. As terras do Sítio Coxá, local de disputa entre os vizinhos e que, segundo o Doutor Floro, por debaixo do mandiocal que brotava na superfície, existia uma fortuna incalculável pois, com base em amostras do terreno, a Fazenda Coxá estava encravada sobre uma imensa jazida de cobre. Cícero então toma a dianteira com a intencionalidade de adquirir tal terra, para que ela viesse a ser o patrimônio de uma futura diocese em Juazeiro, e se isso viesse a acontecer, sua reconciliação com a igreja se daria de uma forma mais simples e fácil.

A trama se desenrolou em meio a um cenário de violência, permeado por ameaças, confrontos armados e a presença de capangas, tanto ligados aos poderosos coronéis do Cariri quanto a Cícero e Floro. A contenda envolvendo a questão de Coxá resultou na queda de Cícero, que não conseguiu adquirir a mina desejada e, posteriormente, testemunhou o Crato se tornar a segunda sede episcopal do Ceará. No entanto, com a crescente realização das romarias e a chegada massiva de romeiros em Juazeiro, a cidade se tornou um importante centro no Cariri, mesmo contrariando as elites locais do Crato e o alto clero cearense. O rápido crescimento de Juazeiro levantou questões cruciais relacionadas à sua emancipação. O agravamento das tensões entre Juazeiro e Crato ocorreu em 1909, como relata Douglas Teixeira Monteiro:

[...] Resumindo-o pode-se dizer que originou uma acerbada polêmica entre jornais dos dois lugares e, da parte dos juazeirenses, o boicote econômico contra a cidade vizinha, bem como a recusa em pagar impostos. Repercutindo na Assembleia Estadual, que, formalmente, deveria decidir sobre o assunto, a questão aproximou-se perigosamente de uma luta armada, tendo sido enviado a Juazeiro um batalhão da polícia para “manter a ordem”. Apoiados em grande mobilização popular e contando com a ajuda de “coronéis”, de outras vilas, adversários do chefe político cratense, Cícero e Floro – este último, de modo ostensivo – levaram à frente o conflito, que veio a prolongar-se até 1911. Uma divisão interna no Crato (comerciantes, liderados pelo chefe político, contra grandes fazendeiros), somado aos temores da oligarquia dominante no Ceará, de perder suas bases políticas no sertão, deram ganho de causa a vila que, desde então, passou a ter condição de município autônomo. Como era de esperar, Cícero tornou-se o seu primeiro prefeito. (MONTEIRO, Douglas Teixeira, 2004: p. 55 – 56).

A contenda entre Juazeiro e Crato, entretanto, não foi facilmente resolvida. No ano de 1909 o coronel Antônio Luiz havia feito um acordo com o Padre Cícero de que a independência de Juazeiro seria discutida no ano seguinte, e para o azar de Cícero, este mesmo coronel detinha um estojo com os paninhos manchados de sangue que faziam com que Cícero ficasse numa situação angustiante, de tentar não romper politicamente com o coronel, devido ao medo do destino que levariam os paninhos sagrados. No entanto, um ano depois do acordo firmado, no

Batista, do qual se tornou orientador político e em que o padre depositava inteira confiança. Fonte: NETO, Lira, Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

dia 30 de julho de 1910, Juazeiro fervilhava no meio da tarde onde, de acordo com Lira Neto (2009), cerca de 15.000 pessoas se acotovelavam no comício na praça no centro de Juazeiro.

De acordo com Neto (2009), após o comício, o povo foi até a casa do Padre Cícero para pedir-lhe uma benção e ouvir sua palavra de apoio para o movimento de independência. Nas mãos a multidão trazia um panfleto que havia sido impresso na tipografia do jornal “O Rebate”, que detalhava os termos da declaração de independência de Juazeiro do Norte. Entre eles estavam: não mais reconhecer o coronel Antônio Luiz como seu chefe; não pagar impostos municipais à Câmara do Crato nem a nenhum cobrador ou representante dela; unirem-se todos para juntos trabalhar pela liberdade do Juazeiro; se o coronel Antônio Luiz entender que deve mandar cobrar os impostos municipais a custa das armas, reagir também pelas armas com todo o heroísmo, desde o maior ao menor, sacrificando a vida, o dinheiro e tudo que possa ter. E por último, o termo mais forte do panfleto: morrer ou vencer pela liberdade do Juazeiro.

Justo no momento em que Cícero percebia que iria encontrar dificuldade para rever a caixa com os paninhos, o movimento ganhava as ruas, e ele percebeu que ninguém mais deteria o povo de Juazeiro. Ainda de acordo com Neto (2009), no início da noite, uma multidão tinha tomado todas as ruas contíguas da casa do Padre, muitos subiram em árvores e nos telhados vizinhos para ter uma visão melhor quando Cícero aparecesse, até mesmo a banda de música local tocava hinos e dobrados. Logo alguém gritou: “viva ao Padre Cícero”, e a multidão respondia gritando: “viva!”. Todos aguardavam a orientação de Cícero, se acaso o coronel Antônio Luiz atacasse, o que eles deveriam fazer? A resposta de Cícero foi: “tenho fé em Deus e na Virgem Maria que ninguém vai querer mandar matar um povo que está apenas defendendo seu direito a liberdade.” (NETO, 2009, p. 318).

Os relatos da época dão conta que Antônio Luiz ordenou que um batalhão se dirigisse para Juazeiro com o objetivo de cobrar os impostos municipais atrasados e preparados para a luta. A orientação seria de que se alguém resistisse, deveria morrer. Entretanto, o batalhão não seguiu adiante, o que perceberam foi uma extrema desvantagem numérica, pois, em um confronto direto, não seriam páreos para a multidão que estava em Juazeiro com punhais, facas e pedaços de madeira. Dando mais fôlego ao movimento, no dia 3 de setembro de 1910, os coronéis de Barbalha, Milagres e Missão Velha declararam apoio ao Juazeiro. No dia 7 de setembro do mesmo ano, foi hasteada na praça central a bandeira de Juazeiro, o movimento de independência ganhara força, era quase imparável. Entretanto, logo no início de 1911, Cícero recebe uma mensagem anônima que dizia: “acabe discussão inútil na imprensa, o que você procura está em mão segura” (NETO, 2009, p. 322). Foi então que chegaram do Crato, no dia 18 de fevereiro, três homens para propor um acordo de paz, que eram Abdon Franca de Alencar,

presidente da Câmara do Crato, o comerciante Diógenes Frasão, e o doutor Pedro Gomes de Matos.

Depois de debaterem, firmaram um acordo em três pontos: primeiro, o Crato não iria mais se opor a elevação de Juazeiro como município, desde que os limites fossem traçados em acordo com os chefes dos dois locais; o segundo, que Juazeiro pagasse os impostos atrasados, além dos relativos ao ano de 1911; e o terceiro, que as acusações mútuas na imprensa se encerrassem. Poucos dias depois o coronel do Crato marcou um encontro secreto com Cícero em um pequeno casebre, sem testemunhas, onde ele havia devolvido a caixa com os panos sagrados.

Pela Lei 1028 de 22 de julho de 1911, votada e aprovada pela Assembleia Legislativa do Ceará, estava oficialmente criada a vila autônoma do Juazeiro. Ao norte, o Riacho dos Carneiros fazia a divisa do novo município com São Pedro. Ao sul, a Lagoa Seca marcava o limite com Barbalha. A oeste, o rio Carás servia de fronteira com Missão Velha. Ao leste, o Riacho São José representava a linha que separava Juazeiro do Crato. Era um dos menores municípios do sertão cearense, com apenas 224 quilômetros quadrados, cinco vezes menor que do que o tradicional vizinho de quem acabara de se emancipar. Mas havia pelo menos quatro pretendentes ao cargo de primeiro prefeito.

Como ocorre em todo movimento vitorioso, a questão que se impunha era definir quem tomaria posse dos despojos do conflito. A guerra não era mais contra o coronel Antônio Luiz Alves Pequeno. A batalha passara a ser interna, na qual cada um dos concorrentes procurava se mostrar mais digno da função do que o outro, por mérito ou por direito adquirido. Caberia a Cícero mediar uma saída para o caso, munido de um telegrama de Accioly, que o nomeava oficialmente chefe do PRC no novo município. Ao assinar a ficha de filiação partidária, o sacerdote acabava de transpor o último umbral em direção a política. (NETO, Lira, 2009, p. 327).

O conflito entre as lideranças do Juazeiro pela disputa da cadeira de primeiro prefeito gerou grandes atritos na mais nova cidade do Ceará. Um claro exemplo de uma inimizade adquirida a Cícero foi do Padre Alencar Peixoto, que quando o Padre Cícero não o apoiou em sua empreitada, chegou a escrever um dos livros mais agressivos contra o sacerdote. A obra, considerada um sacrilégio pelo mais ferrenhos seguidores do Padre Cícero, chegou a ser queimada em praça pública pois, nela, Peixoto chama o ex-amigo de uma espécie de “faraó do agreste”, nas palavras do próprio Alencar Peixoto, Cícero seria “rico, poderoso, com pretensões a Deus, explorador do povo e, como uma múmia egípcia, semeador de maldições, um homem funesto, que era a encarnação viva de Amon-Ra”.

Diante de tantos conflitos para serem mediados, e com vários pretendentes ao controle de Juazeiro, ele percebeu que entre os dois pretendentes mais fortes, que eram José André e Joaquim Bezerra, se ele escolhesse um lado, teria o outro como inimigo. E como se intitulava protetor daquele povo, era responsável para achar uma saída pacífica e eficiente. Foi então que

ele se viu acima das rivalidades, declarando-se como filho do Crato, mas pai de Juazeiro. Não havia o que discutir, em nome da pacificação geral, Cícero resolveu sentar na cadeira mais poderosa da cidade, tendo ao seu lado apoio do governador Accioly.

No dia de sua posse, Cícero já demonstrou que seria um político habilidoso, segundo os relatos da época, nunca se viu, nem jamais se voltaria a ver tantos coronéis quanto naquele dia de júbilo em Juazeiro. Cícero propôs uma reunião com os coronéis vizinhos, e lá estava, entre tantos outros, coronéis de Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Brejo Santo, Campos Sales, Crato, Jardim, Lavras, Milagres, Missão Velha, Porteiras, Quixará (mais tarde conhecida como Farias Brito), Santana do Cariri, São Pedro (atual Caririaçu) e Várzea Alegre. Cícero assumiu a presidência da mesa, onde, de acordo com Neto (2009), evocou a proteção de Deus e, em seguida, apresentou-se como representante do doutor Nogueira Accioly, donatário do Ceará, que, em Fortaleza, aguardava as decisões tomadas nessa reunião.

O primeiro objetivo de Cícero era mediar os conflitos internos entre os próprios coronéis, para que não se atacasse. Como mediador daquela reunião, Cícero sugeriu um documento comum impondo regras de convivência, que, a partir daquele momento, serviria de compêndio para as decisões locais. Em outras palavras, Cícero estabelecia um pacto de não-agressão, o que muitos acreditavam ser impossível, diante de conflitos tão brutais e antigos. Entre os artigos mais importantes do documentos estavam:

Artigo 1º: Nenhum chefe dispensará a proteção a criminosos do seu município, nem dará apoio aos dos municípios vizinhos; devendo, pelo contrário, ajudar na captura destes, de acordo com a moral e o direito. Artigo 2º: Nenhum chefe procurará depor outro chefe, seja qual for a hipótese. Artigo 3º: Havendo em qualquer dos municípios reações, ou mesmo tentativas contra o chefe, oficialmente reconhecido com fim de depô-lo ou de desprestigiar-lo, nenhum dos chefes dos outros municípios intervirá nem consentirá que os munícipes intervenham, ajudando, direta ou indiretamente, os autores da reação. Artigo 4º: Em casos tais, só poderá intervir por ordem do governo para manter o chefe, nunca para depor. Artigo 5º: Toda e qualquer contrariedade ou desinteligência entre os chefes será resolvida amigavelmente por um acordo, mas nunca por um acordo de tal ordem cujo resultado seja a deposição, a perda de autoridade ou de autonomia de um deles. (NETO, Lira, 2009, p. 334).

Dessa forma, Cícero se mostrava um engenhoso político, ao contrário do que alguns acreditavam, ao rotulá-lo de apenas um místico desvairado. Diante desse acordo, ele mostrava-se um homem do seu tempo, conseguiu amparar-se nas estruturas do próprio coronelismo para acomodar-se interesses rivais, o que, numa feliz comparação, Lira Neto (2009) chama de “algodão entre vidros, conciliando as autocracias rurais em nome da pacificação sertaneja”.

Ao assumir o cargo de prefeito de Juazeiro, Padre Cícero mergulhou de cabeça na intricada e turbulenta política do Cariri cearense. Segundo Braga (2007), esse intenso

envolvimento político foi uma estratégia encontrada por Cícero para fazer ecoar sua voz junto às altas instâncias da Igreja Católica, já que no âmbito religioso sua influência havia sido silenciada. No entanto, outros estudiosos como Della Cava (1970) apresentam uma perspectiva diferente do carismático líder cearense. Agora, sua batina arrastava-se pelo solo arenoso da política, conferindo-lhe o título de coronel, desempenhando o papel de primeiro prefeito de Juazeiro por quase duas décadas. A prefeitura seria, portanto, apenas um passo inicial, Cícero fez parte também da política estadual, e com grande estilo. No início de 1912, depois de dois mandatos consecutivos, Nogueira Accioly deveria deixar o cargo de presidente do estado e, para tanto, também se fazia necessário escolher um sucessor. A chapa proposta pelo líder cearense foi o octogenário desembargador José Domingos Carneiro, um homem idoso, quase senil, que mal conseguia andar, o que claramente expunha a intenção de Accioly de ter apenas uma marionete no Palácio da Luz.

Além disso, cada partido aliado do presidente do estado deveria indicar três vice-presidentes, que servia principalmente para ampliar os conchavos políticos no interior, e como líder de destaque no Cariri cearense, Cícero foi aclamado pela convenção do PRC como candidato do partido à terceira vice-presidência do Ceará. Além disso, a legislação da época permitia que ele continuasse a frente da prefeitura.

A candidatura oficial do velho desembargador domingos carvalho, em cuja chapa figurava o nome de Cícero, esfarelou-se no ar junto com o governo Accioly. Mesmo assim, por uma dessas circunstâncias que somente a política é capaz de explicar, um acordo de bastidores terminou por garantir a manutenção do nome de Cícero na terceira vice-presidência estadual. Foi um acerto de cúpula firmado no Rio de Janeiro com a benção do chefe nacional do PRC, o senador gaúcho Pinheiro Machado, considerado a época o homem mais poderoso da república e candidato declarado a sucessão de Hermes da Fonseca. (NETO, Lira, 2009, p. 342).

Rabelo venceu as eleições e, em 12 de julho de 1912, depois de um acordo, a assembleia homologou a chapa vitoriosa, mesmo sem o quórum legal de 16 deputados. Depois de 30 dias de sua posse, Franco Rabelo assinou a exoneração do Padre Cícero do cargo de prefeito de Juazeiro, em seu lugar, nomeou o comerciante José André. Obviamente, os romeiros e os moradores de Juazeiro mais fieis a Cícero iniciaram uma revolta e vários boicotes contra o comércio de José André. Tirar Cícero da prefeitura era, na visão do atual presidente do Ceará, um golpe mortal, principalmente caso houvessem pretensões políticas do sacerdote em almejar a cadeira rabelista.

Entretanto, José André declinou da prefeitura devido a pressão popular que foi submetida. Em seguida, Floro Bartolomeu criou um diretório de apoiadores de Franco Rabelo

na cidade de Juazeiro, na realidade, era apenas de fachada, pois, quem controlava a oposição era o próprio Floro, que detinha os dois lados do tabuleiro político. O diretório acabou indicando o nome do agropecuarista João Bezerra de Menezes que, em agosto de 1912, assumiu a prefeitura. Entretanto, quem guardava as chaves do cofre e do arquivo público da cidade era o próprio Floro Bartolomeu. E nem mesmo quando o governo estadual solicitou relatórios sobre a situação financeira da cidade, o prefeito não foi capaz de atender. Foi só então que Franco Rabelo entendeu que qualquer pessoa que indicasse para a prefeitura de Juazeiro estaria automaticamente sobre o controle de Cícero e de seus aliados mais ferrenhos.

O Governo do Estado então resolveu realizar um “saneamento moral” no cariri cearense na tentativa de minar a influência das oligarquias no interior. Franco Rabelo exonerou cada um dos chefes políticos que ainda apoiavam a família Accioly, como foi o caso do Crato, na qual depois, com 200 homens armados o coronel Antônio Luiz e colocou no lugar Chico de Brito. Contudo, a influência de Cícero no Cariri continuava quase intacta, e Cícero era visto ainda como um traidor rebelde, um inimigo que deveria ser abatido. Foi então que se soube que as tropas estaduais que estavam no Crato iriam seguir em direção a Juazeiro. E mesmo depois das cartas trocadas entre o sacerdote e o presidente do estado, a guerra que se aproximava era inevitável. Na mesma época, no Jornal Unitário de Fortaleza, o jornalista João Brígido chamou Juazeiro de “Cicerópolis” e sugeriu que Juazeiro fosse cercada e o Padre preso ou morto.

No interior, espalhou-se a notícia que a Terra Sagrada do *Padrinho Cícero* ia ser atacada, foi então que se viu migrações espontâneas de sertanejos e o aumento significativo de romarias em direção à Juazeiro do Norte, com a intenção de defender o patriarca sagrado. Entre as pessoas que iam, podiam contar-se beatos, jagunços, romeiros, famílias inteiras e um grande número de cangaceiros. Vendo isso, e utilizando-se do pretexto de acabar com o cangaço, a polícia estadual apertou o cerco nas estradas, efetuando prisões e disparos sem distinção entre romeiros e cangaceiros.

Entre os juazeirenses o clima era de absoluto sobressalto. Até mesmo romeiros estavam sendo mortos ao longo do caminho e trilhas que levavam a cidade. Os soldados encontravam-se excitados diante do prenuncio da guerra final. Os oficiais militares faziam apostas entre si. Qual deles teria a honra de decepar a cabeça do Padre Cícero Romão Batista, para depois leva-la fincada na lâmina de uma baioneta até Fortaleza? (NETO, Lira, 2009, p. 349).

Cícero pede ajuda ao palácio do Catete, mas sem sucesso. Lira Neto (2009) afirma que tal situação se dava pelo fato do presidente desde a morte de sua esposa em novembro de 1912

ele ficara alheio as questões políticas e administrativas. Quem dava as cartas era o senador gaúcho, Pinheiro Machado.

Já Floro Bartolomeu, viaja para o Rio de Janeiro, na tentativa de fazer contato com deputados e senadores cearenses que faziam oposição ao governo de Franco Rabelo. A estratégia de Floro e Pinheiro Machado seria de deflagrar um movimento no interior, abrindo em Juazeiro do Norte uma assembleia legislativa dissidente em oposição a oficial da capital, Fortaleza, para que o governo federal pudesse declarar intervenção no Estado e finalmente depor Franco Rabelo.

Assim que chegou a Juazeiro, Floro tratou de pôr os planos em prática, enviou cartas aos aliados em Fortaleza, para que rumassem o mais rápido possível para Juazeiro e lá finalmente, abrir uma assembleia legislativa dissidente. Os parlamentares, no entanto, alertaram ao aliado de Cícero que esperariam o recesso legislativo para que a saída de Fortaleza não fosse tão notada.

No dia 9 de dezembro já prevendo o conflito que se aproximava Floro, invade o destacamento de polícia da cidade junto com alguns jagunços para confiscar armas e munições. Ao saberem da ousada empreitada, os aliados rabelistas fogem de Juazeiro às pressas. Ao saber disso Franco Rabelo e Cícero trocaram diversos telegramas um acusando o outro de acabar com a ordem e a paz no interior do estado, Floro Bartolomeu disse a Cícero que assumiria toda a responsabilidade do movimento que ele deveria apenas seguir sua vida rezando e abençoando os romeiros.

Em vez de ficar em casa rezando como lhe recomendara Floro Bartolomeu, Cícero precisou agir. No dia anterior, durante a habitual benção vespertina aos fiéis, na janela de casa, ele conclamou o povo a defender Juazeiro. Explicou que o governo estadual estava enviando armas modernas e centenas de soldados para trucidá-los. Quando chegassem, iriam querer destruir a casa deles, a igreja, quem sabe até quebrar a imagem de Nossa Senhora das Dores que estava no altar. Iam pôr fogo nos roçados, derrubar portas, violar suas mulheres, profanar a Terra Santa. Para evitar aquela injúria dos infernos, Cícero afirmou que todos teriam de dar sua cota de colaboração na resistência que o doutor Floro estava preparando. Nenhum amiguinho podia fugir a responsabilidade perante tamanha afronta ao povo simples de Deus. (NETO, Lira, 2009, p. 361).

O plano de Cícero era o seguinte, assim que os despontasse no horizonte, todos deveriam se reunir na praça em frente à igreja. Deveriam estar preparados e com todas as ferramentas que pudessem encontrar que servissem ou ajudassem a cavar uma trincheira. Assim foi feito no dia 15 de dezembro os juazeirenses junto aos romeiros, cangaceiros e imigrantes voluntários, iniciaram a tarefa de cavar ao redor da cidade de Cícero uma enorme trincheira, que o padre batizaria de Círculo da Mãe de Deus.

Aos primeiros raios de sol do dia 15 de dezembro, conforme prescrevera o Padre, a multidão de juazeirenses estavam apostos com ferramentas diante da igreja. Durante seis dias ininterruptos, debaixo de sol e chuva, pelas manhãs, tardes, noites e madrugadas, rezando ave-marias, pai-nossos e cantando benditos. A população inteira da cidade se entregou a tarefa. Os homens cavavam a terra. Mulheres e crianças transportavam areias em baldes e panelas, para depois empilha-las em montes de dois metros de altura, bem contíguos as valas que iam sendo abertas, formando uma inexpugnável trincheira. Naqueles morros gigantescos de areia fresca, eram introduzidos tubos de metal, por onde se poderia enfiar o cano de rifles em direção ao inimigo. Na falta de pás e enxadas para todos os braços, muitos ajudavam a revolver o solo com o que estava mais a mão, como machados e facões. As crianças menores e algumas beatas acudiam raspando o chão até mesmo com garfos e colheres trazidas da cozinha de casa.

O grande fosso de 9 quilômetros de extensão, com 8 metros de largura e alguns locais com até 5 metros de profundidade ficou praticamente pronto ao fim do sexto dia de trabalho. A malha central do Juazeiro estava protegida pela trincheira que serpenteava terreno adentro, até alcançar a Serra do Catolé, em volta da casa do Padre, no alto da colina, erguia-se uma poderosa muralha de pedra. Era, sem dúvida, uma obra engenhosa, extraordinária do ponto de vista de engenharia militar, principalmente se levados em conta o tempo exíguo e as ferramentas precárias com que foi construída. Cícero abençoou o grande valado e resolveu batiza-lo com um nome que fizesse jus a fé com que fora edificado. Aquele não era apenas um fosso descomunal e uma imensa trincheira que passara a envolver defensivamente o Juazeiro. Era, nomeou Cícero, o ‘Círculo da Mãe de Deus’. (NETO, Lira, 2009, p. 363).

Seguro que receberia o apoio popular dos moradores da capital, Franco Rabelo resolveu enviar todo o efetivo policial da cidade para acabar de vez com o fanatismo e a loucura de Cícero no Cariri. O medo principal do opositor era que Cícero conseguisse fazer em Juazeiro o que Antônio Conselheiro fez em Canudos, na Bahia. Enquanto os soldados se aproximavam da cidade, Cícero recomendou aos fiéis que rezassem, aos pais de família recomendou que defendessem a honra do seu lar com a própria vida. Às donzelas e beatas orientou que fizessem de tudo para impedir que seus corpos fossem profanados, nem que, para isso, atuassem fogo no próprio corpo, pois assim, morreriam como mártires. Cícero explicou ainda que o Círculo da Mãe de Deus protegia Juazeiro, mas que não seria uma tarefa fácil, recomendou que rezassem em voz alta 33 mil pai-nossos e recitassem a reza forte ao Sagrado Coração de Jesus, depois, deveriam confessar os pecados a Deus e enfrentar a guerra.

No dia 20 de dezembro a guerra começou às duas da tarde, as tropas comandadas pelo coronel Alípio de Lima Barros foram surpreendidas pela imensa trincheira que protegia Juazeiro. Sua tropa, sem conseguir enxergar o oponente, atirava a esmo, enquanto eram alvejadas pelos juazeirenses, fato que fez muitos soldados saírem em debandada para o matagal por medo de enfrentar o poderio militar inusitado que havia surgido em Juazeiro. Às cinco da tarde, ele percebeu que não conseguiu avançar um único centímetro de sua posição, e havia perdido cerca de 25 mil cartuchos de munição e mais de 80 baixas em seu exército, enquanto

Juazeiro não havia registrado nenhuma morte. À noite, houve registro de inúmeras deserções, inclusive as de alguns soldados que resolveram lutar ao lado de Cícero.

Diante da resistência que se erguia em Juazeiro, a população de Fortaleza foi convocada para ajudar a colocar um fim no levante do Cariri. O comerciante Emílio Sá, dono de uma padaria no centro da cidade, solicitou que cada cidadão vasculhasse os bolsos e depositassem moedinhas em caixas espalhadas por toda Fortaleza. Não interessava a eles dinheiro em papel, apenas moedas, a população aderiu a mobilização. O objetivo era enviar as moedas para serem derretidas a fim de produzir um canhão de bronze de cerca de meio metro de altura, com a qual as trincheiras de Juazeiro seriam explodidas. Além disso, ele detinha a função de bombardear as duas torres da Capela de Nossa Senhora das Dores. Assim foi feito, o canhão foi enviado para Juazeiro, e depois de muitas dificuldades no transporte da pesada arma, ele foi posicionado diante da trincheira e iniciou sua função devastadora.

Antes de bombardear Juazeiro com o canhão, Franco Rabelo ordenou ao Major Ladislau que efetuasse um cerco para que Juazeiro fosse sufocado, bloqueando as principais vias de acesso a cidade. Além da guerra que se apresentava diante de Cícero, a beata Maria de Araújo, a mesma do milagre da hóstia, que vivia reclusa, por orientação da Igreja Católica e recomendação de Cícero, padecia em agonia devido a problemas de saúde. E, no meio da guerra, ela faleceu.

Os lamentos e cânticos pela alma de Maria de Araújo foram interrompidos por um estrondo pavoroso, que sacudiu até mesmo as folhas das árvores, era o canhão em ação. Era ensurdecedor o barulho. Os romeiros mais ferrenhos contam que Cícero teria ido até a trincheira mais próxima ao inimigo, batido seu cajado no chão e dado a sentença de que o canhão jamais atingiria Juazeiro. E, apesar do imenso barulho, as balas não conseguiam atingir as trincheiras, sendo alvo de balbúrdia e zombaria por parte dos juazeirenses.

Em 21 de janeiro de 1914, após pouco mais de uma semana de cerco, já em desespero, Ladislau ordenou o avanço de uma coluna de soldados, reforçados pela guarda cívica e dezenas de cabras cedidas por coronéis rabelistas, e por cerca de 20 sentenciados da justiça que haviam sido libertos em troca do engajamento no conflito. Do outro lado da trincheira, Floro ordenou que ninguém revidasse, e que ficassem em silêncio, para que a munição inimiga fosse gasta inutilmente. Na madrugada do dia 22 veio a ordem de Franco Rabelo para avançar, os soldados escalaram as trincheiras e a tiros quase a queima roupa, debandaram toda a tropa rabelista aos gritos de “viva o *Padim Ciço!*” Fugindo para Barbalha, às onze da manhã, o Major Ladislau subiu na calçada mais elevada e proclamou: “camaradas, é triste confessar, mas o Padre Cícero ganhou a guerra”, e continuou, dando o último conselho: “Deus é grande, o Padre Cícero é

maior. Mas o mato é maior ainda do que os dois juntos. Cada um cuide de si e ganhe o matagal.” (NETO, 2009).

Um dia depois, 23 de janeiro, sexta-feira, Floro Bartolomeu pegou Cícero pelo braço e o conduziu até a janela. Lá fora os jagunços, beatos, cabras e cangaceiros vitoriosos se ajoelharam em referência ao sacerdote. Vinham pedir-lhe a benção antes de partir para a missão que o doutor encomendara. Floro decidira que não ficariam mais na defensiva, esperando que o governo estadual arranjasse meios de enviar mais uma expedição de guerra. Não cometeria o mesmo erro de Antônio Conselheiro. Não se deixariam sitiarem novamente. Não mais sofreriam com a falta de comida. O Juazeiro partiria para a ofensiva. Estava decidido. Iriam atacar o Crato. Cícero fez o sinal da cruz. (NETO, Lira, 2009, p. 379).

Com a benção de Cícero, eles partiram, ajudados pelos comandantes Zé Terto, Zé Pedro e Manuel de Chiquinha, eles conquistaram a cidade do Crato. Depois, a cidade de Barbalha. E, a cada conquista, eles saqueavam a localidade. Depois invadiram os municípios caririenses de Jardim e Missão Velha. Em seguida, Lavras, Jucás, Iguatu, Piquet Carneiro, Senador Pompeu, Quixeramobim, Quixadá, Baturité, Maranguape, Messejana, Maracanaú e Caucaia. O caminho levava para Fortaleza, e as cidades não conseguiam fazer frente ao exército de Floro Bartolomeu e Cícero. Fortaleza já estava cercada, pois as cidades vizinhas já haviam caído nas mãos dos revoltosos, em caso de fuga restava apenas a saída pelo mar.

Antes que Floro ordenasse a invasão de Fortaleza, Cícero recebeu a notícia no dia 14 de março que finalmente o Governo Federal decretava intervenção no Estado do Ceará e determinava a exoneração de Franco Rabelo. O coronel Setembrino de Carvalho foi nomeado interventor. Já de posse das prerrogativas do cargo, enviou um telegrama a Juazeiro, em que convidava o Padre Cícero para a capital, onde seria recebido como líder da revolução vitoriosa, sendo reconduzido ao cargo de primeiro vice-presidente do Estado do Ceará.

Além de ocupar o cargo de vice-presidente da província do Ceará. Embora, devido à sua avançada idade, não tenha exercido o mandato de deputado federal, Cícero foi eleito para essa posição anos depois da sedição de Juazeiro.

O crepúsculo do ídolo: Juazeiro e a sinfonia do luto

Lira Neto (2009) dá conta de que o Padre Cícero, mesmo após uma cirurgia de catarata, não conseguia enxergar com o olho esquerdo, e do outro, estava praticamente cego, distinguindo apenas imagens difusas. Esforçava-se para permanecer alguns minutos na sala de sua casa, mas logo depois, se recolhia em seus aposentos, onde permanecia deprimido em sua rede. Alguns dizem que esse estado depressivo de Cícero tinha vários motivos para além de sua

doença, pois, no dia 22 de setembro de 1930, o túmulo de Maria de Araújo foi violado e seus restos mortais desapareceram para sempre, e em setembro de 1932, o retrato oficial de Cícero é tirado do prédio da prefeitura a mando do interventor nomeado por Getúlio Vargas.

No dia 18 de julho de 1934, uma junta médica que atendia Padre Cícero, lideradas pelo doutor Mozart Cardoso de Alencar, havia constatado que o aparelho digestivo de Cícero parara completamente de funcionar, seu ventre, completamente dilatado e enrijecido não reagia aos remédios que lhe eram aplicados. Cícero apenas se contorcia de dor em sua cama. Na tentativa de aliviá-lo, foi lhe aplicado uma injeção de óleo canforado, à base de azeite de oliva, que era utilizado para levantar pacientes em estado terminal. Mas, Cícero não reagiu, “sobrevieram apenas novos acessos de vômito, agora com odor nauseabundo. Cícero começava a expelir material fecal pela boca” (NETO, 2009, p. 505).

Sem conseguir eliminar as toxinas do seu corpo, Cícero as reabsorvia, e foi submetido a diversas sessões de lavagens gastrointestinais, e implorava: “Mozart, tire essa dor de mim, por Nosso Senhor Jesus Cristo, tire essa dor de mim”. Na noite do dia 19, ele ainda conseguia falar por gemidos, e perguntou: “Mozart, você ainda tem esperanças?”. Na manhã do dia 20 de julho de 1934, depois de todos haverem varado a madrugada com o rosário nas mãos, romeiros e devotos ajoelhados no calçamento diante de centenas de velas espalhadas pelas ruas. Cícero traçou três cruzeiros no ar, balbuciou que no céu iria rogar à Deus por todos os romeiros, entrou em agonia e, às seis e quarenta da manhã, o *Padrim Cícero*, patriarca de Juazeiro, estava morto.

Parece uma ironia do destino que o desfecho dessa história tenha sido a morte do santo de Juazeiro. No entanto, é exatamente o oposto. Foi por meio de sua morte que todas as portas se abriram. Após seu falecimento, Juazeiro ganhou uma força irresistível, expandindo-se cada vez mais pelo sertão adentro e alcançando todo o estado do Ceará. O nome de Cícero ecoou por todo o Brasil e até mesmo além das fronteiras. Sua morte tornou-se o epicentro das grandiosas romarias em direção à Meca do Sertão, desafiando até mesmo a visão da elite local. Mas para compreender o período pós-morte de Cícero, devemos recorrer ao relato de Antônio Mendes Braga, que se baseia na carta de Amália de Oliveira (2001: p. 358 – 362). Amália foi testemunha ocular dos eventos e narra aos seus parentes os detalhes do falecimento de Cícero.

Desde a manhã do dia anterior, Padre Cícero convalescia em sua cama. Ao final da tarde, seu quadro clínico havia piorado consideravelmente. Eram duas horas da manhã do novo dia. Naquele momento a dor não o incomodava. Dr. Mozart, seu médico, havia lhe dado uma injeção de morfina. Porém, pouco tempo depois, o efeito da droga tinha passado. E o sofrimento físico voltara com intensidade. Ele pediu mais algum remédio para aliviar a dor, mas o médico confessou que já não havia mais nada a fazer. Já tinha passado das cinco horas da manhã, quando ficou claro que aqueles seriam os últimos minutos de vida do Padre.

Pouco depois, já quase sem forças, Pe. Cícero levantou o braço, e traçou três cruzeiras para todos os lados, abençoando o povo do Juazeiro e seus romeiros. Terminada a bênção, deram-lhe um crucifixo e uma vela, ele abraçou crucificado, e perguntou baixinho pela beata Mocinha: “Joana?”, a beata respondeu, disse que estava ali, ao seu lado. Pe. Cícero virou-se para ela, apertou sua mão e, falou: “No céu pedirei a Deus por vocês todos”. Fora sua última frase perfeitamente audível, para tudo mais quase sem forças respondia: “Nada, nada, nada...”. Já não sentia mais, não precisava de mais nada. A beata Bichinha aproximou-se para se despedir. O Padre virou-se para ela, mas seus olhos já estavam embaçados, seus sussurros já eram quase incompreensíveis. Parecia dizer “Meu Pai, Meu Pai”. Sua respiração foi diminuindo, diminuindo, diminuindo... Eram seis horas da manhã do dia vinte de julho de 1934 quando deu seu último suspiro, seus olhos se fecharam. Padre Cícero morreu. (BRAGA, 2007: p. 354 – 355).

Do ponto de vista científico e natural, a morte seria o ponto final, mas, como em tudo na vida de Cícero se fez excesso e extrapolou as margens das letras e das narrativas convencionais, o Padre Cícero extrapolou a vida, sua morte configurou-se não em um ponto final, mas no início de várias histórias. Desde o momento da sua morte, Juazeiro mergulhou numa comoção geral, hinos, benditos e orações foram elaboradas justamente depois de sua morte, pois, de acordo com seus romeiros, aqueles que pensavam que Padre Cícero após a morte teria abandonado sua cidade, estavam enganados, na sua crença, Padre Cícero apenas migrou, e aqueles romeiros que antes iam para encontra-lo com vida e pedir conselhos, não tiveram sua motivação diminuída, já que agora vão em busca de milagres e de conforto e, ao pedir a bênção do patriarca, têm a certeza de que ele destina uma atenção especial para sua estimada cidade e para os seus fiéis romeiros.

Após a morte de Cícero, o imaginário local tornou-se extremamente fértil. Pode-se perceber isso claramente na cena que se seguiu ao falecimento do padre na cidade de Juazeiro. A notícia se espalhou rapidamente, e um clima de tristeza e comoção profunda tomou conta das pessoas. O corpo de Padre Cícero foi colocado em sua sala, e todos ansiavam por tocá-lo. Choros, lamentos e gritos de dor ressoavam por toda parte. A pequena casa já não comportava a multidão que se aglomerava ao redor. Segundo relatos da época, Juazeiro se transformou em um verdadeiro tumulto, com pessoas vindas de todas as partes se empurrando na frente de sua residência. Em meio a esse caos, alguém teve a ideia de colocar o caixão na janela. Esses mesmos relatos contam que, devido à posição quase vertical do caixão, houve quem chegasse a exclamar: "Meu Padre Cícero está vivo, meu padrinho está vivo, ele retornou!" No entanto, essa euforia não durou muito tempo.

Acordei pelo tropel de gente que corria pela rua. Fiquei sem saber a que atribuir aquelas carreiras insólitas. Quando cheguei a janela tive a impressão de que alguma coisa de monstruosa ocorrera na cidade. Que espetáculo horrível, esse de milhares de pessoas alucinadas, correndo pelas ruas afora, chorando, gritando, arrependendo-

se... foi então que se soube... o Padre Cícero falecera... eu, sem ser fanático, senti uma vontade louca de chorar, de sair aos gritos como toda aquela gente, em direção a casa desse homem, que não teve igual em bondade e nem teve igual em ser caluniado. (Lourival de Melo Marques, citado por Edmar Morel).

O corpo de Padre Cícero permaneceu exposto em vigília desde a manhã da sexta-feira, dia 20 de julho, até a manhã do sábado. É difícil mensurar o tamanho da comoção que tomou conta de Juazeiro nesse período. Até hoje, no dia 20 de cada mês, celebra-se uma missa em homenagem ao Padre Cícero, e a comoção é generalizada, lembrando sempre o que aconteceu naquele dia. Segundo Diniz (1935), os romeiros expressavam angústia e tristeza: "*Meu Padim Cicho* morreu! Minha Nossa Senhora das Dores! Ai! O que será de mim?". Os relatos também mencionam que o telégrafo da cidade não parou um segundo sequer, a notícia se espalhou por todo o Brasil. Juazeiro foi inundada por uma multidão de pessoas a pé, de carro, a cavalo e de caminhão. Alguns falam em 30 mil pessoas, outros em 60 mil e há quem mencione 80 mil. Era como se o tamanho de Juazeiro tivesse sido duplicado.

Nesse mesmo clima, às sete horas da manhã, no sábado, iniciou-se o cortejo do enterro o Padre Cícero⁷, o corpo deveria sair de sua residência e ir até a Capela do Socorro, onde seria sepultado seu caixão, ao sair de sua casa, foi erguido nos braços do povo e, mais uma vez, a confusão foi generalizada, todos queriam tocar em seu caixão, todos queriam se aproximar, um grupo de legionários⁸ protegia o féretro e, ao entrar na igreja, o choro foi quase que ensurdecedor. Todos concordam que aquele cortejo, foi sem precedentes na história do Cariri, todo o evento durou cerca de uma hora e meia, depois de feito os ritos fúnebres, o corpo foi colocado na tumba dentro da igreja, e ali jazia, na Capela do Socorro de Juazeiro do Norte, o Padre Cícero Romão Batista.

⁷ Para elaborar esta cena, e a próxima cena, foram necessários dois textos, o de Diniz (1935, p. 164-170) e o de Della Cava (1985, p. 310-312).

⁸ Os Legionários de Cristo foram uma congregação religiosa fundada pelo padre Marcial Maciel em 1941, no México. Em Juazeiro do Norte, a presença dos Legionários de Cristo foi marcante e desempenharam um papel importante na disseminação da devoção ao Padre Cícero. Os Legionários de Cristo eram conhecidos por sua atuação missionária e por promoverem a formação religiosa, especialmente entre os jovens. Eles foram responsáveis por estabelecer escolas, colégios e seminários em Juazeiro do Norte, onde ofereciam educação e instrução religiosa aos moradores da região. Além disso, os Legionários de Cristo organizavam retiros espirituais, missões populares e outras atividades pastorais. Sob a liderança dos Legionários de Cristo, a devoção ao Padre Cícero cresceu ainda mais, atraindo um grande número de fiéis e romeiros para Juazeiro do Norte. Eles contribuíram para fortalecer a imagem e o legado do Padre Cícero, difundindo sua mensagem e promovendo a devoção popular. É importante ressaltar que, ao longo dos anos, os Legionários de Cristo estiveram envolvidos em controvérsias e escândalos relacionados ao seu fundador, Marcial Maciel, que foi acusado de condutas inapropriadas. Esses acontecimentos abalaram a imagem da congregação e levaram a uma reavaliação de suas práticas e estrutura. No entanto, é preciso separar as ações individuais de Maciel das atividades desenvolvidas pelos Legionários de Cristo em Juazeiro do Norte. Os legionários locais desempenharam um papel significativo na vida religiosa da cidade, contribuindo para a devoção ao Padre Cícero e para o crescimento espiritual da comunidade.

Mas como em tudo que envolve Cícero e a cidade de Juazeiro extrapola a normalidade e se faz em excesso, pois, Juazeiro habita no que é maravilhoso, seus conceitos são fortemente marcados pelo misticismo, entendendo então Juazeiro como espaço liso⁹. Algumas narrativas dão conta de um evento ainda mais extraordinário, mesmo após sua morte, eventos fazem com que o imaginário popular se torne ainda mais fértil, sendo levados a pensar novamente sobre o lugar de Juazeiro na sua geografia como uma Terra Santa¹⁰ e os seus eventos como repetições dos eventos e sinais bíblicos. Padre Cícero, mesmo após a sua morte, trouxe sinais quase que proféticos, como que extraídos da bíblia sagrada, por exemplo, a narrativa coletada por Candance Slater:

No dia que meu padrinho mudou-se (morreu) o Senhor Bispo veio do Crato com os empregados dele para levar o corpo daqui. Chegou lá por meia-noite para ninguém ver... ainda me lembro daquele dia do enterro que era tão triste, tão triste. (...) Pois, então só depois do enterro, quando as pessoas já tinham saído é que o Senhor Bispo veio roubar o corpo dele. Mas não podia, pois não tinha nada para levar. Quando ele abriu o caixão, só tinha um monte de rosas. (SLATER, 1986, p. 250).

Primeiramente, surge uma pergunta intrigante: por que o bispo teria ido até Juazeiro para roubar o corpo de Cícero? As verdadeiras intenções dele ainda são desconhecidas, apenas existem suposições. Era evidente o receio por parte desse líder religioso em relação aos acontecimentos em Juazeiro, o medo de que o corpo de Cícero se tornasse objeto de veneração pelos devotos, mesmo com a excomunhão oficial da Igreja. Além disso, o homem em questão representava uma ameaça ao poder hierárquico da Igreja Católica, já que as instâncias eclesiais não conseguiram deter a devoção do povo. Mesmo assim, o corpo de Cícero permanecia sepultado na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Lira Neto atribuiu esse fato à influência da igreja, especialmente ao Núncio Apostólico do Brasil, Dom Benedetto

⁹ De acordo com Deleuze, o espaço liso é um espaço sem limites, sem demarcações fixas e contínuas. É um espaço aberto, fluido e permeável, onde as linhas e as formas não são estáticas. O espaço liso é caracterizado pela multiplicidade, pela fluidez das conexões e pela ausência de hierarquias.

Por outro lado, o espaço estriado é o oposto do espaço liso. Ele é marcado por limites, divisões e estruturas fixas. É um espaço organizado, onde as linhas são definidas e as formas são delimitadas. O espaço estriado é caracterizado pela segmentação, pela ordem e pela hierarquia. Pode-se pensar em exemplos concretos desses espaços. O espaço liso pode ser comparado a um deserto, onde não há divisões claras entre as áreas, e as linhas e formas se transformam constantemente. Já o espaço estriado pode ser associado a uma cidade, com suas ruas, avenidas e lotes bem delimitados. Esses conceitos não são estáticos, mas sim ferramentas para entendermos as diferentes dinâmicas e organizações espaciais. O espaço liso e o espaço estriado não são mutuamente exclusivos, pois muitas vezes coexistem e se entrelaçam em diferentes contextos. É importante ressaltar que Deleuze utiliza esses conceitos não apenas para analisar o espaço físico, mas também como metáforas para pensar em outros campos, como o social, o político e o cultural.

Em suma, o espaço liso e o espaço estriado nos convidam a refletir sobre as formas como o espaço é estruturado, dividido e experimentado, e como essas configurações influenciam nossas vidas e interações.

¹⁰ Refiro-me aqui a geografia sagrada da cidade de Juazeiro e da sua associação feita pelos devotos com a cidade de Jerusalém, tratarei disso mais à frente.

Aloisi Masela, que solicitou uma doação para a instituição. Segundo Neto (2009), Cícero aceitou o pedido, deixando uma quantia considerável de 340 contos de réis em dinheiro e propriedades para a Igreja, na esperança de uma reconciliação. No entanto, essa reconciliação não ocorreu, pelo menos até 13 de dezembro de 2015, quando o Papa Francisco a concretizou.

Como mencionado anteriormente, as semelhanças com as narrativas bíblicas são notáveis. O fato de Padre Cícero ter falecido numa sexta-feira fez com que seus devotos associassem sua morte à de Cristo, e o suposto desaparecimento de seu corpo no sábado estabelece uma clara relação com os relatos bíblicos da ressurreição de Jesus, descritos em Mateus 28; Marcos 16; Lucas 24 e João 20. Devido a essa crença e a esse evento extraordinário, alguns romeiros mais antigos cultivam a superstição de que Padre Cícero não morreu, e que continua vivo, protegendo Juazeiro.

Contrariando as expectativas de seus inimigos políticos e das autoridades eclesiásticas que se opunham ao Padre Cícero, sua memória continua a atrair centenas de milhares de fiéis mesmo após sua morte. Nas datas significativas como 20 de julho, em que é celebrado o falecimento do Padre Cícero, no mês de setembro durante a festa de Nossa Senhora das Dores, e em 2 de fevereiro, na festa de Nossa Senhora das Candeias, Juazeiro se agita intensamente, com devotos vindos de todas as partes do país preenchendo o árido solo do Cariri. São as crenças arraigadas nos rituais dos romeiros e nas tradições inventadas que mantêm viva a memória do Padre Cícero em Juazeiro. Assim, Juazeiro se torna um lugar sagrado pela presença especial desses rituais dos devotos, que se materializam na cidade por meio de suas práticas religiosas.

Rituais e mitos: Juazeiro nas sombras do tempo

Quando os véus da rotina se dissipam, revela-se uma dança ancestral. Os mitos e rituais, imateriais e intangíveis, tecem suas tramas sutis, entrelaçando-se ao cotidiano como fios invisíveis que guiam nossos passos. É como se, por entre as sombras do tempo, as histórias antigas e as cerimônias perdidas se materializassem, sussurrando segredos e mistérios.

No fluir da vida ordinária, há uma pulsação silenciosa que ecoa a memória ancestral. Os mitos são mais do que narrativas do passado; são encruzilhadas que nos convidam a refletir sobre nossos próprios enredos, trazendo à tona verdades universais entrelaçadas em nossas experiências individuais. São espelhos que nos revelam em suas personagens, arquétipos¹¹ que

¹¹ Para Jung, os arquétipos representam padrões primordiais de pensamento, emoção e comportamento, que têm sido transmitidos através das gerações e estão presentes em mitos, contos de fadas, religiões e manifestações

ecoam em nossas almas. Os rituais, por sua vez, são os elos tangíveis entre o mundo profano e o sagrado. São pausas no tecido do tempo, momentos em que adentramos o sagrado para celebrar, honrar ou transformar. Através de gestos coreografados, palavras entoadas e símbolos transmutados, mergulhamos na essência do divino que permeia o nosso ser e o cosmos que nos cerca.

Em meio aos afazeres cotidianos, emergem pequenas cerimônias que passam despercebidas aos olhos desatentos. O acender da vela ao entardecer, a oração murmurada ao despertar, o abraço apertado que tece laços invisíveis. São esses pequenos rituais que enchem nossos dias com significado, infundindo-os de uma sacralidade íntima e transformadora.

Como filhos e filhas do tempo, somos chamados a dançar com os mitos e a tecer nossos próprios rituais. Em cada história, há uma jornada a ser trilhada, um chamado a ser atendido. Nos arquétipos, encontramos espelhos para nossas buscas mais profundas, revelando nossa essência e desvelando caminhos. Assim, nas entranhas do cotidiano, os mitos e rituais se incorporam. Eles nos lembram que somos parte de uma teia cósmica, conectados a todas as eras e a todos os seres. Ao mergulhar nessas águas míticas, abraçamos a eternidade em cada momento efêmero, e a vida se transforma em uma dança sagrada, onde o ordinário se entrelaça com o extraordinário.

De acordo com Castelo Branco (2005), o mito tem como principal função “[...] revelar os modos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria”, ele acrescenta:

[...] ele revela modelos significativos numa dada sociedade, que devem ser seguidos pelos mais jovens, para manterem as tradições passadas, repetindo rituais e práticas que seus antepassados fizeram. Daí uma necessidade de uma sacralização da realidade para garantir a repetição da atmosfera mítica, sobrenatural, em que os mitos são

culturais ao redor do mundo. Eles são formas arcaicas e irredutíveis que expressam experiências e padrões recorrentes da condição humana. Jung identificou diversos arquétipos, como o Herói, a Mãe, o Pai, o *Trickster*, a Sombra, o Self, entre outros. Cada arquétipo carrega consigo um conjunto de características, símbolos e significados que são reconhecíveis e comuns a todos. Eles funcionam como moldes ou modelos que influenciam nosso pensamento, nossas emoções e nosso comportamento, moldando nossa percepção do mundo e nossa relação com ele. É importante ressaltar que os arquétipos não são personificações literais ou entidades concretas, mas sim representações simbólicas de forças psíquicas e energias arquetípicas. Eles se manifestam através de imagens, sonhos, fantasias e influenciam nossos processos de individuação e autoconhecimento. Jung acreditava que entrar em contato consciente com os arquétipos e integrá-los de maneira saudável é essencial para o desenvolvimento pessoal e a busca pela totalidade psíquica. Reconhecer e trabalhar com esses padrões arquetípicos pode nos ajudar a compreender melhor a nós mesmos, a lidar com os desafios da vida e a explorar nosso potencial criativo e espiritual.

Em suma, os arquétipos, segundo Jung, são expressões primordiais e universais da psique humana, representando padrões simbólicos que nos conectam às profundezas do inconsciente coletivo. Eles desempenham um papel crucial na formação de nossa identidade, na compreensão do mundo e na jornada rumo à individuação e autorrealização. Sobre arquétipos ver: JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.

revelados em cerimônias sagradas ou em rituais de passagem. É através do poder dos ritos que os mitos se repetem, reatualizando-se, tornando-se vivos novamente e dinâmicos. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 28).

Esse aporte conceitual é de valor considerável para a reflexão sobre a construção e a relação entre o Padre Cícero e a cidade de Juazeiro e como esta afeta o imaginário dos romeiros. Desde o dia do seu nascimento, de acordo com as narrativas populares, a história de Cícero foi se formando através de uma atmosfera mítica em torno do seu nome, santificando-o, heroicizando-o e cultuando a sua trajetória. No imaginário coletivo, ele já santificado pelo povo, “obrava milagres”, “tinha uma relação mais próxima com a Virgem Maria”, “era capaz de prever o futuro através dos seus sonhos-visões” e seu espírito até hoje é bastante invocado para resolver questões terrenas.

No seio desse contexto mitológico, o Padre Cícero ergue-se como uma figura de proeminência transcendente, entrelaçando-se de maneira indissociável à cidade de Juazeiro do Norte. É como se, ao adentrar os limites geográficos daquela terra sagrada, um portal para o sobrenatural se abrisse, permitindo que a presença do Padre Cícero se manifeste de forma tangível.

Sua história, tecida por narrativas populares e enraizada na fé do povo, ganha contornos de heroísmo e divindade. Os milagres atribuídos a ele são testemunhos vivos da devoção que o cerca. O Padre Cícero, santificado pelo próprio povo, transcende as fronteiras do ordinário e se torna um intercessor celeste, capaz de tocar a esfera divina e intervir nos assuntos terrenos.

Nesse cenário místico, Juazeiro do Norte se transforma em um centro de peregrinação, onde os romeiros chegam em busca de redenção, esperança e solução para seus dilemas cotidianos. A cidade torna-se um espaço sagrado, impregnado de simbolismo e energia espiritual. É lá que os fiéis encontram acolhimento, participam de rituais e estabelecem uma conexão única com o sagrado. A relação simbiótica entre Padre Cícero e Juazeiro do Norte ecoa na alma dos romeiros, moldando suas crenças, suas práticas religiosas e seu senso de identidade. O imaginário coletivo se alimenta das histórias, dos milagres e dos ensinamentos do Padre Cícero, formando uma tapeçaria cultural que une o sagrado e o profano, o terreno e o divino.

Padre Cícero, mesmo em vida, alcança a santificação nos corações ardorosos daqueles que o conheceram. No entanto, é após sua partida que essa santidade se fortalece de maneira avassaladora, levando-o a ser cultuado como um santo. Anualmente, nas celebrações emblemáticas, como no dia 20 de julho, essa devoção é renovada através de uma variedade de rituais, reafirmando a vontade do povo de vê-lo nos altares.

A busca pela legitimidade dessa veneração transcende os anos, e a Igreja Católica, diante da imensa magnitude desse movimento, revoga uma de suas práticas mais rigorosas: a excomunhão do Padre Cícero. A excomunhão, um ato que, na linguagem católica, representa a exclusão da graça divina e a condenação eterna, é desfeita pela vontade popular dos romeiros e pelo esplendor com que ergueram a cidade de Juazeiro e sua fé.

Essa mudança de postura da igreja em relação a Padre Cícero permite que o processo de canonização seja iniciado pela diocese de Juazeiro do Norte, que anteriormente o havia condenado à excomunhão. O Papa Francisco, em suas palavras, expressa a reconciliação do Padre Cícero com os santos, abrindo as portas para sua canonização.

Dessa forma, a trajetória de Padre Cícero é marcada por uma santificação que transcende os limites convencionais. A devoção fervorosa dos fiéis e a ressonância que sua figura alcançou na cidade de Juazeiro do Norte foram forças poderosas o suficiente para desafiar a própria instituição eclesiástica e conduzir a um novo entendimento de sua santidade. Os romeiros, mesmo diante dos decretos das orientações, das pregações e da excomunhão feitos pela igreja católica de forma oficial, criaram para Cícero vivo a imagem de um herói que protegia Juazeiro; morto, virou santo e foi erguido aos altares não oficiais. Os romeiros, ao chegar em Juazeiro, podiam encontrar medalhas, livretos, imagens de gesso, de pedra, de madeira, adesivos do Padre Cícero, orações e benditos de cunho popular foram elaborados e levado a cabo por seus fiéis. Portanto, se faz necessário discutir duas categorias pertinentes ao tema: tradições inventadas e lugares de memória.

A primeira, foi formulada pelo historiador da chamada História Social Inglesa, Eric Hobsbawm. Em sua obra, *A Invenção das Tradições*, elaborada com a parceria de Terence Ranger, ele aborda o conceito de tradições inventadas como:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam um inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

Nessa empreitada, Hobsbawm e Ranger exploram como muitas tradições que consideramos ancestrais e imutáveis foram, na verdade, criadas e moldadas recentemente. Essas tradições inventadas desempenham um papel crucial na construção de narrativas coletivas, conectando o passado ao presente e fornecendo um senso de continuidade e estabilidade. Ao analisar diferentes contextos sociais e culturais, os autores revelam como as tradições podem

ser manipuladas e adaptadas para atender a certos interesses políticos, culturais ou ideológicos. É uma jornada pela história que nos convida a questionar nossas próprias crenças e práticas, levando-nos a enxergar as tradições de uma nova perspectiva.

O historiador inglês ainda esclarece que as tradições são inventadas em momentos em que ocorrem transformações na sociedade, modificando padrões sociais, para os quais também foram criadas “velhas” tradições, é justamente no momento em que estas são colocadas como inúteis, pois os novos padrões exigem “novas” tradições. Ele ainda justifica que as tradições podem ser inventadas quando “as velhas” tradições e as instituições que a sustentam não conseguem mais adaptá-las ou flexibilizá-las para as novas demandas.

Como exemplo, o historiador cita uma produção massiva de tradições na Europa entre 1870 e 1914. Essa produção, para Hobsbawm, deve ser vista levando em consideração o contexto histórico da época,

Grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, mais incrivelmente transformados, exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social e que estruturassem relações sociais. Ao mesmo tempo, uma sociedade em transformação tomava as formas tradicionais de governo através de estados e hierarquias sociais e políticas mais difíceis ou até impraticáveis. Eram necessários novos métodos de governo ou de estabelecimento de alianças. (HOBSBAWM, 1984, p. 271).

Padre Cícero, portanto, foi promotor de modificações sociais em Juazeiro, como por exemplo a emancipação política da cidade com relação ao Crato. Tais modificações trazem a demanda de novas tradições. As transformações sociais promovidas por Padre Cícero não se restringiram apenas ao âmbito político, mas se estenderam por toda a sociedade. Seus ensinamentos e ações despertaram um senso de coletividade e identidade entre os habitantes de Juazeiro, reconfigurando sua relação com o passado e criando novas tradições.

Essas mudanças demandaram a criação de novas tradições para celebrar e reforçar o senso de pertencimento à cidade emancipada. A efervescência cultural e espiritual instaurada por Padre Cícero propiciou o surgimento de rituais, festas e manifestações que se tornaram parte do tecido social de Juazeiro.

Assim, as novas tradições, impulsionadas pelo legado do Padre Cícero, permearam o cotidiano da cidade, reafirmando a identidade local e aprofundando os laços com suas raízes. Os rituais e celebrações se tornaram símbolos poderosos de união e resistência, perpetuando a memória do líder religioso e a história da cidade.

O autor ainda classifica essas “tradições inventadas” em três categorias, como bem apontou Aires (2006), a primeira delas seriam aquelas que estabeleciam coesão social ou

condições para ser admitido em um grupo ou uma comunidade, a segunda, seriam as que legitimam instituições ou relações de autoridade, e a última, aquelas cujo propósito principal é a socialização e a absorção de ideias e padrões de comportamento.

Em meio ao vasto campo das tradições inventadas, o autor ergue suas classificações com maestria, e é como se suas palavras dançassem em um delicado equilíbrio de sentidos. Como notou Aires (2006), a obra se desdobra em três categorias distintas, cada uma com seu próprio papel no intrincado tecido da sociedade.

Na primeira dessas categorias, vislumbro a força das tradições que estabelecem coesão social e reúnem os indivíduos em comunidades e grupos. É como se essas palavras fossem pontes que ligam as pessoas, criando laços de pertencimento e solidariedade. Ao ordenar seus pensamentos, o autor revela que essas tradições são como convites para a dança coletiva, onde os passos de cada um se entrelaçam em harmonia.

A segunda categoria se revela como uma verdadeira celebração da legitimidade das instituições e das relações de autoridade. É como se essas palavras emoldurassem tronos e coroas, conferindo poder e reconhecimento àqueles que ocupam posições de destaque. O autor desvela a importância dessas tradições, que atuam como alicerce da estrutura social, sustentando pilares que erguem a própria organização da sociedade.

Por fim, a terceira categoria surge como uma sinfonia de socialização e absorção de ideias e padrões de comportamento. Essas palavras se metamorfoseiam em espelhos, refletindo os valores e crenças que moldam a mente dos indivíduos. O autor, como um regente da orquestra, destaca a relevância dessas tradições na construção da identidade coletiva, forjando identidades e consolidando modos de ser e agir.

Ao imergirmos nos conceitos sobre Juazeiro, desvendamos as camadas ocultas das "tradições inventadas" que se entrelaçam nas ruas, calçadas, histórias, sobrados e praças dessa cidade. É como se a essência dessas categorias se inscrevesse no próprio tecido urbano, revelando uma rica tapeçaria cultural.

Ao explorar as veredas das tradições, vislumbro a primeira categoria se manifestando nas simbologias criadas em torno da santificação do Padre Cícero. O elo criado entre o santo popular e a coesão social é como uma corrente invisível que une o povo em torno de sua figura carismática. Essas palavras, como pincéis sutis, pintam um retrato vivo da devoção, que conecta os corações e confere sentido de pertencimento a uma comunidade fervorosa.

A segunda categoria emerge das ruas de Juazeiro como uma manifestação do poder legitimado pela religião. As palavras desse contexto agem como cânticos que ecoam nas paredes dos sobrados, reafirmando valores, ideias e rituais que fortalecem a instituição

religiosa. É como se cada prece e cada manifestação simbólica fossem alicerces que sustentam a autoridade espiritual, entrelaçando o sagrado com o cotidiano.

Por fim, a terceira categoria dança nas praças e encontra eco nas histórias compartilhadas por seus moradores. São como sementes que se espalham, socializando valores e tradições entre a população. Nesse enredo, Juazeiro se torna uma representação viva de uma sociedade englobante¹², onde os laços comunitários e os rituais religiosos se entrelaçam, moldando identidades e perpetuando a história coletiva.

Assim, as tradições inventadas encontram morada em Juazeiro, tecendo uma teia de significados e símbolos que moldam a cultura dessa cidade sagrada. Como um observador atento, enxergo a profundidade das palavras e símbolos que permeiam suas ruas, calçadas e praças, revelando uma história viva, imortalizada na devoção e no imaginário de seu povo. É como se, ao lançar esses conceitos sobre Juazeiro, os fios da tradição se entrelçassem e bordassem o retrato vivo dessa cidade.

No universo das tradições inventadas, Juazeiro se revela como um cenário onde a sociedade englobante encontra sua expressão mais viva. Como um pintor que entrelaça cores e formas em sua tela, as três categorias das tradições se mesclam nas ruas, calçadas e praças dessa cidade sagrada.

O conceito de "sociedade englobante" de Michel Pollak se faz presente na tessitura social de Juazeiro, onde as tradições inventadas criam laços coesos entre os indivíduos e a comunidade. A devoção fervorosa ao Padre Cícero é como uma ponte invisível que une os corações, fortalecendo a coesão social em torno dessa figura carismática.

No universo das reflexões sociais, o conceito de "sociedade englobante", como delineado por Michel Pollak, emerge como uma constelação de significados que ilumina os caminhos da análise sociológica. É como se suas palavras, como estrelas brilhantes, tecessem um céu noturno repleto de insights sobre a complexa teia social.

Ao imergir nesse conceito, percebo que a sociedade se desenha como um todo integrado, uma grande teia que abarca múltiplas realidades e experiências. São como abraços invisíveis que envolvem os indivíduos em um tecido social coeso, onde as relações e interações se entrelaçam como fios entrelaçados.

¹² O termo é utilizado pelo sociólogo francês Michel Pollak, quando se refere às pretensões de uma memória de grupo em se tornar memória coletiva, como se a mesma fosse uma memória identitária para toda uma sociedade. Sobre sociedade englobante ver: POLLAK, M. Memória e identidade social. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992.

As palavras de Pollak parecem sussurrar sobre a força dessa teia, como se cada conexão fosse um fio de coesão que une os membros de uma mesma comunidade. É como se a sociedade fosse uma dança harmoniosa, onde cada passo contribui para a sinfonia coletiva.

Nesse cenário, a sociedade englobante assume contornos de inclusão e pertencimento, onde as diferenças são acolhidas e celebradas. Como um autor que tece histórias, Pollak nos mostra que a identidade individual se funde com a identidade coletiva, como folhas de um mesmo livro, formando um enredo único e interdependente.

As fronteiras entre os indivíduos e os grupos se tornam porosas, permitindo uma interpenetração de culturas, crenças e valores. É como se a diversidade ganhasse espaço na coreografia da sociedade, enriquecendo-a com cores e nuances que dançam em harmonia. E assim, a sociedade englobante se revela como uma paisagem multifacetada, onde as interações sociais criam uma tessitura complexa e dinâmica. Cada indivíduo, como uma peça única desse quebra-cabeça, contribui para a formação do todo, como uma obra de arte coletiva.

Outra categoria que emerge como uma pérola da historiografia francesa, como já discutido anteriormente, é o conceito dos *lugares de memória* criado pelo notável historiador Pierre Nora. Suas palavras se desdobram como um tapete cultural, revelando a essência desse conceito único.

Partindo da expressão "aceleração da história", Nora busca descrever a ruptura da modernidade com o passado, especialmente a partir da mundialização, um fenômeno que unifica o mundo por meio dos avanços nos meios de comunicação. É como se a história ganhasse velocidade, e a duração dos fatos se resumisse à duração das notícias. Nesse cenário, o passado parece perder seu espaço para o eterno presente, e a identidade cultural enfrenta ameaças de diluição. É nesse contexto de inquietações que os *lugares de memória* surgem como antídotos para o efeito desintegrador da rapidez contemporânea. Como guardiões de tesouros culturais, esses lugares assumem a missão de preservar e celebrar as memórias coletivas. Eles são como cápsulas do tempo, onde o passado é mantido vivo e reverenciado, criando um diálogo íntimo entre gerações e fortalecendo a conexão com a história.

Esses lugares, como um acervo precioso, reúnem símbolos, rituais e tradições que se entrelaçam com a identidade cultural de uma sociedade. São como faróis que guiam as pessoas em meio ao mar agitado do tempo, oferecendo um porto seguro de pertencimento e referência. Eles transcendem a aceleração da história, como um oásis no deserto da rapidez contemporânea.

[...] Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar

celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (AIRES, 2006, p. 9 apud NORA, 1993, p. 3).

Nesse ponto crucial, faz-se imperativo traçar uma diferenciação essencial entre as perspectivas de Hobsbawm e Nora quanto à transformação da memória em história. Suas palavras se desdobram como rios de conhecimento, fluindo em direções distintas, revelando nuances singulares desse intrincado debate.

Para Hobsbawm, a história surge quando a memória social atinge seu limite, quando os grupos sociais que detêm as lembranças coletivas deixam de existir. É como se o relógio do tempo marcasse o fim das comunidades que ecoavam suas narrativas de geração em geração. E nesse ponto crucial, a única esperança de preservar essas memórias seria fixá-las por escrito, como uma âncora que assegura sua perpetuação diante do fluxo implacável do tempo.

Por outro prisma, para Nora, a memória tradicional perde sua identidade à medida que é reivindicada pelo discurso histórico. É como se as histórias, antes contadas e vividas de forma coletiva, fossem gradativamente incorporadas ao tecido da história escrita. Nesse enredo, as lembranças coletivas se transformam em fragmentos do mosaico histórico, alinhavando-se ao contexto intelectual da sociedade. Assim, os caminhos de Hobsbawm e Nora se cruzam e se entrelaçam, revelando suas visões únicas sobre o passado e seu diálogo com o presente. São como dois mestres que abrem as portas para um salão de reflexões, onde a memória e a história dançam em harmonia, compartilhando sua sabedoria e se alimentando mutuamente.

Enquanto Hobsbawm observa o surgimento da história como uma derradeira tentativa de preservar a memória, Nora enxerga o desaparecimento da memória tradicional à medida que é assimilada pelo discurso histórico. São como duas vozes que ecoam no horizonte do pensamento, desvendando facetas distintas dessa intrincada relação entre o passado e o presente.

Voltando ao conceito de *lugares de memória* proposto pelo pensador francês, três características devem estar presentes simultaneamente, que são: material, funcional e simbólico. Nas palavras do próprio autor:

Mesmo lugar de aparência puramente material, como depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma áurea simbólica. Mesmo lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entram na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo expresso de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. (NORA, 1993, p. 22).

Em Juazeiro, os *lugares de memória* cumprem muito bem as três características citadas por Pierre Nora, os museus e os memoriais instalados por todos os recantos da cidade obedecem às três características e ajudam a confirmar o Padre Cícero como patriarca e figura essencial para a cidade. A presença onipresente do Padre Cícero se manifesta de maneira majestosa, como um rio que percorre todos os cantos da cidade. Seu nome é um refrão que ressoa em todos os recantos, seu legado é honrado em quadros e símbolos que adornam as praças e calçadas. As bengalas, batinas e chapéus são como vestígios tangíveis de sua existência, convidando-nos a viajar no tempo e sentir sua presença enraizada na história. É como se cada esquina, cada coração de Juazeiro carregasse a chama viva da devoção ao Padre Cícero. E assim, os lugares de memória se revelam como os guardiões do passado e os mestres do presente, conectando as tramas da história com o pulsar da vida cotidiana. E é nesse diálogo íntimo entre o passado e o presente que Juazeiro se torna uma verdadeira cidade sagrada, onde as lembranças coletivas se fundem com a identidade cultural, como um rio que nutre a alma e ilumina o caminho. É como se cada lugar, cada detalhe, fosse uma estrela que brilha intensamente, lembrando-nos que a memória e a história são eternas companheiras nessa viagem fascinante chamada vida. Outro exemplo claro é que o memorial do Padre Cícero, que passa por reformas desde 2021, abriu temporariamente um *stand* numa loja do Cariri Shopping, o principal *shopping center* da cidade, como apresentado nas figuras 1, 2, 3 e 4.

A figura 1 mostra a exposição do canhão utilizado na guerra chamada Sedição de Juazeiro, no Cariri Shopping, onde, como já citado anteriormente, está funcionando temporariamente o memorial do Padre Cícero, que originalmente se localiza na Praça do Socorro que, até a data desta escrita, encontra-se em reforma. Até mesmo andando através das lojas do Cariri Shopping, o Padre Cícero se faz presente de maneira sutil em alguns estabelecimentos, mas, de forma mais notória, no meio do corredor, encontra-se o famoso canhão, que atrai a curiosidade dos passantes que são levados a conhecer o *stand* que se encontra ao lado (figura 2), com parte da exposição original. Devido ao espaço, apenas algumas peças estão expostas no memorial temporário, como é o caso do famoso chapéu (figura 4) que foi utilizado pelo Padre Cícero, e os paninhos manchados de sangue (figura 3). Um fato curioso é que, devido a exposição trazer tais objetos que fazem parte da trajetória de Cícero, os transeuntes devotos do sacerdote cearense transformam aquele *stand* no meio de um *shopping center* como mais um ponto de parada das romarias, acontece portanto uma sacralização inesperada de um local inusitado.

Figura 1 – Canhão utilizado na guerra de Juazeiro em exposição no Cariri Shopping



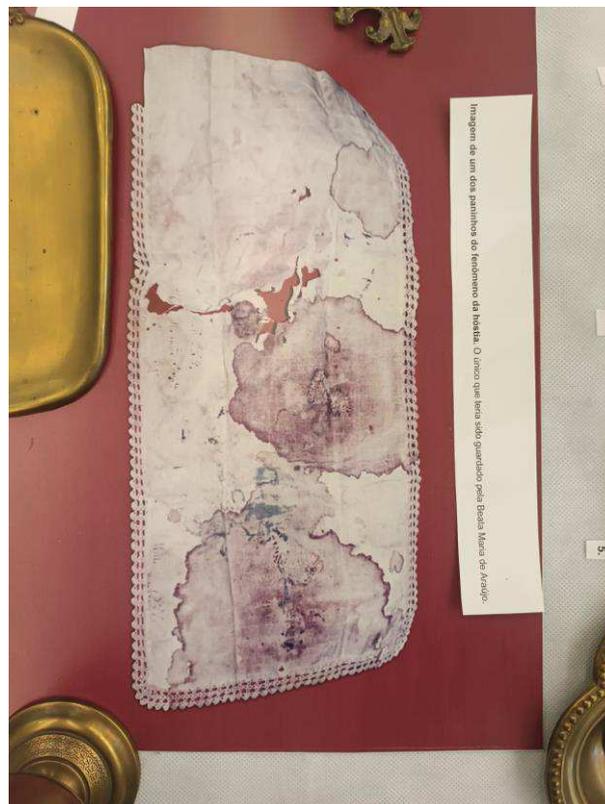
Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 2 – Exposição do Memorial Padre Cícero, no Cariri Shopping



Fonte: Acervo da página de Instagram @juazeiroemfotos

Figura 3 – Paninhos manchados de sangue em exposição no Cariri Shopping



Fonte: acervo pessoal do autor

Figura 4 – Chapéu do Padre Cícero em exposição no Cariri Shopping



Fonte: acervo pessoal do autor

Outro aporte teórico fundamental para esta investigação é o do eminente escritor francês, Michel Pollak. Em suas palavras, encontramos uma visão esclarecedora sobre a complexa dinâmica da memória, do esquecimento e do silêncio. Em seu artigo intitulado "Memória, esquecimento, silêncio", publicado na prestigiada Revista de Estudos Históricos da Fundação Getúlio Vargas (RJ), Pollak nos convida a uma reflexão profunda sobre os conflitos de memória que permeiam os estudos atuais.

O autor nos chama a atenção para a preferência dos historiadores contemporâneos pelos embates de memória em detrimento dos fatores de continuidade e estabilidade. Essa preocupação central dos estudos sociológicos de Maurice Halbwachs parece ceder espaço diante do enfoque nos confrontos e embates que marcam o panorama contemporâneo. Pollak nos presenteia com uma análise perspicaz, ao abordar como a memória coletiva oficial se sobrepõe às memórias subterrâneas e clandestinas. É como se a memória oficial, muitas vezes, se erguesse como a voz dominante da sociedade englobante, apropriando-se de diversos lugares

de memória. Esses espaços se tornam palcos de celebração da memória oficial, como monumentos erguidos para reverenciar momentos históricos e figuras marcantes.

Entretanto, Pollak também nos traz à tona um olhar compassivo sobre as memórias silenciadas, aquelas que são relegadas ao canto das sombras. Essas memórias, embora não se destaquem na esfera pública, são mantidas e transmitidas de forma resiliente, encontrando seu refúgio nas estruturas familiares, nas associações e nas redes de sociabilidade afetiva e/ou política. É como se essas memórias subterrâneas fossem sementes cultivadas em jardins secretos, preservando os fios invisíveis que conectam o passado ao presente. Elas são como histórias sussurradas ao pé do ouvido, vínculos afetivos que transmitem valores, tradições e experiências que moldam a identidade de um povo.

Esta teoria é, sem dúvida, um marco significativo que nos permite aprofundar nossa reflexão sobre o objetivo que buscamos alcançar. Ao embarcarmos em nossos estudos sobre as memórias que entrelaçam a figura de Cícero e a cidade de Juazeiro, somos surpreendidos por algo verdadeiramente inusitado. Neste contexto, a memória dos "vencidos" emerge de forma poderosa e avassaladora, sobrepujando até mesmo a memória dos "vencedores".

Conforme já relatado, a canonização de Padre Cícero é um fenômeno puramente popular, e somente em 2015 ele foi reconciliado com a Igreja Católica. A própria instituição eclesial tentou, através de decretos, impor uma censura feroz sobre a memória de Cícero. Buscaram, de maneira obstinada, manchar sua imagem, rotulando-o como fanático, lunático, mentiroso, charlatão e aproveitador. Os adversários políticos e o Bispo Dom Joaquim personificaram essa empreitada, que foi um esforço incansável para enfraquecer sua memória.

No entanto, a vontade do povo falou mais alto, e diante de todos esses obstáculos, ergueram-se verdadeiros lugares de memória em homenagem a Cícero. Suas lembranças reverberam em cada rua, cada calçada, cada símbolo que honra seu legado. A comunidade de Juazeiro foi uníssona em sua devoção, criando um mar de memórias orais e populares que se recusaram a ser silenciadas.

Neste cenário único, a memória dos "vencidos" transfigurou-se de forma notável em memória oficial. O povo, com sua determinação e fervor, conseguiu superar as adversidades e fazer prevalecer a lembrança de seu querido sacerdote. A igreja, por sua vez, viu-se beneficiada pela fama de Cícero e pela expansão política e econômica de Juazeiro, compreendendo a importância de reconhecer e honrar sua figura.

O eco imortal: Cícero, a alma vibrante de Juazeiro

O magnífico erguimento de Cícero aos lugares de memória em Juazeiro não se limitou meramente ao campo religioso, como já mencionado anteriormente. Sua participação política, em episódios marcantes na construção da identidade local, foi um fator central que o consagrou como um grande herói para toda a comunidade, como bem apontou Carvalho (1990, p. 55).

Segundo o autor, os heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pilares de referência e pontos de identificação coletiva. Eles exercem um papel fundamental ao tocar a mente e o coração dos cidadãos. Não importa o regime político, pois todos cultivam seus heróis e possuem seu próprio panteão cívico. Em Juazeiro, de forma quase espontânea, surge o herói a partir das lutas que precedem uma nova ordem, e Cícero se tornou o símbolo máximo dessa resiliência.

Diferentemente de muitos heróis brasileiros, especialmente no período republicano, cuja consagração foi muitas vezes carente de uma profunda devoção popular, a construção histórico-cultural do "herói" de Juazeiro aconteceu de dentro das próprias lutas que pavimentaram o caminho para a nova ordem política, sendo acolhido e cultuado pela população.

O que torna Cícero ainda mais excepcional é o fato de não ter concorrentes ao título de herói de Juazeiro. Apesar de enfrentar adversários, nenhum deles negou o papel essencial de Cícero na emancipação política da região. Foi a partir desse marco histórico que seu nome reverberou e dominou praças, avenidas, sobrados e mocambos, espalhando-se por todo o Brasil.

O legado de Cícero, impregnado nas ruas e no coração do povo, é uma prova viva da força do seu carisma e da sua atuação notável na construção da identidade de Juazeiro. Suas memórias se fundem com a própria história da cidade, transcendendo as barreiras do tempo e resistindo ao esquecimento.

A memória do povo permeada pelo imaginário popular, como já foi amplamente abordado, começou a associar a figura de Cícero com a figura de Jesus Cristo, falavam em "traição", como a sofrida pelo Messias ao ser entregue por Judas aos religiosos da época, Cícero também havia sido entregue a igreja de sua época por defender o povo. Na sua morte, seu corpo passou a ser cortejado e sua alma a ser santificada, orações, hinos, benditos, louvores, foram entoadas pelo povo. Neto (2009) descreve as primeiras romarias organizadas com destino ao Juazeiro, em especial à Igreja do Socorro, onde estava seu túmulo instalado. Os romeiros, vestidos de preto, levavam flores, acendiam velas, faziam promessas, por todos os lados em Juazeiro começavam a surgir relíquias e o nome de Cícero era utilizado até mesmo na fabricação de medicamentos, como a famosa "pomada do Padre Cícero", que podia curar todas as dores. Como ainda hoje acontece, as pessoas vão para o Juazeiro vestidas de preto para agradecer alguma graça alcançada por intermédio do Padre Cícero. Até mesmo crianças (como na figura

5), utilizam essas vestes que são deixadas na casa dos milagres ou na estátua do Padre Cícero para pagarem promessas feitas por seus pais.

Figura 5 – Crianças com vestes pretas pagam promessas junto a estátua do Padre Cícero



Fonte: Acervo pessoal do autor

À luz das palavras perspicazes de Le Goff (1992, p. 446) ao investigar a memória medieval do ocidente, podemos vislumbrar como a memória cristã encontra sua essência na comemoração anual de Jesus, do advento ao Pentecostes, celebrando os momentos cruciais do Natal, da Quaresma, da Páscoa e da Ascensão. Além disso, a memória cristaliza-se, de forma mais popular, nos Santos e nos mortos, que se tornam os verdadeiros testemunhos. Após sua partida, a memória dos cristãos envolve-se em torno da recordação desses indivíduos iluminados.

Esse entendimento se revela crucial para compreendermos a construção das noções de santificação do Padre Cícero Romão Batista, à medida que as práticas de religiosidade popular se amalgamam. De forma análoga às memórias medievais, aqui testemunhamos como a lembrança desse sacerdote adquire contornos de devoção e veneração, tornando-o um símbolo poderoso que transcende o tempo e cativa gerações.

Deste modo, as vivências de religiosidade popular enraizadas em Juazeiro perpetuam a memória de Padre Cícero, elevando-o ao patamar de santo para o povo. Sua figura é reverenciada, suas ações são lembradas e seu legado é celebrado diariamente, nutrindo uma memória coletiva que perdura além das fronteiras do tempo, inspirando a devoção e mantendo acesa a chama da fé.

Por meio desses rituais e celebrações, Padre Cícero entrelaçou-se de forma indissociável com a identidade da comunidade, e sua memória permanece viva, renovando-se a cada instante, em cada gesto de fé e adoração. É na interseção entre a memória cristã e a religiosidade popular que encontramos a força e o poder que a figura de Cícero exerce sobre o povo de Juazeiro, iluminando o presente com a chama do passado e pavimentando o caminho para um futuro de devoção e esperança.

A elaboração da memória oficial de Padre Cícero contou com a participação ativa do povo, sendo liderada pelos principais apoiadores do sacerdote e pelos políticos que buscavam se beneficiar dessa construção. Todo esse processo ocorreu em meio a cerimônias e rituais, refletindo a dinâmica das chamadas "tradições inventadas", conforme nos lembra Hobsbawm. De acordo com o autor, não devemos encarar as tradições ligadas às sociedades tradicionais como algo rapidamente obsoleto, e nem pensar que as novas tradições surgem simplesmente pela inutilidade das antigas. Na verdade, o que vemos é uma adaptação contínua, onde velhos costumes são conservados, mas sob novas condições, ou antigas formas são utilizadas para fins inovadores.

Nesse contexto, a construção da memória oficial de Padre Cícero não apenas reverencia suas ações e feitos, mas também se entrelaça com as necessidades políticas e sociais da época. As tradições inventadas se mostram como ferramentas poderosas na criação de uma identidade coletiva e na legitimação de poderes, unindo passado e presente numa intrincada teia de significados. Essas adaptações e reelaborações refletem a importância da memória como uma construção dinâmica, moldada pelos anseios e interesses das diferentes partes envolvidas, e que se perpetua no imaginário coletivo como um fio condutor que une o passado e o presente, sempre em constante evolução.

Os anjos não compreendem os homens.

Manuel Bandeira

O MEIO DO MUNDO

Ao longo da história, a prática de erguer monumentos em nome da memória não se limitou apenas à modernidade, mas também remonta aos tempos antigos. Como bem lembrou Le Goff (1992), o surgimento da escrita influenciou a forma como a memória era preservada, resultando em duas manifestações distintas: a comemoração, por meio de inscrições, e a documentação escrita.

Nas antigas civilizações, como a Mesopotâmia e o Egito, encontramos evidências dessas inscrições comemorativas, como as impressionantes Estelas e Obeliscos, além das câmaras funerárias reais, jurídicas e sacerdotais no Egito. No entanto, foi na Grécia e em Roma que essa prática atingiu seu ápice, com um desenvolvimento extraordinário de monumentos e marcos comemorativos. Grécia e Roma, famosas por sua rica cultura e contribuições para a humanidade, deixaram um legado de inscrições que celebravam conquistas militares, vitórias esportivas, leis importantes e honravam líderes e heróis. Essas inscrições assumiam papel vital na preservação da memória coletiva, transmitindo eventos significativos e conquistas ao longo das gerações.

Essas inscrições comemorativas, assim, tornaram-se símbolos poderosos, evocando lembranças, exaltando o passado e conectando o presente à rica herança das civilizações antigas. Por meio dessas manifestações memoriais, o legado da Grécia e Roma perdura na história, servindo de inspiração para compreendermos a importância da memória como uma forma de preservar identidades e histórias ao longo do tempo. A prática ancestral de celebrar através de monumentos ecoa até os dias atuais, demonstrando que a memória, em suas diversas formas, continua a moldar nossa compreensão do mundo.

Nos templos, cemitérios, praças e avenidas das cidades, ao longo das estradas até o mais profundo da montanha, na grande solidão, as inscrições acumulavam-se e obrigavam o mundo greco-romano a um esforço extraordinário de comemoração e de perpetuação da lembrança. A pedra e o mármore serviu na maioria das vezes de suporte a uma sobrecarga da memória, os arquivos de pedra acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea. (LE GOFF, 1992, p. 432).

Memória urbana, memória real. Os emaranhados de significados se entrelaçam nas vielas e praças, nas histórias que percorrem as ruas e nas vivências compartilhadas pelos habitantes da cidade. A escrita, ao surgir, deu início a uma nova forma de preservar o passado, uma memória que se conectava ao comércio e à vida urbana. Segundo Le Goff (1992), essa

memória escrita ganhava força ao assegurar atos financeiros e religiosos, organizando os relatos sistematicamente em torno do rei. Assim, o rei se tornou o centro da memória institucionalizada, estabelecendo arquivos, bibliotecas e museus que buscavam registrar e preservar os feitos da monarquia. O passado ganhava um registro formal, e a memória coletiva encontrava um ponto de ancoragem na história oficial.

No entanto, com o advento da modernidade, a memória dos vivos começou a sobrepor-se à memória dos mortos. Os túmulos ostentosos dos reis e rainhas foram gradativamente substituídos por sepulturas mais simples, e os cemitérios perderam o cuidado e a atenção que antes recebiam. A comemoração dos mortos entrou em declínio, e as histórias dos antepassados foram, em parte, esquecidas ou relegadas a segundo plano.

Entretanto, como em um movimento cíclico, a memória dos mortos encontrou sua ressurgência com a Revolução Francesa. Nesse momento crucial da história, a memória coletiva foi convocada para tecer novos significados e símbolos. Os mortos ganharam voz novamente, agora como ícones da luta pela liberdade e igualdade. Os cemitérios foram revitalizados e transformados em espaços de reflexão e resistência, onde as histórias dos que tombaram em prol de uma nova sociedade eram reverenciadas.

E assim, a memória urbana se entrelaçou à memória real, formando uma rede de lembranças que dão forma e sentido à cidade. Os vestígios do passado se fundem ao presente, em um eterno movimento de transformação e ressignificação. As narrativas dos vivos e dos mortos se misturam, alimentando a identidade da comunidade e transmitindo os valores e ideais que moldam seu caminhar.

Juazeiro, esse lugar enigmático, emerge diante de nós envolto em um conjunto de conflitos e disputas tanto no campo religioso como político. Ao abordarmos o conceito de espaço, percebemos que sua construção vai além de meras coordenadas geográficas. Como nos ensina Certeau (1994, p. 201), o espaço se edifica por meio das práticas que o compõem e dos sujeitos que por ele caminham. É nessa dança entre vivências e ações que Juazeiro ganha sua identidade única, pulsante e repleta de significados.

Mas para compreender ainda mais as nuances desse lugar, recorreremos ao trabalho do historiador Mircea Eliade (1993) no campo religioso, que nos brinda com dois conceitos fundamentais: o sagrado e o profano. Segundo Eliade, o sagrado está mergulhado no campo do sobrenatural, um domínio místico que se contrasta com a conhecida "realidade natural", onde o profano acontece. Assim, temos aqui a primeira definição desses termos, em que o sagrado se contrapõe ao profano de forma clara e distintiva. Nas palavras do próprio historiador: "O

homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, mostra-se como algo absolutamente diferente do profano" (2001, p. 16).

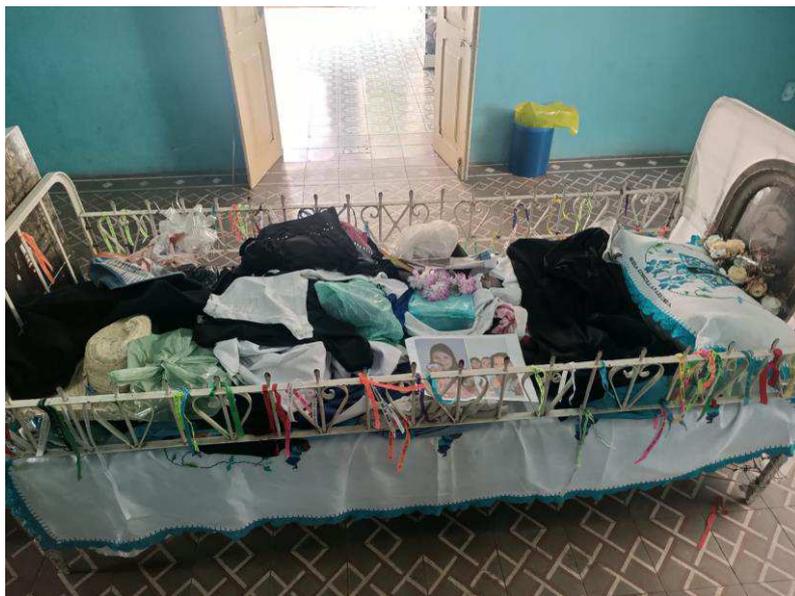
Nesse cenário de dualidades, Juazeiro se encontra em meio a uma espécie de transcendência cotidiana, onde a esfera sagrada se entrelaça com a vida profana dos seus habitantes. As práticas religiosas se mesclam com as atividades comuns, e a cidade é palco de rituais, devoções e crenças que ecoam no cotidiano de seu povo. Assim, cada esquina, cada rua, cada construção ganha um sentido especial, carregado de história e devoção. Os embates entre o sagrado e o profano não são apenas conceituais, mas também moldam as relações políticas na cidade. As disputas pelo poder e pela representação pública se entrecruzam com as questões religiosas, e os símbolos sagrados se tornam elementos de legitimação política.

Aceitando essa visão, o que se revela como sagrado é precisamente aquilo que transcende o que é considerado natural. O mais surpreendente é que ele se manifesta em um plano para além do real, em conexão direta com o divino, onde a palavra e a escrita não são suficientes, e os eventos não se submetem à cronologia, às leis físicas ou às leis humanas. A compreensão, ou ao menos a percepção, do sagrado só é alcançável para aqueles capazes de transcender o espaço cotidiano e mergulhar no mistério do extraordinário.

Além disso, é crucial reconhecer que o espaço sagrado não é uniforme, pois ele difere em diversos pontos, desobedecendo as chamadas leis "naturais". Assim, ele se torna um espaço liso, emprestando o conceito de Deleuze, que é imprevisível e não se deixa desvendar completamente. Ele se mostra heterogêneo, o que significa que não podemos compreender Juazeiro como um espaço estático ou imutável. Pelo contrário, Juazeiro é um lugar onde festas religiosas coexistem com celebrações profanas, e ali, vivências se entrelaçam e se estabelecem.

No coração desse espaço sagrado, Juazeiro revela sua riqueza e complexidade, como uma pintura intrincada de vivências, crenças e experiências que se entrelaçam. As fronteiras entre o sagrado e o profano se tornam turvas, e os rituais e tradições se misturam em uma sinfonia de significados. Cada canto da cidade guarda uma história, uma devoção, um mistério que pulsa no cotidiano dos seus habitantes.

Figura 6 – Cama do Padre Cícero



Fonte: acervo pessoal do autor.

Figura 7 – Romeiros em busca da água milagrosa na casa do Padre Cícero



Fonte: acervo pessoal do autor.

Um exemplo disso é o que ocorre na casa do centro da cidade, onde morou e faleceu o Padre Cícero. O lugar de memória recebe milhares de devotos durante o ano. Conta com algumas peças que foram de propriedade do Padre e presentes que ele adquiriu ao longo da

vida, por exemplo: vestes sacras, como estolas, casulas, batinas; objetos litúrgicos, como cálice, patena, corporais, sanguíneos; objetos pessoais, como radiola, guarda-roupa, cadeira, talheres; e até objetos mais exóticos, admirados por romeiros com menos idade, como animais empalhados, que ganha uma sessão num quarto inteiro, ocupado por essas peças, como uma cobra e até mesmo o osso de uma baleia, no qual os romeiros esfregam as costas, procurando bençãos, cura e saúde. Em um dos quartos está a cama em que faleceu o patriarca de Juazeiro (figura 6), lá, os romeiros se acotovelam para encostar no móvel sagrado, onde colocam presentes, lembranças, esfregam as mãos e até mesmo colocam crianças por cima das grades. Na parte de trás da casa, encontra-se um antigo poço, que muitos acreditam ter poderes milagrosos. A água retirada de lá enche algumas quartinhas de barro (figura 7) na qual os romeiros ingerem acreditando ser milagrosa, banham os rostos ou molham algum membro que esteja enfermo.

É nesse encontro entre o divino e o humano, entre o transcendente e o imanente, que Juazeiro se configura como um lugar místico e encantador. As ruas se tornam caminhos de peregrinação, os monumentos se revestem de simbolismo e a vida ganha novos significados. E assim, nesse espaço mágico e heterogêneo, Juazeiro se eterniza como um lugar onde o sagrado encontra morada no profano, e onde a religiosidade se entrelaça com a vida cotidiana de forma indissociável.

Conforme analisado no estudo de Eliade, nesse espaço ocorre uma hierofania¹³ - uma manifestação do sagrado - que transforma o espaço em um centro de sacralidade. Nas palavras do autor, "toda hierofania sem distinção alguma, transfigura o lugar que lhe serviu de teatro: de espaço profano que era até então, tal lugar ascende a categoria de espaço sagrado" (1993, p. 295). Em outras palavras, o lugar que era comum e profano, como, por exemplo, o comércio - que, de acordo com o conceito de Deleuze, seria um espaço estriado, com sua permanência e rotina de compra e venda -, em Juazeiro se metamorfoseia de forma poderosa.

¹³ A manifestação de uma hierofania qualquer irá, pois, criar no espaço uma ruptura que sacralizará o espaço, construindo-o para o homem religioso como o "Centro do Mundo", um centro de sacralidade por excelência, pois, "toda experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma fundação do mundo". (ELIADE, 2001, p. 26).

Figura 8 – Imagem do Padre Cícero no balcão da franquia do McDonalds, no centro da cidade



Fonte: acervo pessoal do autor

Nas casas de comércio em Juazeiro, o sagrado irrompe através da presença da imagem do Padre Cícero e da devoção fervorosa dos comerciantes, unida ao interesse de atrair os romeiros. Como apresentado na figura acima, em que até mesmo a poderosa franquia do McDonalds teve que se curvar às tradições do comércio de Juazeiro do Norte. No seu balcão da loja que fica localizada na praça central da cidade (Praça Padre Cícero), aparece uma estátua do sacerdote, sinalizando que ali também é um local de acolhida para os romeiros, incorporando a sacralidade da cidade.

Figura 9 – Comércio noturno de Juazeiro após a missa



Fonte: acervo pessoal do autor

As ruas de Juazeiro são tomadas pelo comércio formal e informal, até mesmo as casas de comércio com seus pontos físicos já estabelecidos tomam as calçadas com alguns materiais para sinalizar e atrair os olhares de turistas e romeiros. A cidade toda fica integrada aos horários e a programação das festas religiosas. Como demonstrada na figura acima, após a missa, os comerciantes de alimentos, souvenirs e imagens tomam quase que totalmente as vias de passagem, fazendo com que os pedestres tenham que buscar trafegar fora da calçada. É como se o próprio comércio, ao abraçar a espiritualidade, contribuísse para a construção de uma aura mística por toda a cidade. Aquele espaço que antes estava imerso nas relações mercantis cotidianas é invadido por uma dimensão sagrada, onde a venda de mercadorias coexiste harmoniosamente com a expressão fervorosa de fé. A hierofania, ao imprimir sua marca indelével nos espaços cotidianos, torna cada canto da cidade um local especial, impregnado de significados que transcendem o simples ato de comprar e vender. É nessa interseção entre o divino e o terreno que Juazeiro encontra sua unicidade, tornando-se uma cidade singular.

É neste espaço em que é facilitada a aproximação íntima entre um ser de natureza humana e o ser de natureza divina. Mas isto não surge de forma aleatória, ele é tecido de

inúmeras formas de “fazer e dizer”, o sagrado das “mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural” (CERTEAU, 1994, p. 41).

O questionamento que surgiu durante a escrita foi: “quem sagrou a cidade de Juazeiro?”, hoje posso responder que foram os romeiros, com sua fé e devoção, como relatada por Simone Marques da Silva, de 36 anos:

Minha relação aqui com Juazeiro é incomparável, porque, se não fosse a fé que eu tenho, que todos nós temos, Juazeiro não seria tão grande como é. Olha só, recentemente eu escutei uma história – porque eu estou prestando um serviço voluntário aqui no Horto, no Museu do Padre Cícero. Chegou um rapaz de Natal aqui, depois de dezessete dias a pé, porque ele teve um AVC, e ele veio a pé de lá pra cá para agradecer a cura. Ele falou que quando estava doente chegou aqui próximo ao Padre Cícero e pediu com fé que se ele voltasse a andar, ele viria andando de Natal pra cá, e ele veio! Dezessete dias caindo, *torando* sandália, cansado, para chegar aqui, pagar sua promessa, subir o Horto a pé e se ajoelhar diante da estátua do Padre Cícero. Isso me marcou muito dos últimos anos pra cá.

Eu sou natural daqui de Juazeiro do Norte, já os meus pais não, meu pai é de Santana do Cariri e minha mãe de Pernambuco, eles eram romeiros e vieram pra cá morar na terra do Padre Cícero, se conheceram e se casaram. E o que eu mais vejo por aqui é rosto de gente feliz, que passa o ano todo economizando pra fazer uma viagem, chegar aqui e ficar na terra do Padre Cícero diante da estátua dele, agradecendo e fazendo pedidos também.

Se eu pudesse encontrar o Padre Cícero hoje... (olhou profundamente nos meus olhos), se eu pudesse, eu pediria a benção, sem dúvida, e diria que através dele muitos milagres foram concebidos. Um dos milagres que aconteceu com uma pessoa bem próxima a mim é que ela *tava* na parada de ônibus, próximo a fábrica da Cajúna, e vieram dois homens assaltar ela, e ela chamou pelo Padre Cícero: ‘valei-me meu Padre Cícero’, e os homens correram, saíram de perto dela, mas eles iam assaltar ela. E é por isso que eu ia dizer a ele: obrigado... muito obrigado, por tudo!

A entrevista revela uma profunda ligação entre a fé, a experiência religiosa e a cidade de Juazeiro do Norte. Nesse contexto, os conceitos discutidos anteriormente ganham vida na narrativa do entrevistado. A relação entre o sagrado e o profano, conforme delineado por Mircea Eliade, é evidente na forma como a fé é apontada como o fator que eleva Juazeiro a uma grandeza incomparável. A história do rapaz de Natal, sua jornada a pé de dezessete dias como agradecimento pela cura após um AVC, destaca a hierofania, uma manifestação do sagrado, transformando o espaço comum em um local sagrado.

A cidade de Juazeiro, como descrito pelo entrevistado, é apresentada como um espaço heterogêneo, onde elementos sagrados e profanos coexistem. A experiência do rapaz de Natal, desde a promessa até a subida ao Horto, ilustra vividamente a dinâmica imprevisível e multifacetada da cidade, conforme conceituado por Gilles Deleuze. A fé, expressa na peregrinação e na ação voluntária, promove uma conexão íntima entre o divino e o humano, conforme discutido anteriormente.

Além disso, a narrativa ressalta a contribuição ativa dos romeiros para a construção de uma aura mística na cidade. A peregrinação e as ações voluntárias, como as realizadas no Museu do Padre Cícero, exemplificam a hierofania que transforma espaços comuns em locais sagrados através de experiências pessoais de fé e devoção. Dessa forma, a entrevista proporciona uma compreensão mais rica da dinâmica única de Juazeiro do Norte à luz dos conceitos de Mircea Eliade, Gilles Deleuze e outras perspectivas discutidas anteriormente. Essa análise destaca como a religiosidade se entrelaça de maneira profunda e indissociável com a vida cotidiana, conferindo à cidade uma unicidade peculiar.

A entrevista encerra de maneira comovente, revelando uma profunda gratidão e devoção à figura do Padre Cícero em Juazeiro do Norte. O relato do entrevistado, nascido na cidade, mas filho de romeiros vindos de outras regiões, destaca a influência da fé na vida cotidiana e na construção da identidade local.

A expressão de rostos felizes, de pessoas que dedicam esforços durante o ano para realizar uma viagem e se colocar diante da estátua do Padre Cícero, ilustra a relevância do sagrado na comunidade. A peregrinação não é apenas um ato religioso, mas uma vivência que transforma espaços comuns em locais sagrados, alinhando-se aos conceitos discutidos anteriormente.

A emoção da entrevistada ao contemplar a possibilidade de encontrar o Padre Cícero hoje é palpável. Esse desejo reflete a proximidade entre o divino e o humano, como discutido acima, evidenciando como a figura do Padre Cícero é percebida como uma presença ativa na vida das pessoas, capaz de intervir em momentos de perigo e necessidade.

O relato do milagre envolvendo uma pessoa próxima ao entrevistado, que, ao clamar pelo auxílio do Padre Cícero, afastou potenciais assaltantes, destaca a interseção entre o sagrado e o cotidiano. Essa experiência não só reforça a fé, mas também ilustra a presença do Padre Cícero como um protetor e intermediário nas situações do dia a dia.

Assim, a entrevista não apenas corrobora os conceitos discutidos sobre o sagrado, o profano, a heterogeneidade do espaço e a relação entre o divino e o humano, mas também oferece uma visão íntima e pessoal de como esses elementos permeiam a vida dos habitantes de Juazeiro do Norte. Juazeiro, mais do que uma cidade, emerge como um espaço carregado de significados, onde a fé, a devoção e a presença do Padre Cícero moldam profundamente a identidade e a experiência cotidiana de seus habitantes.

Sagrado mosaico urbano: a topografia e o espaço vivo

Ao abordarmos a cidade sagrada de Juazeiro, é essencial que nos aprofundemos em um estudo topográfico de suas localidades. Ao adentrarmos o município, cada lugar específico nos remete ao sagrado ou evoca memórias da vida de Cícero. É intrigante notar, por exemplo, que até os poucos telefones públicos remanescentes na cidade possuem o formato do chapéu e da bengala tradicionalmente utilizados pelo patriarca de Juazeiro (figura 10 e 11). Outras estruturas, como uma lanchonete localizada na praça central, contêm insígnias características de Padre Cícero, como o chapéu e a bengala.

Figura 10 – Telefone público na Praça Padre Cícero



Fonte: <https://luccianorochoa.blogspot.com> (Acesso em 05/09/2023 às 22:24)

Figura 11 – Telefone público em formato de chapéu e bengala do Padre Cícero. Localizado no Antigo Prédio da Telemar/Oi, na Rua Padre Cícero



Fonte: acervo da página de Instagram @juazeiroemfotos

De acordo com a perspectiva de Merleau-Ponty (1999), o espaço não é meramente um meio "real e lógico" no qual as coisas estão dispostas; é, antes, o meio pelo qual a disposição das coisas se torna possível. Em vez de conceber o espaço como uma espécie de éter no qual todas as coisas estão imersas, devemos enxergá-lo como o poder universal de suas conexões (1999).

O conceito de espaço para Merleau-Ponty (1999) é uma jornada fascinante que nos convida a explorar o mundo para além do que nossos olhos podem ver. Para esse grande filósofo, o espaço não é simplesmente um vazio tridimensional onde objetos e corpos se localizam, mas uma teia viva e interconectada de experiências e significados. Em sua abordagem fenomenológica, Merleau-Ponty (1999) nos leva a perceber que o espaço não é algo externo a nós, mas uma dimensão essencial da nossa própria existência. Somos seres encarnados, mergulhados em um espaço que nos molda e nos afeta constantemente. O espaço é o meio pelo qual nos relacionamos com o mundo e nos situamos no tempo presente. A partir da filosofia de Merleau-Ponty, analisaremos como os romeiros vivenciam fisicamente o espaço sagrado, percebendo e interagindo com ele de maneira que transcende a mera materialidade. A

corporeidade dos romeiros em suas caminhadas e rituais cria uma conexão profunda entre o corpo e o espaço sagrado.

Quando trazemos esse conceito para a cidade de Juazeiro, podemos vislumbrar a riqueza de sua topografia. Cada rua, cada praça, cada construção carrega consigo a história e a cultura desse lugar sagrado. O espaço urbano de Juazeiro se torna um cenário vivo onde as memórias se entrelaçam com o cotidiano, onde as tradições dialogam com o presente.

Em Juazeiro, o espaço não é apenas uma moldura para a vida cotidiana, mas um protagonista que influencia nossas percepções e nossas experiências. As ruas estreitas, as cores das fachadas, os símbolos religiosos presentes em cada canto nos convidam a mergulhar nessa atmosfera única, onde o sagrado e o profano se misturam em um mosaico encantador. O conceito de espaço de Merleau-Ponty (1999) nos ensina a olhar para além da superfície das coisas, a buscar a profundidade e a complexidade que se esconde em cada espaço vivido. Em Juazeiro, o espaço se torna uma linguagem que conta a história desse lugar, que revela as crenças e valores de seu povo, que nos conecta com o passado e nos projeta para o futuro.

Para além das fronteiras de Juazeiro, a figura de Cícero se espalhou pelo Brasil, seu nome é ecoado pelos sertões e veredas através de memórias, lembranças afetivas e, até mesmo, através de estudos como este. Mas a topografia de Juazeiro através do Padre Cícero se expande para além dos limites territoriais, seu nome deu nome a várias ruas e praças pelo Brasil afora. Com ajuda da ferramenta *Google Maps*, realizei um levantamento sobre algumas ruas que levam o nome de Cícero presentes em quase todos os estados do Brasil:

TABELA 1

NOME DA RUA / QUANTIDADE	CIDADE	ESTADO
Rua Padre Cícero (2x)	Rio Branco	Acre
Rua Padre Cícero (2x)	Arapiraca	Alagoas
Rua Padre Cícero (15x)	Maceió	Alagoas
Rua Padre Cícero	Palmeira dos Índios	Alagoas
Rua Padre Cícero	São Miguel dos Campos	Alagoas
Rua Padre Cícero (2x)	Manaus	Amazonas
Rua Padre Cícero (2x)	Barreiras	Bahia
Rua Padre Cícero (4x)	Juazeiro	Bahia

Rua Padre Cícero (3x)	Paulo Afonso	Bahia
Rua Padre Cícero (7x)	Caucaia	Ceará
Rua Padre Cícero	Crateús	Ceará
Rua Padre Cícero (2x)	Crato	Ceará
Rua Padre Cícero (7x)	Fortaleza	Ceará
Rua Padre Cícero (6x)	Iguatu	Ceará
Rua Padre Cícero (2x)	Juazeiro do Norte	Ceará
Rua Padre Cícero	Maracanaú	Ceará
Rua Padre Cícero	Pacatuba	Ceará
Rua Padre Cícero	Quixadá	Ceará
Rua Padre Cícero	Cariacica	Espírito Santo
Rua Padre Cícero	Aparecida de Goiânia	Goiás
Rua Padre Cícero (2x)	Caxias	Maranhão
Rua Padre Cícero (3x)	Imperatriz	Maranhão
Rua Padre Cícero (5x)	São Luís	Maranhão
Travessa Padre Cícero	São Luís	Maranhão
Rua Padre Cícero	Santa Inês	Maranhão
Rua Padre Cícero	Janaúba	Minas Gerais
Rua Padre Cícero	Montes Carlos	Minas Gerais
Rua Padre Cícero	Sabará	Minas Gerais
Rua Padre Cícero	Cianorte	Pará
Rua Padre Cícero	Foz do Iguaçu	Pará
Rua Padre Cícero	Paragominas	Pará
Rua Padre Cícero (2x)	João Pessoa	Paraíba
Rua Padre Cícero	Abreu e Lima	Pernambuco
Rua Padre Cícero	Arcoverde	Pernambuco
Rua Padre Cícero	Belo Jardim	Pernambuco
Rua Padre Cícero	Camaragibe	Pernambuco
Rua Padre Cícero	Garanhuns	Pernambuco
Rua Padre Cícero	Gravatá	Pernambuco
Rua Padre Cícero	Igarassu	Pernambuco
Rua Padre Cícero (4x)	Jaboatão dos Guararapes	Pernambuco
Rua Padre Cícero	Petrolina	Pernambuco

Rua Padre Cícero	Recife	Pernambuco
Rua Padre Cícero	Serra Talhada	Pernambuco
Rua Padre Cícero	Parnaíba	Piauí
Rua Padre Cícero	Floriano	Piauí
Rua Padre Cícero	Picos	Piauí
Rua Padre Cícero (5x)	Teresina	Piauí
Rua Padre Cícero	Duque de Caxias	Rio de Janeiro
Rua Padre Cícero	Niterói	Rio de Janeiro
Rua Padre Cícero	Queimados	Rio de Janeiro
Rua Padre Cícero	Rio das Ostras	Rio de Janeiro
Rua Padre Cícero	São João de Meriti	Rio de Janeiro
Rua Padre Cícero	Teresópolis	Rio de Janeiro
Rua Padre Cícero (2x)	Mossoró	Rio Grande do Norte
Rua Padre Cícero (3x)	Natal	Rio Grande do Norte
Rua Padre Cícero	São Gonçalo do Amarante	Rio Grande do Norte
Rua Padre Cícero	Parnamirim	Rio Grande do Norte
Rua Padre Cícero	Esteio	Rio Grande do Sul
Rua Padre Cícero	Novo Hamburgo	Rio Grande do Sul
Rua Padre Cícero	Santo Ângelo	Rio Grande do Sul
Rua Padre Cícero	Sarapíngua	Rio Grande do Sul
Rua Padre Cícero (2x)	Ji-Paraná	Rondônia
Rua Padre Cícero	Porto Velho	Rondônia
Rua Padre Cícero	Criciúma	Santa Catarina
Rua Padre Cícero	Palhoça	Santa Catarina
Rua Padre Cícero	Americana	São Paulo
Rua Padre Cícero	Campinas	São Paulo
Rua Padre Cícero	Cubatão	São Paulo
Rua Padre Cícero	Diadema	São Paulo
Rua Padre Cícero	Francisco Morato	São Paulo
Rua Padre Cícero	Itaquaquecetuba	São Paulo
Rua Padre Cícero	São Bernardo do Campo	São Paulo
Rua Padre Cícero	São Paulo	São Paulo
Rua Padre Cícero	Sorocaba	São Paulo

Rua Padre Cícero	Suzano	São Paulo
Rua Padre Cícero	Taboão da Serra	São Paulo
Rua Padre Cícero	Aracaju	Sergipe
Rua Padre Cícero	Araguaína	Tocantins

Fonte: *Google Maps*: <https://maps.google.com>. Quadro elaborado pelo autor.

Ao realizar o levantamento com as ruas que são batizadas com o nome do Padre Cícero, surgiu, portanto, o conceito de semióforo, agenciado por Marilena Chauí (2001) em seu texto “Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária”. O termo "semióforo" é empregado para designar uma variedade de entidades, incluindo objetos, animais, eventos, indivíduos e instituições, que detêm uma carga simbólica intrínseca, com capacidade de interligar o tangível e o intangível tanto no espaço quanto no tempo. Um semióforo é compreendido como um signo que é apresentado ou utilizado para indicar algo além de sua própria presença física, cujo valor não é meramente material, mas simbólico. Tais elementos são frequentemente retirados do contexto de uso cotidiano ou desprovidos de uma utilidade direta e imediata, uma vez que são imbuídos de significados ou valores simbólicos, facilitando a conexão entre o visível e o invisível.

Exemplos paradigmáticos de semióforos abrangem relíquias sagradas, objetos artísticos de valor histórico ou estético, documentos raros, figuras heroicas e a concepção de nação, entre outros. Estes desempenham um papel de destaque na edificação da identidade coletiva e na celebração de crenças e valores compartilhados pela comunidade, tanto em nível nacional quanto em escalas sociais mais restritas. Sua presença e influência são cruciais na articulação e perpetuação de narrativas culturais e históricas, bem como na promoção de um sentido de pertencimento e coesão social.

Para realizar essa tarefa, o poder político precisa construir um semióforo fundamental, aquele que será o lugar e o guardião dos semióforos públicos. Esse semióforo-matriz é a nação. Por meio da intelligentsia (ou de seus intelectuais orgânicos), da escola, da biblioteca, do museu, do arquivo de documentos raros, do patrimônio histórico e geográfico e dos monumentos celebratórios, o poder político faz da nação o sujeito produtor dos semióforos nacionais e, ao mesmo tempo, o objeto do culto integrador da sociedade una e indivisa. (CHAUÍ, 2001, p. 9)

A correlação entre o conceito de semióforo e a proliferação de vias urbanas dedicadas à memória do Padre Cícero em todo o Brasil é de profunda significância. Padre Cícero, uma figura icônica na história e cultura brasileiras, especialmente marcante no contexto nordestino, é reconhecido como um semióforo - um símbolo carregado de significado que estabelece uma

ponte entre o mundo tangível e o transcendental, o sagrado e o profano. A designação de diversas ruas em cidades de todo o país em homenagem ao Padre Cícero é um testemunho da importância simbólica que essa figura histórica detém na consciência coletiva.

Essas vias se transformam em locais de celebração e reverência ao legado deixado pelo Padre Cícero, tornando-se espaços onde sua influência é lembrada e honrada. A disseminação geográfica das ruas que levam o nome do Padre Cícero em diferentes regiões do Brasil reflete a difusão da devoção e da relevância desse líder religioso em todo o país, demonstrando a profundidade de seu impacto nas comunidades locais. Essas ruas se tornam pontos de conexão entre as pessoas e a história, servindo como marcos que reafirmam os valores e a identidade cultural associados ao Padre Cícero.

Dessa forma, a multiplicidade de ruas batizadas em homenagem ao Padre Cícero pelo Brasil exemplifica vividamente a manifestação do conceito de semióforo. A figura do Padre Cícero transcende o espaço físico das vias urbanas, carregando consigo uma carga simbólica que ressoa profundamente na cultura e na religiosidade brasileiras, conectando gerações passadas, presentes e futuras através de seus ensinamentos e legado.

Embora um semióforo seja algo retirado do circuito da utilidade e esteja encarregado de simbolizar o invisível espacial ou temporal e de celebrar a unidade indivisa dos que compartilham uma crença comum ou um passado comum, ele é também posse e propriedade daqueles que detêm o poder para produzir e conservar um sistema de crenças ou um sistema de instituições que lhes permite dominar um meio social. Chefias religiosas ou igrejas, detentoras do saber sobre o sagrado, e chefias político-militares, detentoras do saber sobre o profano, são os detentores iniciais dos semióforos. É nesse contexto que a entrada da mercadoria e do dinheiro como mercadoria universal pode acontecer sem destruir os semióforos e, mais do que isso, com a capacidade para fazer crescer a quantidade desses objetos especiais. (CHAUI, 2001, p. 8).

O texto ressalta que os semióforos, enquanto objetos carregados de significado simbólico, são retirados do uso comum e adquirem uma importância que transcende sua materialidade, conectando o visível ao invisível e celebrando uma comunhão de crenças ou experiências compartilhadas. No caso das ruas dedicadas ao Padre Cícero, elas exemplificam essa noção, pois são espaços urbanos que, além de servirem a uma função prática de orientação geográfica, adquirem um valor simbólico significativo ao homenagear uma figura histórica com profundo significado religioso e cultural.

Além disso, o trecho destaca que os detentores do poder, sejam eles chefias religiosas ou político-militares, têm o poder de produzir e conservar esses semióforos, influenciando a forma como são percebidos e mantidos pela sociedade. No caso das ruas com o nome do Padre Cícero, a influência da igreja e da cultura local é claramente evidente, pois são essas entidades

que promovem e perpetuam a devoção ao Padre Cícero, tornando essas ruas não apenas uma manifestação de reverência, mas também um símbolo de poder e influência religiosa na comunidade.

A menção à entrada da mercadoria e do dinheiro como mercadoria universal também pode ser interpretada à luz do fenômeno das ruas dedicadas ao Padre Cícero. Embora o capitalismo e a economia de mercado possam transformar muitos aspectos da sociedade, incluindo as formas de expressão simbólica, as ruas dedicadas a figuras religiosas como o Padre Cícero resistem a essa transformação, mantendo sua importância cultural e simbólica mesmo em um contexto cada vez mais influenciado pelo comércio e pela globalização.

Ao contemplarmos o espaço de Juazeiro sob a ótica de Merleau-Ponty (1999), somos instigados a enxergar com os olhos da sensibilidade e a sentir com o coração. É um convite para percebermos o espaço como uma extensão de nossa própria existência, uma dimensão que nos envolve e nos envolve em um constante diálogo com o mundo.

Portanto, o espaço para Merleau-Ponty (1999) é muito mais do que uma dimensão objetiva e abstrata. É uma realidade viva e pulsante, onde nossa presença se entrelaça com o ambiente que nos cerca. Em Juazeiro, essa abordagem fenomenológica ganha vida, pois a cidade é um espaço sagrado que nos convida a transcender o visível e a nos conectar com o mistério e a profundidade da existência humana, como relatado por Pélina Ribeiro de Melo, de 55 anos, natural de Campina Grande (PB) e seu marido, Manuel Gomes de Melo Filho, de 63 anos, também de Campina Grande, que foram pela primeira vez como um casal para Juazeiro em 2023.

Pélina Ribeiro de Melo:

Eu vim quando eu era adolescente, eu tinha na faixa de 12 a 13 anos de idade, minha mãe tinha feito uma promessa pra eu vir aqui em Juazeiro, vestida de preto, como tem ainda hoje né, com a roupa do Padre Cícero. A oportunidade de vir, foi quando uma tia, a irmã da minha mãe, vinha pra cá, aí minha mãe disse: ‘vá com ela que é pra você pagar a promessa’. Aí eu vim, vestida de preto, foi de ônibus também, eu lembro que ficamos em um rancho, que era como se fosse um quarto grande com bem muitas camas bem simplesinhas e rede, muita rede, que tinha uma fila pra banheiros, mas era assim uma fila mesmo pra usar, e foi assim, sabe, bem sofrido nesse sentido, eu era mocinha na época então pra mim foi uma aventura, já pra minha tia aquilo tudo *tava* tudo bom, tudo normal, ela tava feliz em tá aqui.

Retornando agora, mais de 40 anos depois, eu vi que a evolução, graças a Deus, fez sua contribuição aqui, chegou, *né?* Chegou conforto. Porque, se tinha antes, eu não conhecia (risos), mas chegou conforto, *né*, o calor continua... Eu achei o pessoal com a fé muito forte, achei muito bonito na hora em que nós passamos no ônibus, que olhei pela janela para a praça do centro e tinha um senhorzinho rezando, nessa reza dele era como uma conversa com a estátua do Padre Cícero, aquilo me tocou bastante, porque era a fé daquela pessoa da terra, eu achei muito bonito.

Também nas igrejas eu percebi, muita gente de fé, rezando, pagando promessa, sem se importar com o calor, com a dificuldade. Olha, eu vi uma mulher bem franzina,

entrando naquela igreja enorme do Coração de Jesus de joelhos, aquilo mexeu muito comigo, eu não sei se todos eram romeiros ou se tinha gente da cidade também, não soube fazer essa diferença, mas de todo jeito eu achei o pessoal muito presente na fé. A minha história na fé do Padre Cícero é até engraçada né, porque foi minha mãe quem fez a promessa e eu vim e paguei (risos). Mas eu escutava e ainda escuto muitas histórias de devoção, até mesmo na minha família, como eu falei da minha tia, minha avó, minha mãe. Isso me encanta. Eu vim pra cá mais pelo encantamento mesmo, quando eles (os romeiros) falam: ‘Ano que vem eu venho com fé em Deus e no meu *Padim Ciço*’ e *tira* o chapéu, essas coisas me deixam com uma sensação muito boa, porque são coisas que eu vi aqui, quando eu era criança e até hoje em 2023, quando eu chego eu vejo o pessoal fazendo.

Pélina descreve a viagem a Juazeiro como uma jornada que vai além da simples localização geográfica. O espaço não é apenas o ambiente físico da romaria, mas um meio pelo qual ela vivencia a tradição religiosa e cumpre uma promessa. Vestir-se de preto, conforme a tradição do Padre Cícero, não é apenas uma ação física; é um gesto que a conecta com a espiritualidade do local.

O rancho simples onde ficaram hospedadas e as filas para os banheiros tornam-se não apenas condições materiais, mas parte da vivência da romaria. A simplicidade do ambiente contribui para a sensação de desafio e aventura, mas também para a construção de memórias significativas. Essas condições tornam a experiência mais marcante e contribuem para a formação da relação pessoal de Pélina com Juazeiro.

Ao considerar o espaço como uma teia viva e interconectada de experiências e significados, conforme a perspectiva de Merleau-Ponty (1999), podemos interpretar que cada elemento do ambiente, desde as camas modestas até as redes no rancho, contribui para a complexidade dessa experiência. O espaço é um protagonista que molda as percepções da entrevistada e influencia sua relação com o sagrado.

Ao destacar a evolução ao longo dos anos, especialmente no que diz respeito ao conforto, ela sugere uma transformação não apenas nas condições materiais, mas na percepção intrínseca do espaço. A introdução do conforto é mencionada como uma novidade, indicando como as mudanças no espaço físico afetam a experiência das pessoas.

A observação atenta do espaço revela-se quando ela descreve a cena do senhor rezando na praça do centro. Merleau-Ponty (1999) enfatiza a importância de uma percepção mais profunda do espaço, indo além das aparências. Aqui, a narrativa destaca a fé manifestada não apenas nas igrejas, mas também na interação direta com o espaço público, onde a oração se torna um diálogo pessoal com a estátua do Padre Cícero.

Outro ponto interessante é a descrição da mulher franzina que entra de joelhos na igreja do Coração de Jesus. Essa imagem não só ressalta a devoção, mas também evidencia a

dimensão corporal e encarnada da fé, alinhando-se com a filosofia de Merleau-Ponty (1999), que enfatiza a importância do corpo na experiência do espaço.

A entrevistada destaca a própria história na fé do Padre Cícero de maneira humorística, ressaltando o aspecto familiar dessa tradição. O encantamento que ela expressa, baseado nas histórias ouvidas e nas tradições familiares, revela como a experiência do espaço sagrado vai além do individual, incorporando uma dimensão coletiva e cultural.

Manuel Gomes de Melo Filho:

Meus pais sempre tiveram uma devoção muito forte com o Padre Cícero, desde criança eu escuto esse nome, e aprendi a associar o Padre Cícero como um amigo que ajuda a gente. Quando eu morava no sítio, se uma vaquinha estava amuada meu pai já dizia ‘Ah, meu Padre Cícero me ajude, me valei, pra *os bicho* não adoecer’, *entendesse?* Então sempre era isso eles sempre colocavam o Padre Cícero na frente.

Na época em que eu era mais novo, meu pai sempre vinha... todo ano ele vinha. E teve uma vez que ele me chamou pra vir, e eu vim. Não lembro o ano, mas faz tempo viu, mais de 45 anos. Nós viemos em um ônibus, eu tinha a impressão, não sei era por eu ser pequeno na época, que tinha muita gente no ônibus, muita mesmo. Ai a gente dormia em um rancho, como se fosse um galpão, sabe? Eu e meu pai *dormia* em rede, era muita rede na parede, acho que dormiam mais de 100 pessoas naquele rancho. Tinha muito pobre na rua, muitos pedintes, mendigos, aquilo me deixou impressionado, eram muitos mesmos.

A gente ia a pé pra imagem, não tinha aquelas igrejas perto, era tudo a pé, no pino do sol, você imagine o que era a fé, porque o sol daqui não é brincado não, esse povo todo no sol quente e ninguém reclamava, parecia que estava em um parque de diversões. Hoje em dia está tudo mudado, até teleférico tem, *né?* Chegou o bem estar para os romeiros. Hoje essa viagem que a gente faz nesse ônibus luxuoso não é cansativa, a gente se sente bem, reza, brinca, faz bingo e tudo mais.

O que mais me chamou atenção foi a renovação das coisas e, ao mesmo tempo, como tem muitas coisas iguais... assim, o pessoal vai pra estátua ainda como naquele tempo, só que agora vai rezando dentro do teleférico, com ar-condicionado (risos). Aquela devoção deles (se refere aos seus pais) hoje eu revivi, eu voltei no tempo, aquele Padre Cícero, milagroso, amigo que ajuda, ainda tá aqui, tá no ônibus, nas igrejas, na estátua no teleférico.

A entrevista do marido de Pélima, Manuel, oferece uma perspectiva única sobre a experiência em Juazeiro do Norte, sob a ótica do conceito de espaço de Merleau-Ponty (1999). Sua narrativa começa destacando a forte devoção de seus pais ao Padre Cícero desde a infância. A associação do Padre Cícero como um amigo protetor, capaz de ajudar nas situações cotidianas, ressalta a presença constante da fé no espaço vivido.

A descrição da peregrinação anual de seus pais, onde o pai pedia a intercessão do Padre Cícero até mesmo para assuntos relacionados ao sítio e aos animais, destaca como a religiosidade está entrelaçada com a vida cotidiana e o espaço rural. O Padre Cícero não é apenas um ícone religioso, mas um elemento vital no entendimento e navegação do espaço habitado.

A viagem de ônibus para Juazeiro, há mais de 45 anos, é apresentada como uma experiência marcante, onde a impressão de muita gente no ônibus e a hospedagem em um rancho coletivo evidenciam a dimensão coletiva da peregrinação. A presença de muitos pedintes e mendigos nas ruas é mencionada como um elemento impressionante, destacando não apenas a fé, mas também as complexidades sociais envolvidas nesse espaço sagrado.

A descrição da caminhada a pé até a imagem do Padre Cícero, enfrentando o sol forte, ressalta o sacrifício físico em prol da devoção. Essa experiência enfatiza a dimensão corporal e encarnada da fé, conceito caro a Merleau-Ponty (1999). A mudança ao longo do tempo é expressa na introdução de comodidades modernas, como o teleférico, contrastando com as experiências mais desafiadoras do passado.

A observação da renovação e simultaneidade de elementos semelhantes é crucial. O teleférico, com ar-condicionado, torna-se um novo meio para a prática da devoção, mas a essência da devoção permanece inalterada. A presença do Padre Cícero é percebida como atemporal, transcendendo não apenas a passagem do tempo, mas também a evolução do espaço físico.

Nesse sentido, o lugar ganha forma e significado a partir das narrativas entrelaçadas das vidas que o habitam, das experiências que o pintam com cores únicas. Para compreender a amplitude do conceito de espaço, lancemos mão da visão que o concebe como misturas inextricáveis de dimensões concretas e dimensões simbólicas (ALBUQUERQUE JR., 2008: p. 82).

[...] frutos das artes e astúcias dos homens que buscam definir fronteiras, estabelecer proximidades, distâncias e separações entre homens e coisas do mundo, dotá-las de certa ordem, torná-las inteligíveis, lançando mão para isto não apenas das explicações e compreensões racionais, mas também das fantasias, dos mitos, das crenças, dos delírios, das luzes e das sombras.

Isso nos indica que o espaço transcende as fronteiras de uma mera coordenada geográfica, demarcada por linhas em um mapa. De fato, o lugar é moldado pelas mãos invisíveis das histórias que nele se desenrolam, pelos sonhos e aspirações que reverberam em seus cantos e recantos. É uma sinfonia complexa de conexões físicas e simbólicas, onde a materialidade do ambiente é harmonizada com as emoções que o permeiam. Não é apenas um ponto no espaço, mas um ponto de encontro entre o palpável e o intangível, entre a concretude e a abstração.

Assim, o espaço ganha alma através das experiências vividas, das memórias que se agarram a cada canto, das histórias que ecoam pelas suas paredes. Cada pedaço de terra, cada estrutura construída, torna-se um fragmento de uma narrativa maior, enraizada na trama

complexa da existência humana. É como se o espaço fosse uma tela em branco, esperando para ser preenchida com as pinceladas únicas de cada indivíduo, as pinceladas que transformam um lugar em um lar.

É importante reconhecer que o espaço não é apenas um cenário estático, mas um organismo vivo em constante interação com aqueles que o habitam. Ele respira com as risadas, chora com as lágrimas, e absorve as memórias como nutrientes vitais. Cada passo dado dentro de suas fronteiras deixa uma marca, uma impressão que se mescla com as marcas daqueles que vieram antes.

Portanto, a compreensão do espaço como uma fusão de dimensões tangíveis e intangíveis é uma abertura para desvendar as múltiplas camadas de significado que permeiam cada canto do nosso mundo. Um espaço não é somente uma localização geográfica, mas um testemunho vivo da nossa jornada através do tempo e da experiência, uma manifestação da nossa presença e da nossa essência.

Neste estudo, a cartografia sagrada de Juazeiro desempenhou um papel fundamental na busca por respostas. Em uma investigação histórica como esta, a prioridade reside em imergir no contexto do passado, entender os cenários em que os eventos marcantes na história de Juazeiro se desenrolaram.

No caso específico de Juazeiro, é a parte norte da Serra do Catolé que emerge como um espaço central. Poderíamos até afirmar que este é o local mais sagrado da cidade. É lá que a estátua do Padre Cícero se ergue, no topo desse morro que foi propositadamente nomeado de Horto. Esse nome carrega uma conexão direta com o Horto das Oliveiras, onde se diz que Cristo antecipou seus estigmas, prevendo os tormentos de sua paixão, momentos antes de ser preso e crucificado. De acordo com Amália Oliveira (2001, p. 71), teria sido o próprio Padre Cícero quem batizou aquele trecho da serra com o nome de Horto, um acontecimento datado dos primeiros anos de sua estadia em Juazeiro, quando a cidade ainda fazia parte do município do Crato.

Figura 12 – Estátua do Padre Cícero localizada no Horto



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 13 – Romeiros na estátua do Padre Cícero



Fonte: acervo pessoal do autor.

Para todos, a visita à Colina do Horto, onde está localizada a estátua do Padre Cícero (Figura 13), é obrigatória para o romeiro, e é comum que estes sigam os itinerários desenhados pelo Padre Cícero. A subida pela chamada “estrada antiga” ou “estrada velha”, pois há dois acessos pela cidade à Colina do Horto. Uma, é a estrada asfaltada, que tem início na Igreja Matriz. Já o outro acesso é uma via mal conservada, íngreme e sinuosa, habitadas por pessoas muito pobres, que se inicia na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Rua José Bezerra. É pelo segundo caminho que os romeiros sobem a pé, mantendo o caminho que fazia o Padre Cícero, percorrendo cerca de dois quilômetros de caminhada.

Na visita ao Horto, aos pés da estrada, o sentido da visita torna-se mais nítido. O lugar é tomado por vendedores de terço, vendedores de fogos de artifícios e velas, vendedores de medicamentos naturais, vendedores de imagens e barracas de comida. Em termo de infraestrutura, o Horto possui amplo estacionamento para caminhões, ônibus e carros, além de uma galeria de lojas no andar abaixo da estátua. A visita funciona como ato de renovação, uma prova da sua fé. Na base da estátua, percebe-se uma riscadeira pois o monumento, que é feito de concreto armado e pintado de branco, desde a sua inauguração, em 1969, a estátua passa por várias repinturas devido ao costume popular romeiro de escrever na estátua seu nome, o local

de origem, além de outras inscrições, geralmente fazendo pedidos ou agradecendo (como demonstrado na figura 14). Ali, há marca de milhares de registros da presença de indivíduos que buscam, através da assinatura dos seus nomes, indicar sua passagem por aquele monumento durante a romaria.

Essa ligação histórica do Horto com os romeiros e com a cidade em si nos transporta para o período em que o Milagre da Hóstia ocorreu, mais precisamente durante a seca dos anos de 1888 e 1889. Diante da gravidade dessa estiagem, o Padre Cícero fez uma promessa ao Sagrado Coração de Jesus: se a chuva retornasse ao Cariri, uma grandiosa igreja em honra ao Sagrado Coração seria erguida no topo da Serra, o local que ele nomeou de Horto.

Algum tempo após a formulação da promessa, a região foi agraciada com uma chuva significativa. Foi então que Cícero, movido pela promessa feita, iniciou os trabalhos para a construção da igreja em 1890, os quais se estenderam até 1896, quando foram interrompidos por Dom Joaquim. É conhecido que após o retorno de Cícero de sua viagem a Roma – uma tentativa de apelo ao Vaticano para reverter a sentença de Dom Joaquim e da Inquisição que suspendia seu sacerdócio – em 1898, ele tentou retomar a construção da igreja. No entanto, encontrou uma nova proibição por parte do Bispo do Ceará. Isso deixou no Horto apenas os primeiros traços da igreja e a casa onde o Padre Cícero encontrava repouso.

Em Juazeiro, como os lugares frequentados pelo Padre atraíam uma multidão de romeiros, esses locais se transformaram em pontos de convergência. Sabendo que encontrar o Padre seria mais provável nesses espaços, muitos peregrinos se deslocavam até a colina do Horto. Eles nutriam a esperança de buscar bênçãos e orientações do *Padim Ciço*. Assim, nasceu o hábito que perdura até hoje: os romeiros subindo até o Horto do Juazeiro.

Vale ressaltar que a peregrinação a esse local adquiriu uma aura ainda mais sagrada após o falecimento do Padre. O caminho até o topo da montanha tomou dimensões divinas, permitindo aos peregrinos seguir os passos de Cícero. Essa jornada passou a encarnar significados comparáveis aos locais da Terra Santa. Era como se os eventos da vida de Cristo tivessem encontrado eco ali, naquela subida.

Hoje, o Horto está incorporado à área urbana de Juazeiro, mas na época de Cícero, ele estava distante da cidade. Subir até o topo da colina era como viajar pelas páginas bíblicas, transportando cenários geográficos para o interior do Nordeste. O Rio Salgadinho, por exemplo, transformava-se no Rio Jordão. A estrada de areia que conduzia ao Horto era comparada ao caminho do Calvário. A Serra do Catolé vizinha ganhava o nome de Santo Sepulcro. Assim, as geografias das passagens bíblicas encontravam morada em Juazeiro, recriando uma narrativa sacralizada na própria terra.

As dinâmicas que se desdobraram em Juazeiro tiveram o poder de erguer uma memória oficial, uma narrativa que os colaboradores do Padre Cícero ansiavam compartilhar como um legado coletivo. Dessa forma, múltiplos lugares se tornaram os alicerces nos quais essa memória foi erguida e solidificada. Em Juazeiro, é claro, essa memória alcançou sua expressão mais definida, ganhando forma através de narrativas historiográficas cuidadosamente construídas por aqueles que apoiavam Cícero. Foi tecida com esmero pelas mãos dos peregrinos que se sentiam profundamente ligados a ele.

Para aprofundarmos nossa compreensão desse fenômeno, é crucial lançar mão do conceito de memória coletiva delineado por Maurice Halbwachs em sua obra "A Memória Coletiva" de 1990. A essência dessa teoria reside na ideia de que as memórias, mesmo as que parecem individuais, estão invariavelmente moldadas pelos grupos sociais com os quais estamos entrelaçados, tanto de forma física quanto emocional. Dessa forma, as recordações não são meras lembranças solitárias, mas sim o eco de experiências vivenciadas por indivíduos dentro de contextos grupais ao longo do tempo.

Em Juazeiro, essa teoria encontra solo fértil para florescer. O contexto de fervor religioso e a convivência próxima dos devotos em torno do Padre Cícero proporcionaram uma interconexão íntima entre as memórias individuais e a memória coletiva. Os acontecimentos que marcaram a trajetória do Padre Cícero não foram apenas episódios isolados, mas sim pedras fundamentais na construção de uma narrativa compartilhada por uma comunidade de fiéis.

Cada peregrino, cada devoto, carrega consigo suas próprias recordações, suas experiências únicas vividas nos encontros com o Padre, nas romarias, nas orações fervorosas. No entanto, essas lembranças individuais ganham uma tonalidade diferente quando inseridas na tapeçaria da memória coletiva de Juazeiro. A dimensão social, os rituais em comum, os laços formados durante as celebrações, tudo isso emaranha essas lembranças individuais em um tecido maior, enriquecendo-as e conectando-as a uma história compartilhada.

O próprio lugar geográfico, repleto de marcos simbólicos, contribui para essa fusão de memórias individuais e coletivas. Cada canto de Juazeiro, cada rua e cada edificação, é impregnado com as histórias vividas pelos que lá estiveram. A memória do Padre Cícero, sua presença imponente, está entrelaçada com a própria essência da cidade, como demonstrado na figura 16, em que, na praça central, onde já contém uma estátua do Padre Cícero feita em bronze (figura 16) inaugurada ainda em vida. Em uma de suas esquinas também foram inauguradas três imagens na mesma linha estética (figura 15), com o Padre Cícero no centro, ladeado a direita pela estátua do Monsenhor Murilo e, a esquerda, pela beata Maria de Araújo, tendo no espaço central um banco, para que os visitantes possam tirar fotos.

Como Halbwachs (2004) argumentou, as memórias individuais não podem ser plenamente compreendidas sem a lente da memória coletiva, e essa relação é particularmente visível quando olhamos para Juazeiro. As lembranças de cada indivíduo se tornam parte de um todo maior, uma memória viva que é passada de geração em geração, mantendo viva a chama da devoção e do legado do Padre Cícero.

Figura 14 – Estátuas do Monsenhor Murilo, Padre Cícero e Beata Maria de Araújo, respectivamente



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 15 – Estátua do Padre Cícero localizada na praça central da cidade



Fonte: Acervo pessoal

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (2000, p. 63) nos conduz a uma reflexão profunda sobre a formação da memória coletiva. Ela explora como os eventos e aspectos considerados marcantes são selecionados e, posteriormente, celebrados como memória oficial, muitas vezes por meio de lugares de memória tangíveis, como quadros, monumentos e museus. Esse processo é frequentemente moldado pelos grupos dominantes, refletindo suas perspectivas e narrativas, o que muitas vezes exclui as memórias subterrâneas ou marginais. No entanto, em Juazeiro do Norte, algo notável aconteceu, quase que de forma inédita. A memória oficial foi concretizada por meio do clamor popular, desafiando os poderes estabelecidos da época. A figura central nesse cenário foi o Padre Cícero, apesar da oposição da igreja, liderada pelo Bispo Dom Joaquim Vieira. A própria essência de Juazeiro, sua identidade e valores, foi transmitida através da tradição oral, um processo que, como Michel Pollak destaca, é marcado por diferenças. Aqui, Pollak nos convida a enxergar as permanências não apenas como uma continuidade suave, mas sim como um campo de batalha de memórias, onde diferentes perspectivas e narrativas colidem e interagem. Em um local onde o conflito entre a memória oficial e a memória popular era tão palpável, a própria essência da cidade se manifestou através

da rica interseção dessas vozes, criando uma gama de lembranças que é simultaneamente desafiadora e unificadora.

Vejamos o que nos relata uma romeira de Caicó – Rio Grande do Norte, Maria Auxiliadora Rodrigues, de 52 anos, que todos os anos vai ao Horto visitar a estátua do Padre Cícero:

Desde pequena que eu me lembro eu vou para Juazeiro, primeiro, eu vinha com o meu avô, sabe? Mas eu vinha porque era bom passear, sair de casa. Depois que eu cresci, quando eu tinha uns 23 anos, arrumei um namorado, ele sofreu um acidente de carro, foi uma batida feia, a situação não era nada boa, o médico falou com minha sogra que a situação estava muito difícil. Eu me desesperei, também, nessa situação, né? Aí eu me lembrei de pedir ajuda ao meu *Padim Ciço*, pedi a ele que pelo amor de Deus me ajudasse, e que se meu namorado ficasse bom, eu ia pro Horto subir na escada dele de joelhos. Eu vim pra cá depois pagar a promessa toda feliz, e fui contar ao padre na igreja lá embaixo (Igreja Bom Jesus do Horto), e ele foi me falar porque aquele lugar tinha o nome de Horto do Padre Cícero.

Eu me lembro que ele falou que o nome Horto vem do local de onde Jesus tinha sofrido muito antes de morrer, lá em Jerusalém, e que aqui também tinha o nome de Horto porque o Padre Cícero sofreu muito e morreu aqui, não foi como Jesus também, né? Mas sofreu, e ficou quietinho, lá na casa dele. Aí o padre me disse que quando eu subisse pra ir pagar minha promessa, eu rezasse a Via Sacra lembrando do sofrimento de Jesus. Aí pronto, meu filho, desde esse dia que toda vez que eu venho aqui no Juazeiro, eu faço do mesmo jeito, eu tenho que vir cedo, né? Porque o sol daqui não é brincadeira não, subo rezando e me lembro toda, toda vez daquela história, e é assim, se eu tenho um perrengue, eu me apego com Padre Cícero, e quando eu tô muito angustiada lá embaixo, eu sempre compro uma cruzinha e venho carregando, pra me lembrar que Jesus também carregou a cruz. E eu só tô te contando isso porque você disse que vai falar do meu *Padim Ciço*, e pra ele... pra ele a gente não diz não, né?

As topografias que se desenham, meticulosamente construídas em torno dos locais sagrados de Juazeiro, transcendem a mera abstração das metáforas. Para os romeiros, esses lugares foram investidos de uma materialização singular, uma transfusão da essência de onde Cristo caminhou para as profundezas do solo caririense. O Horto, aquele mesmo espaço de angústia e meditação de Cristo, onde Cícero, sem dúvida, encontrou refúgio para enfrentar os tormentos de sua existência conturbada, agora é um lugar onde os romeiros partilham um fardo, uma recriação do sofrimento, fruto das caminhadas sob o abrasador sol de Juazeiro. O próprio ato, o esforço ardente, reafirma a crença, solidificando as histórias em um legado único.

Porém, a abundância de significados não para por aí. A Serra do Catolé se tornou algo além de uma paisagem física, transformando-se em um solo sagrado, onde as maravilhas e os milagres se entrelaçam com as histórias dos romeiros. As narrativas desses eventos extraordinários conferiram à serra uma aura de sacralidade, um espaço digno de veneração e respeito. A aura do sagrado permeia cada fibra desse lugar, um chamado para uma conexão mais profunda, uma reverência por aquilo que é divino.

As amarras das experiências sagradas unem os fiéis a esses lugares e, por extensão, a Juazeiro. Cada testemunho milagroso, cada encontro que transcende os limites do terreno, esses são os fios que bordam o tecido da fé. Esses relatos não apenas ecoam nos corações dos que ouvem, mas também se entrelaçam nas histórias de vida, constituindo a espinha dorsal de um lugar sagrado. Juazeiro, então, se consolida como um espaço de salvação, onde repousa o pilar central, um homem santo, o Padre Cícero, investido com poder e divindade.

O Horto, em meio a essa constelação de crenças e experiências, assume um lugar de destaque. Ele se eleva, não apenas como um local físico, mas como uma realidade sagrada encapsulada na memória dos devotos. É um marco imutável, uma memória sagrada que permanece, apesar do tempo, da efemeridade. Esse sítio, o Horto, se solidificou como um elo indissolúvel na corrente da fé, um lugar onde a dimensão terrena se entrelaça com o divino, onde as lágrimas, os risos, as preces e as promessas dão forma a uma pluralidade de devoção. E assim, no coração de Juazeiro, esse Horto não é somente uma paisagem, mas sim um símbolo, um refúgio, um laço indelével entre o terreno e o espiritual.

Ritmos da eternidade: Juazeiro e a transcendência do agora

É fundamental mergulharmos na compreensão de que as romarias e o laço entre esses devotos e a cidade são intrincados e em constante fluidez. Ao trilharmos a jornada desde o início das peregrinações até os dias atuais, é notável como a espacialidade da cidade se metamorfoseou ao longo do tempo. Os romeiros, numa sintonia com as ideias de Hobsbawm, exibiram a arte de recriar tradições, reimaginando a própria essência das peregrinações. Um exemplo eloquente é a subida ao Horto, um ato que outrora era uma caminhada tradicional, onde as orações da Via Sacra se entrelaçavam com promessas feitas, um ritual de devoção moldado pela persistência dos passos e pelo suor derramado. Entretanto, o cenário atual se desvela com um toque de modernidade, onde um bondinho elétrico (figura 17) gentilmente carrega os fiéis em suas cabines, ascendendo a montanha que abriga a majestosa estátua do Padre Cícero. O passeio é contemplado por uma vista panorâmica, e a experiência é vivida com uma temperatura controlada, um refúgio das agruras do sol que brilha sobre Juazeiro. Tal mudança subverte a antiga noção de sacrifício associada à subida ao Horto, mas ao questionarmos aqueles que agora escolhem o trajeto pelo teleférico, a essência que os guia permanece inalterada, e o sentido profundo de visitar a montanha sagrada do Ceará permanece inabalável. A jornada pode ter se tornado mais suave, mas o vínculo entre a alma do romeiro e o espírito do lugar permanece tão intrínseco quanto antes, uma ligação que perdura, independentemente das mudanças no meio.

Figura 16 – Teleférico do Horto



Fonte: acervo pessoal do autor

O exemplo que segue serve como uma pincelada das transformações que permearam a tessitura da cidade. No ano de 1911, um marco surgiu na paisagem de Juazeiro: as primeiras luzes que banharam as vias públicas no coração da cidade. Nesse instante, as noites ganharam um novo brilho, pois as lamparinas, cuidadosamente resguardadas por abajures de vidro, pendiam graciosamente dos postes de madeira, emanando uma aura de luz em meio à escuridão. Por volta de dois anos após esse feito, os candeeiros movidos a querosene foram substituídos por um sistema mais moderno e funcional, alimentado pelo acetileno. A história de Juazeiro ganha vida nas palavras de Walter Barbosa, cuja crônica histórica datada de 1980, exaltou a relevância desse avanço. Para ele, a implantação das lamparinas de querosene e, posteriormente, a incorporação da energia elétrica situou Juazeiro como uma cidade de destaque na época. Em sua visão, a "Terra do Padre Cícero" não apenas testemunhava, mas também trazia consigo a essência da evolução dos tempos, perpetuando-se como uma testemunha viva do fluir da história (BARBOSA, 1980, p. 44 – 45). O jogo de luzes na escuridão das noites juazeirenses não era apenas uma mudança física, mas também um reflexo das mudanças internas, uma analogia da cidade que estava sempre em sintonia com os ventos da mudança e da progressão.

Para além do advento da eletricidade que iluminou a cidade, outro marco que solidificou a aura de progresso em Juazeiro foi a edificação da estação ferroviária em 1926. A chegada dos trilhos foi habilmente incorporada como um símbolo da modernidade em meio às celebrações em torno do legado do Padre Cícero. Em seu relato, Walter Barbosa rememora como, originalmente, a estação estava destinada a erguer-se nas cercanias da praça Almirante Alexandrino de Alencar, ou seja, no centro pulsante da cidade. Contudo, a vontade firme do Padre Cícero prevaleceu, e a estação foi erguida em um ponto distante do núcleo urbano. Na visão arguta do cronista, o "fundador de Juazeiro" na realidade antevia o futuro crescimento da cidade.

O vínculo entre Padre Cícero e Juazeiro, ou seja, de criador e criatura, harmonizou-se com a maré da modernização. A ferrovia não foi apenas uma infraestrutura, ela serviu como mais um emblema do progresso, como ecoa Walter Barbosa (1980, p. 83). Nas páginas das memórias do cronista, emergem as representações mitológicas que há muito, desde o século XIX, associavam as ferrovias a uma maravilhosa inovação científica, um catalisador do desenvolvimento que conferia substância à integração territorial da nação. O rugir das locomotivas carregava consigo a promessa de um futuro luminoso, enraizado na tradição juazeirense e impulsionado pela modernidade que avançava com cada apito.

Os relatos acima compartilhados pintam uma imagem vívida de Juazeiro, que se revela como um terreno aberto às inovações e aos símbolos da contemporaneidade. No entanto, tais avanços não emergem para anular os rituais e as devoções que permeiam a essência da cidade; em vez disso, devem coexistir em harmonia.

Assuntos intrinsecamente entrelaçados com o curso linear da história, como a construção da ferrovia ou a chegada da iluminação elétrica, adquirem camadas adicionais de significado quando entram em sintonia com as vozes dos devotos. O enlace entre modernidade e tradição em Juazeiro demonstra a riqueza da sua cultura e a habilidade de seus habitantes em entrelaçar passado e presente, celebrando as conquistas tecnológicas sem deixar que se erodam os alicerces espirituais que sustentam a cidade e sua gente. Para poetas como Severino do Horto, a linha férrea que serpenteava por Juazeiro enfrentava um obstáculo singular:

O engenheiro que veio fazer a estrada de ferro quis furar um buraco na serra. Aí foi falar com o Padrinho Cícero:

— Eu estou no plano de fazer a passagem do trem dentro da serra.

Aí, ele falou:

— Bem, se você conseguir... pode fazer... Mas se eu fosse você eu não mexia nesse lugar.

— Aí começaram a furar a serra. Com pouco, o engenheiro viu que a serra estava cheia d'água e disse:

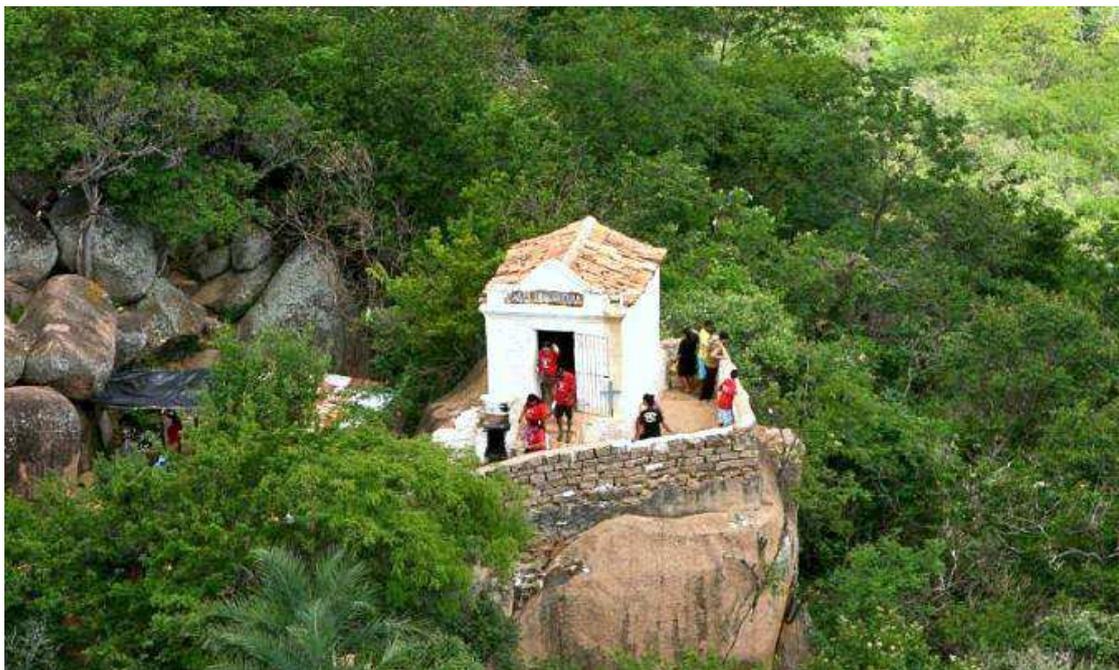
— Pára, pára!!! Que isso não vai dar certo. Eu nunca vi uma coisa dessa! Pois bem, aí tem um mistério. Muita gente diz que o Horto é encantado. E eu também acredito. Aí é que tem a Nova Jerusalém.

[...] Aqui não é Jerusalém, porque Jerusalém todo mundo sabe, é em outro lugar, mas é uma cópia, do mesmo jeito. Aí é também Jerusalém, porque tem esse mistério. Pronto é uma xérox. A gente tira xérox da carteira de identidade e aí é a mesma coisa da carteira até porque é mais barato vir pra cá e da até pra vir a pé. (Depoimento retirado do livro “*O Meio do Mundo*”, de Francisco Régis Lopes Ramos, 2014, p. 378 – 379).

A voz poética de Severino ecoa com um vocabulário intrinsecamente ligado às matizes da vida cotidiana. Seu depoimento, como um testemunho vibrante, é permeado por significados extraídos das experiências diárias. Ele pinta uma imagem singular da fé, onde uma "xérox", ou seja, uma cópia instantânea, torna-se um milagre manifestado pela intervenção divina para os habitantes do nordeste. Essa narrativa ressoa a vitalidade única que permeia a experiência religiosa em Juazeiro: sua capacidade de ressurgir e ser reavivada a partir de uma lógica profundamente enraizada nas questões do dia a dia. A memória que ergue os alicerces sagrados de Juazeiro é pulsante, movendo-se através de uma teia de temporalidades que se entrelaçam de forma harmoniosa. Cada acontecimento, cada palavra, ganha uma nova camada de significado, formando um mosaico de vivências que transcende as barreiras do tempo e conecta os fiéis de hoje com os ancestrais que percorreram essas mesmas estradas de devoção.

No epicentro da "Nova" Jerusalém, repousa a majestosa Serra do Horto, cujo núcleo palpita com a energia do Santo Sepulcro (figura 18). É imprescindível traçar um olhar atento às denominações empregadas para evocar os lugares de veneração dos romeiros: Sepulcro, Horto, Via Sacra. Essas designações, oriundas da tradição ancestral da Terra Santa, ganham novas camadas de significado em solo juazeirense. O local onde Cristo padecera (o Horto), segundo as palavras do romeiro mencionado anteriormente, é como que "xerocado" nesta terra abençoada. Aqui, em Juazeiro, o Horto se manifesta, lugar onde o Padre Cícero se refugiava para as preces, sobretudo nos momentos de vicissitudes, travando batalhas com as forças de seu tempo.

Figura 17 – Santo Sepulcro, na colina do Horto



Fonte: <https://melhorespontosturisticos.com.br> (Acesso em 06/09/2023 às 22:39)

O túmulo do sacerdote cearense é também uma "cópia" do sepulcro que acolheu o corpo de Cristo, pois, como no oriente distante, peregrinos desaguam com oferendas florais, dirigindo suas preces à lápide com profunda piedade. Não é raro testemunhar lágrimas nos olhos dos romeiros ao tocarem o solo deste espaço sagrado. O Santo Sepulcro, situado a mais de 6 quilômetros de uma estrada poeirenta e rústica distante da estátua do Padre Cícero, também serve como local de jornada para os fiéis. No percurso, sete capelas emergem como marcos de devoção, onde os crentes depositam símbolos de sua fé: cruzes, folhetos, estatuetas, pedras... Em uma dessas capelas, descansa o beato Manoel João, um penitente que, em sua vida reclusa nas matas do Horto, é tido por alguns fiéis como um eco de Jesus, porque acreditam que as pedras foram tocadas pelo sagrado dedo do Padre Cícero.

No entanto, para alcançar o término dessa trilha sagrada, os devotos devem transpor uma imensa pedra fendida em duas, que configura um corredor estreito. Para eles, atravessar essa abertura é uma purificação da alma. Se porventura não logram a travessia ou, como é frequente, suas vestes se rompem, isso assinala uma alma ainda impura, necessitada de orações.

Contudo, é imperativo passar por esses rituais que entrelaçam o fiel ao espaço sacralizado, pois a fé encontra sua plenitude ao se materializar em gestos concretos, na tangibilidade das práticas religiosas. Assim, nesse território onde o sagrado e o humano dialogam, os nomes ganham novos significados, as ações ganham profundidade e os espaços se carregam de uma energia transcendente que une o terreno ao divino.

Mircea Eliade nos convida a enxergar Juazeiro não apenas como um conjunto de construções e paisagens físicas, mas como um *locus* de interação entre o mundo terreno e o transcendente. Para ele, essa cidade adquire uma dimensão especial, onde a sacralidade se entrelaça com a vida cotidiana. Ele ressalta que, ao entrarmos nesse espaço, deixamos para trás o tempo profano, aquele que é marcado pela sucessão linear de acontecimentos. Em Juazeiro, o tempo se torna uma espiral, onde o passado e o presente convergem, permitindo que os eventos sagrados da história se façam presentes no agora.

O "tempo em espiral" de Eliade sugere que, ao adentrarmos em Juazeiro, nos encontramos em um lugar onde as barreiras entre os momentos se diluem. Os rituais e as práticas religiosas desempenham um papel crucial nesse processo. Eles não são meros atos de devoção, mas sim chaves que abrem as portas da temporalidade espiralada. Cada ritual, cada prece, nos conecta com o passado sagrado e nos coloca em sintonia com o presente vivido.

Essa concepção de tempo não apenas nos remete aos acontecimentos passados, mas nos convida a experimentar a sacralidade no presente. Ao vivenciarmos os ritos e cerimônias, nos tornamos parte dessa espiral do tempo, nos conectamos com a história e a espiritualidade que permeiam cada canto de Juazeiro. O tempo deixa de ser apenas uma sucessão de momentos e se transforma em uma experiência de profunda significância, como ocorreu com Maria Edilânia Pedrosa Lima, de 59 anos (Palmas – TO):

Por que eu venho em Juazeiro? É tanta coisa que é difícil falar. Bom, acho que primeiro é por causa das lembranças que eu tenho daqui... quando eu era criança eu vinha pra cá com meus pais, a gente vinha com minha avó, Lourdes, na festa de janeiro (Romaria das Candeias) e não tinha esses luxos de hoje em dia não, era no sofrimento mesmo.

Mas eu não entendo como com tantas dificuldades a gente era tão feliz. Era tanta sacola pra carregar, com cobertores, roupas, comidas, até panela a gente trazia, mergulhão pra fazer café porque não tinha condições de comprar as coisas. Mas, como eu te falei, a gente era feliz, não tinha reclamação não, eu mesma ficava sem dormir uma semana antes, ansiosa pra vir pra Juazeiro.

Hoje em dia eu vivo de saudades... saudades dos meus pais, saudades do meu filho, que faleceu em um acidente de moto. Assim, não sou uma mulher triste não, mas não sou alegre, alegre, sabe?

Mas quando eu vou na estátua do padre Cícero eu olho pra ela e fico pensando que meus pais, minha vó e meu filho já viram o Padre Cícero, do jeito que eu tô vendo hoje. Do mesmo jeito a Igreja das Dores, a praça, tudo... é como se aqui não tivesse passado o tempo... parece que eu tô no mesmo Juazeiro de antigamente, como se meus pais, minha vó e meu menino *tivessem* vivos em casa.

É... teve mudanças na cidade, nos prédios chiques que apareceram, o shopping e tudo mais, só que, como as coisas da fé, das missas, das promessas, das romarias *tão* muito parecidas, parece que o tempo tá sempre parado, e isso é muito bom! Não é como se eu sofresse de novo, ou voltasse pra reviver aquela dor, mas é reconfortante tá aqui, vivendo naquele tempo ainda.

A entrevista revela uma profunda conexão da entrevistada com Juazeiro, permeada por memórias afetivas e uma percepção peculiar do tempo, alinhando-se ao conceito de "tempo em espiral" proposto por Eliade (1993). A narrativa remete a um passado vivido na infância, em que a peregrinação a Juazeiro era caracterizada por dificuldades materiais, mas permeada por uma felicidade autêntica.

O relato enfatiza a saudade dos entes queridos, especialmente dos pais, da avó e do filho, evidenciando um sentimento de perda e a busca por uma conexão espiritual através das memórias. A entrevistada expressa um estado de melancolia, embora não se defina como triste, destacando a complexidade emocional subjacente.

Ao mencionar a estátua do Padre Cícero e outros pontos icônicos da cidade, a entrevistada desenha uma sobreposição entre os tempos, criando uma sensação de atemporalidade em Juazeiro. Ela visualiza o presente em continuidade com o passado, como se seus entes queridos ainda estivessem presentes, testemunhando as mesmas imagens e experiências.

“Mas quando eu vou na estátua do padre Cícero eu olho pra ela e fico pensando que meus pais, minha vó e meu filho já viram o Padre Cícero, do jeito que eu tô vendo hoje”, aqui destaca-se a percepção da entrevistada sobre a cidade de Juazeiro como um espaço onde o tempo parece estar sempre parado, especialmente nas práticas de fé e rituais religiosos. Essa observação reflete a compreensão do "tempo em espiral" proposto por Eliade, que sugere uma espiralada interconexão entre passado, presente e futuro, em contraste com a linearidade convencional do tempo.

A entrevistada ressalta que, apesar das mudanças na cidade, como a construção de prédios chiques e um shopping, as *"coisas da fé, das missas, das promessas, das romarias"* permanecem muito parecidas ao longo do tempo. Essa estabilidade nas práticas religiosas cria uma sensação de continuidade e atemporalidade, como se as tradições e rituais estivessem imunes às transformações mundanas.

A expressão *"o tempo tá sempre parado, e isso é muito bom"* revela a valorização da estabilidade nas práticas religiosas, oferecendo à entrevistada um senso de conforto e familiaridade. Essa sensação de atemporalidade não é percebida como uma regressão ao sofrimento passado, mas como um reconfortante retorno a um tempo onde as experiências compartilhadas com entes queridos permanecem vivas e presentes.

Assim, quando pensamos no "tempo em espiral" de Juazeiro do Norte, somos convidados a transcender as limitações da temporalidade linear e a mergulhar em uma dimensão onde o passado e o presente se encontram. A cidade se torna um ponto de encontro entre essas

duas esferas temporais, onde o sagrado se manifesta na própria estrutura da realidade. É um convite para experimentar o tempo de maneira mais profunda, para sentir a pulsação do passado e a vivacidade do presente em cada gesto, em cada prece e em cada momento vivido no espaço sacralizado de Juazeiro.

Os rituais e as práticas religiosas desempenham um papel vital na visão de Eliade. Ele observa que a repetição desses ritos é uma forma de reconectar a humanidade com a essência sagrada que permeia o espaço de Juazeiro. Cada ato ritualístico torna-se um portal para uma realidade mais profunda, onde o sagrado é manifestado e onde os indivíduos podem experimentar uma comunhão direta com o divino. O Horto e o Santo Sepulcro não são meros pontos geográficos, mas sim lugares onde o sagrado se torna tangível, onde as fronteiras entre o mundo visível e o invisível se dissolvem, como sendo portais para uma realidade além das aparências. Aqui, as fronteiras entre o visível e o invisível são borradas, criando um espaço onde o divino se torna palpável.

A cada ritual, a cada gesto de devoção, as barreiras que separam o mundo concreto do espiritual se desfazem. Os objetos de adoração, as preces entoadas, os símbolos sagrados - todos esses elementos transformam a realidade em um palco onde o sagrado dança com o humano. O ato de depositar cruces, estatuetas e pedras nas capelas se torna uma forma de fundir os dois mundos, de criar uma ponte entre o tangível e o intangível, como foi constatado pelo romeiro João Carlos da Silva, de 54 anos, que nasceu em Juazeiro do Norte, mas atualmente reside em São Paulo:

Ah, rapaz, é difícil explicar... Juazeiro tem um negócio diferente, um jeito de mexer com a gente que não dá pra entender direito. Eu moro em São Paulo há uns bons anos, mas sempre volto aqui, especialmente em períodos de romaria.

(Suspira) É uma coisa esquisita, sabe? Eu venho aqui e parece que o tempo não passou. Lembro da minha infância, das velhas romarias com meu pai, minha mãe, tudo mais simples, só com a fé e a esperança de um futuro melhor. E hoje, mesmo com todas as mudanças na cidade, quando *tô* aqui parece que tudo volta a ser como era.

Cara, é quase como uma viagem no tempo. Quando *tô* na basílica, participando das missas, parece que *tô* lá atrás, com meu pai, me segurando pela mão. Eu olho para a estátua do Padre Cícero e é como se ele estivesse ali conosco, como sempre esteve. Não tem essa coisa de ontem, hoje, amanhã. É tudo junto, misturado (risos).

E Juazeiro afeta a sua vida cotidiana em São Paulo:

Ah, meu amigo, você volta de Juazeiro diferente. Aqui, parece que a vida tem um propósito maior, algo que vai além do corre-corre da cidade grande. Quando volto para São Paulo, tento manter esse pedacinho de Juazeiro comigo, na correria do dia a dia. É difícil, mas as lembranças, a fé, elas meio que quebram o tempo, trazendo um pedacinho disso pra minha vida aqui. É como se Juazeiro fosse um porto seguro no

meu coração. No meio de tantas coisas, quando me sinto perdido, volto pra lá, nem que seja nas lembranças, e é como se o tempo parasse de novo. Juazeiro me ensina que o tempo é mais do que o relógio marca, é um negócio que a gente carrega dentro da alma, e isso faz toda a diferença.

O entrevistado expressa a dificuldade em explicar a singularidade de Juazeiro, apontando para algo além da compreensão lógica. Essa resposta inicial sugere uma conexão emocional e espiritual à cidade que se alinha ao conceito de experiência religiosa de Mircea Eliade. O relato segue com a percepção de que o tempo não passa em Juazeiro, especialmente durante as romarias. O entrevistado destaca a basílica e a estátua do Padre Cícero como elementos que não apenas representam lembranças, mas que tornam o passado presente, revelando uma continuidade temporal e uma sacralidade intrínseca ao local.

A expressão "viagem no tempo" é utilizada para descrever a experiência atemporal durante as práticas religiosas, onde a participação nas missas na basílica o transporta para momentos passados. Isso reforça a ideia de que, em Juazeiro, o tempo não é percebido linearmente, mas como uma espiral em que passado e presente convergem. O entrevistado destaca ainda a sensação de que o Padre Cícero está presente, indicando uma compreensão do sagrado como uma presença constante e atuante, independentemente das limitações temporais.

O riso ao afirmar "não tem essa coisa de ontem, hoje, amanhã. É tudo junto, misturado" indica uma aceitação positiva dessa fusão temporal em Juazeiro. Ao celebrar essa mistura, o entrevistado reforça a ideia de que a cidade não é apenas um local físico, mas um espaço onde as dimensões do sagrado e do profano coexistem harmoniosamente. A entrevista revela, assim, como o entrevistado experimenta Juazeiro como um espaço atemporal, onde as práticas religiosas se tornam portais para uma espiral temporal que integra passado, presente e futuro, alinhando-se aos conceitos propostos por Eliade sobre a natureza especial dos espaços sagrados.

Na continuação da entrevista, João Carlos compartilha uma transformação perceptível ao retornar de Juazeiro. A cidade é descrita como um local onde a vida adquire um propósito maior, transcendendo as preocupações cotidianas da cidade grande. Essa percepção ressoa com a ideia de Mircea Eliade sobre a sacralidade de certos lugares que oferecem uma conexão mais profunda com o divino, conferindo um significado mais elevado à existência.

A expressão "correria do dia a dia" enfatiza o contraste entre a agitação da vida urbana em São Paulo e a serenidade percebida em Juazeiro. A tentativa de manter consigo um "pedacinho de Juazeiro" destaca a importância da cidade como um refúgio espiritual. As lembranças e a fé são apresentadas como elementos que transcendem a linearidade do tempo, ecoando a ideia de Eliade sobre a espiral temporal. Juazeiro, nesse contexto, não é apenas um

local geográfico, mas um espaço que persiste nas lembranças e na espiritualidade do entrevistado.

A metáfora de Juazeiro como um "porto seguro no meu coração" sugere que a cidade desempenha um papel fundamental na vida do entrevistado, proporcionando conforto e estabilidade emocional. Ao mencionar que, mesmo nas lembranças, é como se o tempo parasse novamente, o entrevistado destaca a atemporalidade associada à experiência vivida em Juazeiro. A cidade é apresentada como uma fonte de ensinamentos sobre o tempo, não apenas como uma medida cronológica, mas como uma dimensão interna e espiritual que faz toda a diferença na vida do indivíduo. Essa perspectiva se alinha à compreensão de Eliade sobre a importância das práticas religiosas na experiência do sagrado, que transcende a temporalidade convencional.

Em Juazeiro, a cidade em si se torna um espaço de interseção. Cada rua, cada praça, carrega em si uma história de fé e devoção. Eliade nos convida a perceber que os limites entre o espaço sacralizado e o comum desaparecem, criando uma atmosfera onde o sagrado permeia todos os aspectos da vida. A cidade é transformada em um solo sagrado, onde o espaço se enche de significado e a materialidade se funde com a espiritualidade.

Eliade também aponta para a importância dos símbolos nesse contexto. A transformação do espaço físico em um espaço sagrado é acompanhada pela presença de símbolos que representam a conexão entre o humano e o divino. Os objetos, como as cruzes e as estatuetas, têm uma função transcendente, permitindo que os crentes expressem sua devoção e estabeleçam uma ponte com o sagrado. A própria arquitetura e a disposição dos lugares de culto contribuem para a sensação de que aquele espaço é diferente, é especial, e está impregnado de uma energia que transcende o ordinário.

Em resumo, Mircea Eliade nos convida a enxergar Juazeiro do Norte como um espaço onde o sagrado se torna uma realidade palpável, onde o tempo se dobra sobre si mesmo e onde os rituais e símbolos desempenham um papel crucial na conexão entre o divino e o humano. O espaço não é apenas uma paisagem, mas uma teia de significados que convida os fiéis a transcenderem a mundanidade e experimentarem uma comunhão direta com o sagrado. A cidade se torna um lugar onde o tempo e o espaço adquirem novas dimensões, onde o terreno se encontra com o transcendente, e onde a espiritualidade se manifesta de forma tangível e profunda. O jornalista Lourenço Filho nos revela sua impressão ao chegar em Juazeiro de forma muito detalhada. O texto a seguir faz parte de uma série de artigos que Lourenço Filho publicou no jornal *O Estado de São Paulo* entre 1925 e 1926:

Alguns minutos mais, e estamos no seio da Meca sertaneja. Arruados dos mesmos pardieiros, estendidos por três ou quatro mil metros, cruzam-se em vários sentidos. As habitações quase todas se copiam por fora, em muros mal-acabados, despídos, ordinariamente, de qualquer intenção estética, como se parecem no interior, pobríssimo e imundo. Por fora (...) iniciais "P. C." e de cruzes, signos-de-salomão ou de outros símbolos de uma cabalística rudimentar. (...) A desolação das extensas ruas, de alinhamento indeciso, logo que se foge ao centro, parece mais dolorosa e acabrunhadora. Crianças nuas passam correndo, sem gritos nem risos; romeiros acocoram-se à parca sombra da orla das casas, mastigando a sua matalotagem de farinha d'água e nacos de carne de bode, (...) mulheres, sentadas às portas, em saia e camisa, despenteadas, quase todas com a miséria impressa nas faces (...) Aí está o Juazeiro arraial. Vinte mil almas, a que se agrega e de que se despede, cada dia, uma multidão de romeiros. (...) há um outro pequeno Juazeiro abrolhando no seio desse arraial sórdido e miserável, sem higiene e sem trabalho, abrigo de peregrinos e de cangaceiros da pior espécie, de doentes e malucos. (...) É nessa parte que habitam propriamente os cearenses do Juazeiro, a população estável, entregue ao comércio e a pequenas e rudimentares indústrias. Aí fica também a casa do padre, baixa e modesta (...). (LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström, p. 40 – 42).

Nesse trecho, somos imersos na paisagem da "Meca sertaneja", Juazeiro do Norte, uma cidade que se transforma em um espaço sagrado de acordo com a perspectiva de Mircea Eliade. As descrições detalhadas das habitações e das ruas nos levam a compreender como a cidade se configura como um ponto de encontro entre o terreno e o divino, onde as fronteiras do espaço sagrado e profano se entrelaçam.

As habitações, mesmo que simples e despídas de qualquer intenção estética, ganham significados mais profundos. Os símbolos marcados nos muros, como as iniciais "P. C." e as cruzes, transcendem a mera materialidade, transformando-se em signos que conectam os moradores ao sagrado. Esses elementos simbólicos revelam a presença do divino no espaço cotidiano, transformando as casas em locais onde o sagrado é manifestado de maneira tangível.

As ruas da cidade, com seu alinhamento indeciso e desolado, também ganham um aspecto sagrado. A descrição das crianças nuas, dos romeiros e das mulheres retrata uma atmosfera peculiar, onde a vida cotidiana se entrelaça com a espiritualidade. Essa interconexão entre o profano e o sagrado é uma característica fundamental do conceito de espaço sagrado de Eliade. As pessoas que vivem nesse ambiente compartilham um espaço que não se limita apenas à sua dimensão material, mas que é permeado por uma sensação de transcendência.

A dualidade entre o "arraial sórdido e miserável" e o "pequeno Juazeiro" onde habitam os cearenses locais reflete o contraste entre a vida comum e a dimensão sagrada da cidade. Mesmo em meio à pobreza e dificuldades, essa parte da cidade também se torna um espaço de conexão com o sagrado. A casa do padre, baixa e modesta, assume um papel importante nessa concepção de espaço sagrado, pois é um ponto de referência que conecta os fiéis ao divino.

As Dobrações da experiência em Juazeiro

Na escrita, muitas vezes buscamos uma narrativa direta, sem desvios, rumo a um objetivo definido, sem concessões. Essa abordagem, de traçar um caminho claro e inabalável, lembra a jornada de Ulisses, o icônico herói grego, convocado para a guerra em defesa de sua pátria, Ítaca. Seu destino estava atrelado à Guerra de Troia, onde sua vitória ou derrota eram os únicos desfechos possíveis. Ulisses pretendia investir tempo, sabedoria e toda a sua habilidade máxima nesse empreendimento, colocando-o como a culminação de sua vida. Uma vez que os inimigos fossem vencidos, ele esperava um caminho de retorno tranquilo, com a coroa da vitória sobre sua cabeça e a segurança de que seu maior adversário tinha sido superado.

Porém, a jornada de Ulisses estava longe de ser uma linha reta. Em sua viagem de volta a Ítaca, ele enfrentou desafios épicos e aventuras memoráveis, como narrado na famosa "Odisseia". Essas reviravoltas na sua trajetória nos lembram que, muitas vezes, a vida faz dobras, nos forçando a desviar da rota planejada. Assim como Ulisses, somos moldados por essas experiências, que podem nos testar, nos ensinar lições valiosas e, eventualmente, nos levar de volta ao nosso lar, transformados e enriquecidos pela jornada.

Mas, o que reserva o destino para Ulisses? É o imprevisto. O tempo linear que ele meticulosamente planejou e perseguiu com fervor se transforma em um tempo fluído, se desdobrando em múltiplos futuros diante de seus olhos. Ele se depara com a imprevisibilidade e a estranheza das possibilidades desconhecidas. O desfecho da guerra não se revela como um fim definitivo, e seu retorno para casa não segue o curso tranquilo que o herói havia imaginado. O que acontece nesse ponto é, na verdade, o epicentro da narrativa, não o começo, nem o fim. É no meio que a vida nos apresenta encruzilhadas, onde essas encruzilhadas podem nos desafiar, nos prender ou nos impulsionar a seguir em frente.

Talvez, se a trajetória de Ulisses tivesse seguido o curso retilíneo que ele originalmente concebeu, sua saga não teria alcançado a fama que perdura até os dias atuais. A visão predefinida que Ulisses tinha de sua própria jornada não conseguiu conter a complexidade das experiências que ele perspicazmente entrelaçou. Foi nas dobras não planejadas de sua odisseia que se desenrolou a narrativa que os gregos cantaram e que continua ecoando através das eras. Portanto, a epopeia de Ulisses emerge do inesperado, começa no meio da viagem e ilumina a existência do herói de maneira que ela não se encaixa nas definições limitadas que ele havia traçado. Em suas concepções iniciais, não havia espaço para figuras como a feiticeira Circe, o ciclope Polifemo, nem para o canto das sereias, nem para os inúmeros obstáculos e perdas que ele enfrentaria.

E, bem aqui, no meio deste texto que havia planejado como direto e objetivo, é onde decido fazer uma "dobra". Minha pesquisa até então tinha sido dominada por uma busca pela precisão e uniformidade. Sempre as mesmas perguntas: quem são os devotos e como a cidade os influencia? A definição estava se tornando uma prisão, limitando tudo e todos - homens, mulheres, objetos, a cidade, os devotos - em uma única narrativa. Era algo reto, opaco e confinado. Mas Juazeiro é muito mais do que isso. Em busca de uma resposta ou de uma maneira de escapar da rigidez dessa abordagem, me deparei com os conceitos de dobras e mônadas de Deleuze e Leibniz¹⁴, do século XX. Através deles, comecei a seguir as dobras do espaço liso e heterogêneo que é Juazeiro do Norte.

Gilles Deleuze, filósofo francês do século XX, é conhecido por sua abordagem inovadora e complexa à filosofia. Uma de suas contribuições mais notáveis é a noção de "dobra". Para Deleuze, o mundo não é plano e uniforme, mas sim composto de dobras infinitas. Essas dobras representam a multiplicidade e a complexidade da realidade. Elas estão presentes em todos os lugares e em todas as coisas, e é por meio delas que o mundo se manifesta em sua riqueza.

As dobras de Deleuze são mais do que simples curvas no espaço. Elas são processos dinâmicos que envolvem a transformação e a multiplicação. Em sua obra "Diferença e Repetição", Deleuze argumenta que a realidade é caracterizada pela diferença e pela multiplicidade, e as dobras são o meio pelo qual essas características se manifestam. As dobras não são apenas estruturas estáticas, mas sim processos em constante evolução.

dobrar-desdobrar já não significa simplesmente tender-distender, contrair-dilatar, mas envolver-desenvolver, involuir-evoluir. O organismo define-se pela sua capacidade de dobrar suas próprias partes ao infinito e de desdobrá-la não ao infinito, mas até o grau de desenvolvimento consignado à espécie (DELEUZE, G. 1991, p. 22).

A cidade de Juazeiro do Norte, localizada no coração do nordeste brasileiro, é um espaço que pulsa com uma espiritualidade única e cativante. Todos os anos, milhares de romeiros convergem para essa cidade sagrada em busca de redenção, cura e renovação espiritual. Nesse contexto, a filosofia de Gilles Deleuze, particularmente seu conceito de "dobras", oferece uma lente intrigante para compreender a complexa relação entre Juazeiro e os romeiros. Este artigo

¹⁴ A filosofia, ao longo de sua história, tem proporcionado uma visão variada e profunda do mundo que nos cerca. Entre os muitos pensadores que moldaram nossa compreensão do universo, Gilles Deleuze e Gottfried Wilhelm Leibniz se destacam por suas contribuições únicas para a filosofia. Ambos os filósofos abordaram questões relacionadas à estrutura da realidade e da experiência humana, mas o fizeram de maneiras distintas. Este capítulo se propõe a explorar as ideias de Deleuze e Leibniz, concentrando-se especificamente em seus conceitos de dobras e mônadas, respectivamente, e examinando como essas ideias influenciaram nossa compreensão da realidade sobre os romeiros e a cidade de Juazeiro.

busca explorar como as dobras de Deleuze podem ser aplicadas para analisar a dinâmica entre essa cidade e seus visitantes devotos.

Ao aplicar o conceito de dobras de Deleuze à cidade de Juazeiro do Norte e sua relação com os romeiros, podemos perceber uma dinâmica complexa e multifacetada. A cidade, com sua rica história religiosa e seus monumentos sagrados, atua como um espaço de dobra onde o sagrado e o profano se entrelaçam. O Horto, a Basílica de Nossa Senhora das Dores e o túmulo do Padre Cícero representam dobras nesse espaço onde as fronteiras entre o tangível e o transcendental se tornam fluidas.

Os romeiros que convergem para Juazeiro também trazem consigo suas próprias dobras pessoais. Cada um tem sua história, suas motivações e suas crenças individuais. Para eles, Juazeiro representa uma oportunidade de redobrar suas vidas, de buscar cura espiritual e de experimentar uma conexão direta com o divino. As dobras desses devotos se entrelaçam com as dobras da cidade, criando uma rede complexa de significados e experiências.

Assim como as dobras de Deleuze estão em constante transformação e diferenciação, a relação entre Juazeiro e os romeiros também está em fluxo constante. A cada romaria, a cidade e seus habitantes se dobram para receber os devotos, proporcionando um ambiente onde as normas cotidianas podem ser temporariamente suspensas. Os rituais religiosos, as interações interpessoais e as experiências espirituais criam dobras adicionais nesse espaço já multifacetado, como demonstrou o Sr. José Celestino de Azevedo, de 75 anos, residente da cidade de Campina Grande, na Paraíba:

Em 2008 eu fiz a minha primeira viagem para o Juazeiro, assim, eu já tinha vindo outras vezes, mas todas a passeio. Foi só em 2008 que eu vim como romeiro de verdade. E eu acho tão interessante que tem muitas pessoas que dizem que não sabem como você vai numa romaria todo ano para aquele mesmo local, e eu sempre digo: 'então você não sabe o que é ser peregrino ou romeiro'. Porque, quando a gente faz uma viagem dessa, não é apenas para satisfazer um passeio que está fazendo, mas é uma coisa muito maior, é para o que você está querendo e o que você recebe à graça de Deus, e a gente se sente muito feliz...

Olha, no começo eu tinha uma admiração muito grande por São Francisco do Canindé (Ceará), mas depois eu comecei a criar uma coisa... acho que uma admiração e uma fé, e um vínculo espiritual muito grande ao Juazeiro. Eu fiz duas visitas ao Santo Sepulcro, lá no Horto, só fiz duas porque é muito longe, mas aí a gente vai crescendo e eu fui sentindo dentro de mim que Juazeiro não era normal, normal que eu digo, assim, não era um lugar como outro qualquer, tinha uma coisa diferente, o coração da gente fica diferente...

Uma das coisas que mais me marcou e marca em Juazeiro é o passeio das almas, que é aquela volta que damos ao redor da Igreja do Convento de São Francisco, a gente chega lá por volta das 16hrs ou 16:30hrs e vamos rezando o terço e fazendo as meditações, e sempre dá com a hora do pôr do sol, e desde a primeira vez que fiz esse passeio, aquela imagem do pôr do sol me marcou. É tanto que todas as tardes, quando estou rezando o terço na minha casa, com minha esposa Alice, eu tô com a imagem daquele pôr do sol em cima daquela passarela do Convento São Francisco em Juazeiro, não importa onde eu esteja, na hora do pôr do sol, quando eu estou rezando

o terço, eu fecho os olhos e parece que eu tô em Juazeiro, e é uma experiência tão forte, essa, que eu consigo até sentir o cheiro daquele lugar, é como se eu estivesse em Juazeiro também... então eu venho todo ano na viagem física, mas todo dia eu vou em Juazeiro entre 16hrs até o sol se por.

A experiência descrita na entrevista revela elementos que podem ser analisados à luz do conceito de "dobras" de Gilles Deleuze. O entrevistado destaca a transformação espiritual e a complexidade da peregrinação a Juazeiro do Norte, enquadrando-a como mais do que uma simples viagem física, mas sim como uma jornada de dobras significativas.

A primeira viagem em 2008 é identificada como o momento em que o entrevistado se tornou verdadeiramente um romeiro, sugerindo uma transformação no significado da visita ao longo do tempo. Essa mudança de perspectiva pode ser interpretada como uma dobra na experiência, uma vez que transcende a visão superficial de uma visita de lazer para se tornar um compromisso mais profundo e espiritual.

A citação "não é apenas para satisfazer um passeio que está fazendo, mas é uma coisa muito maior" reflete a ideia de multiplicidade presente nas dobras de Deleuze. A peregrinação é vista como um processo dinâmico, não apenas uma jornada física, mas um meio de alcançar algo maior, possivelmente uma graça divina.

A construção da admiração e fé em Juazeiro ao longo do tempo sugere uma multiplicidade de significados atribuídos ao lugar, uma multiplicidade que se desdobra à medida que a conexão espiritual cresce. Esse vínculo espiritual é uma dobra em si, um processo que se desenvolve ao longo do tempo e que está em constante evolução.

A narrativa do entrevistado sobre o "passeio das almas" em Juazeiro do Norte oferece uma visão profunda da experiência espiritual. O ritual em torno da Igreja do Convento de São Francisco é representativo de dobras temporais e espaciais, marcado pela chegada por volta das 16h, criando uma temporalidade específica para o evento. A repetição anual do "passeio das almas" constrói uma dobra espacial em torno da igreja, tornando o local sagrado um espaço de constante transformação.

A ênfase na imagem do pôr do sol durante esse ritual é crucial, tornando-se uma dobra significativa que transcende a experiência física. A associação do pôr do sol com a oração diária em casa cria uma dobra mental, permitindo ao Sr. Celestino reviver espiritualmente o momento. A descrição multissensorial, incluindo o cheiro do lugar, intensifica a conexão espiritual, ampliando a riqueza da experiência para além da visão.

O trecho "*todas as tardes, quando estou rezando o terço na minha casa... eu fecho os olhos e parece que eu tô em Juazeiro*" destaca a repetição do ritual mental, uma dobra constante

que transforma a rotina cotidiana do entrevistado. A incorporação da imagem do pôr do sol em Juazeiro durante as orações diárias destaca a capacidade do espaço sagrado se desdobrar além de seus limites físicos. A repetição do ritual cria dobras que enriquecem a experiência espiritual do romeiro em Juazeiro do Norte, conectando-o de maneiras profundas com o sagrado.

A aplicação do conceito de dobras de Deleuze à relação entre Juazeiro do Norte e os romeiros nos permite compreender a complexidade e a riqueza dessa dinâmica. A cidade não é apenas um local físico, mas um espaço de multiplicidade espiritual e cultural, onde as experiências individuais se entrelaçam com as dobras da cidade para criar significados profundos. À medida que os romeiros convergem para Juazeiro, eles trazem consigo suas próprias dobras pessoais, criando uma narrativa em constante evolução.

Ainda na perspectiva deleuziana, pois, com Deleuze, o acontecimento é uma luta contra o fenômeno, contra o evento, contra isso que se dá a aparecer em sua unidade, em sua mesmidade, em sua representação. “Fazer fugir sentidos, formas, fazer o tempo variar, romper com suas medidas, esgaçar suas diferenças para fazer pulsar no corpo...” (PEREIRA, 2010) do romeiro e da cidade. E é nesse conceito que fala de subjetividade, de rostidade e de individualidade que devemos olhar para esses caminhantes de Juazeiro. A massa se dissolve, o todo é fragmentado, e o uno se torna múltiplo, e na multiplicidade de olhares, vidas, formas, experiências, Juazeiro se transfigura numa inesgotável fonte de pesquisa das individualidades.

(...) A vida do indivíduo é substituída por uma vida impessoal, embora singular, que produz um puro acontecimento livre dos acidentes da vida interior e exterior, ou seja, da subjetividade e da objetividade do que acontece. (...) É uma hecceidade, que não é mais de individuação, mas sim de singularização: vida de pura imanência, neutra, além do bem e do mal, já que só o sujeito que o encarnava no meio das coisas a tornava boa ou má. A vida de tal individualidade se apaga em benefício da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora não se confunda com nenhum outro. Essência, singular, uma vida... (DELEUZE, G. 1995, p. 02).

Deleuze e Guattari conceberam o conceito de "matilhas" e "multiplicidades" como uma maneira de entender a multiplicidade de perspectivas e identidades que compõem a realidade. Essa filosofia sugere que as identidades não são fixas, mas fluidas e interconectadas. Na cidade de Juazeiro, essa filosofia se manifesta de maneira vívida.

Os romeiros que convergem para Juazeiro não são uma massa homogênea, mas uma multiplicidade de indivíduos com histórias, crenças e desejos distintos. Cada romeiro busca algo único - seja cura, redenção ou renovação espiritual. Esses desejos individuais se entrelaçam e se transformam em meio à dinâmica da cidade, criando uma multiplicidade de perspectivas e experiências.

Deleuze e Guattari também enfatizam a interação e a transversalidade com o outro como elementos essenciais na construção das identidades. Em Juazeiro, essa interação é evidente. Os romeiros não estão apenas em busca de uma experiência individual, mas compartilham esse espaço sagrado com outros devotos. Essa interação cria oportunidades para a negociação de diferenças culturais e a construção de identidades coletivas.

A ideia de que o "indivíduo excepcional tem muitas posições possíveis" sugere que as identidades não são fixas, mas estão em constante fluxo. Em Juazeiro, os romeiros se permitem serem transformados pela experiência. A cidade, com sua rica história religiosa e seus monumentos sagrados, atua como um agente de subjetivação. Os rituais religiosos, as interações interpessoais e as experiências espirituais moldam as identidades dos romeiros, fazendo com que eles se desdobrem em direções antes inimagináveis.

(...) se o homem tem um destino, esse será mais o de escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações, tornar-se imperceptível, tornar-se clandestino (...) Sim, o rosto tem um grande porvir, com a condição de ser destruído, desfeito (...) Ora, o rosto possui um correlato de uma grande importância, a paisagem, que não é somente um meio mas um mundo desterritorializado. (DELEUZE, G; GUATTARI, F.1996, p.35, 36, 38).

Do êxodo à convergência de toda terra

Nas últimas décadas, tem sido evidente o movimento de migração das áreas rurais do Nordeste para os grandes centros urbanos do Brasil. Esse fenômeno é resultado de uma série de fatores socioeconômicos e políticos que moldaram as trajetórias de muitas famílias nordestinas. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as migrações internas no Brasil continuam a desempenhar um papel significativo na configuração da população.

Ao longo do século XX, especialmente entre as décadas de 1950 e 1980, ocorreu uma migração massiva do interior nordestino para as regiões Sul e Sudeste do país. Isso se deveu em grande parte à busca por melhores condições de vida, emprego e acesso a serviços básicos. Segundo dados do IBGE, o estado de São Paulo foi um dos principais destinos para os migrantes nordestinos, especialmente durante o período de industrialização acelerada.

No entanto, esse movimento de migração não se limitou ao passado. De acordo com o Atlas da Migração da Fundação João Pinheiro e o Observatório das Migrações em São Paulo, ainda nos dias atuais, existe um fluxo significativo de migração do Nordeste para os centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Isso se deve tanto a fatores de atratividade

econômica quanto a eventos climáticos, como secas prolongadas, que impactam a subsistência de comunidades rurais.

Essas migrações internas têm consequências profundas para as cidades de destino e para as origens dos migrantes. Em São Paulo, por exemplo, a presença nordestina é marcante em bairros como o Brás e o Bom Retiro, onde a cultura, a gastronomia e as tradições do Nordeste são vivas e vibrantes.

É importante reconhecer que, embora as migrações internas proporcionem novas oportunidades, elas também podem trazer desafios sociais, como a necessidade de adaptação a contextos urbanos distintos e a busca por condições de vida melhores. Por isso, muitas organizações e instituições têm se voltado para apoiar os migrantes nesse processo de transição.

Em resumo, as migrações do interior da região Nordeste para os grandes centros urbanos brasileiros têm sido uma parte significativa da dinâmica populacional do país. Elas são influenciadas por uma complexa interação de fatores econômicos, sociais e climáticos, moldando as trajetórias individuais.

Esse movimento migratório das áreas rurais do Nordeste para os grandes centros urbanos do Brasil durante o Século XX trouxe consigo transformações profundas, tanto para as regiões de origem quanto para as de destino. Essa migração em massa teve início sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, quando o país estava em pleno processo de industrialização e urbanização acelerada.

O êxodo rural nordestino, conhecido como "êxodo sertanejo", foi motivado por uma série de fatores interligados. A principal razão era a busca por melhores condições de vida e emprego. Os estados nordestinos enfrentavam problemas como a seca, o baixo desenvolvimento econômico e a falta de oportunidades de trabalho. Isso impulsionou muitas famílias a deixarem suas terras em busca de uma vida melhor nas cidades.

Os principais destinos desses migrantes eram as regiões Sul e Sudeste do país, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro. Eles eram atraídos pelas promessas de emprego nas indústrias que surgiam nessas áreas. No entanto, a realidade muitas vezes não correspondia às expectativas. Os migrantes frequentemente enfrentavam condições de vida precárias, morando em cortiços e favelas, e sofriam com a falta de infraestrutura e serviços básicos.

A migração interna também teve um impacto profundo nas regiões de origem. A saída de uma parte significativa da população rural teve consequências para a economia local e para a própria estrutura social dessas áreas. Muitas comunidades enfrentaram o envelhecimento da população, a diminuição da força de trabalho agrícola e a perda de tradições culturais.

No entanto, é importante ressaltar que essas migrações não foram unicamente marcadas por desafios. Os migrantes trouxeram consigo suas culturas, tradições e conhecimentos, enriquecendo as cidades de destino. A gastronomia, a música, a religião e as festividades nordestinas deixaram marcas profundas na cultura das regiões urbanas.

As migrações internas também influenciaram políticas públicas e debates sociais. A urbanização acelerada trouxe à tona questões como habitação, saneamento básico e acesso à saúde e à educação para as camadas mais vulneráveis da população, incluindo os migrantes. Isso levou a uma maior conscientização sobre a necessidade de políticas de inclusão e desenvolvimento social.

A dinâmica das migrações, que ficou conhecida como o "êxodo sertanejo", encontra representações vívidas em expressões culturais marcantes, como no cancionário popular e na literatura brasileira. O fenômeno é notavelmente retratado em obras como a icônica canção "Triste Partida", composta por Luiz Gonzaga em colaboração com Patativa do Assaré e lançada em 1964. Além disso, a impactante narrativa de "Morte e Vida Severina", escrita por João Cabral de Melo Neto em 1955, também oferece um olhar revelador sobre esse contexto.

Nessas obras, encontramos um eco do percurso do sertanejo que, ao deixar sua terra natal em busca de perspectivas melhores, traz à tona uma complexa teia de sentimentos. A jornada do migrante se desdobra em um trajeto marcado por uma mistura de esperança e apreensão em relação ao futuro. À medida que se aproxima dos centros urbanos, o cenário se transforma em uma teia de contrastes.

A canção "Triste Partida" expressa os sentimentos profundos do migrante, suas saudades e a crescente incerteza que permeia sua trajetória. A letra, repleta de emoções autênticas, retrata a jornada como um ato de sacrifício, onde a busca por uma vida melhor se encontra com a realidade árdua da adaptação à vida urbana. As palavras de Gonzaga e Patativa do Assaré ecoam a complexidade emocional que acompanha o processo de migração, com a nostalgia da terra deixada para trás contrastando com a incerteza da nova realidade.

Por outro lado, em "Morte e Vida Severina", a obra-prima de João Cabral de Melo Neto, somos transportados para uma viagem pelas perspectivas dos migrantes nordestinos, especialmente Severino, cuja jornada simboliza a de muitos. O desencanto perante a miséria e a dura vida no campo, contrastado com a ilusão de uma vida melhor na cidade, evoca a luta desses migrantes para encontrar um novo lar em meio a um ambiente muitas vezes hostil.

Assim, as representações artísticas como essas obras literárias e canções consagradas proporcionam uma rica compreensão da lógica das migrações do "êxodo sertanejo". Elas pintam um retrato complexo e emocionalmente carregado das trajetórias desses migrantes,

revelando a busca por uma vida mais promissora, os desafios da adaptação e a mistura de sentimentos de esperança e insegurança que os acompanha nessa jornada em direção aos grandes centros urbanos.

Em “Morte e Vida Severina”, nas páginas 18 e 19, o autor João Cabral retrata uma cena em que o Severino Retirante, ao chegar em Recife, senta-se em uma calçada para descansar da longa viagem, porém, o inesperado se apoderou do seu caminho, a calçada e o muro a qual estava recostado, era de um cemitério, e ali, naquele ambiente improvável, ele escuta a conversa de dois coveiros, um que trabalha no bairro de Casa Amarela (bairro pobre da cidade de Recife), e o outro em Santo Amaro (bairro rico da cidade). O coveiro de Casa Amarela queixa-se ao companheiro da grande demanda de trabalho que lhe é imposta todos os dias devido a grande quantidade de corpos que ele tem que enterrar, em suas reclamações, ele deixa escapar que a maioria do seu trabalho se deve a grande quantidade de sertanejos que vão para o litoral em busca de melhores condições de vida, mas que ao chegarem lá, é apenas morte que os espera.

— É, deixo o subúrbio dos indigentes
 onde se enterra toda essa gente
 que o rio afoga na preamar
 e sufoca na baixa-mar.
 — É a gente sem instituto,
 gente de braços devolutos;
 são os que jamais usam luto
 e se enterram sem salvo-conduto.
 — É a gente dos enterros gratuitos
 e dos defuntos ininterruptos.
 — É a gente retirante
 que vem do Sertão de longe.
 — Desenrolam todo o barbante
 e chegam aqui na jante.
 — E que então, ao chegar,
 não tem mais o que esperar.
 — Não podem continuar
 pois têm pela frente o mar.
 — Não têm onde trabalhar
 e muito menos onde morar.
 — E da maneira em que está
 não vão ter onde se enterrar.
 — Eu também, antigamente,
 fui do subúrbio dos indigentes,

e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
— Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.
— O rio daria a mortalha e até um macio
caixão de água;
e também o acompanhamento
que levaria com passo lento
o defunto ao enterro final
a ser feito no mar de sal.
— E não precisava dinheiro,
e não precisava coveiro,
e não precisava oração
e não precisava inscrição.
— Mas o que se vê não é isso:
é sempre nosso serviço
crescendo mais cada dia;
morre gente que nem vivia.
— E esse povo de lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando,
cemitério esperando.
— Não é viagem o que fazem
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro

“Não é viagem o que fazem vindo por estas caatingas, vargens; aí está o seu erro: vêm é seguindo seu próprio enterro”, nesse trecho, João Cabral denuncia que o migrar para os grandes centros em busca de melhores condições de vida, nem sempre é o que encontravam.

Sair de sua terra natal na realidade era uma atitude de desespero, como já mencionado acima, também na canção “Triste Partida”, a saída se dava somente depois de todas as tentativas de permanecer em sua terra terem sido esgotadas. Diante disso, é preciso entender que estes caminhos feitos por tantos desesperançados em primeiro lugar é uma atitude que se dá depois de um desencantamento¹⁵.

Quando os sertanejos deixam suas terras natais em busca de melhores condições de vida nas cidades, eles estão, de certa forma, abandonando uma realidade que costumava ser imbuída de uma visão de mundo mais tradicional, onde as crenças religiosas e os valores culturais desempenhavam um papel significativo. Essa partida muitas vezes significa afastar-se de uma realidade onde o sagrado estava intimamente ligado ao cotidiano, uma vez que as crenças religiosas tradicionais eram parte integrante das comunidades rurais.

No entanto, à medida que os sertanejos se dirigem para os centros urbanos, eles entram em contato com um ambiente mais secularizado, onde os valores religiosos e tradicionais podem não ser tão proeminentes. Esse movimento é um reflexo do "desencantamento" que Weber descreveu, à medida que as crenças mágicas e religiosas gradualmente cedem lugar a uma mentalidade mais racional e pragmática. A busca por oportunidades econômicas e melhores condições de vida nas cidades implica uma mudança na relação das pessoas com o mundo, mais orientada para objetivos materiais e menos ligada a interpretações religiosas dos acontecimentos.

Dessa forma, a migração dos sertanejos para os centros urbanos pode ser interpretada como uma manifestação concreta do processo de "desencantamento" delineado por Weber. Essa

¹⁵ Realizo aqui uma adaptação do conceito de desencantamento de Max Weber, no qual o autor nos fala do "desencantamento do mundo" para descrever o processo pelo qual a sociedade passou de uma visão tradicional, mágica e religiosa do mundo para uma perspectiva mais racional e secularizada. Isso aconteceu especialmente com o avanço da ciência, da tecnologia e do pensamento crítico.

Antigamente, nas sociedades tradicionais, as pessoas atribuíam significados profundos e místicos a fenômenos naturais e sociais. Havia uma forte conexão entre o mundo material e o mundo espiritual, e a religião desempenhava um papel central na compreensão da realidade. No entanto, à medida que a ciência avançou, muitos desses fenômenos começaram a ser explicados de maneira objetiva e natural, desvinculando-se das explicações religiosas. O "desencantamento" de Weber refere-se a essa mudança de perspectiva, onde o mundo perdeu seu caráter mágico e sobrenatural. As pessoas passaram a ver as coisas de maneira mais pragmática e racional, buscando explicações lógicas e científicas para os acontecimentos. Esse processo foi acompanhado pelo declínio do papel da religião institucionalizada na vida cotidiana das pessoas, dando lugar a uma visão mais secularizada da realidade.

É importante ressaltar que o "desencantamento" não significa que a espiritualidade ou a religião desapareceram por completo. Em vez disso, Weber argumenta que a religião perdeu sua influência dominante sobre várias esferas da vida social, política e cultural. Ele viu o surgimento de uma "jaula de ferro" da racionalidade, onde os sistemas burocráticos, a lógica econômica e as estruturas científicas moldam cada vez mais a vida das pessoas. Assim, o conceito de "desencantamento" de Max Weber aponta para a transformação profunda da sociedade moderna, onde as crenças mágicas e religiosas foram substituídas por uma visão mais racional e secularizada do mundo. Esse processo teve um impacto significativo em vários aspectos da vida, da política à cultura, moldando a forma como compreendemos e interagimos com a realidade.

mudança nas perspectivas e prioridades das pessoas à medida que se deslocam do interior para as cidades é uma ilustração dos efeitos complexos da modernização e da transformação da sociedade, onde a visão mágica e religiosa do mundo cede espaço a uma visão mais racional e secularizada.

Esse caminho se configura para o migrante como uma distopia, os mundos distópicos retratados na literatura por autores icônicos como George Orwell e Aldous Huxley nos apresentam um mundo desprovidos de esperança, esperança responsável por criar utopias, entendendo utopia no sentido de objetivar a criação de uma vida ou um mundo melhor. No caminho distópico em que traçamos, os “peregrinos do sertão” rumam para essas distopias em que o desencantamento do mundo tem seu aspecto mais trágico como representado na obra “Morte e Vida Severina”, na página 21 e 22, em que ao perder toda expectativa de melhoria e ao se chocar de forma abrupta com a realidade árida e concreta, ao Severino só resta uma saída: o suicídio.

— Seu José, mestre carpina,
 e quando ponte não há?
 quando os vazios da fome
 não se tem com que cruzar?
 quando esses rios sem água
 são grandes braços de mar?
 — Severino, retirante,
 o meu amigo é bem moço;
 sei que a miséria é mar largo,
 não é como qualquer poço:
 mas sei que para cruzá-la
 vale bem qualquer esforço.
 — Seu José, mestre carpina,
 e quando é fundo o perau?
 quando a força que morreu
 nem tem onde se enterrar,
 por que ao puxão das águas
 não é melhor se entregar?
 — Severino, retirante,
 o mar de nossa conversa
 precisa ser combatido,
 sempre, de qualquer maneira,
 porque senão ele alarga
 e devasta a terra inteira.

— Seu José, mestre carpina,
e em que nos faz diferença que como frieira se alastre,
ou como rio na cheia,
se acabamos naufragados
num braço do mar miséria?

— Severino, retirante,
muita diferença faz
entre lutar com as mãos
e abandoná-las para trás,
porque ao menos esse mar
não pode adiantar-se mais.

— Seu José, mestre carpina,
e que diferença faz
que esse oceano vazio
cresça ou não seus cabedais
se nenhuma ponte mesmo
é de vencê-lo capaz?

— Seu José, mestre carpina,
que lhe pergunte permita:
há muito no lamaçal
apodrece a sua vida?
e a vida que tem vivido
foi sempre comprada à vista?

— Severino, retirante,
sou de Nazaré da Mata,
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la.

— Seu José, mestre carpina,
e que interesse, me diga,
há nessa vida a retalho
que é cada dia adquirida?
espera poder um dia
comprá-la em grandes partidas?

— Severino, retirante,
não sei bem o que lhe diga:
não é que espere comprar
em grosso tais partidas,
mas o que compro a retalho

é, de qualquer forma, vida.
 — Seu José, mestre carpina,
 que diferença faria
 se em vez de continuar
 tomasse a melhor saída:
 a de saltar, numa noite,
 fora da ponte e da vida?

O percurso que Luiz Gonzaga tão vividamente descreveu como "nortistas" em sua icônica canção é na verdade um trajeto mergulhado em desesperança, um caminho onde sonhos desmoronam e a realidade se torna cruel. Esse é o trajeto que, como o Retirante Severino da obra de João Cabral de Melo Neto, atinge o ápice do desespero, a ponto de considerar até mesmo tirar a própria vida. Como abordado anteriormente, esse ato representa o extremo desespero, a ausência de qualquer alternativa.

Contrastando com essa trajetória sombria, o caminho que leva a Juazeiro do Norte segue uma direção oposta, é o caminho da esperança, da utopia. Em todos os aspectos, é uma inversão de trajeto. Juazeiro não é um grande centro urbano, não se equipara às capitais do Sudeste ou mesmo às do Nordeste, que em sua maioria estão situadas no litoral. Ao contrário, Juazeiro está no interior, e a jornada em direção a essa cidade sagrada contradiz a lógica mercantil predominante na época. É um desvio, uma rota de contramão. No entanto, algo notável acontece à medida que os peregrinos se aproximam da "Meca dos Sertões", como a chamou Lourenço Filho. Os sinais do sagrado tornam-se mais visíveis e abundantes, desde cruzeiros fincados nas árvores até as iniciais "PC" – símbolos do Padre Cícero. Esses sinais fornecem um alívio para os corações exaustos e desesperançados dos peregrinos, indicando que a cidade sagrada está à vista.

Essa jornada de peregrinação, de certa forma, ecoa o relato bíblico da peregrinação do povo hebreu ao deixar o Egito. Enfrentando inúmeras adversidades sob o sol escaldante do Oriente Médio, eles buscavam a Terra Prometida, um lugar onde, segundo a narrativa bíblica, fluía leite e mel. Da mesma forma, os romeiros que buscam Juazeiro são guiados por uma esperança semelhante, enfrentando dificuldades no caminho para alcançar um lugar de significado espiritual e promessa de alívio. Essa forma de representar esperança fica claro na fala de uma romeira-moradora¹⁶ e comerciante local, Angelina Silveira, de 48 anos:

¹⁶ Abordaremos este conceito mais adiante.

Juazeiro pra mim... é tudo, tudo, tudo. Eu só sou feliz aqui, sabe? Eu viajo e tudo, mas onde eu chego eu fico pensando em Juazeiro, se eu ver uma árvore de juá eu me lembro daqui... uma pedra na calçada... tudo. Gosto muito de Fortaleza de Quixadá, mas eu sou mesmo é de Juazeiro, é aquilo que o povo diz, eu saio de Juazeiro, mas Juazeiro não sai de mim. Meus avós vieram pra cá sem nada, sem um vintém, e era pra ver meu "*Padim*", e gostaram tanto daqui que ficaram, não saíram mais. Passaram muita dificuldade, só que ficaram aqui. É melhor passar dificuldade aqui porque *tá* perto dele (Padre Cícero), do que passar dificuldade em outro canto qualquer, onde não tem ninguém. Meus avós criaram minha mãe e meus tios aqui nesse chão e eu nasci dessa fé e vou ficar aqui até... até ir pra junto do "*Padim*", só saio da terra dele quando ele vir me buscar (risos). Viver aqui é muito bom, é luta, muita luta, não é fácil, mas eu gosto, é agradável, eu *tô* colaborando com a minha terra que é terra de *nós tudinho*. E tudo isso eu devo aos meus avós que tiveram coragem de vir arriscar a vida aqui. Arriscaram e deu certo, mas aqui tudo dá certo, não tem como dar errado, pode ser difícil, mas sempre dá certo no final.

A cidade de Juazeiro se apresenta para esta romeira como um espaço de utopias concretizadas e uma fonte inesgotável de esperança. Cada palavra revela uma profunda ligação emocional com a cidade e uma visão otimista do que ela representa. A sensação de utopia surge da crença no potencial transformador de Juazeiro, onde sonhos podem ser realizados e realidades podem ser moldadas.

Ao descrever a jornada em direção a Juazeiro como uma busca por esperança, fica claro que a cidade é vista como um refúgio de possibilidades. A mera menção de um ambiente natural, como uma árvore de juá, evoca memórias e sentimentos de pertencimento e ânimo. Cada elemento da cidade – desde pedras nas calçadas até a terra em si – está impregnado de significado e esperança, conectando-se a um ideal de vida melhor e mais pleno. Ao mencionar as viagens, é evidente que a mente e o coração continuam entrelaçados com Juazeiro, mesmo quando fisicamente distante. Cada elemento que aparece em outras localidades é uma âncora que a traz de volta à cidade sagrada. A árvore de juá, a pedra na calçada - esses são símbolos que desencadeiam um profundo sentimento de pertencimento e afeto.

A história da família, que veio para Juazeiro em busca de uma vida mais promissora, ressoa como um exemplo tangível de como a cidade se tornou um farol de esperança. O fato de que seus avós enfrentaram dificuldades, mas decidiram permanecer, revela que Juazeiro é um lugar onde os sonhos podem florescer mesmo em meio às adversidades. Isso contribui para a ideia de que a cidade é uma fonte de esperança que supera obstáculos e possibilita o crescimento pessoal. A felicidade de estar em Juazeiro reside na sensação de estar ligado a um propósito maior, ao "*Padim*" e à sua benção. O sentimento de pertencer a esse solo sagrado é tão forte que ela sente que só sairá quando for chamada pelo "*Padim*" em pessoa.

A esperança também é tecida na narrativa por meio da fé e devoção ao "*Padim*". O conceito de estar perto do Padre Cícero traz uma dimensão espiritual à cidade, sugerindo que

Juazeiro é mais do que um lugar físico – é um espaço onde a fé é nutrida e onde a busca por um futuro melhor é sustentada pela crença. A presença do Padre Cícero não apenas conecta as pessoas à história, mas também as guia em direção a um horizonte de esperança. Essa ligação com a terra é mais do que física; é uma ligação espiritual e emocional que preenche sua vida com significado.

No cerne dessa relação de utopia e esperança está a crença de que, em Juazeiro, as dificuldades podem ser superadas e os sonhos podem se concretizar. Mesmo diante de desafios, a romeira sente que Juazeiro oferece um terreno fértil para o crescimento pessoal e a realização de aspirações. A cidade se torna um lugar onde a jornada de vida é permeada pela certeza de que, ao final, a esperança prevalecerá.

A visão da cidade como um espaço de utopias e esperança é intrincadamente conectada à experiência pessoal da entrevistada, moldada pela história de sua família, pela devoção ao "Padim" e pela força da comunidade. Em Juazeiro, a utopia transcende o ideal inalcançável e se torna uma realidade que se manifesta através das histórias de vida, da fé e da resiliência.

Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo.

Carlos Drummond de Andrade

DOS PASSOS TÃO LONGOS DE PEDRA E AREIA

Todavia, seria um equívoco nomear Juazeiro como apenas uma utopia, ele ultrapassa esse sentido, a cidade e a relação com os romeiros é muito maior, e aqui me vejo em um labirinto, tal qual Teseu ao ser jogado na ilha de Creta, me perdi no mar das palavras e, sem conseguir me encontrar, busquei em vão conceitos que pudessem abraçar o Juazeiro, foi inútil. Novamente empreendi outra viagem através de textos, conceitos e teóricos que pudessem me dar uma resposta ou até mesmo apontar para um caminho. Foi então que me vi na mesma inquietação que uma grande amiga historiadora¹⁷ se viu ao escrever sua tese, fui jogado na segunda noite de que falou Blanchot, pois esta minha pesquisa não estava no mundo das certezas e das exatidões.

Então, como prosseguir com essas falas que recolhi que não se dão ao ler totalmente? Aquelas falas desamarradas, desarrumadas, fios soltos... minha missão é construir com esses pedaços, com esses fragmentos, um texto coerente e embasado teoricamente, missão difícil, difícil exatamente na medida que a parte mais importante nas entrevistas e nas falas dos romeiros, dos moradores, dos comerciantes, dos turistas, eram os seus silêncios. Era quando, empolgados na fala, diante de uma pergunta ou de uma lembrança que chamavam lá no fundo da alma, algum acontecimento que arranhava sua vida, eles paravam, faziam silêncio e olhavam para mim com os olhos de todas as vidas e de todas as almas, que se enroscam no dossel sagrado de Juazeiro.

Portanto, precisava eu nesta viagem teórica, sair da noite escura – ou era isso que eu esperava – sair para encontrar um conceito que abraçasse tudo o que eu queria e servisse de linha para a costura complexa que resolvi realizar nesta escrita. Busquei entrar em atalhos mais conhecidos, não obtive resultado, tentei fugir daquelas figuras, daqueles romeiros, daqueles devotos, foi inútil também, eles já estavam em mim, me despertando do sono, e me inquietando durante o dia. As entrevistas, as falas, estavam pulsadas em mim e irradiavam o desejo de serem escritas, de aparecessem nesses papéis, de se fazerem presente nessas linhas. Mas o conceito não apareceu, tudo o que eu tinha era uma possibilidade de esperança, frases soltas, palavras descaminhantes e um fim sem final. Foi então que eu percebi que eu não encontraria um conceito que me tirasse dessa noite escura, pois como bem falou Blanchot, é a noite da inquietação e das incertezas, o que eu consegui foi através de Michel Foucault (2003) um conceito que me deu abrigo e me possibilitou seguir adiante, que foi o conceito de heterotopias.

¹⁷ Aqui faço referência a minha amiga e professora Auricélia Lopes Pereira em sua tese: Fluxos de vida / Textos de Rua: Mendigos nas Dobras do Tempo. Recife, 2010.

Um conceito que falava em camadas, em diversidade, em heterogeneidade. Foi nesse conceito que o espaço liso, como lembrou Deleuze, pode ser minimamente estudado e simploriamente escrito, ele veio não para transformar esse espaço em espaço estriado, previsível e finalizado, mas para ensinar-me a caminhar em um espaço liso, formado por individualidades que gritavam nas calçadas de Juazeiro e falavam em suas praças, templo, prédios e comércios.

Pode parecer, leitor, que esta fala que aqui te aparece está deslocada, deveria estar na introdução, no início, mas não, Foi aqui que essa inquietude se apresentou e é aqui que essas palavras devem preencher essas linhas, pois no meio dessa pesquisa, não no início, não no final, a inquietude se apoderou do meu caminho e me tirou da noite tranquila, dos sonhos simples e do sono fácil. Se bem que os sonhos simples e o sono fácil nunca fizeram parte desta pesquisa, mas eu acredito que ao falar dessas descobertas e dessas inquietudes, falo do meu processo de escrita aqui, e na busca por um conceito que me ajudou a olhar e me ensinou a ver. Saiba que uma pesquisa não é apenas um encontro do objeto pesquisado e daquele que escreve, o pesquisador. Nela cabe uma infinidade de coisas, que assim como as entrevistas e as narrativas dos romeiros, só podem ser vistas no que não foi escrito, no que não foi falado.

O conceito de heterotopias, portanto, não vem para homogeneizar os romeiros e suas falas, ele vem do vazio e da multiplicidade, ele fala de camadas, de vestígios, ele não se apresentará como solução nem abrigo, mas ele é infinitude. Só mesmo a infinitude pode abraçar as falas retidas no gravador do meu celular, pois elas são feitas de infinitudes de vestígios, elas operam murmúrios e silêncio, mas silêncio que não é mudez, porque o silêncio dos romeiros – que não podem ser representados na escrita, a não ser com as “reticências” – eles falaram em mim, talvez mais do que toda sua narrativa, e eu tentei agarrá-los, mas só restou em minhas mãos os vestígios, e é de vestígios que vamos falar. Porém, como falou Deleuze, são vestígios, divinos vestígios, inacessíveis vestígios.

O vestígio que vou transcrever aqui foi talvez um dos mais preciosos que recolhi, nasceu de uma conversa informal e acidental com um morador de rua que se aproximou de mim pedindo uma ajuda para completar o dinheiro de sua refeição enquanto eu estava sentado na Praça Padre Cícero olhando aquelas pessoas, tentando tirar daquela cena cotidiana, como um coletor tira a pérola da concha, preciosidades para minha escrita. Então, ele aproximou-se, pediu dinheiro, me tirando daquele estágio de quase transe de um observador atento, puxei a carteira e fui catar algumas moedas, e o inesperado aconteceu, eu, que estava buscando pessoas para ser entrevistadas, pensando nos próximos passos da pesquisa, fui indagado por aquele homem: “de onde o senhor é?”, imediatamente levantei os olhos e disse: “sou da Paraíba”, entreguei o dinheiro imaginando que ele iria embora, e novamente outra pergunta: “*tá* aqui a passeio? Já

conhecia aqui?”, e prontamente respondi: “não, não, estou aqui realizando uma pesquisa para coisas da universidade, e sim, já conhecia Juazeiro”. Foi então que percebi, era ele a peça que faltava. Como deveria ser a relação de um morador de rua que o próprio nome, operacionado por outras pessoas, lhe anuncia? Morador de rua, mas não de qualquer rua, ele era morador das ruas de Juazeiro, uma concha cheia de pérolas, preciosidades escondidas, um cofre precioso naufragado em um navio que chegou a mim, no inusitado cotidiano do Ceará. A entrevista que fiz com aquele homem que se chama Rafael não foi pensada por mim nem mesmo iniciada por mim, ele me entrevistou primeiro. Mas vamos a ela:

Rapaz... eu não sei muito dessas coisas de estudo não, eu só sei que eu sou lá de Catolé do Rocha, da Paraíba. Aliás, eu sou daqui, mas nasci lá. Eu vim pra cá, moro daqui na praça, ali, perto daquela farmácia, lá na outra praça do cemitério (próximo a Igreja do Socorro). Eu faço bico aqui, ajudo a limpar mato, a levantar prédio... mas eu gosto daqui, tem um negócio mágico nessa cidade. Não quero voltar pra Paraíba não, eu tenho saudade as vezes, só que aqui eu sou feliz, desse jeito que eu *tô*. O senhor sabe que as vezes eu tenho que pedir esmolas pra ter o que comer, mas eu gosto, doutor, daqui, do lugar, de tudo. Não sei o que seria de mim se não fosse aqui... eu sou Rafael da Praça de Juazeiro, o povo me chama assim, e eu gosto porque eu moro aqui, o povo mora em uma casa, mesmo que seja grande, a minha é maior, minha casa é tudo aqui, é Juazeiro todinho. Se eu quiser dormir hoje lá na estátua eu vou, e o senhor vai? Vai nada... o senhor sabe doutor, que eu já vi o Padre Cícero aqui? O povo acha que é mentira, mas eu vi ele subindo o Horto, *tava* todo de preto e com a bengala na mão, eu gritei por ele e ele me deu tchau e apontou pro céu. Nem precisava porque eu já *tô* no céu. Eu vivo aqui. Não sei se o senhor tá me entendendo, mas é isso, não sei explicar melhor não, eu sou Rafael da Praça.

“*Minha casa é tudo aqui, é Juazeiro todinho*”, esse trecho da fala de Rafael da Praça nos apresenta Juazeiro não como uma cidade qualquer, mas como sendo toda a casa dele. E quando questionado se não voltaria para a Paraíba, ele disse que não, e enfatizou por diversas vezes em nossa conversa que era *feliz* em Juazeiro. Até mesmo diante das dificuldades que se apresentavam, como o fato de ter que pedir esmola, não fazia diminuir a alegria e a realização plena de morar em Juazeiro. A cidade, portanto, já se emaranhou em sua vida e nos seus sentidos, é quando toda a existência é permeada por um espaço, espaço sagrado, como bem lembrou Certeau (1994).

Rafael da Praça oferece uma visão íntima e intensamente pessoal de sua conexão com Juazeiro do Norte. Ele não apenas habita a cidade; ele a sente como parte intrínseca de sua identidade e experiência. A expressão "minha casa é tudo aqui, é Juazeiro todinho" encapsula a profundidade desse vínculo, onde Juazeiro transcende sua função como mero local geográfico para se tornar o epicentro de sua existência. Rafael não está simplesmente residindo em Juazeiro; ele está imerso em sua essência, onde cada esquina, cada praça, e até mesmo a estátua se tornam extensões de si mesmo.

Ele relata sua origem em Catolé do Rocha, mas ao mesmo tempo se identifica plenamente como um habitante de Juazeiro. Essa dualidade entre sua terra natal e seu lar adotivo reflete a natureza heterogênea de sua identidade e experiência. Rafael não está simplesmente migrando de um lugar para outro; ele está navegando entre espaços que coexistem, mas que possuem significados distintos e especiais para ele.

A narrativa de Rafael também evoca uma aura de encantamento e magia associada a Juazeiro. Ele descreve a cidade como tendo um "negócio mágico", um atributo que vai além de sua simples materialidade. Essa percepção ressoa com a ideia de um espaço carregado de significados e experiências únicas para Rafael. Sua conexão com a cidade vai além das necessidades materiais; é uma ligação espiritual e emocional que colore cada aspecto de sua vida.

A identificação de Rafael como "Rafael da Praça" sugere uma fusão completa entre sua identidade pessoal e o espaço físico que ele habita. A praça, como símbolo dessa conexão, não é apenas um local de encontro ou lazer; é o epicentro de sua vida cotidiana e interações sociais. Juazeiro, para Rafael, não é apenas uma cidade; é um lugar onde ele encontra plenitude e felicidade, onde as fronteiras entre o sagrado e o profano parecem se dissolver.

A suposta visão de Rafael do Padre Cícero subindo o Horto adiciona uma dimensão transcendental à sua narrativa. Essa experiência, embora possa parecer fantástica para alguns, é uma expressão da maneira como Juazeiro se torna um espaço onde o divino se entrelaça com o terreno, onde o sagrado se manifesta no cotidiano. Para Rafael, Juazeiro é mais do que uma cidade; é um lugar onde ele sente que já está no "céu", onde a vida cotidiana se transforma em uma jornada espiritual.

A fala de Rafael da Praça, imbuída de uma profunda conexão emocional com Juazeiro do Norte, ecoa o conceito de "lugar de memória" de Pierre Nora (1984), onde a cidade não é apenas um local físico, mas sim um espaço carregado de significado e memória para aqueles que a habitam. Rafael não apenas vive em Juazeiro; ele se identifica totalmente com a cidade, afirmando que "*minha casa é tudo aqui, é Juazeiro todinho*". Essa frase encapsula a maneira como Juazeiro se tornou entrelaçado em sua identidade e experiência de vida, transcendendo sua mera localização geográfica para se tornar um lugar de pertencimento profundo.

Ao afirmar que não deseja voltar para a Paraíba, mesmo enfrentando dificuldades como ter que pedir esmolas para se alimentar, Rafael ressalta a plenitude e felicidade que encontra em Juazeiro. Sua conexão com a cidade vai além das condições materiais; é uma ligação espiritual e emocional que colore sua existência diária. Essa relação simbiótica entre indivíduo

e lugar exemplifica a maneira como os "lugares de memória" (NORA, 1984) moldam e são moldados pelas experiências pessoais e coletivas dos que neles habitam.

A identificação de Rafael como "Rafael da Praça" exemplifica essa associação profunda entre indivíduo e lugar, onde sua identidade se funde com o espaço que ele habita. A praça, como símbolo dessa conexão, torna-se mais do que um simples local físico; é o coração pulsante da experiência de Rafael em Juazeiro, o epicentro de sua vida e interações cotidianas.

A narrativa de Rafael também ressalta a dimensão transcendental de Juazeiro, evidenciada por sua suposta visão do Padre Cícero subindo o Horto. Essa experiência, embora possa parecer fantasiosa para alguns, revela como Juazeiro se torna um espaço carregado de significados espirituais e transcendentais para seus habitantes. Para Rafael, Juazeiro vai além de ser apenas uma cidade; é um lugar onde o sagrado se mescla com o profano, onde a rotina cotidiana se transforma em uma jornada espiritual.

Em suma, o testemunho de Rafael da Praça ilustra vividamente como Juazeiro do Norte se constitui como um "lugar de memória" vivo e vibrante, onde as noções convencionais de tempo, espaço e realidade se entrelaçam para criar uma experiência única e transcendental para aqueles que o habitam. Sua história reflete a maneira como os indivíduos moldam e são moldados pelos lugares que chamam de lar, e como esses lugares assumem um significado que vai além de suas características físicas, transformando-se em espaços carregados de memória, identidade e significado.

No contexto da peregrinação religiosa, Juazeiro do Norte se destaca como um espaço singular, onde as fronteiras entre o terreno e o divino se desvanecem de maneira intrínseca. Para os romeiros que convergem para lá, a cidade assume um papel central em suas jornadas espirituais, transcendendo sua natureza mundana. Juazeiro se revela como um ambiente onde a conexão com o sagrado é intensa e palpável, permeando cada aspecto da vida cotidiana dos devotos.

Os marcos simbólicos da cidade, como a Basílica de Nossa Senhora das Dores, o Horto e o túmulo do Padre Cícero, não são apenas locais de adoração; são portais que conduzem os fiéis a uma esfera onde a espiritualidade se manifesta de forma tangível. Esses espaços sagrados oferecem uma realidade alternativa, onde os romeiros temporariamente suspendem as preocupações do dia a dia para se entregarem à experiência espiritual. Juazeiro, para eles, transcende sua natureza física, tornando-se um domínio imbuído de intenções profundas, orações fervorosas e crenças arraigadas.

A dualidade da experiência em Juazeiro se manifesta quando os peregrinos se afastam das preocupações ordinárias e mergulham em um ambiente onde a presença do sagrado é

tangível. Nesse espaço, a espiritualidade se mescla com a vida cotidiana, proporcionando uma sensação de comunhão entre o divino e o terreno. Juazeiro do Norte não é apenas um local geográfico; é um ponto de convergência entre o céu e a terra, onde a presença do sagrado permeia cada momento e cada experiência dos devotos.

No coração de Juazeiro do Norte, emerge uma reconfiguração marcante do tempo e espaço. Nesse cenário, o tempo transcende a mera sequência cronológica e se transforma em um veículo de experiência espiritual e transcendental para os peregrinos. Essa nova dimensão temporal é uma das características marcantes que confere a Juazeiro sua natureza heterotópica singular.

Ao adentrar os limites da cidade, os peregrinos transcendem suas vidas cotidianas e entram em um domínio onde o tempo assume uma qualidade única. Distanciados das rotinas diárias e dos relógios que ditam seus dias, eles experimentam um tempo sagrado, um presente pleno de significado religioso e esperança. Nesse contexto, Juazeiro desafia a noção convencional de tempo, fornecendo uma arena onde os indivíduos podem se conectar com o divino sem as amarras da temporalidade mundana. Outro exemplo de como Juazeiro se manifesta em uma heterotopia, eu encontrei na romeira e professora Maria de Fátima Nascimento, de 64 anos (Touros – RN):

Ah, meu querido, Juazeiro é quase como um encontro marcado todos os anos. É aquele abraço que a gente sabe que vai receber, mesmo que não saiba explicar porquê. Pra preparação... Olha, não tem muita pompa, não. É mais um ritual prático. Arrumar a mala, lembrar de botar o terço, fazer uma lista mental das intenções de todo mundo. Mas o mais importante é já começar a sentir a energia de Juazeiro chegando antes mesmo de pegar a estrada.

Quando chego lá eu esqueço de tudo, tudo que eu digo são as coisas de problemas de casa... tem umas coisas que não dispenso, viu? Sempre dou um jeito de visitar a Basílica, mas também faço questão de bater perna pelas ruas, sentir o clima da cidade. Juazeiro tem um jeitinho dela que é difícil explicar, mas a gente sente na pele.

As pessoas, o cheiro das barraquinhas, tudo tem um toque especial. Parece que ali a gente pode respirar mais fundo, esquecer das pressões do dia a dia. É quase como um *detox* espiritual (risos) – até as palavras chiques eu aprendo aqui. Só que depois tem que voltar para casa né? me dá um aperto no peito, uma saudade... Juazeiro fica ali, guardado no peito. Volto pra casa com uma paz interior, como se tivesse deixado um pedacinho de mim lá, mas levado um pedacinho de Juazeiro comigo, até nas lembrancinhas, fazem... deixa eu me lembrar direitinho... 22 anos que eu venho pra Juazeiro, e eu tenho lembrancinhas da primeira viagem ainda, eu tenho de todas, quer dizer, e sei de todas! Meu menino diz que é besteira minha, mas é diferente aqui.

Não tem uma explicação lógica. Talvez seja a mistura do fervor religioso com a simplicidade acolhedora da cidade. Parece que Juazeiro tem uma energia própria, que te abraça, te acalma. É como se todo mundo em Juazeiro fosse um amigo que você não conhecia ainda. As pessoas te olham nos olhos, sorriem como se já se conhecessem há tempos, É o lugar onde eu posso me reconectar, me renovar. Representa a simplicidade que cura, a fé que fortalece. É quase como uma terapia anual, uma dose de calma no meio da correria.

A entrevista mergulha em uma conexão profunda com Juazeiro, transcende as fronteiras do espaço geográfico e revela a cidade como um espaço único. Juazeiro não é apenas um ponto no mapa; é um destino marcado, um encontro anual que vai além da rotina comum. Esse ritual prático de preparação, que envolve arrumar a mala, lembrar do terço e listar intenções, cria uma atmosfera simbólica que antecipa a experiência espiritual em Juazeiro, integrando a preparação à própria vivência nesse espaço especial.

É como se cada etapa desse processo fosse uma transição para um estado de ser diferente, onde as preocupações mundanas são deixadas para trás e a jornada espiritual ganha destaque. Juazeiro se torna mais do que um lugar físico; é um portal para uma experiência transcendental, onde as fronteiras entre o ordinário e o extraordinário se dissolvem.

Ao chegar, Juazeiro desempenha um papel único: o esquecimento dos problemas cotidianos. Esse afastamento temporário da realidade comum é uma característica heterotópica, desafiando normas e oferecendo um espaço além do tempo e do espaço convencionais. O "*detox* espiritual" vivenciado na cidade destaca Juazeiro como um local de purificação e renovação, onde é possível respirar mais fundo e desvincular-se das pressões diárias. A paz interior ao retornar para casa reflete os efeitos regeneradores dessa visita especial.

As lembrancinhas guardadas, testemunhas físicas de 22 viagens, destacam a importância da memória e do simbolismo associado a Juazeiro. O ato de trazer pedaços da cidade para casa cria uma continuidade entre dois mundos, exemplificando a coexistência de diferentes espaços na vida da entrevistada.

Juazeiro transcende sua definição puramente geográfica; é dotado de uma "energia própria" que envolve e tranquiliza. Essa característica singular escapa de explicações meramente lógicas. O acolhimento das pessoas, expresso em sorrisos e olhares sinceros, contribui para a sensação de amizade e pertencimento, reforçando a ideia de Juazeiro como um espaço especial.

O lugar se revela como um refúgio de renovação e simplicidade, simbolizando a cura espiritual e o fortalecimento da fé. Juazeiro, descrito como uma "terapia anual", proporciona uma "dose de calma no meio da correria", evidenciando seu poder terapêutico e revitalizante, típico das experiências heterotópicas. No conjunto, a entrevista destaca elementos distintivos desses espaços, onde diferentes tempos coexistem, desafiando normas estabelecidas e proporcionando uma experiência única e significativa.

Além disso, a cidade se destaca como um espaço que desafia as fronteiras espaciais convencionais. A ideia de espaço sagrado se manifesta nas diversas representações simbólicas espalhadas por Juazeiro. Desde cruzeiras cravadas nas árvores até as iniciais "PC" entalhadas,

cada marca torna-se um portal para uma dimensão alternativa, onde o sagrado e o humano se entrelaçam. A arquitetura espiritual da cidade cria uma estrutura espacial única, convidando os peregrinos a se envolverem em uma experiência que transcende os limites do espaço físico.

A cidade de Juazeiro do Norte se apresenta como um exemplo vivo de um ambiente que reflete as ideias que Foucault delineou. Nesse santuário de devoção, a dualidade entre o real e o imaginário, a reconfiguração do tempo e espaço, e a conexão entre o sagrado e o terreno se manifestam de maneira vívida. Juazeiro do Norte transcende sua mera localização geográfica e se torna um espaço de significados diversos e complexos, onde os romeiros imergem em uma experiência que nutre a alma e desafia as concepções convencionais como aconteceu com Lindalva Gonçalves de Souza, de 70 anos:

Olha, quem começou a me trazer para o Juazeiro foi o meu marido Assis Borges (Francisco de Assis Borges), eu não lembro ao certo o ano, mas eu tenho pro Juazeiro mais de 35 viagens, assim, contando em ano, *né*, porque algumas vezes eu vinha mais de uma vez por ano, vinha no mês de janeiro e de outubro. Eu tenho uma devoção muito grande com o Padre Cícero do Juazeiro porque quando eu *tô* precisando de uma graça eu rezo, e eu alcanço, sou muito devota a ele. Eu amo esse lugar, eu me sinto realizada aqui! Todo lugar, sabe? Se você me perguntar, não tem um que eu goste mais, eu gosto de todos, cada um é uma lembrança diferente. Eu me preparo o ano todo para essa viagem, tem a parte do dinheiro, *né*, porque as coisas não são fáceis, o povo diz que hoje está muito difícil, mas, para mim, sempre foi, nada foi fácil na minha vida, sempre tive que batalhar muito. É uma luta, *né*, a vida... mas quando eu chego em Juazeiro, eu vejo que valeu a pena. Minha família sabe tanto que me ajuda, se eu precisar do dinheiro eles sabem que não posso deixar de ir a Juazeiro.

De repente, o espaço desordena o roteiro da entrevista... Dona Dalva se cala, e olha pela janela do canto direito e vê, ao longe, a estátua do Padre Cícero, enquanto o ônibus se distancia de Juazeiro.

Olha só, lá vai o Padre Cícero... até o ano que vem, meu padrinho, se Deus quiser! Sabe, meu filho, me bateu uma lembrança agora... (fica alguns segundos em silêncio). Tudo onde a gente passou me deu uma lembrança do meu marido, o Horto, a estátua, as igrejas, tudo, tudo, tudo... ele também ficava muito feliz com essa viagem. É como se aquele Assis, quando eu venho em Juazeiro, tivesse do meu lado, e a felicidade dele agora tivesse dentro de mim. Você sabe que, no ano passado... foi Deus, só pode ter sido Deus, a gente fez essa mesma viagem, tudo direitinho, chegamos em casa na quinta e, no outro dia, Deus chamou ele, só deu tempo ele chegar em casa. Foi a última viagem dele... e eu fico pensando, agora que você falou, olhando ali *pro* Padre Cícero, que Deus deixou ele fazer a última viagem para, só depois, ele falecer. Mas, ele *tava* perto de mim, quando eu cheguei lá na praça, em frente a igreja, eu senti, até na dormida eu sabia que Assis *tava* perto de mim, e agorinha, antes da gente entrar no ônibus para ir embora, quando eu ia saindo do hotel, eu disse bem baixinho: ‘obrigado, Assis, por ter me acompanhado em mais um ano’.

Na missa, eu olhei assim e disse, primeiramente a Jesus, em segundo lugar ao Padre Cícero, que colocasse Assis em um bom lugar. Que dê a ele a luz que não se apague, para que ele fique num bom lugar até o dia em que eu possa ver ele de novo. Era só o que eu pedia ao Padre Cícero, que guardasse Assis, que tomasse conta dele até eu poder chegar lá. E eu fiquei pensando, também, porque eu disse, *né*, que Assis *tava*

perto de mim o tempo todo, e eu só queria dizer a ele, eu até disse, porque, quando eu *tava* lá, nos pés da estátua, eu fui para o outro lado, para minha filha não me ver, e falei...

Dona Dalva tira do bolso um lencinho, coloca sobre o rosto, baixa a cabeça e fica em silêncio... aquele silêncio alvoroçou minha entrevista, quando olhei para os seus olhos, através do reflexo da janela, ela começava a chorar. Também não pude conter as lágrimas, ela falava sobre saudade, mas não uma saudade distante, de quem há mais de um ano havia partido, mas uma saudade próxima, como se acabasse de se despedir, ao deixar Juazeiro, do seu grande amor...

Acho que não vou aguentar falar... (chora durante algum tempo), eu falei a ele que eu estava com muita saudade, e ele me ouviu, tenho certeza, eu disse: ‘Assis, eu *tô* com tanta saudades de tu, todo momento eu não esqueço de você um minuto da minha vida, eu só sinto aquele vazio, aquela saudade dentro, jamais eu vou esquecer de você, espero que você esteja num bom lugar, eu, por enquanto, *tô* bem, *tô* ainda com aquela dor no braço, mas estou bem, *tchau*, viu, até o ano que vem, fique aí com Padre Cícero olhando pela gente.

A entrevista revela elementos significativos que podem ser analisados à luz dos conceitos presentes no texto sobre Juazeiro do Norte como um espaço de significados complexos e profundos. A narrativa da entrevistada sugere uma profunda conexão pessoal e espiritual com a cidade, enraizada em devoção e experiências únicas.

A menção ao marido como quem a introduziu a Juazeiro destaca a importância das relações interpessoais na experiência desse lugar especial. A ideia de ser conduzido a um espaço sagrado por alguém próximo enfatiza como Juazeiro não é apenas um destino físico, mas também um espaço de significado construído socialmente.

O relato de mais de 35 viagens ao longo do tempo, em diferentes momentos do ano, sugere uma relação temporal complexa com Juazeiro. Essa recorrência, mesmo em períodos variados, ressoa com a reconfiguração do tempo frequentemente associada a espaços de significado especial. A peregrinação frequente parece criar uma dimensão temporal única, onde a sequência cronológica é substituída por ciclos de devoção e conexão espiritual.

A devoção à figura do Padre Cícero emerge como um componente central da experiência da entrevistada. O ato de rezar em busca de graça e sentir que ela é alcançada ilustra a interseção entre o sagrado e o terreno, uma característica presente em espaços religiosos especiais. A conexão espiritual pessoal com o Padre Cícero é percebida como um meio de transcender as preocupações mundanas e alcançar algo mais profundo. Para a entrevistada, o Padre Cícero não é apenas uma figura histórica ou religiosa; ele é uma presença tangível que

permeia cada aspecto de sua vida em Juazeiro do Norte. Suas preces são um ritual sagrado que não só fortalece sua ligação com o divino, mas também reafirma sua identidade como parte integrante da comunidade devota.

Além disso, o amor declarado pela cidade, a sensação de realização em Juazeiro e a afirmação de gostar de todos os lugares dentro da cidade refletem uma experiência complexa e multifacetada. A cidade não é apenas um local físico; é um espaço carregado de emoções, intenções e significados profundos. Essa multiplicidade de lugares, cada um sendo uma "lembrança diferente," destaca como Juazeiro se manifesta como um espaço com múltiplas facetas, desafiando a ideia de um espaço homogêneo. Para a entrevistada, cada canto da cidade é impregnado com memórias, experiências e sentimentos que contribuem para sua conexão emocional com Juazeiro. Cada rua, cada praça, cada monumento tem sua própria história e significado, tornando Juazeiro um espaço rico e multifacetado que transcende as limitações de uma definição simples ou estática.

A preparação anual para a viagem, incluindo a parte financeira, ressoa com a luta mencionada na entrevista. Essa luta não é apenas uma batalha material, mas uma jornada espiritual que culmina em Juazeiro. A família como apoio financeiro reforça a importância social e coletiva dessa experiência, destacando como a comunidade está envolvida na construção e sustentação desse espaço heterotópico.

A continuação da entrevista revela uma dimensão emocional ainda mais profunda da experiência da entrevistada em Juazeiro do Norte, destacando a presença espiritual do falecido marido, Assis Borges, como uma parte intrínseca da jornada heterotópica.

“Olha só, lá vai o Padre Cícero... até o ano que vem, meu padrinho, se Deus quiser!” A menção ao Padre Cícero como "meu padrinho" reforça a relação pessoal e afetiva da entrevistada com o espaço sagrado. A expressão "até o ano que vem" sugere uma expectativa contínua e uma crença na continuidade da conexão espiritual através das peregrinações anuais.

O momento de silêncio e reflexão destaca a intensidade emocional associada à lembrança do marido. A cidade e seus lugares simbólicos funcionam como gatilhos poderosos de memória, evocando não apenas as experiências passadas, mas também a presença espiritual de Assis Borges. A entrevistada reconhece que cada local, desde o Horto até as igrejas, desperta memórias e sentimentos profundos.

A narrativa sobre a última viagem de Assis Borges e sua subsequente partida ressalta a interseção entre o sagrado e o terreno. O fato de ele ter feito a última viagem para Juazeiro antes de seu falecimento é interpretado como uma intervenção divina, sugerindo que Deus permitiu que ele experimentasse uma última jornada significativa antes de deixar este mundo.

A entrevistada compartilha a sensação de que Assis Borges estava presente durante a peregrinação, mesmo após sua morte. “*É como se aquele Assis, quando eu venho em Juazeiro, tivesse do meu lado, e a felicidade dele agora tivesse dentro de mim*”, o sentimento de que ele estava ao seu lado enquanto ela chegava à praça em frente à igreja destaca a experiência espiritual intensa e pessoal que transcende as fronteiras da vida e da morte. Esse vínculo espiritual é reforçado pelo fato de que ela sentiu a presença dele até mesmo na dormida.

A expressão de gratidão a Assis Borges, ao agradecê-lo por tê-la acompanhado em mais um ano, revela uma conexão profunda que vai além da experiência física da viagem. A gratidão é expressa em um momento íntimo, sugerindo um diálogo espiritual que transcende as palavras audíveis. Esse agradecimento é simbólico da continuidade da relação, mesmo após a morte.

“*Era só o que eu pedia ao Padre Cícero, que guardasse Assis, que tomasse conta dele até eu poder chegar lá*”. O ato de pedir a Jesus e ao Padre Cícero que coloquem Assis em um bom lugar transcende a dimensão física da igreja e da missa. É uma expressão de fé que se conecta diretamente com a crença na capacidade dessas figuras sagradas de intercederem em nome do bem-estar espiritual de Assis. A súplica pela luz que não se apaga e por um lugar bom indica uma busca por conforto espiritual e segurança além da morte.

A relação estabelecida com o Padre Cícero como um intermediário divino destaca a complexidade da espiritualidade vivida em Juazeiro. A cidade não é apenas um local onde se fazem preces; é um espaço onde as fronteiras entre o divino e o terreno são permeáveis, permitindo uma conexão íntima e direta com figuras espirituais.

A expressão de desejo de ver Assis novamente indica uma crença na continuidade da vida após a morte e na possibilidade de reunião futura. “*E eu fiquei pensando, também, porque eu disse, né, que Assis tava perto de mim o tempo todo*”. A temporalidade heterotópica da cidade, como discutida anteriormente, novamente se manifesta, sugerindo que Juazeiro é um espaço onde as normas temporais convencionais não se aplicam da mesma maneira que na vida cotidiana.

A decisão de falar para Assis quando a entrevistada estava nos pés da estátua evidencia a natureza íntima e pessoal da comunicação espiritual. Mesmo indo para o outro lado para que a filha não a visse, há uma sensação de privacidade e individualidade nesse ato, sugerindo um diálogo direto e pessoal entre Dona Dalva e o espírito de Assis.

O momento em que a entrevistada expressa sua emoção, afirmando que pode não aguentar falar, introduz uma intensidade emocional ainda maior na entrevista, evidenciando a profundidade da dor e da saudade que ela sente pela perda do marido.

O choro durante algum tempo revela a autenticidade e a sinceridade das emoções vivenciadas pela entrevistada. Esse momento de vulnerabilidade acrescenta uma camada de humanidade à narrativa, destacando que, mesmo em um espaço sagrado como Juazeiro do Norte, as experiências emocionais são cruciais e inerentes à peregrinação.

Ao derramar suas emoções, Lindalva expressa seu diálogo contínuo com Assis, evidenciando que, para ela, a ligação transcende os limites entre a vida e a morte. *“Eu falei a ele que eu estava com muita saudade, e ele me ouviu, tenho certeza”*. As palavras direcionadas a Assis revelam uma saudade profunda e constante, onde cada momento da vida diária é permeado pela ausência dele. O vazio e a saudade são descritos como sentimentos palpáveis, destacando a força e a persistência dessa conexão emocional.

A promessa de nunca esquecer Assis e a afirmação de que ela sempre sentirá a falta dele sublinham a permanência da presença espiritual em sua vida. A esperança de que Assis esteja em um bom lugar, em conjunto com a promessa de encontrá-lo novamente no próximo ano, ressalta a crença da sua esposa na continuidade da relação para além da vida terrena.

A menção da dor no braço, embora tangencial à narrativa principal, adiciona uma dimensão física à experiência da entrevistada, representando possivelmente a expressão física da dor emocional que ela sente. Essa dor torna-se simbólica da luta contínua com a perda.

“Tchau, viu, até o ano que vem, fique aí com Padre Cícero olhando pela gente”. A despedida final, onde ela pede que Assis fique com Padre Cícero olhando por eles, revela a confiança na presença protetora dessas figuras espirituais. Essa expressão final reflete não apenas uma despedida, mas também uma continuidade da relação através da crença na assistência divina. A cidade se torna um espaço onde as emoções profundas e os diálogos espirituais se entrelaçam, oferecendo um contexto único para a expressão da saudade, do amor e da esperança.

Além de Lindalva, sua cunhada, Ivonete Sampaio de Souza, que iniciou a peregrinação à Juazeiro com o seu pai e seu irmão, também aparece nesse texto para confirmar Juazeiro na teoria foucaultiana já mencionada. A entrevista com Dona Ivonete foi uma das falas que mais emocionou este aprendiz de hermenêuta, talvez por se tratar de uma senhora de 78 anos, que acompanhou as mudanças mais significativas das últimas décadas da cidade de Juazeiro e, assim como Dona Dalva, sua fala foi completamente permeada por emoção e sensibilidade:

Meu filho, fazem uns 55 anos que eu venho para Juazeiro, só que tem ano que eu venho mais de uma vez. Quem primeiro me trouxe foi meu pai, e vou te dizer, quando eu vinha, a coisa era muito diferente, era coisa pobre, o carro não tinha ar, e era um aperto tão grande que a gente dava graças a Deus descer, nas paradas que tinha, né?

Mas minha fé era sempre mais forte, tanto que eu trouxe meu menino mais velho pra cá com um mês e dez dias de idade, eu enchia a quartinha de água, trazia uma bolsa bem grande com as coisas e vinha. Ele quase morreu da primeira vez que veio. Eu fui fazer aquele passeio das almas lá no convento e acho que por causa do calor, quando cheguei no quarto ele botou pra vomitar, chorava tanto, tanto que fazia pena, e com diarreia também... eu não tive outra coisa pra fazer se não olhar para o céu e pedir a Deus para ajudar meu menino, gritei mesmo, me lembro até hoje... 'meu Padre Cícero Romão, olha meu menino, não deixa ele morrer'... e ele me valeu, olhou por mim e meu filho tá aí hoje, continua vindo comigo.

A narrativa de Ivonete revela uma relação profundamente arraigada e duradoura com Juazeiro, evidenciando uma jornada de fé e devoção que se estende por mais de cinco décadas. Ao longo desses anos, ela visita Juazeiro regularmente, muitas vezes mais de uma vez por ano, estabelecendo não apenas uma tradição pessoal, mas também transmitindo essa prática religiosa de geração em geração.

A história começa com uma contextualização temporal, destacando os 55 anos de compromisso contínuo de Ivonete com Juazeiro. Esta frequência sugere não apenas uma devoção pessoal, mas também a participação ativa em uma tradição familiar que remonta ao pai de Ivonete, que a introduziu inicialmente a Juazeiro. Essa transmissão intergeracional de valores e práticas religiosas adiciona camadas de significado à experiência de Juazeiro.

Ao descrever as condições difíceis de viagem no passado, como a falta de ar-condicionado nos carros, Ivonete destaca a tenacidade de sua fé mesmo em meio a adversidades materiais. A menção do desconforto físico durante as viagens passadas contribui para ressaltar a força da devoção de Ivonete, que persiste apesar das dificuldades logísticas.

O aspecto mais comovente da entrevista é a narrativa sobre o filho de Ivonete, trazida para Juazeiro com apenas um mês e dez dias de vida. Essa decisão simboliza não apenas o comprometimento com a fé, mas também a vontade de compartilhar essa tradição com as gerações futuras. O relato da quase morte da criança durante a primeira visita, devido ao calor intenso, adiciona uma dimensão emocional à história, ressaltando os sacrifícios enfrentados em nome da fé.

A conexão espiritual de Ivonete com Juazeiro atinge seu ápice na cena em que ela, desesperada, clama ao Padre Cícero Romão pela vida de seu filho. Este momento de súplica direta ao sagrado destaca a intensidade da experiência espiritual de Ivonete. A sobrevivência do filho é atribuída à intervenção divina, reforçando a fé inabalável de Ivonete e consolidando sua ligação única com Juazeiro.

E Dona Ivonete mantém seu o desejo de permanecer em romaria à Juazeiro enquanto tiver forças para caminhar:

E enquanto eu for viva e eu puder arrastar os pés eu venho, eu tinha e tenho uma devoção muito forte por meu padrinho, já alcancei muitas graças com ele, só eu dizer 'valei-me meu Padre Cícero' e ele me escuta... O que eu mais gosto de Juazeiro é de tudo, Juazeiro e Canindé pra mim é tudo, são meus santos de devoção, são tudo, tudo. Olhe antes mesmo de vim pra cá, tinha três empréstimos no meu nome, eu já *tava* desenganada, toda vez eu ia lá, falava e voltava pra casa do mesmo jeito, mas ontem quando eu cheguei aqui em Juazeiro, eu pedi a meu Padrinho e ele me atendeu, o advogado me ligou e disse que tinha dado certo, me liberei disso, amém.

Tenho muita lembrança boa, toda vez que chego aqui eu me lembro logo do meu pai, das coisas dele e do povo que já morreu, eu me lembro de todos, todo mundo que vinha com a gente. Mesmo com toda dificuldade que tinha eu vinha feliz, eu já vim até pra cozinhar no Juazeiro, trazia aquele fogareiro e as panelas pra fazer a comida aqui. Era menino por todo canto, deitados pelo chão, nas cadeiras, menino de braço, menino andando, era tanta gente, porque eu ficava com meu pai naqueles ranchos sabe? Então era meio mundo de gente junto.

A continuação da narrativa de Ivonete destaca a persistência de sua devoção a Juazeiro e ao Padre Cícero Romão, evidenciando a profundidade do vínculo espiritual que ela mantém com o local. A expressão "*enquanto eu for viva e puder arrastar os pés*" revela um compromisso vitalício, sublinhando a importância contínua de Juazeiro em sua vida. Essa dedicação é fundamentada na forte devoção a seu padrinho, o Padre Cícero, a quem Ivonete recorre em busca de auxílio e graças. O uso da expressão "valei-me meu Padre Cícero" destaca a relação de confiança e comunicação direta com o sagrado, sugerindo uma interação espiritual íntima.

O relato de Ivonete destaca a singularidade de Juazeiro, onde ela encontrou conforto espiritual e experimentou várias graças. A cidade se torna mais do que um local físico, transformando-se em um espaço de conexão espiritual profunda. A menção de Canindé como outro lugar significativo em sua devoção ressalta a importância única desses locais, que vão além da sua dimensão convencional.

As experiências compartilhadas por Ivonete, como resolver problemas financeiros e sentir uma intervenção divina em momentos críticos, reforçam a ideia de Juazeiro como um espaço onde a presença espiritual é tangível. Além disso, suas memórias afetivas ligadas à cidade, como momentos felizes com seu pai, destacam a diversidade e a profundidade desse espaço especial, que vai além das experiências espirituais para abraçar aspectos pessoais e emocionais.

A descrição da agitação e presença abundante de pessoas, especialmente crianças, durante suas visitas passadas, destaca a dimensão social e comunitária de Juazeiro. Os "ranchos" onde Ivonete e seu pai ficavam sugerem uma comunidade unida em torno da devoção compartilhada. Essa dinâmica de comunidade contribui para a caracterização de Juazeiro como um espaço onde diferentes tempos e pessoas coexistem.

E a heterotopia se multiplica em sua voz:

Hoje mesmo na missa eu só fiz chorar, porque eu me lembro do meu povo, me lembro que a idade vai avançando e a gente vai perdendo quem ama, meu irmão era meu companheiro nessa viagem, meu pai foi quem me trouxe pra cá primeiro e eu quando chego aqui essas coisas ficam na minha cabeça. Eles amavam isso aqui, já vieram até de pau-de-arara. No ano que inaugurou aquela estátua de Padre Cícero meus pais estavam aqui, toda casa de Juazeiro ofertava uma dormida, ou duas ou três, para os romeiros que vinham terem lugar pra ficar.

Eu mesma acompanhei muitas mudanças em Juazeiro, é uma cidade que não para. A gente vem em um ano aqui, e quando vem no outro tá tudo diferente. Tem um povo doido que fala que a gente vai todo ano ver a mesma coisa, mas não é. Quando eu entro já na cidade pra mim é a primeira vez, em tudo, olha como é interessante, muda muito as coisas, só que as lembranças são as mesmas. Hoje os quartos tem conforto, tem ar e tudo mais, só que mesmo assim, parece que eu tô no tempo daqueles ranchos de antigamente, as lembranças da gente, né?

No desenrolar da entrevista, Ivonete expõe um aspecto emocional profundo de sua relação com Juazeiro, destacando a experiência da missa como um catalisador de sentimentos nostálgicos. Seu relato revela a carga emocional associada à perda de entes queridos, como seu irmão e seu pai, que desempenharam papéis significativos em sua peregrinação a Juazeiro. O choro durante a missa reflete não apenas a devoção espiritual, mas também a saudade e a sensação de perda diante do envelhecimento e das mudanças na dinâmica familiar.

A menção da participação ativa de sua família em peregrinações passadas, inclusive vindo de "pau-de-arara," ilustra o comprometimento de gerações anteriores com a devoção a Juazeiro. A inauguração da estátua de Padre Cícero é um marco temporal que evidencia não apenas a história pessoal de Ivonete, mas também a participação coletiva da comunidade na celebração religiosa. O gesto de oferecer hospedagem aos romeiros demonstra a solidariedade e a conexão comunitária que caracterizam Juazeiro como um espaço heterotópico.

A percepção de Ivonete sobre as mudanças em Juazeiro ao longo dos anos destaca a dinâmica incessante da cidade. Sua afirmação de que "a gente vem em um ano aqui, e quando vem no outro tá tudo diferente" enfatiza a natureza mutável e vibrante do local. A resistência à ideia de que "vai todo ano ver a mesma coisa" ressalta a experiência individualizada de cada visita, onde, para ela, a cidade é redescoberta a cada chegada.

O contraste entre as condições antigas, como os "ranchos de antigamente," e a modernização dos quartos atuais sugere uma transformação física, mas as lembranças permanecem imutáveis. Essa dualidade entre a mudança visível e a continuidade das lembranças destaca Juazeiro, como um lugar onde diferentes tempos coexistem. O fato de Ivonete sentir-se como se estivesse "no tempo daqueles ranchos de antigamente" mesmo em quartos modernos enfatiza a sobreposição de experiências temporais.

Portanto, a narrativa de Ivonete, destaca a complexidade emocional e as camadas de significado associadas à peregrinação. O choro durante a missa, as lembranças familiares e a percepção da mudança ao longo do tempo convergem para construir uma visão rica e sensível da relação única entre a entrevistada e a cidade sagrada.

Para além do que já foi exposto, Juazeiro é para Dona Ivonete, um refúgio nas horas de aflição:

Eu tinha um restaurante lá em casa e teve uma vez que um cara foi assaltar lá, não foi o restaurante que ele foi roubar, foi um homem que *tava* com 25 mil no carro, na hora que ele tirou o revólver eu gritei, valei-me meu *Padrim Ciço* e na hora eu de olho fechado assim, eu vi só vinha na minha cabeça a estátua do Padre Cícero olhando pra mim. E eu fiquei assim, em cima do bandido, com o revólver, e ele não fez nada comigo, graças a Deus. Isso eu tenho que chegar aqui me Juazeiro e agradecer todo ano, *né?*

Esse ano eu *tô* muito feliz, porque veio muita gente da minha família, isso é importante pra manter a tradição do meu pai. Olhe veio três netas minhas, um neto, meu filho, uma sobrinha e minha cunhada. Eu me realizo aqui, espero em Deus para o ano eu puder está aqui novamente.

A entrevista culmina em um relato marcante e pessoal de um episódio potencialmente traumático na vida de Ivonete. Ao compartilhar a experiência do assalto em seu restaurante, ela introduz uma reviravolta na narrativa, ilustrando não apenas a dimensão espiritual de sua conexão com Juazeiro, mas também a intervenção divina em momentos de perigo iminente.

A descrição do assalto revela a rapidez e a intensidade do incidente, com Ivonete reagindo instintivamente ao sacar o revólver. A invocação imediata do *Padrim Ciço* em meio ao perigo demonstra a espontaneidade de sua fé e a confiança na proteção divina. A imagem da estátua do Padre Cícero em sua mente, como se observando a cena, adiciona um elemento simbólico, ressaltando a presença constante da divindade em sua vida cotidiana.

O desfecho positivo do incidente, com o assaltante não causando danos a Ivonete, é atribuído à intervenção divina. Esse episódio destaca Juazeiro não apenas como um local de devoção durante peregrinações regulares, mas também como uma influência protetora que transcende os limites geográficos da cidade. O ato de agradecer todos os anos, ao chegar em Juazeiro, torna-se uma expressão tangível de gratidão pela proteção recebida.

A revelação de que este ano a visita de muitos membros da família acompanha Ivonete ressalta a transmissão intergeracional da tradição. A presença de três netas, um neto, filho, sobrinha e cunhada não apenas reforça a importância de manter viva a herança do pai de Ivonete, mas também enriquece a experiência da peregrinação ao reunir múltiplas gerações em um ato compartilhado de devoção.

O sentimento de realização expresso por Ivonete ao estar em Juazeiro, juntamente com a esperança de retornar no próximo ano, encerra a entrevista com uma nota otimista. Essas palavras finais refletem não apenas a continuidade da tradição, mas também a renovação constante de sua ligação espiritual com Juazeiro. O relato ressoa como uma celebração da fé, proteção divina e da força que a tradição mantém na vida de Ivonete e de sua família.

A viagem nunca acaba, só os viajantes acabam

A cidade de Juazeiro do Norte, no interior do Ceará, se destaca por ser um local onde a devoção ao Padre Cícero se manifesta de maneira intensa e transformadora. Entre as multidões que se reúnem anualmente em romaria, emerge um grupo especial de indivíduos que transcendem a mera condição de visitantes temporários. Estes são os romeiros, que, através de suas repetidas peregrinações e profundo envolvimento com a cidade, desenvolvem um sentimento de pertencimento que vai além da simples devoção religiosa.

No contexto de Juazeiro do Norte, o termo "viajante" adquire um significado particular. Esses romeiros, mais do que meros turistas ou peregrinos ocasionais, são viajantes no sentido pleno da palavra. Eles embarcam em jornadas físicas e espirituais que os conectam de forma íntima e contínua à cidade e à figura do Padre Cícero. Cada viagem representa não apenas um movimento no espaço, mas também uma transformação pessoal e uma renovação dos laços que os unem à comunidade juazeirense.

Os romeiros, ao retornarem repetidamente a Juazeiro do Norte, começam a se enxergar e a serem vistos como parte integrante da cidade. Eles não são apenas passageiros, mas sim habitantes temporários que contribuem significativamente para a vida social, cultural e econômica local. Essa dualidade de ser ao mesmo tempo "de fora" e "de dentro" cria uma relação única e complexa entre os viajantes e a cidade.

Os relatos coletados durante as entrevistas com os romeiros revelam uma profunda conexão emocional e espiritual com Juazeiro do Norte. Para muitos, a cidade representa um refúgio onde encontram paz, cura e renovação espiritual. As histórias pessoais de superação e transformação atestam o impacto duradouro que Juazeiro exerce sobre esses viajantes, moldando suas vidas de maneira significativa e duradoura.

É importante destacar que a dinâmica das peregrinações cria um espaço de intercâmbio cultural e espiritual que transcende as fronteiras físicas. Os romeiros trazem consigo suas histórias, crenças e esperanças, enriquecendo o tecido social de Juazeiro do Norte e

contribuindo para a construção de um imaginário coletivo que conecta passado, presente e futuro.

O fenômeno das romarias em Juazeiro do Norte pode ser comparado aos batimentos cardíacos que dão vida à cidade. A cada ciclo de peregrinação, a cidade se renova e se reconfigura, refletindo a profunda fé e devoção ao Padre Cícero. Esse pulsar constante é o que mantém viva a chama da religiosidade e da tradição, fazendo de Juazeiro do Norte um verdadeiro santuário espiritual e cultural.

Os romeiros, em suas múltiplas jornadas, desenvolvem uma relação temporal única com a cidade. A repetição dos rituais ao longo dos anos estabelece uma ligação duradoura que transcende a sequência cronológica convencional. Em vez de meros eventos isolados, cada peregrinação se torna parte de um ciclo contínuo de devoção e renovação espiritual.

Para muitos romeiros, Juazeiro do Norte não é apenas um destino de peregrinação, mas um lar espiritual onde encontram um senso de pertencimento e comunidade. A acolhida calorosa dos habitantes locais e a partilha de experiências comuns fortalecem esses laços, transformando a cidade em um espaço de coesão social e identidade compartilhada.

As romarias também desempenham um papel crucial na economia local, impulsionando setores como hospedagem, alimentação e comércio de produtos religiosos. A presença dos romeiros, portanto, vai além do aspecto espiritual, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento socioeconômico de Juazeiro do Norte.

A etimologia da palavra "peregrino", que deriva do latim e significa "estrangeiro", sublinha a natureza única dessa experiência. No caso dos romeiros de Juazeiro do Norte, essa condição de "estranheza" é transformada em um sentimento de pertencimento profundo, que se reflete na maneira como se veem e são vistos pela comunidade local.

A cada peregrinação, os romeiros reforçam sua conexão com Juazeiro do Norte, não apenas através dos rituais religiosos, mas também por meio das interações sociais e culturais que ocorrem durante as festas religiosas. Essa convivência cria oportunidades para a construção de laços de proximidade e solidariedade, onde as diferenças são negociadas e compartilhadas.

Juazeiro do Norte, portanto, se configura como um espaço de renovação espiritual contínua, onde os romeiros buscam não apenas a proximidade física com o sagrado, mas também uma transformação pessoal e coletiva. A cidade se torna um cenário onde diferentes tempos e espaços se encontram, criando uma narrativa rica e multifacetada que transcende as fronteiras físicas e temporais.

O conceito de "viajante", quando aplicado aos romeiros de Juazeiro do Norte, revela a complexidade e a profundidade dessa experiência. Esses indivíduos não são meros visitantes,

mas participantes ativos na construção do espaço urbano e na dinâmica socioeconômica da cidade. Eles são, em essência, viajantes espirituais cuja jornada contribui para a manutenção e renovação das tradições e da identidade coletiva de Juazeiro do Norte.

A dualidade de ser ao mesmo tempo "de fora" e "de dentro" da comunidade local é um aspecto central na experiência dos romeiros. Essa condição de liminaridade, onde os limites entre o pertencimento e a estranheza se tornam difusos, enriquece a relação dos romeiros com a cidade, criando um espaço de intensa sensibilidade e significado.

Os romeiros, através de suas peregrinações, desempenham um papel fundamental na configuração demográfica e econômica de Juazeiro do Norte. Seus fluxos migratórios periódicos durante as festividades religiosas contribuem para o crescimento populacional e dinamizam a economia local, reforçando a importância desses viajantes na vida da cidade.

As histórias e experiências compartilhadas pelos romeiros revelam a influência e a presença marcante de Juazeiro do Norte em suas vidas cotidianas. A memória dessas jornadas permite que o passado seja constantemente resgatado e reavivado no presente, criando uma conexão profunda e duradoura com a cidade.

Em resumo, o conceito de "viajante" aplicado aos romeiros de Juazeiro do Norte destaca a complexidade e a riqueza dessa experiência. Esses indivíduos, através de suas repetidas peregrinações, se tornam parte integrante da cidade, contribuindo para sua vida social, cultural e econômica. Juazeiro do Norte, por sua vez, se revela como um espaço de encontros e convergências, onde as múltiplas camadas de significado e experiência se entrelaçam para criar uma teia complexa de relações humanas e simbólicas.

A recorrência das visitas dos romeiros a Juazeiro do Norte cria um padrão que vai além da simples repetição. Cada retorno é um reencontro com o sagrado e com a comunidade, reforçando os laços e aprofundando o sentimento de pertencimento. Este processo contínuo de vir e voltar simboliza a busca constante pelo sentido e pela renovação espiritual.

Além do aspecto espiritual, os romeiros também se envolvem nas práticas culturais e sociais da cidade. Participam das festividades, contribuem para as tradições locais e, em muitos casos, estabelecem relações duradouras com os moradores. Esse intercâmbio enriquece tanto os viajantes quanto a comunidade de Juazeiro do Norte, criando um ambiente de aprendizagem mútua e respeito.

O ato de viajar para Juazeiro do Norte é, para muitos romeiros, uma jornada de autodescoberta. Através do encontro com o sagrado e com os outros peregrinos, eles encontram novas perspectivas e entendimentos sobre si mesmos e suas vidas. Esta jornada interna é tão

significativa quanto a peregrinação física, demonstrando a profundidade da experiência de ser um viajante.

Juazeiro do Norte se transforma, durante as romarias, em um verdadeiro microcosmo de diversidade humana. Pessoas de diferentes origens, culturas e histórias de vida se encontram, compartilham suas experiências e constroem uma comunidade temporária baseada na fé e na devoção. Este ambiente plural e inclusivo é um testemunho da capacidade de Juazeiro de unir pessoas em torno de um objetivo comum.

A vivência dos romeiros em Juazeiro do Norte é marcada pela intensidade dos momentos compartilhados. As procissões, as missas, os momentos de oração e os encontros com outros peregrinos são oportunidades de criação de memórias coletivas que fortalecem o vínculo com a cidade. Cada evento se torna um capítulo na história pessoal de cada viajante, contribuindo para a riqueza da experiência coletiva.

Os romeiros também desempenham um papel importante na preservação e na transmissão das tradições religiosas de Juazeiro do Norte. Através de suas práticas e devoções, eles mantêm vivas as histórias e os rituais associados ao Padre Cícero, garantindo que essas tradições sejam passadas de geração em geração. Esta continuidade é essencial para a identidade cultural da cidade.

A dinâmica da peregrinação também reflete uma dimensão de sacrifício e dedicação. Muitos romeiros enfrentam grandes dificuldades para realizar suas viagens, demonstrando uma fé inabalável e um compromisso profundo com a sua devoção. Este esforço é recompensado pela experiência transformadora de estar em Juazeiro do Norte, onde encontram consolo e renovação espiritual.

A interação dos romeiros com a cidade não se limita aos momentos de festividade. Muitos retornam a Juazeiro do Norte em períodos de tranquilidade, buscando um espaço para meditação e reflexão pessoal. Estas visitas menos frequentes, mas igualmente significativas, reforçam a relação contínua dos viajantes com o espaço sagrado, mostrando que a conexão vai além das grandes celebrações.

O impacto dos romeiros em Juazeiro do Norte é visível também no desenvolvimento de infraestruturas dedicadas ao acolhimento dos peregrinos. Hospedarias, restaurantes e lojas especializadas surgem para atender às necessidades dos viajantes, criando uma rede de serviços que sustenta a economia local. Este crescimento econômico é uma consequência direta da presença constante dos romeiros na cidade.

A presença dos romeiros também promove uma dinâmica de intercâmbio e solidariedade. A partilha de experiências e recursos entre os peregrinos e os moradores locais

fortalece os laços comunitários e cria um ambiente de apoio mútuo. Este espírito de cooperação é uma característica marcante da vida em Juazeiro do Norte durante as romarias.

O conceito de "viajante" aplicado aos romeiros de Juazeiro do Norte abrange mais do que a simples movimentação física. Representa uma jornada espiritual e emocional que transforma tanto o indivíduo quanto a comunidade. Cada romeiro contribui com sua história e devoção para a construção de um espaço sagrado vivo e dinâmico, onde a fé e a cultura se entrelaçam de forma única e poderosa.

Espaços sagrados, vínculos profundos: o tecido social de Juazeiro

Como já foi exposto, Juazeiro, por ser um lugar transcendente não está limitado as fronteiras geográficas que o cercam, ele transborda as barreiras físicas e se esgacha para além do seu território, chegando à casa de cada romeiro. Ao preparar sua mala para a viagem, o devoto já sente o acontecer de Juazeiro em sua casa pois, como bem pontuou Emile Durkheim (1989), em sua obra "As Formas Elementares da Vida Religiosa"¹⁸, os rituais e práticas religiosas fazem parte do existir da crença. No caso de Juazeiro, os rituais já se iniciam na preparação para a viagem e acontecem durante todo ano, desde o pequeno cofre, no qual ele junta suas moedas para comprar a passagem, Juazeiro já acontece.

No contexto da obra "Formas Elementares da Vida Religiosa" de Emile Durkheim (1989), encontramos um arcabouço teórico que lança luz sobre as práticas religiosas que reverberam na cidade de Juazeiro do Norte. Durkheim (1989), notável sociólogo, explora as bases fundamentais da religião e seus efeitos na coesão social. Ao examinarmos as práticas ocorridas em Juazeiro, torna-se evidente como os princípios delineados por Durkheim (1989) ecoam nesse cenário sagrado do nordeste brasileiro.

¹⁸ Na obra "As Formas Elementares da Vida Religiosa", Emile Durkheim mergulha em uma análise profunda das estruturas fundamentais das práticas religiosas. Ele nos conduz por uma jornada na qual explora como as crenças e rituais se desenvolvem e fortalecem a coesão social em comunidades. É como se ele observasse as engrenagens que mantêm a vida religiosa em funcionamento e como ela influencia a própria sociedade. Durkheim destaca que a religião não é apenas uma questão individual, mas uma força coletiva que une as pessoas em torno de valores e símbolos compartilhados. Ele enfatiza como os rituais, mesmo que aparentemente simbólicos, têm o poder de reforçar os laços sociais e fortalecer a identidade da comunidade. Nesse sentido, a religião se torna uma força unificadora que transcende as diferenças individuais.

Ao analisar as sociedades primitivas, Durkheim concentra-se nas chamadas "formas elementares" da religião, como o totemismo. Ele demonstra como os grupos sociais criam símbolos e objetos sagrados, como os totens, que representam sua coesão e unidade. Essa análise nos leva a perceber que a religião não é apenas uma questão de crença em seres sobrenaturais, mas uma forma de expressão coletiva que permeia todos os aspectos da vida social. Durkheim também destaca o papel da ritualização na religião. Os rituais não são meras formalidades, mas ações que reforçam o vínculo entre os indivíduos e a comunidade. Através da participação em rituais, as pessoas reafirmam sua conexão com o grupo e sua adesão às normas e valores compartilhados.

Durkheim (1989) propõe que a religião transcende o aspecto individual e se manifesta como uma força unificadora que molda a coletividade. Em Juazeiro, essa dimensão coletiva é palpável nas peregrinações que atraem multidões de fiéis de diferentes origens e classes sociais. A devoção ao Padre Cícero não apenas une essas pessoas em torno de uma fé compartilhada, mas também estabelece um senso de pertencimento a uma comunidade de crentes. As práticas religiosas em Juazeiro não são apenas atos individuais de fé, mas um tecido social que conecta os peregrinos em torno de valores comuns e devoção compartilhada.

Outro aspecto central abordado por Durkheim (1989) é o conceito de sagrado e profano. A cidade de Juazeiro encapsula essa dualidade de maneira vívida. Os rituais e as manifestações religiosas que ocorrem ali transformam espaços aparentemente comuns em locais sagrados, onde o divino se manifesta. O Horto, por exemplo, transcende sua função geográfica e se torna um espaço sagrado de peregrinação e devoção. As fronteiras entre o sagrado e o profano se dissolvem, criando uma atmosfera onde o transcendental permeia o terreno. No cerne da análise durkheimiana está a ideia de que a religião não é apenas uma expressão individual, mas uma construção social que reflete e molda a vida coletiva. As práticas em Juazeiro corroboram essa visão, demonstrando como a religião é intrinsecamente ligada à identidade cultural e social da comunidade. O fervor religioso não se restringe a momentos de devoção, mas permeia a vida cotidiana, influenciando valores, comportamentos e interações sociais.

Portanto, ao contemplarmos as práticas religiosas que ocorrem em Juazeiro do Norte à luz das "Formas Elementares da Vida Religiosa" de Durkheim (1989), enxergamos como os princípios sociológicos do autor reverberam nesse cenário. As multidões que convergem para Juazeiro e as práticas que ocorrem ali demonstram a coesão social, o senso de pertencimento e a interconexão entre o sagrado e o profano que permeiam a vida religiosa na cidade. Juazeiro emerge como um microcosmo que valida e ilustra as teorias de Durkheim (1989), evidenciando como a religião desempenha um papel fundamental na construção da coletividade e na manutenção dos valores compartilhados, como encontrado no relato de Ana Lúcia Ferreira Costa, de 76 anos, natural de Belo Horizonte (MG):

Olha meu filho, tem lugar que a gente se sente bem né? Pronto, um desses lugares é aqui em Juazeiro. Eu já tenho uma idade avançada, sabe? Não sei até quando eu vou poder vir pra Juazeiro, mas, enquanto eu puder, eu *tô* aqui.

Eu me preparo o ano todo, junto meu dinheiro da aposentadoria minha e do meu marido e vamos nos organizando, todo dinheiro extra que aparece eu já guardo que é pra Juazeiro.

Sabe uma coisa interessante pra você colocar aí no seu estudo? Eu comecei a vir pra cá porque eu tive uma doença muito séria no fígado, primeiro eu achava que era gordura no fígado, mas depois eu descobri que era um câncer, meu filho eu me desesperei tanto, tanto... pense em um ano terrível, isso foi em 2006. Eu fui pra todo

tipo de médico, porque quando fala em câncer a gente já pensa o pior, *né?* Aí eu fiz promessa pra todo santo que aparecia, que eu via na TV ou nos livrinhos.

Foi minha vizinha que morava porta com porta comigo, que me falou, ‘faz uma promessa para o Padrinho Cícero de Juazeiro’... eu me peguei com ele e vim, eu me ajoelhei na igreja e pedi com muita fé. Primeiro que já me deu esperança quando eu chegava em todo lugar aqui em Juazeiro, e sempre tinha uma foto, ou um texto, ou aqueles braços de madeira que o povo leva pra promessa. Eu disse pra mim mesma, que se Deus tinha ajudado tanta gente através do Padre Cícero, ele vai me ajudar também tenho certeza. Me enchi de esperança aqui. E depois do meu tratamento lá em 2010, eu fiquei curada e venho todo ano. Mas como eu ia dizendo, primeiro eu vim pra cá pra tentar a cura, e hoje eu venho pra agradecer, mas também venho porque eu me sinto bem nessa cidade.

É bom a gente tá em um lugar que se sente bem, eu acho que é porque eu faço parte daqui já. Quando se tem a minha idade o pessoal já nem dá tanta importância ao povo velho. Só que aqui eu me sinto importante e feliz mais do que na minha casa. Eu sinto que eu tenho utilidade nesse lugar, que eu digo que é santo. Não vejo ninguém melhor do que ninguém aqui, essa coisa de se *mostrar*, de menosprezar os outros, não tem aqui. Eu *tô* muito feliz.

Chegando em Juazeiro eu vou logo nos franciscanos, que é aquela igreja linda, rezo meu terço e subo pro Horto e na estátua do Padre Cícero eu agradeço a Deus por minha cura, depois eu vou almoçar, vou no comércio, e essas coisas, *né?* São obrigações que tem que fazer todo ano aqui, chegou em Juazeiro faço logo isso, ir à missa, me confessar.

A entrevista revela uma profunda conexão emocional de Ana Lúcia com Juazeiro do Norte, uma relação que pode ser interpretada à luz dos conceitos sociológicos de Emile Durkheim (1989). Em sua busca por um lugar onde se sente bem, ela expressa um vínculo com a cidade que vai além do individual, refletindo a dimensão coletiva da religião. A frequência das peregrinações e a preparação meticulosa para essas viagens indicam um compromisso significativo, incorporando a ideia durkheimiana de que a religião molda a coesão social.

O relato sobre a doença grave e a busca por cura em Juazeiro ilustra a transformação do profano para o sagrado, como discutido por Durkheim (1989). A mudança de uma situação de sofrimento para a busca de conforto espiritual destaca como a religião pode redefinir o significado das experiências humanas, proporcionando uma dimensão sagrada às adversidades.

A prática de fazer promessas a diversos santos e a expressão de devoção durante momentos difíceis realçam aspectos ritualísticos e simbólicos da religião. A entrevistada não apenas busca ajuda divina individualmente, mas participa de uma comunidade de crentes, contribuindo para a construção do tecido social durkheimiano.

Além disso, a organização financeira e logística para as peregrinações demonstra um esforço sistemático para manter essa prática religiosa. A preparação constante e a contribuição financeira revelam um comprometimento que vai além do âmbito pessoal, enquadrando-se na dimensão coletiva da religião discutida por Durkheim (1989).

“Foi minha vizinha que morava porta com porta comigo, que me falou, ‘faz uma promessa para o Padrinho Cícero de Juazeiro’”. A sugestão da vizinha para fazer uma promessa

ao Padre Cícero ressalta a dimensão coletiva da religião, onde a comunidade compartilha e recomenda práticas devocionais como uma resposta a adversidades.

“Primeiro que já me deu esperança quando eu chegava em todo lugar aqui em Juazeiro, e sempre tinha uma foto, ou um texto, ou aqueles braços de madeira que o povo leva pra promessa”. O relato sobre a chegada em Juazeiro e a presença constante de elementos simbólicos relacionados ao Padre Cícero cria uma atmosfera sagrada na cidade. Esses elementos não apenas ilustram a devoção coletiva, mas também enfatizam a transformação do espaço profano em sagrado, um conceito discutido por Durkheim (1989). A presença desses sinais cria uma expectativa e esperança que transcendem o individual, contribuindo para a construção de um espaço sagrado.

A entrevistada expressa a sua esperança e fé ao chegar em Juazeiro, ressaltando a crença na intervenção divina do Padre Cícero. Essa experiência reflete a dimensão coletiva da religião, onde a esperança compartilhada e a crença na eficácia das práticas religiosas se tornam elementos unificadores.

A mudança de propósito ao longo dos anos, de vir em busca da cura para agradecer, destaca a evolução da experiência religiosa da entrevistada. Essa mudança, acompanhada pela sensação de bem-estar na cidade, destaca como Juazeiro transcende a função de um local de peregrinação para tornar-se um espaço onde a experiência religiosa se entrelaça com a vida cotidiana.

A continuação da entrevista ressalta a importância da pertença e a sensação de utilidade na cidade de Juazeiro do Norte. *“É bom a gente tá em um lugar que se sente bem, eu acho que é porque eu faço parte daqui já”*. O relato de Ana Lúcia sobre sentir-se mais feliz e importante em Juazeiro do que em sua própria casa destaca a natureza acolhedora e inclusiva da comunidade, reforçando a ideia de coesão social e pertencimento que Emile Durkheim (1989) aborda em suas teorias.

A expressão de felicidade e utilidade na cidade sugere uma dinâmica comunitária que transcende as barreiras da idade, contrapondo a percepção comum de que, em certas fases da vida, as pessoas idosas podem se sentir marginalizadas. Essa sensação de inclusão e valorização na cidade reflete a maneira como a religião, nesse contexto, atua como um elemento unificador que ressalta a igualdade e a importância de cada indivíduo na comunidade.

A prática religiosa da entrevistada, que envolve visitar locais sagrados, rezar o terço e cumprir obrigações como ir à missa e se confessar, destaca a incorporação de rituais na vida cotidiana. Esses rituais não apenas evidenciam a dimensão coletiva da religião, mas também

apontam para a construção de uma rotina sagrada em Juazeiro, onde as práticas religiosas integram-se às atividades diárias.

hete social e promove um senso de igualdade entre os membros da comunidade.

O sentimento de pertencimento da cidade de Juazeiro também foi encontrado em outra romeira entrevistada, a senhora Marlene Giovanyr de Oliveira Nobre, de 43 anos (Itabuna – BA), que relatou, em sua entrevista, sobre sentir-se importante e parte de um grupo social, abordagens que também corroboram com a visão de Durkheim:

Ah, meu filho, é difícil explicar, sabe? Mas eu sinto uma coisa dentro do peito que não me deixa em paz. Eu venho de longe, de uma vida cheia de lutas, e Juazeiro é onde eu encontro forças, onde me sinto acolhida... pois é, a vida nunca foi fácil pra mim. Já passei por muitas dificuldades, perdi entes queridos, enfrentei doenças, e teve até um tempo em que o dinheiro era mais curto que o mês, sabe como é... mas, mesmo nos momentos mais difíceis, sempre senti que Deus tinha um plano para mim. Juazeiro é meu refúgio, meu porto seguro. Quando venho aqui, parece que as preocupações ficam lá atrás. É como se Padre Cícero estendesse a mão e dissesse: ‘vem, minha filha, desabafe suas dores aqui’. Eu me sinto acolhida por ele e por toda a cidade...

(Emocionada) É, meu amigo, é algo que nem sei explicar direito. Quando piso nessa terra abençoada, parece que as lágrimas escorrem, mas são lágrimas de alívio, de gratidão. A cidade é como uma grande família, e o Padre Cícero, meu guia, sempre esteve ao meu lado. Ah, a romaria é um pedaço do céu na terra pra mim. Eu passo por todas as igrejas, assisto missas, rezo nas praças, e é como se todo o peso do mundo saísse dos meus ombros. É também um tempo de agradecimento.

Teve um ano em que cheguei aqui com o coração apertado, muitos problemas nas costas, e sabe o que aconteceu? Conheci pessoas na praça central que, mesmo sem me conhecerem, me estenderam a mão. A gente ficou falando da vida, de histórias, risos e até de algumas tristezas. Foi como se Juazeiro dissesse: ‘você não está sozinha, estamos todos aqui juntos’.

A entrevista apresenta uma narrativa que pode ser relacionada aos conceitos de Emile Durkheim (1989), especialmente no que diz respeito à dimensão coletiva da religião e ao papel unificador das práticas religiosas.

A entrevistada destaca a sensação de acolhimento e força que encontra em Juazeiro, atribuindo essa experiência não apenas a fatores individuais, mas também à presença de algo maior, representado simbolicamente por Padre Cícero. Esse sentimento de encontrar alívio e conforto em um local específico, como Juazeiro, ressoa com a ideia durkheimiana de que a religião transcende o aspecto individual e se manifesta como uma força unificadora na coletividade.

Ao mencionar que mesmo nos momentos mais difíceis sempre sentiu que Deus tinha um plano para ela, a entrevistada toca em uma dimensão coletiva da fé, sugerindo que há uma conexão entre as experiências individuais e um plano divino mais amplo. Isso ecoa a visão de

Durkheim (1989) de que a religião não é apenas uma expressão pessoal, mas também uma construção social que reflete e molda a vida coletiva.

A descrição de Juazeiro como um refúgio e porto seguro, onde as preocupações ficam para trás, revela como as práticas religiosas nesse contexto proporcionam uma sensação de pertencimento e alívio emocional, conectando a entrevistada a uma comunidade de crentes. Essa dimensão coletiva da experiência religiosa, conforme proposto por Durkheim (1989), é evidente na entrevista, onde a presença simbólica de Padre Cícero e a atmosfera espiritual da cidade desempenham um papel fundamental na construção desse refúgio emocional e coletivo.

A entrevistada expressa sua emoção ao descrever a sensação de alívio e gratidão ao pisar em Juazeiro. O choro mencionado é interpretado como lágrimas de alívio, sugerindo que a experiência na cidade funciona como um catalisador emocional, proporcionando um conforto profundo e transformador. A comparação da cidade a uma grande família destaca a ideia durkheimiana de comunidade religiosa, onde os membros compartilham um vínculo espiritual que transcende as fronteiras familiares tradicionais.

A narrativa sobre a romaria como um "pedaço do céu na terra" reforça a ideia de que as práticas religiosas em Juazeiro têm um caráter sagrado, proporcionando um contato direto com o divino. O ato de passar por igrejas, assistir missas e rezar nas praças demonstra a diversidade de práticas religiosas que compõem a experiência coletiva, unindo os fiéis em torno de uma fé compartilhada.

O relato de problemas pessoais e a resposta positiva recebida de desconhecidos na praça central ilustra como a cidade e suas práticas religiosas funcionam como um suporte emocional e social. A entrevistada percebe Juazeiro como uma entidade acolhedora que estende a mão para aqueles que estão passando por dificuldades, sugerindo uma solidariedade comunitária que vai além das interações familiares.

Assim, a entrevista destaca como Juazeiro não é apenas um destino físico, mas um espaço de conexão espiritual e social, onde as práticas religiosas desempenham um papel fundamental na construção de uma comunidade coesa e na promoção de um sentimento compartilhado de pertencimento e suporte emocional. Essa dinâmica está alinhada com os princípios sociológicos de Durkheim (1989) sobre a religião como uma força unificadora na coletividade.

Entre as teorias e os caminhos sagrados: Juazeiro do Norte como espaço de encontro

Nas sinuosas trilhas de Juazeiro do Norte, um diálogo silencioso entre duas teorias proeminentes – a de Emile Durkheim (1989) e Michel Foucault (2003) – encontra sua ressonância nas práticas fervorosas que se desdobram na cidade. A análise das formas elementares da religião, concebida por Durkheim (1989), e o conceito de heterotopias, desenvolvido por Foucault (2003), converge na experiência vivenciada por peregrinos e habitantes dessa terra sacralizada.

Durkheim (1989), ao investigar como a religião molda a coesão social, encontraria em Juazeiro do Norte um exemplo tangível de suas proposições. A cidade é um núcleo de devoção que transcende as singularidades individuais e unifica uma diversidade de fiéis em um único propósito: a veneração ao Padre Cícero. A peregrinação ao Horto, o epicentro dessa espiritualidade, reforça os laços sociais, reafirmando a solidariedade e pertencimento que as formas elementares de religiosidade buscam nutrir.

Entretanto, Foucault (2003) nos apresenta uma lente complementar com seu conceito de heterotopias. A cidade de Juazeiro do Norte é, por si só, uma representação concreta desses espaços que desafiam a ordem convencional. Seja o Horto, onde tempo e sagrado se entrelaçam, ou os monumentos que marcam o encontro do humano com o divino, Juazeiro assume uma aura heterotópica. Os rituais, as romarias e os próprios habitantes transformam essa cidade em um lugar onde as fronteiras entre o tangível e o transcendental se esfumam.

Ao explorar o que as obras de Durkheim (1989) e Foucault (2003) trazem à luz, é impossível não enxergar as ressonâncias na experiência vivida por aqueles que trilham os caminhos de Juazeiro. A coletividade que Durkheim (1989) vislumbrou como resultado da religião encontra seu palco nos corações entrelaçados dos peregrinos. Enquanto isso, as heterotopias de Foucault (2003) são encarnadas em cada pedra da cidade, desafiando as noções convencionais de tempo, espaço e realidade.

A cidade de Juazeiro do Norte, assim, emerge como uma síntese vívida dessas teorias. Não é apenas um ponto geográfico, mas um espaço carregado de significados, onde os ensinamentos de Durkheim (1989) e Foucault (2003) se entrelaçam com as jornadas de fé e devoção. No encontro entre teoria e prática, Juazeiro se torna um epicentro de compreensão mais profunda sobre como a religião e os espaços sagrados moldam nossa coletividade e percepção do mundo, como podemos ver no entrelaço da fala do senhor Francisco, conhecido como “Francisquinho das Igrejas”, que é cantor oficial da Basílica de Nossa Senhora das Dores. A primeira que vez que o historiador viu Seu Francisco ele estava como sempre está: cantando na Igreja de Nossa Senhora das Dores de Juazeiro com sua voz potente, que ecoa como um trovão. Ainda era muito pequeno, mas essa memória se mantém viva em mim, associada a

fotografias que guardo em casa, a imagem de Seu Francisco sempre me intrigou, seu jeito austero, muito bem arrumado, uma camisa de linho de manga longa e um violão pendurado no pescoço.

Aquele homem da fotografia desde a minha infância sempre me intrigou, me parecia ser familiar, mesmo que não tivesse contato. Quando voltei a Juazeiro alguns anos depois, o reencontrei no mesmo local, muito bem vestido, como as roupas daquela foto. Aproximei-me, ainda era o ano de 2015 quando comecei a planejar que a minha monografia seria sobre Juazeiro, e lhe pedi que cantasse uma música sobre as romarias. Já em julho de 2023, durante a minha pesquisa de campo na cidade, tomei coragem e me aproximei, e solicitei uma entrevista, e a voz potente daquele homem registrou-se no gravador do meu celular:

Eu nasci, me criei e vou morrer aqui, se Deus quiser! A minha família é toda romeira, meu pai é de Belo Jardim, de Pernambuco, e minha mãe era de outra região do Ceará, e eles vieram pra cá e daqui fizeram essa geração, que somos nós, os filhos. O Padre Cícero representa pra mim, assim como Juazeiro, simplesmente tudo na minha vida! Mas deixa eu justificar... e o lugar de Deus? Rapaz, Deus, Deus é o centro, e o Padre Cícero era um homem que ensinava as coisas de Deus. Foi um homem que trouxe uma cultura que foi implantada aqui pra que as coisas pudessem caminhar melhor, um sacerdote de Deus, um homem que não questionou, não brigou, ele lutou. Lutar é uma coisa, brigar é outra. Ele lutou pelos direitos, pela ecologia, tudo o que era necessário para o ser humano viver bem na face da Terra, *né?* Então o Padre Cícero representa muito para mim, para minha família, para os romeiros de toda essa geração, como um homem de Deus, a prova está aí, a igreja já o chama de servo de Deus, isso significa que ele já é um homem santo de Deus!

Então, o Padre Cícero é o centro de um povo que precisa aprender a viver bem os ensinamentos de Deus. Assim, Juazeiro hoje é a capital da fé, é um centro de oração, é o centro do Nordeste, porque toda essa região é uma convergência de todo o Nordeste, para aqui, agora vem também romeiros de vários países. E tudo isso representa pra nós esse legado de uma geração que foi buscar no Padre Cícero Romão aquilo que é necessário para se tornar um povo, como nós cantamos aqui, solidário, mais humano, mais cristão. Então Juazeiro representa tanto pra mim porque é a terra que eu nasci e que vivo feliz, porque me dá alegria de viver.

Eu sei que falta muito ainda, muito, pra dar atenção ao romeiro, cuidar deles, dando mais acolhida aos que vem pra cá, mas é a terra, a terra santa, nunca vai deixar de ser santa! E pra ser melhor o que falta é que as autoridades sigam o conselho do Padre Cícero e cumpram o seu papel com dignidade, responsabilidade, amor e respeito ao próximo. E o que eu quero pedir a você é que use essa minha fala, essa minha entrevista, *né?* Pra pedir ao povo, e a todo mundo que ler, que não deixe a raiz do povo se perder, Juazeiro e Padre Cícero são a nossa cultura, é tudo o que a gente tem! Aliás, é tudo o que eu tenho.

A entrevista revela uma profunda conexão do entrevistado com Juazeiro do Norte, enfatizando sua fé e devoção ao Padre Cícero. Essa ligação remete aos conceitos discutidos anteriormente, como as Formas Elementares da Religião de Durkheim (1989). O entrevistado destaca Juazeiro e o Padre Cícero como fundamentais em sua vida, associando o sacerdote a um líder espiritual que ensinava as coisas de Deus e lutava por direitos e pela ecologia.

A relação entre teoria e prática é evidente na narrativa do entrevistado, que ilustra como as ideias de Durkheim (1989) sobre coletividade e influência da religião se manifestam na experiência vivida em Juazeiro. A visão do Padre Cícero como um homem santo de Deus, reconhecido pela igreja como "servo de Deus", demonstra como as práticas religiosas na cidade se alinham com as teorias discutidas.

Na continuação da entrevista, o entrevistado destaca o papel central do Padre Cícero como o eixo de um povo que busca viver de acordo com os ensinamentos de Deus. Juazeiro é descrito como a capital da fé, um centro de oração e, de certa forma, o epicentro do Nordeste, atraindo peregrinos não apenas da região, mas também de diversos países. Este fenômeno é interpretado como um legado de uma geração que buscou no Padre Cícero Romão princípios que moldam um povo solidário, humano e cristão.

A entrevista destaca a importância de Juazeiro como um local que representa a identidade e cultura do entrevistado, sendo a terra natal que proporciona alegria de viver. Contudo, o entrevistado reconhece que ainda há desafios, especialmente em relação à atenção e acolhimento aos romeiros. A terra é considerada santa e vital para a comunidade, mas a melhoria depende do comprometimento das autoridades em seguir os conselhos do Padre Cícero, agindo com dignidade, responsabilidade, amor e respeito ao próximo.

A entrevista conclui com um apelo emocional para preservar as raízes culturais de Juazeiro, enfatizando que a cidade e o Padre Cícero representam a essência da cultura local. O entrevistado solicita que sua fala seja compartilhada como um pedido à população para não deixar perder as tradições, pois Juazeiro e Padre Cícero são considerados como tudo o que têm, fundamentais para a identidade e sentido de pertencimento. Essa conclusão reforça a profunda conexão entre a teoria sociológica discutida anteriormente e a vivência prática e emocional dos habitantes de Juazeiro do Norte.

Outra entrevista que iniciou-se de forma quase que cômica foi a do senhor José Moraes. Na realidade, a intenção da entrevista era reter a fala de Seu João, comerciante de rapadura mais antigo de Juazeiro, uma figura caricata e de temperamento incisivo. Quando iniciei a entrevista, mesmo que a contragosto, Seu João começou a falar impropérios, se estressou e disse que não queria mais ser entrevistado. Prontamente pediu ao seu filho, o senhor José Moraes, que falasse comigo, contando toda a história da sua família. A entrevista que se segue aconteceu no dia 22 de julho de 2023 e, exatamente três meses depois, no dia 22 de outubro de 2023, quando regresssei a Juazeiro para recolher mais entrevistas, passei no comércio de Seu João para comprar algumas rapaduras como lembrança. Perguntei se lembrava-se de mim, ele balançou a cabeça afirmando que sim, depois, antes de ir embora, perguntei: “onde está seu filho, José

Moraes? Foi ele que falou comigo.” E seu João respondeu: “você ainda tem a gravação aí com você?” Respondi que sim, e ele perguntou se podia ouvir. Tirei o celular do bolso, o aproximei do seu ouvido e reproduzi a gravação, de repente, percebi que Seu João começava a chorar, segurando o bolso do lado esquerdo da camisa. Olhou para mim com os olhos cheios de lágrima e disse: “ainda bem que você gravou a fala dele, e tem a voz dele aí nesse seu celular, porque, uma semana depois que você veio aqui, ele morreu num acidente de moto, e me deixou sozinho”. Não pude esconder o meu espanto. O olhar de Seu João guardava agora uma tristeza e uma angústia profunda, muito diferente daquele homem com quem eu havia conversado três meses antes. Depois de algum tempo em silêncio, ele disse:

eu nem sei como é que vai ficar aqui as coisas, eu não tenho mais idade para ficar sozinho no comércio, meu menino era quem me ajudava, acho que vou ter que acabar com tudo por aqui mesmo, até porque, se eu morrer hoje, não tem quem venha ficar aqui, continuar a vender as coisas pro povo.

Fiquei recordando a fala e as expressões do filho de Seu João ao responder meus questionamentos na entrevista. Também não era um homem de muitas palavras, mas resolveu me ajudar. Segue a entrevista:

Olhe, eu *tô* aqui desde sempre, eu nasci aqui, graças a Deus! Minha mãe era romeira de Alagoas, e meu pai também era romeiro, lá de Vertentes, e aqui vieram e ficaram. Você imagine naquela época que eles vieram pra cá, como as coisas eram difíceis, e eles vieram e ficaram, deixaram a vida que tinham pra trás pra ficar aqui! Sabe o que é isso, meu filho? Isso é porque Juazeiro é o lugar mais importante do mundo! O povo é acolhedor, porque o Padre Cícero deixou isso pra gente, que tratasse bem os romeiros que acolhesse o povo e Juazeiro, quando eu falo Juazeiro eu falo tudo, os prédios, a praça, os moradores e o povo, é como uma mãe que recebe todo mundo, não quer saber se é preto, branco, azul, amarelo, gordo, magro... Quando chega aqui, é tudo romeiro. Você sabia que Juazeiro é uma das cidades que mais crescem no interior do Brasil? Isso é por causa da fé e dos romeiros, sem romeiro não tem Juazeiro e Juazeiro só tem romeiro por causa do Padre Cícero, não tem outra, ele que manda aqui até hoje. E quando você aí nos seus estudos escrever sobre a gente, porque você vai, não deixe que esse povo dos estudos tire isso da história, que a fé do povo e essa terra é sagrada e coisa sagrada a gente guarda com cuidado. Não deixo que ninguém fale mal da gente nem daqui, sabe por que? Porque Juazeiro colocou comida na boca do meu filho. É isso e acabou-se, Juazeiro é tudo.

Essa entrevista reflete a profunda relação entre os conceitos de Durkheim (1989) e Foucault (2003), que foram discutidos anteriormente, e a cidade de Juazeiro do Norte. Ao escutar o relato do entrevistado, percebemos claramente a ressonância das noções durkheimianas de coesão social e solidariedade. A história da família do entrevistado, que deixou suas terras natais para estabelecer raízes em Juazeiro, encapsula o papel vital da cidade como um centro de união e pertencimento. A cidade, segundo o entrevistado, é mais do que

apenas um local físico; é um símbolo de acolhimento, onde os romeiros são tratados como parte de uma grande família. Essa abordagem coletiva ressoa com o entendimento de Durkheim (1989) sobre a religião como uma força unificadora na sociedade.

A entrevista revela características que sugerem uma dinâmica única em Juazeiro. O entrevistado descreve o lugar como especial, onde a fé transcende diferenças e a cidade se torna um espaço único e significativo. Esta percepção aponta para a existência de locais que desafiam as normas convencionais e possuem significados distintos.

Juazeiro é descrito como um lugar acolhedor, onde todos são recebidos de braços abertos, independentemente de suas origens ou características pessoais. Esta atmosfera cria uma realidade alternativa onde todos são tratados como romeiros, em uma comunidade unida pela fé e pela devoção.

Além disso, o entrevistado destaca que a importância de Juazeiro vai além do seu crescimento populacional. A cidade se torna uma entidade espiritual que proporciona sustento e esperança às pessoas, transcendendo sua dimensão física.

A preocupação expressa pelo entrevistado em preservar a essência sagrada da cidade indica como Juazeiro é valorizado como um lugar de significado espiritual. Isso demonstra uma rica interconexão entre as ideias de Durkheim e a experiência vivida em Juazeiro do Norte, mostrando como esses conceitos teóricos se manifestam na realidade cotidiana. A cidade se apresenta como um microcosmo de solidariedade, pertencimento e transcendência, onde os conceitos acadêmicos ganham vida e se tornam parte do tecido da experiência humana.

Como já mencionamos anteriormente, a essência de Juazeiro se manifesta tanto na fase de preparação para a viagem quanto durante a jornada em si, que os devotos identificam como peregrinação. O conceito contemporâneo de peregrinação, que está enraizado no discurso religioso, abrange uma jornada em busca do divino. É um conceito dual, com um aspecto tangível de deslocamento geográfico e, ao mesmo tempo, um significado metafórico de exploração interior. Ambas as dimensões se alinham com a ideia de um percurso a ser trilhado. Portanto, a peregrinação é, acima de tudo, um trajeto, independente do movimento físico. Essa perspectiva transcende o âmbito geográfico e pode ser aplicada de maneira simbólica a nossa própria existência. Nesse sentido, podemos conceber a vida como uma peregrinação, simbolizando a jornada interior que cada um de nós percorre ao longo de nossa existência.

Sagrados destinos: a eterna jornada divina

De acordo com os *insights* de Ferreira (1999), a peregrinação adquire um matiz de convocação, reunindo devotos para celebrar uma festa religiosa específica. Nesse ponto, é válido explorar a origem epistemológica da própria palavra, que se origina do termo latino "*romaeu*", utilizado para se referir àqueles que empreendiam viagens a Roma. Curiosamente, "romeiro" deriva do termo grego "*rhomaîos*", que inicialmente foi empregado no Império Romano do Oriente para nomear aqueles que se dirigiam à Terra Santa. É notável que, em ambos os casos, a noção fundamental é a da ação de movimento, de deslocamento e de partida em direção a um local específico. Esse caráter de jornada, de saída rumo a um destino, é intrínseco tanto à palavra quanto ao próprio ato de peregrinação.

Após a consideração desse estudo inicial, adentremos ao campo da sociologia, que atesta que a peregrinação desempenha um papel de destaque nas práticas rituais que integram os sistemas de crenças, constituindo o componente religioso intrínseco à vida humana. A religião, vale a pena lembrar, representa uma construção edificada pela humanidade e inseparável da própria cultura. Nesse contexto, a análise dos fenômenos de deslocamento originados pelas convicções religiosas revela um leque variado de interpretações, tanto no que diz respeito a essas ações quanto aos indivíduos que as protagonizam.

No contexto brasileiro, as peregrinações ganham uma profunda relação com as celebrações do catolicismo popular, carregadas dos sentimentos profundos dos romeiros, que transcendem a esfera local. No entanto, é em Juazeiro do Norte que essa dinâmica assume uma dimensão notável. Essas jornadas religiosas estão, primordialmente, ligadas às festividades marianas, representando uma manifestação de devoção à Virgem Maria. Além disso, também encontramos uma devoção popular direcionada ao Padre Cícero, uma figura que ocupa um lugar de destaque na religiosidade local.

Uma peregrinação, no sentido etimológico de "*per agros*" do latim, remete a jornadas pelos campos, nos moldes das deslocamentos religiosos que caracterizaram a Idade Média. Essa prática consiste em percorrer grandes distâncias a pé através das regiões rurais, interligando pontos de trajetória, em uma viagem empreendida por um crente com destino a um local reverenciado por sua natureza sagrada. É um itinerário que simboliza a ligação profunda entre a fé e o espaço.

Para compreender a riqueza histórica das peregrinações, é instrutivo observar exemplos notáveis. No Egito, ocorria a peregrinação à Siwa, onde estava situado o oráculo do Deus egípcio Amon. Na Grécia Antiga, os cidadãos dirigiam-se a Delfos para consultar o renomado Oráculo de Delfos. Os muçulmanos orientavam-se em direção a Meca, enquanto os hindus dirigiam-se ao Rio Ganges em Benares. Os xiitas dirigiam-se a Kerbala, os católicos

empreendiam jornadas a Santiago de Compostela ou a Lourdes, enquanto os budistas buscavam a Lumbini. Em todos esses contextos, o lugar de peregrinação é carregado de significado. Ele representa uma orientação para o crente, um ambiente tangível que se conecta ao sagrado, um espaço onde o mestre espiritual talvez tenha caminhado, um local propício para comemorações e rituais de manifestação divina, ou mesmo um lugar de purificação espiritual.

As peregrinações podem ser compreendidas como a prática de se deslocar para locais onde o sagrado se manifesta, proporcionando ao religioso um encontro direto com suas experiências de fé. Gold (2001) aponta que tais peregrinações frequentemente envolvem experiências físicas e esteticamente impactantes, as quais potencializam um sentido de integração entre o indivíduo e o cosmos, levando à transcendência do eu. Em uma perspectiva mais atualizada, Rosendahl (1998) destaca que esses significados, que os crentes carregam em si previamente, são expressos durante a peregrinação como manifestações do divino interior.

Conforme estabelecido no Código de Direito Canônico da Igreja Católica, as penas canônicas são tratadas no sexto livro, que aborda as Sanções na Igreja. Nesse contexto, são discutidos os delitos e as penas de maneira geral, incluindo aspectos relacionados ao processo penal, aplicação das penas e variedade de delitos. As penas canônicas são utilizadas como formas de intervenção da igreja diante de ações consideradas pecaminosas e de grande relevância moral, tais como adultério, incesto e aborto intencional.

No entanto, é interessante ressaltar que a peregrinação cristã, em seu estágio inicial, era muitas vezes motivada por um desejo de cumprir penitências ou castigos como forma de expiação por faltas cometidas. Nesse contexto, os fiéis empreendiam jornadas aos locais considerados sagrados, buscando realizar ações que demonstrassem arrependimento e disposição para a correção de seus erros perante a doutrina religiosa.

Em uma análise mais ampla, essa conexão entre peregrinação e penitência reflete a natureza profundamente enraizada da fé cristã, que muitas vezes incorporava a busca por purificação espiritual e reconciliação com Deus através de atos concretos. Assim, as peregrinações ganhavam um caráter não apenas devocional, mas também de cumprimento de obrigações religiosas como forma de reparar faltas cometidas.

A partir do século III, as peregrinações assumiram uma nova dimensão, passando a envolver visitas aos lugares considerados sagrados. Essas jornadas eram motivadas não apenas pela curiosidade de contemplar esses locais, mas também por um desejo profundo de conexão com o transcendente. Nesse contexto, as peregrinações ganhavam um significado mais amplo, estendendo-se além da mera busca por cumprir penitências e adquirindo uma dimensão de busca por experiências espirituais intensas.

Essas peregrinações carregavam consigo uma variedade de propósitos, incluindo pedidos de cura, busca por milagres e a expressão de gratidão pelos benefícios alcançados através da intervenção divina. Elas se tornaram uma forma tangível de expressar a devoção e a fé do peregrino, permitindo-lhes entrar em contato direto com o sagrado e com a possibilidade de transformação interior.

Vale destacar que essas jornadas não eram isentas de desafios. Ao contrário, os peregrinos frequentemente enfrentavam situações de esforço físico, renúncia às comodidades e abdicção do conforto cotidiano. Essas dificuldades eram, de certa forma, consideradas parte do próprio ritual da peregrinação, uma vez que o peregrino assumia conscientemente a busca pelo sagrado como um ato de sacrifício pessoal. Essa disposição para enfrentar desconfortos, privações e abrigos precários era vista como uma manifestação da devoção e do comprometimento espiritual do peregrino.

No contexto do cristianismo, a peregrinação não se encerrava com a chegada ao local sagrado. Pelo contrário, os peregrinos também precisavam percorrer determinados rituais nesses lugares para santificá-los. Eles realizavam ações como colocar objetos em contato com os locais sagrados, acreditando que isso lhes conferia um poder especial de cura e transformação. Esse aspecto ritualístico da peregrinação refletia a crença na capacidade desses locais de intermediar o divino e proporcionar aos peregrinos uma ligação direta com as forças espirituais que transcendiam o mundo material.

No início do cristianismo, aproximadamente no século IV, um marco significativo foi estabelecido com a promulgação do Edito de Milão em 313 DC pelo Imperador Constantino, o qual garantiu a liberdade de culto no Império Romano. Esse momento histórico trouxe consigo um despertar no interesse das pessoas em realizar peregrinações, que consistiam em viagens aos locais onde repousavam os santos, apóstolos, mártires e, especialmente, onde se acreditava que Cristo havia estado. Essa busca por refazer os passos bíblicos tornou-se uma prática disseminada por toda a comunidade cristã da época.

As peregrinações direcionadas a Jerusalém, em particular, ganharam uma importância marcante. Os peregrinos que se dirigiam a essa cidade esperavam ser acolhidos por rituais religiosos profundamente piedosos. A Semana Santa, por exemplo, destacou-se como um período de intensas celebrações e peregrinações que se concentravam nos locais sagrados associados à morte e ressurreição de Cristo.

Nesse contexto, os serviços religiosos promovidos durante as peregrinações na Semana Santa adotaram um caráter especial. A recitação de trechos do Evangelho e as jornadas pelos lugares que foram marcados pelos eventos cruciais da vida de Cristo assumiram um papel

central. Esses atos proporcionavam aos peregrinos a oportunidade de se conectar de maneira mais profunda com os eventos descritos nas Escrituras Sagradas, permitindo-lhes, de certo modo, vivenciar essas passagens bíblicas de maneira mais real e vívida.

Paralelamente a essa prática, a ideia de seguir os passos de Cristo e dos santos ganhou uma dimensão simbólica. A peregrinação passou a ser vista como uma jornada de transformação interior, na qual os peregrinos buscavam não apenas visitar lugares físicos, mas também experimentar um caminho espiritual de renovação e aproximação com o divino. As peregrinações funcionavam como um veículo que transcendia o espaço físico, permitindo que os fiéis se conectassem com o sagrado em um nível mais profundo.

O interesse fervoroso dos peregrinos por esses locais sagrados não apenas persistiu, mas também cresceu significativamente ao longo dos séculos subsequentes. No entanto, à medida que essa busca se expandia, o desafio de percorrer grandes distâncias começou a apresentar obstáculos consideráveis. A segurança dos deslocamentos estava cada vez mais comprometida, especialmente quando se considera o contexto das guerras religiosas que começaram a surgir.

Uma virada crucial ocorreu no século XI, com a tomada de Jerusalém pelos Turcos muçulmanos. Esse acontecimento marcou o início de um período de conflitos intensos, que ecoaram vigorosamente até a segunda metade do século XVII. A disputa entre os cristãos e muçulmanos sobre o controle dos lugares sagrados de Jerusalém desempenhou um papel central nessa dinâmica.

As batalhas religiosas foram motivadas pela percepção dos cristãos de que os lugares sagrados de Jerusalém eram de sua propriedade espiritual. Dessa forma, os muçulmanos foram considerados adversários nesse cenário de rivalidade, e a tomada de Jerusalém tornou-se um símbolo da contenção do avanço do mundo islâmico na região. Esse conflito provocou uma série de mudanças significativas nas peregrinações, uma vez que as viagens até Jerusalém, anteriormente marcadas pela devoção e esperança, passaram a ser perigosas e incertas devido ao cenário turbulento.

A consequência desses eventos foi uma reorientação das rotas de peregrinação. A busca por locais sagrados e a experiência de uma jornada espiritual foram deslocadas para outras regiões, onde os riscos fossem menores. Esse redirecionamento das peregrinações teve um impacto profundo na maneira como as pessoas entendiam sua busca pelo sagrado. A influência das guerras religiosas não apenas alterou as rotas físicas das peregrinações, mas também influenciou a natureza das experiências espirituais vivenciadas pelos peregrinos.

O contexto das guerras religiosas, portanto, moldou de maneira fundamental a prática das peregrinações, imprimindo um caráter de desafio e sacrifício. Esse período de instabilidade

e conflito levou a uma adaptação das tradições religiosas, obrigando os fiéis a reavaliar a relação entre a jornada física e a busca espiritual. Esse cenário de transformação moldou as experiências religiosas dos peregrinos e teve implicações duradouras na forma como as peregrinações foram percebidas e praticadas ao longo dos séculos posteriores...

O fenômeno das cruzadas e a subsequente proliferação de santuários de peregrinação testemunham a maneira como a Igreja Católica soube mobilizar as aspirações espirituais das pessoas em direção a objetivos concretos. Esses eventos históricos revelam como as instituições religiosas exerceram influência sobre a ação coletiva, unindo multidões em torno de causas religiosas com um senso de propósito e direção. As cruzadas e as peregrinações não apenas transformaram o cenário religioso da época, mas também deixaram um legado que ecoa até os dias atuais, influenciando a relação entre fé, ação e busca pelo sagrado.

As cruzadas, em sua abrangência, desempenharam um papel de extrema relevância no que diz respeito ao desenvolvimento do comércio europeu. Essas expedições militares não apenas visavam recuperar os lugares sagrados na Terra Santa, mas também abriram novas rotas comerciais, expandindo as fronteiras econômicas da Europa. Através desses empreendimentos, uma rede de intercâmbio cultural, artístico, científico e filosófico se estabeleceu, conectando diferentes civilizações e trazendo consigo um florescimento de conhecimento e influências.

Contudo, é necessário também considerar que essas interações transcontinentais não foram apenas benéficas. A disseminação da peste bubônica na Europa durante o século XIV é um exemplo vívido das consequências sombrias desses encontros. A própria intensidade das cruzadas, com suas viagens e contatos, pode ter contribuído para a propagação dessa doença devastadora, levando a uma crise humanitária de proporções inimagináveis.

Juazeiro, como polo de atração para peregrinos, tem testemunhado um desenvolvimento econômico que não se limita somente ao âmbito religioso. Assim como nas cidades que eram destinos de cruzadas, a presença dos romeiros influencia a economia local, estimula o comércio e abre espaço para trocas culturais. Essas movimentações populacionais podem catalisar uma série de transformações que transcendem o âmbito espiritual e reverberam em várias esferas da vida na cidade.

Atualmente, as peregrinações cristãs carregam consigo traços que remontam à era medieval. Nesse contexto, o culto aos santos e à Virgem Maria retém sua relevância, ocupando um papel crucial como intercessores e mediadores entre o plano terreno e o divino. Essas práticas religiosas, caracterizadas pela busca espiritual, envolvem tanto o movimento físico quanto o transcendental.

Paralelos podem ser traçados entre a atualidade e a época medieval: assim como os peregrinos medievais, os devotos contemporâneos buscam uma conexão direta com o sagrado através de deslocamentos geográficos. Porém, além desse aspecto físico, há também uma dimensão espiritual nessa movimentação. A jornada do peregrino pode ser interpretada como um movimento entre a Terra e o céu, uma busca por uma ligação mais profunda e íntima com o divino. Essa jornada de ida e volta representa um elo entre os dois reinos, estabelecendo uma ponte que transcende as fronteiras materiais.

O santuário, nesse contexto, ganha um significado especial. Ele se torna um local de conexão, um espaço onde o sagrado e o profano se entrelaçam. Não apenas representa uma manifestação da santidade, mas também atua como um símbolo de harmonia e ordem em contraposição ao caos do mundo exterior. A peregrinação moderna não apenas reflete o deslocamento físico, mas também representa uma busca pela transcendência espiritual, uma jornada em direção à elevação espiritual e à comunhão com o divino.

Essa continuidade de práticas medievais nas peregrinações contemporâneas é um testemunho da resiliência e da profundidade do fervor religioso. Ela demonstra como os aspectos centrais das peregrinações, como a busca pela intercessão divina e a conexão com lugares sagrados, atravessaram o tempo e continuam a desempenhar um papel significativo na vida dos fiéis. Assim como os peregrinos da Idade Média encontravam nas jornadas uma forma de se conectar com o transcendente, os peregrinos de hoje buscam nas mesmas práticas uma maneira de se aproximar do divino e encontrar significado nas complexidades do mundo moderno.

Contudo, ao ingressar na experiência de buscar proximidade com um centro sagrado, os peregrinos partem de localidades onde residem e vivenciam situações de alteridade. Em contato com outros peregrinos e com os diversos agentes envolvidos no fenômeno, aproximam de situações que abrangem tanto intimidade, pertença e semelhança, quanto sentidos de estranhamento e diferença. A expectativa por parte do praticante em relação a conquista de um significado interior, embora seja variável de peregrino para peregrino, suscita estados de renovação e transformação em ambientes e situações caracterizados por espacialidades e temporalidade diferenciadas. O que acontece quando as pessoas se juntam na construção dos significados remete não só a experiência física de deslocamento em suas práticas, mas também a um sentido transcendente e subjetivo, que é construído de forma permanente, tanto individual como coletivamente. O sentido de alteridade embutido nessa construção é algo que se expressa na própria etimologia da palavra peregrino, que vem do latim e significa estrangeiro. [...] Em Juazeiro do Norte, outro ponto que merece ser considerado é que os romeiros permanecem em curiosa situação dentro-fora, pois tanto são responsáveis pelos fluxos migratórios formadores do município, como são, ao mesmo tempo, “estranhos” que visitam anualmente a cidade e “conhecidos” que pela repetição ritual da prática estabeleceram contatos com autóctones e moradores com quem constroem espaços de proximidade. (CORDEIRO, 2010, p. 73).

Este trecho oferece uma análise intrigante sobre a experiência da peregrinação, contextualizando-a em relação aos conceitos discutidos anteriormente. Ele destaca como a busca pela proximidade com um centro sagrado envolve uma dinâmica complexa entre as localidades de origem dos peregrinos e o destino de sua peregrinação. Nesse processo, os peregrinos se inserem em situações de alteridade, onde entram em contato com outros peregrinos e com os diversos atores envolvidos no fenômeno das peregrinações.

A análise aponta para a intersecção de sentimentos contrastantes que os peregrinos experimentam ao se aproximarem de centros sagrados. Por um lado, há um senso de intimidade, pertencimento e semelhança, conforme eles compartilham essa jornada com outros fiéis. Por outro lado, ocorre um senso de estranhamento e diferença, já que os peregrinos muitas vezes estão fora de seu ambiente habitual e interagem com uma diversidade de pessoas e práticas.

A expectativa do peregrino em relação à obtenção de um significado interior, embora variável para cada indivíduo, leva a estados de renovação e transformação. A vivência da peregrinação ocorre em ambientes e situações que possuem uma espacialidade e temporalidade distintas da vida cotidiana, conferindo-lhe um caráter especial e marcante.

A análise de Cordeiro (2010) também enfatiza a construção coletiva e subjetiva dos significados durante a peregrinação. Esse processo não se restringe apenas à experiência física de deslocamento, mas também inclui a dimensão transcendente, na qual os peregrinos conferem significado e sentido a essa jornada. A própria etimologia da palavra "peregrino", oriunda do latim e que significa estrangeiro, reforça essa ideia de uma experiência que envolve um estado de alteridade.

No contexto específico de Juazeiro do Norte, a análise revela uma dinâmica singular em relação aos peregrinos. Essa cidade se destaca por abrigar uma comunidade de devotos que participam ativamente das romarias em honra ao Padre Cícero. Esses romeiros vivenciam uma situação complexa de dualidade, na qual ocupam simultaneamente posições de "dentro" e "fora" da comunidade local.

Por um lado, de acordo com Cordeiro (2010), os romeiros são fundamentais para a própria configuração demográfica e econômica da cidade. Seus fluxos migratórios periódicos durante as festividades religiosas contribuem para o crescimento populacional e também têm impacto na economia local, movimentando setores como hospedagem, alimentação e comércio de produtos religiosos. Dessa forma, os romeiros se tornam atores ativos na construção do espaço urbano e na dinâmica socioeconômica de Juazeiro do Norte.

Por outro lado, Cordeiro (2010) afirma que esses mesmos romeiros, vindos de diversas partes do país, trazem consigo uma aura de "estranheza". A cidade, que tem um contexto social

e cultural único, é visitada anualmente por milhares de pessoas que, temporariamente, se tornam parte do cenário urbano. Essa presença efêmera de pessoas de diferentes origens traz um elemento de diversidade cultural e também cria um desafio para a cidade em relação à recepção e acomodação desses visitantes.

A repetição ritual das práticas de peregrinação ao longo dos anos não só reforça a ligação entre os romeiros e a cidade, mas também estabelece laços entre os próprios romeiros e os habitantes locais. Essa convivência durante as festas religiosas cria oportunidades para a construção de espaços de proximidade e interação, nos quais as diferenças culturais são negociadas e compartilhadas.

Essa dinâmica reflete a complexidade das peregrinações como um fenômeno sociocultural. As peregrinações transcendem os limites físicos dos lugares sagrados, estendendo-se para as relações interpessoais e para a própria construção da identidade das comunidades envolvidas. Assim, Juazeiro do Norte emerge como um exemplo vivo da interação entre os conceitos discutidos, onde a peregrinação, os romeiros e a cidade se entrelaçam em uma narrativa rica e multifacetada.

As romarias na cidade de Juazeiro é o que faz a cidade vibrar. Antônio Mende Braga (2007), compara as romarias de Juazeiro com o pulsar de um coração, que faz circular a fé e a devoção ao Padre Cícero. Deve ser ressaltado aqui, portanto, a capacidade das romarias de produzir um efeito sobre os romeiros que é, em primeiro lugar, consagrá-los ao Padre Cícero, assim como de torna-los protagonistas da cidade, deste modo, ao tornar o romeiro sagrado, a cidade de Juazeiro tem a capacidade de infundir nele uma sensação de pertença aos grupos que se consideram afilhados do Padrinho Cícero e, com isso, os tornam também peças fundamentais e membros integrantes da cidade.

As romarias em Juazeiro, verdadeiramente, são o pulsar do coração desta cidade. Como bem colocou Antônio Mende Braga (2007), elas se assemelham a batimentos que propagam a fé e a devoção ao Padre Cícero. No cerne desse fenômeno, vale a pena destacar a capacidade intrínseca das romarias de gerar um impacto profundo nos próprios romeiros. Isso acontece de maneira dupla: primeiro, consagrando-os ao Padre Cícero e, simultaneamente, fazendo deles protagonistas ativos da própria cidade.

Ano após ano: a espiral ritualística da Terra Santa de Cícero

É importante ressaltar que as romarias transcendem a esfera individual, elevando o romeiro a uma posição de conexão especial com o Padre Cícero e, por consequência, com toda

a história e significado que ele carrega. Nesse sentido, o ato de peregrinar em Juazeiro transcende a simples jornada física, evocando uma transformação espiritual e emocional nos romeiros. E essa transformação não é isolada; ela se estende à cidade em si.

A cidade de Juazeiro, ao tornar o romeiro parte dessa narrativa sagrada, concede-lhe uma sensação genuína de pertencimento a uma comunidade que compartilha de crenças e valores semelhantes. Essa sensação de pertença é tão poderosa que os próprios romeiros se tornam uma parte vital da relação social e cultural da cidade. Eles não são apenas visitantes temporários, mas sim indivíduos que, por meio das romarias, se integram profundamente nos grupos de devotos do Padre Cícero, como encontrado no precioso relato de Maria Eliete Rocha do Bú (Campina Grande - PB):

Sou romeira há muitos anos por indicação dos meus pais, que ouvia ele falar que quando criança já vinha com os pais deles, que vinham para Juazeiro de burro. Saía de burro lá da Samambaia, perto de Puxinanã, passava por Campina Grande e vinham para cá, passava um mês para chegar aqui, parando nas estradas... era muito sofrimento, porque vinha de burro, no lombo de um jumento. E quando eu ouvi isso tudo eu comecei a ficar interessada nesse lugar, de saber como era nessa romaria, quando eu tinha vinte e poucos anos, não me recordo exatamente, eu vinha nessa viagem, não era sofrida como a deles, mas ainda era muito complicada e pobre.

Na época meu pai juntava um grupo junto com outro senhor de Campina Grande, Seu José Borges, para vir para Juazeiro pagar promessa. Eu me lembro que o desconforto era muito grande nos transportes, e a nossa hospedagem lá também era muito difícil, a gente ficava em frente à Igreja da Mãe das Dores, em uma área muito sofrida que chamavam de Rancho, ficavam mais de dez pessoas num quarto só. Era numa casa muito comprida e, no final daquele corredor, tinha um só banheiro para todo mundo que estava hospedado. Agora, imagina só, essa turma toda tomar banho, mais de 50 pessoas num banheiro só, mas isso nunca diminuiu nossa fé, pelo contrário, foi só aumentando, e o grupo também foi aumentando cada dia mais, e eu passei a amar essa viagem. Minha mãe veio muitos anos, só deixou de vir quando não tinha mais condições, né? Já com 80 e poucos anos, porque era muito sofrido para ela, já que os ônibus não davam o conforto que dão hoje em dia.

Hoje eu vejo que muita coisa mudou, mas, apesar de tudo eu venho no intuito de aprofundar nossa fé. E eu sempre repasso isso para os romeiros que, apesar de tudo que mudou ou vai mudar, a essência da viagem tem que permanecer sendo a nossa fé, claro que muita coisa cresceu, os ônibus estão mais confortáveis, a hospedagem da gente está melhor, mas Juazeiro ainda é a cidade do Padre Cícero, que a gente vem pagar a fé. Isso é muito bom porque eu vi, tanto na nossa romaria quanto lá na missa, no Horto do Padre Cícero, uma grande quantidade de jovens, porque eles são o futuro dessa romaria, não só dessa, mas da fé que tem em Juazeiro, e a gente precisa preservar isso, eu acredito que essas melhorias no conforto da viagem traga justamente esse benefício, de atrair os jovens para que quando cheguem aqui em Juazeiro eles tenham contato com a fé e conheçam a história do Padre Cícero.

Muita gente critica esses avanços, dizendo que tá perdendo a essência da romaria e da fé na cidade do Padre Cícero, eu discordo, porque, veja bem, se tivesse o conforto que tem hoje nos ônibus e nos hotéis naquela época que eu falei, minha mãe poderia ter vindo muito mais vezes para Juazeiro, assim como a gente pode ver muitos idosos vindo, eles vêm graças a esses avanços. Imagina que, se na época de vovô eles tinham que vir num lombo de um jumento e passavam meses no caminho para vir para Juazeiro, era coisa de uma vez na vida. Hoje em dia, com a facilidade que se tem, dá até mais gosto de vir. Que a gente sabe que, assim como sai gente de Campina Grande, como é o meu caso, Juazeiro recebe gente de todo canto, até porque tem aeroporto também, né? Aí não precisa uma pessoa que vem lá de São Paulo que quer conhecer

ou pagar uma promessa passar dias numa estrada. O que importa mesmo é que a gente saia diferente, não é como a gente chega, é como a gente sai que importa. E, se você olhar bem, de toda forma é sacrifício porque, seja de ônibus como esse, muito confortável, ou de avião, não é a nossa casa, e até o avião que é rápido é caro também, requer sacrifício, então aquele sacrifício de passar dias nas estradas hoje é o sacrifício de juntar dinheiro para se ter o conforto e poder chegar até aqui.

E a essência continua a mesma, porque romaria, para ser romaria, tem que se confessar, tem que ir à missa, tem que visitar os locais sagrados. Porque, imagine que alguém vá para Juazeiro e não vai para a estátua do Padre Cícero no Horto, pode até dizer que não veio para Juazeiro. Porque no fundo é isso, é *tá* aqui, colocar na cidade diante do Padre Cícero, nossas mágoas, nossas angustias, nossas aspirações de dias melhores. E eu mesmo só vou deixar de vir quando eu não puder mais, porque enquanto eu tiver vida e tiver força, eu *tô* vindo para Juazeiro, se Deus quiser!

Eu só queria, no final, pedir ao Padre Cícero, que eu sei que ele está junto de Deus, apesar de não ter sido canonizado ainda, mas eu sei que ele é santo, porque eu mesma já alcancei muitas graças com ele, que ele tocasse no coração desse povo, principalmente desses jovens. Porque ele disse, *né*, que ia pro céu, mas ia cuidar de todo mundo de lá, então só quero que ele cuide desse povo, que toque o coração deles. Olha, eu só fico imaginando que o mundo deveria ser como um grande Juazeiro, um mundo de fé e como uma grande comunidade, aqui não tem alto, magro, gordo, feio, belo, é todo mundo junto, com o mesmo sentimento no coração. É isso, Juazeiro para mim é uma realização.

A entrevista de Maria Eliete fornece uma perspectiva envolvente sobre a experiência da peregrinação, alinhando-se com os conceitos discutidos anteriormente, bem como com as teorias de Foucault (2003) e Hobsbawm (1984) sobre heterotopia e invenções das tradições, respectivamente.

Ao narrar a tradição iniciada pelos pais, que faziam a peregrinação de burro de Samambaia até Juazeiro, a entrevistada destaca um passado marcado por sofrimento e dificuldades. Essa narrativa inicial revela a alteridade vivenciada pelos peregrinos, destacando a diferença e estranhamento presentes na jornada. A construção de significados ao longo do tempo é evidente, conforme a prática é transmitida de geração em geração. Apesar das condições adversas, a fé cresce, indicando que a peregrinação não é apenas uma experiência física, mas também uma busca por significado interior.

A evolução da prática ao longo das gerações ressalta as expectativas variáveis dos peregrinos. O desconforto inicial nos transportes e hospedagens contrasta com as condições mais confortáveis dos ônibus modernos. Essa adaptação às expectativas contemporâneas destaca a transformação da peregrinação ao longo do tempo.

A entrevista oferece uma perspectiva que se alinha ao conceito de espaços diferenciados, conforme proposto por Foucault. Em Juazeiro, o local sagrado assume um papel fundamental como um espaço heterotópico, coexistindo com outras realidades. Esse ambiente único é essencial na jornada de transformação espiritual e renovação dos indivíduos.

Ao considerar as ideias de Hobsbawm sobre a invenção das tradições, a narrativa sugere uma adaptação contínua das práticas às condições contemporâneas. Por exemplo, a jornada de burro, uma tradição inicial, é reinterpretada e ajustada para atender às necessidades e contextos presentes, demonstrando como Juazeiro incorpora elementos do passado em uma dinâmica atualizada.

Na continuação da entrevista, a romeira oferece uma análise aprofundada das mudanças na peregrinação ao longo do tempo, relacionando-se com os conceitos discutidos anteriormente e adicionando insights sobre a preservação da fé, a atração dos jovens e as críticas em relação aos avanços. Destaca a importância de aprofundar a fé, enfatizando que, apesar das melhorias no conforto da viagem, a essência da peregrinação deve permanecer centrada na fé. Compartilha a experiência de orientar os romeiros, salientando que, apesar das mudanças, Juazeiro continua sendo o local onde se paga a fé ao Padre Cícero. Reconhece as melhorias no conforto da viagem, mencionando ônibus mais confortáveis e melhorias na hospedagem, e destaca a importância dessas melhorias em atrair os jovens, que representam o futuro da romaria e da fé em Juazeiro. Acredita-se que o conforto moderno pode ser um atrativo para os jovens, proporcionando-lhes uma experiência mais acessível e agradável. Aborda as críticas em relação aos avanços, indicando que algumas pessoas acreditam que essas mudanças comprometem a essência da romaria e da fé na cidade do Padre Cícero. No entanto, ela discorda dessa perspectiva, argumentando que as melhorias no conforto permitiram que mais pessoas, especialmente idosos, participassem da peregrinação. Encerra a entrevista com uma reflexão sobre o sacrifício envolvido na jornada, independentemente do meio de transporte, destacando a importância da transformação pessoal ao sair diferente do que chegou, independentemente dos desafios enfrentados durante a peregrinação. Em conjunto, essa parte da entrevista proporciona uma compreensão mais profunda das nuances da peregrinação, abordando a preservação da fé, as mudanças ao longo do tempo, a atração dos jovens e a percepção sobre os avanços, enriquecendo ainda mais a análise do fenômeno.

No desfecho da entrevista, a romeira reitera a continuidade da essência da romaria, ressaltando a importância de práticas religiosas como confissão, participação na missa e visita aos locais sagrados. Ela destaca a significativa presença da estátua do Padre Cícero no Horto como um elemento fundamental da experiência em Juazeiro, enfatizando que a presença nesses lugares sagrados é essencial para verdadeiramente dizer que se esteve na cidade.

A entrevistada expressa seu compromisso pessoal com a peregrinação, afirmando que só deixará de vir a Juazeiro quando não tiver mais condições físicas para tal. Essa dedicação reflete a profunda ligação emocional e espiritual que ela mantém com a cidade e a romaria. No

final, ela dirige um pedido ao Padre Cícero, reconhecendo sua crença na santidade do Padre mesmo sem canonização oficial. Ela solicita que o Padre Cícero toque o coração das pessoas, especialmente dos jovens, buscando sua orientação e influência espiritual.

A romeira compartilha sua visão idealizada de um mundo semelhante a Juazeiro, onde as diferenças físicas e estéticas são irrelevantes, e todos compartilham um sentimento comum no coração. Essa visão reflete a concepção da cidade como uma realização pessoal, destacando o papel único que Juazeiro desempenha em sua jornada espiritual. O final da entrevista captura a devoção contínua da romeira, enfatizando a importância dos rituais religiosos, o pedido de intervenção espiritual ao Padre Cícero e a visão utópica de um mundo impregnado de fé, assemelhando-se à experiência única que Juazeiro representa para ela.

Outro conceito despertado pela entrevista com Maria Eliete foi o de “comunidade ética”, elaborado por Zygmunt Bauman (2003) em sua obra “Comunidade”. Juazeiro do Norte, sob a perspectiva de Bauman, transcende sua mera existência física para se tornar uma comunidade ética, onde os laços são sólidos e fundamentados em tradições compartilhadas. Nessa cidade, os habitantes não apenas coexistem, mas também se conectam de forma profunda e significativa, criando uma rede de relações baseadas em valores comuns e respeito mútuo. Juazeiro se destaca como um exemplo vivo de como uma comunidade ética pode florescer mesmo em meio a um mundo líquido, onde as relações são efêmeras e interesseiras.

A comunidade ética de Juazeiro se destaca pela sua capacidade de resistir às pressões da modernidade líquida, mantendo vivas as tradições e os laços sociais que a sustentam. Os habitantes valorizam a história e as raízes culturais da cidade, honrando os ensinamentos das gerações passadas e transmitindo esses valores para as futuras. Em Juazeiro, a ética não é apenas um conceito abstrato, mas sim um modo de vida que permeia todas as interações e decisões dos indivíduos.

A comunidade ética de Juazeiro se destaca também pela sua capacidade de promover a inclusão e a diversidade, acolhendo e respeitando as diferenças individuais. Os moradores valorizam a pluralidade de perspectivas e experiências, enriquecendo o tecido social da cidade e fortalecendo os laços de solidariedade entre os habitantes. Em Juazeiro, a ética não se limita apenas às relações humanas, mas se estende também ao cuidado com o meio ambiente e com as gerações futuras.

A educação e a cultura desempenham um papel fundamental na comunidade ética de Juazeiro, onde o conhecimento e a reflexão são valorizados como ferramentas essenciais para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Os moradores buscam constantemente aprender e se aprimorar, compartilhando saberes e experiências para enriquecer o tecido social da cidade. Em

Juazeiro, a ética não é apenas um conjunto de normas e valores, mas sim um processo contínuo de aprendizado e crescimento. Em síntese, Juazeiro do Norte se transforma em uma comunidade ética segundo Zygmunt Bauman (2003) ao cultivar laços sólidos e duradouros, fundamentados em tradições compartilhadas e valores éticos.

A entrevista com a romeira destaca elementos essenciais da comunidade ética conforme proposto por Bauman (2003). A comunidade ética se baseia na ideia de conexões sociais significativas, na solidariedade e na preocupação com o bem-estar comum, em oposição à comunidade de consumo contemporânea, caracterizada pelo individualismo e pela busca pelo lucro.

Em primeiro lugar, a história compartilhada pela romeira sobre a tradição de peregrinação de sua família revela um forte senso de continuidade e pertencimento à comunidade. Ela descreve como seus pais e avós viajavam de longe, em condições difíceis, para participar da romaria em Juazeiro. Essa tradição é passada de geração em geração, criando laços profundos entre os membros da comunidade que compartilham da mesma fé e prática religiosa.

Além disso, a narrativa da romeira destaca a importância da solidariedade e do apoio mútuo dentro da comunidade. Ela descreve como, apesar das condições precárias de hospedagem e transporte no passado, a fé e a devoção nunca diminuíram. Pelo contrário, a comunidade permaneceu unida, fortalecendo-se mutuamente e compartilhando experiências de fé.

A presença de jovens na romaria é destacada como fundamental para a continuidade da comunidade e de sua tradição religiosa. A romeira enfatiza a importância de preservar a fé e a história do Padre Cícero, transmitindo esses valores aos jovens para garantir a continuidade da comunidade e de suas práticas espirituais.

A noção de sacrifício também é evidente na narrativa da romeira, refletindo o compromisso e a devoção da comunidade em relação à sua fé. Mesmo diante das melhorias nas condições de viagem e hospedagem, a romeira ressalta que o sacrifício continua presente, seja na forma de juntar dinheiro para uma viagem mais confortável ou no ato de confessar e participar das missas como parte da romaria.

Por fim, a romeira expressa um desejo por um mundo que espelhe os valores e a comunidade de Juazeiro, um mundo onde as diferenças sejam superadas em prol de um sentimento compartilhado de fé e solidariedade. Essa visão reflete o ideal de comunidade ética de Bauman (2003), onde os laços sociais são baseados na preocupação mútua e no bem-estar comum.

Dessa forma, a entrevista com a romeira em Juazeiro ilustra como a prática da romaria e a devoção ao Padre Cícero criam uma comunidade ética enraizada na fé, na solidariedade e no compromisso mútuo, valores essenciais para a continuidade e o fortalecimento da comunidade em meio às mudanças sociais e culturais.

As romarias, portanto, têm a capacidade de construir uma simbiose única entre os romeiros e Juazeiro. Esse elo, forjado na fé e na devoção, transforma a experiência de peregrinação em algo mais do que uma simples viagem. Ela se torna uma jornada de autodescoberta, de conexão com o sagrado e, ao mesmo tempo, de construção de identidade, tanto para os indivíduos quanto para a própria cidade. O resultado é uma teia complexa de interações e significados que enriquecem a história de Juazeiro e a experiência dos romeiros.

Olhando sob essa perspectiva particular, podemos perceber que há uma simbiose essencial entre a romaria e a própria cidade de Juazeiro. Por um lado, a jornada da romaria consagra o romeiro, elevando-o a um status especial de conexão com o sagrado, enquanto, por outro lado, é a fé dos romeiros que confere uma natureza sagrada à cidade em si. De forma simples, é como se um não pudesse existir sem o outro, uma interdependência na qual ambos se fortalecem mutuamente.

Essa interdependência se desdobra de maneira profunda. É evidente que a sacralidade de Juazeiro emerge do conjunto de crenças, devoções e rituais que o permeiam. No entanto, essa sacralidade é moldada pela perspectiva individual dos peregrinos. São as crenças deles, suas experiências espirituais e suas ligações emocionais que conferem ao local um caráter sacro. Dessa maneira, o sagrado não é uma entidade estática, mas uma construção dinâmica que é continuamente alimentada pelo fervor dos romeiros.

Assim, o que podemos afirmar é que o sagrado em Juazeiro é um processo conjuntural, alimentado pelos próprios romeiros. A própria cidade, com sua rica história e vínculos religiosos, se torna o palco onde essa interação entre o sagrado e o humano se desenrola. As romarias e os rituais que marcam a cidade são uma expressão visível desse vínculo profundo. Eles reafirmam não apenas a devoção dos romeiros, mas também o poder que eles têm de transformar Juazeiro em um local que transcende o mundano e se torna, para eles, um espaço de conexão direta com o divino.

Em última análise, a sacralidade de Juazeiro é construída a partir da relação entre os romeiros e a cidade, onde o sagrado é tanto um reflexo das crenças individuais quanto uma criação coletiva. É um fenômeno complexo que une fé, história, devoção e experiência pessoal, e que reforça a ideia de que o sagrado não é um conceito fixo, mas sim uma construção fluida

e em constante evolução, enraizada no coração dos romeiros e imbuída nos rituais e no ambiente da cidade de Juazeiro.

Outro vestígio escondido que chegou até mim foi a da romeira Jussara Costa Silva, de 59 anos:

Ir para Juazeiro pra mim é muito sagrado, eu não sei bem como explicar, eu só sei que tem que ter toda a preparação, a gente passa o ano todo sonhando com aquela viagem, todo ano eu faço essa romaria pro Juazeiro, já tem data certa, é o terceiro domingo do mês de outubro, faça chuva, faça sol, eu tenho que ir pra Juazeiro, minha família toda já sabe. Até uma vez minha filha perguntou se eu não enjoava, todo ano ir ver a mesma coisa... eu respondi que não! Que não é a mesma coisa, Juazeiro *tá* sempre mudando. Eu posso ir nas igrejas, na estátua, todo ano, mas sempre parece que é a primeira vez. Na minha opinião, eu tinha que passar no mínimo umas duas semanas só em Juazeiro, é muita igreja pra olhar, muito canto pra rezar, muita coisa pra fazer. Até de noite tem aquela praça no centro da cidade, em que os romeiros se encontram, é muito bom. Teve até uma vez que eu fiquei olhando um homem que foi dormir lá na praça, ele não *tava* nem desarrumado, como um mendigo, parecia que ele *tava* numa cama de um hotel, com certeza ele *tava* muito feliz. Eu fico muito admirada, porque o povo passa a noite todinha naquela praça, conversando, rindo, conhecendo pessoas novas, é um sonho pra mim.

Mas, mesmo que a gente passe tão pouco tempo lá, eu tenho que ir todo ano, e já sei, como é pouco tempo, tenho que fazer a visita em todas as igrejas, em todas não, *né?* Nas principais. Tenho que assistir a missa, me confessar... e no dia que eu chego, eu assisto a missa na Basílica de Nossa Senhora, e toda vez tem aquele horror de gente na missa do sábado a noite. No outro dia eu acordo logo cedo e assisto a missa lá na Igreja do Socorro, aí já saio da missa e vou me confessar na basílica. Aí pronto, a romaria pra mim já deu certo, já valeu a pena, depois que eu me confessei e assisti a missa me dá uma sensação muito boa! E mesmo que eu passe pouco tempo lá, eu me sinto como se eu morasse lá há mais de trinta anos, porque é como se eu conhecesse o povo, as ruas, tudo! Não sei como é essas coisas não.

E os vestígios continuam a surgir e a se multiplicar no gravador do meu celular:

Depois que eu faço essas obrigações, como eu já disse, todo ano, eu vou pra estátua do meu *Padim Ciço*, assisto outra missa lá, isso é no domingo, sabe? E no domingo tem muita missa lá, de hora em hora! Aí eu fico ali no Horto olhando as lojinhas, faço minhas orações, se for cedo, eu desço lá no Santo Sepulcro, que é muito longe, eu fico até admirada em ver aquele pessoal idoso com dificuldade de andar descendo aquela montanha todinha pra ir no Santo Sepulcro, é muita fé, muito lindo! Aí eu vejo se tem algum santinho pra vender, como umas lembrancinhas pro povo que não viajou com a gente. Ai quando é de tarde tem uma das partes que eu mais gosto, que é a visita nas igrejas, a gente sai, vai na Igreja de Santa Vitória, no mosteiro, depois desce pra Igreja Grande do Sagrado Coração de Jesus e, por último, a gente, já no finalzinho da tarde vai na Igreja de São Francisco, no convento dos capuchinhos, e lá nessa igreja a gente faz o passeio das almas, que é *arrudiando* a igreja rezando a Via Sacra, todo ano a gente faz isso, e é muito bonito. Me lembro até que nessa igreja tinha uma flor muito bonita que eu levei pra plantar na minha antiga casa, claro que eu tinha que ter uma flor da terra do meu *Padim Ciço*! Eu tinha o maior cuidado com ela.

O que eu mais gosto em Juazeiro é que todo lugar que a gente vai, de manhã, de tarde ou de noite, é lugar pra rezar, dá um alívio na gente, o povo é muito acolhedor em Juazeiro, nunca fui tratada mal lá, acho que é por isso que o povo gosta tanto de ir pra lá, porque você se sente bem, não tem ninguém olhando pra você lhe julgando, é tudo mundo em Juazeiro farinha do mesmo saco. É isso, se quer me ver feliz é nessa viagem de Juazeiro, eu me sinto realizada!

Na profunda narrativa da entrevistada, emergem as tramas de um espaço que transcende sua própria materialidade, revelando-se como um campo de significados entrelaçados. A peregrinação a Juazeiro, com sua ressonância anual, semeia a jornada com uma aura que vai além do plano terreno. É como se o tempo, nessa devoção constante, desdobrasse suas dobras e se desenrolasse em uma espiral de renovação.

Juazeiro, para a entrevistada, é mais do que um espaço físico; é um "Espaço Sagrado" em seu sentido mais íntimo, onde a conexão entre o finito e o infinito se manifesta. O viajar anual é uma coreografia ritualística que liga o indivíduo a um propósito maior, à medida que a preparação meticulosa serve como um portal para a transcendência. Cada igreja visitada, cada canto onde se reza, é um elo na corrente atemporal que desafia o comum e o familiar.

Esse encanto pela jornada revela um *insight*¹⁹. A praça central, como um microcosmo em si mesma, é um espaço "outro", um local onde as distinções cotidianas se desvanecem. Nesse limiar entre o convencional e o extraordinário, os romeiros se encontram, compartilhando histórias e sorrisos que desafiam o próprio tempo. É uma fissura na realidade, onde as noções tradicionais se desintegram e cedem espaço a um instante atemporal.

A imagem do homem dormindo na praça evoca uma inversão de valores que ecoa tanto o conceito de Eliade (2001) quanto o de Foucault (2003). O sono, normalmente associado ao descanso e à recuperação, aqui se torna um testemunho vivo da satisfação espiritual. É um símbolo da libertação da busca incessante pelo conforto material e da imersão na tranquilidade de um propósito compartilhado. A presença do homem na praça é uma dança da subversão, um desafio silencioso às convenções do mundo.

A repetição aparente da peregrinação ganha uma nova dimensão, e a familiaridade cede lugar à percepção do eterno nas mudanças sutis. Assim, o ato de retornar a Juazeiro a cada ano é mais do que uma jornada; é uma jornada dentro de uma jornada, uma trama que se desdobra em constante renovação. Nessa visão, o "Espaço Sagrado" se entrelaça com as "Heterotopias", criando um palimpsesto de significados que desafiam o olhar superficial.

O relato floresce em uma perspectiva que pode ser discernida através do prisma das "Formas Elementares da Vida Religiosa" de Émile Durkheim (1989). A entrevistada, ao compartilhar sua experiência e ritual anual em Juazeiro, proporciona um vislumbre das formas intrínsecas pelas quais a religiosidade se manifesta na vida cotidiana.

¹⁹ Refiro-me aqui ao conceito de "Heterotopias", nos termos de Foucault (2003).

A análise em termos das "Formas Elementares da Vida Religiosa" ressalta a natureza ritualística e estruturada da jornada de Jussara. Suas ações, como a visita a todas as igrejas principais, assistir à missa, confessar-se, e as missas específicas na Basílica de Nossa Senhora e na Igreja do Socorro, evidenciam um padrão de comportamento que ecoa a ideia de ritos e rituais na religião. Durkheim (1989) argumenta que esses rituais são essenciais para a coesão e continuidade da vida religiosa, pois proporcionam uma maneira de unir os membros da comunidade em torno de valores e crenças compartilhados.

A experiência da romeira na missa do sábado à noite, onde ele menciona "*aquele horror de gente*", aponta para a importância da congregação na vivência religiosa. A presença massiva de fiéis na missa sugere uma comunidade de crentes unidos por uma crença comum. Isso ecoa a concepção de Durkheim (1989) sobre a religião como uma força de coesão social, onde os indivíduos se reúnem para reafirmar sua identidade coletiva.

A sensação de familiaridade que a entrevistada experimenta, mesmo em um tempo limitado, é intrigante à luz das "formas elementares da vida religiosa". Durkheim (1989) sugere que a religião é uma expressão da coletividade, e a conexão que a entrevistada sente com o lugar, as pessoas e as tradições de Juazeiro pode ser interpretada como uma manifestação dessa coletividade religiosa. O sentimento de "morar lá há mais de trinta anos", mesmo que por um breve período, evidencia a profunda imersão do indivíduo na experiência religiosa, transcendendo o tempo e o espaço. Sua jornada anual a Juazeiro reflete a estrutura ritualística que une os crentes e a maneira como essas práticas transcendem a temporalidade, conectando-o a uma sensação de pertencimento que vai além dos limites físicos e temporais.

Após a realização das obrigações anuais mencionadas, a narrativa continua desvelando um rico mosaico de ações que entrelaçam a experiência religiosa individual com a coletividade que se reúne em torno da veneração ao *Padim Ciço*. Uma vez cumpridos os ritos e rituais, o entrevistado se direciona à estátua de *Padim Ciço*, um ato que se insere no domingo, um dia de especial importância na rotina religiosa. A constância das missas nesse dia, realizadas a cada hora, sublinha a natureza rítmica e repetitiva que rege esses momentos de congregação.

A imersão no ambiente do Horto e a contemplação das lojinhas constituem uma experiência que transcende o material, revelando-se como um espaço onde a espiritualidade permeia a atmosfera. As orações proferidas nesse local tangenciam o sagrado, estabelecendo uma ponte entre o indivíduo e a divindade. A menção ao Santo Sepulcro, situado em uma localização distante e desafiadora, ressalta a persistência dos fiéis e a força da fé que os impulsiona a superar obstáculos físicos em nome de sua devoção.

O ato de adquirir santinhos como lembranças para aqueles que não puderam acompanhar a viagem aprofunda a conexão com a comunidade. Esse gesto, aparentemente simples, se transforma em um veículo de partilha, estendendo os vínculos religiosos para além dos limites geográficos. A transição para a parte vespertina da narrativa introduz uma série de visitas a igrejas, culminando em um ritual significativo e recorrente. A Via Sacra realizada em torno da Igreja de São Francisco, com o ritual de *arrudiar* a igreja enquanto se reza, é uma expressão vívida das "formas elementares da vida religiosa". Essa prática anual, profundamente arraigada, consolida o sentimento de pertencimento e comprometimento com a fé.

O momento de reverência à flor proveniente da terra do *Padim Ciço* revela a maneira pela qual objetos mundanos podem ser investidos de significado sagrado. A lembrança, a conexão com o local e a atenção dedicada à flor tecem uma narrativa de devoção que transcende o objeto em si. A história da flor evoca um sentimento de cuidado e conexão, como se esse ato de trazer um pedaço do sagrado para a vida cotidiana fosse uma forma de manter viva a presença espiritual.

O último parágrafo da entrevista coroa a análise anterior, destacando o relacionamento simbiótico entre a romeira e a cidade de Juazeiro, onde ambas influenciam e são influenciadas mutuamente. A romeira compartilha que o que mais a atrai em Juazeiro é a atmosfera de espiritualidade que permeia todos os lugares. O fato de poder rezar em qualquer momento do dia oferece a ela um sentimento de alívio, como se a cidade em si fosse um santuário abençoado. Esse aspecto ressalta a poderosa influência que Juazeiro exerce sobre a romeira, transformando a própria cidade em um espaço sagrado onde as barreiras entre o profano e o divino parecem se dissolver.

A cidade de Juazeiro, por sua vez, também é moldada pela presença dos romeiros. A romeira menciona o acolhimento caloroso do povo de Juazeiro, sugerindo que a devoção dos romeiros cria uma atmosfera de abertura e comunhão na cidade. A cidade se torna um espaço onde o julgamento é suspenso, e a coletividade compartilha uma sensação de unidade e pertencimento. Esse sentimento de inclusão resultante da peregrinação influencia positivamente a cidade, criando uma aura de hospitalidade e aceitação que se estende para além dos momentos da viagem anual.

A reciprocidade entre a romeira e Juazeiro é evidente na forma como ambas se afetam mutuamente. A romeira encontra na cidade um refúgio espiritual que a preenche de alegria e realização. Sua presença e devoção reforçam o sentido de significado e sacralidade em Juazeiro, ao mesmo tempo que sua ligação com a cidade é reforçada por essa conexão emocional e espiritual.

O parágrafo final da entrevista encapsula a interação simbiótica entre a romeira e a cidade de Juazeiro. A cidade se torna um espaço de refúgio espiritual para a romeira, enquanto sua devoção e presença contribuem para a atmosfera de acolhimento e comunhão na cidade. Essa dinâmica demonstra como os aspectos individuais da devoção religiosa podem ecoar e reverberar nas comunidades, moldando experiências compartilhadas e construindo uma teia de significados que transcende o indivíduo e o lugar, que é coroada na frase final da romeira: “*É isso, se quer me ver feliz é nessa viagem de Juazeiro, eu me sinto realizada*”.

A narrativa detalhada de Jussara Costa Silva sobre sua experiência como romeira em Juazeiro do Norte revela uma interação rica e complexa entre a individualidade do devoto e a cidade como um "lugar de memória" de Pierre Nora (1984). Sua jornada anual à cidade transcende o simples ato de visitar locais físicos; é uma imersão profunda em um espaço carregado de significados culturais, religiosos e pessoais.

Ao descrever sua preparação meticulosa para a romaria e a antecipação que permeia todo o ano, Jussara evidencia como Juazeiro é mais do que um destino físico; é um lugar onde a memória coletiva e a devoção religiosa se entrelaçam de maneira poderosa. Cada visita a Juazeiro é única para ela, uma renovação constante da memória coletiva e da identidade espiritual dos romeiros que a frequentam.

As atividades da romeira durante sua peregrinação ressaltam a importância dos espaços e rituais religiosos na cidade. Cada igreja visitada, cada momento de oração, é uma manifestação da conexão entre o finito e o infinito, um elo na corrente atemporal que desafia o comum e o familiar.

A presença do homem dormindo na praça, aparentemente em paz e feliz, é uma subversão das noções tradicionais de conforto material, ecoando a ideia de Eliade (2001) sobre o sagrado manifestado em lugares e momentos extraordinários. É uma ilustração vívida de como Juazeiro desafia as convenções do mundo e permite uma conexão direta com o divino.

O relacionamento simbiótico entre Jussara e Juazeiro é evidente em como ambos se afetam mutuamente. Sua devoção reforça o sentido de significado e sacralidade na cidade, enquanto a cidade se torna um refúgio espiritual para ela. Essa dinâmica ilustra como os aspectos individuais da devoção religiosa podem ecoar e reverberar nas comunidades, construindo uma teia de significados que transcende o indivíduo e o lugar.

Em última análise, a narrativa de Jussara Costa Silva oferece um retrato vívido de como Juazeiro do Norte se constitui como um "lugar de memória" de que falou Pierre Nora (1984) vivo e vibrante, onde a interação entre a devoção individual e a comunidade cria uma tapeçaria complexa de significados compartilhados e experiências espirituais.

Cruzando o limiar: o silêncio ocupando a existência inteira

Durante a minha viagem de pesquisa em julho de 2023 eu encontrei na igreja do Horto um jovem chorando copiosamente, imaginei que deveria ser pagando alguma promessa, pois estava de joelhos diante da imagem do Bom Jesus do Horto, que fica na igreja, próximo ao altar. Fiquei durante algum tempo esperando, imaginei que ele deveria ter alguma história de superação que iria enriquecer esse texto. Durante um bom tempo fiquei aguardando, sentado nas cadeiras de plástico branco, que contornam toda a nave circular da igreja e ele continuava lá, chorando e rezando. Mas a hora ia avançando, e logo teria que voltar ao hotel, então tomei coragem e atralhei a sua oração. Seu nome será José Eduardo, de 31 anos, é um pseudônimo que escolhemos por vontade do entrevistado devido a questões pessoais que ele iria revelar em sua fala. Iniciei a entrevista perguntando sua origem, e porque chorava.

Me chamo José Eduardo, sou natural de Pesqueira, Pernambuco, mas atualmente *tô* morando no Rio de Janeiro. Estou chorando por... (a voz embargava, e o soluço do choro compulsivo voltou). Calma, deixa eu ver como falar, eu sempre tive uma fé muito grande no Padre Cícero. Isso por causa dos meus pais, sabe? E eles, por causa dos meus avós, e eles por causa dos pais deles... enfim, são muitas histórias juntas. Mas me lembro de vovó contar que, quando vinha pra Juazeiro, ela vinha junto com o pessoal lá de Pesqueira... faziam uma espécie de caixinha, sabe? Passavam o ano todo juntando dinheiro para poder vir pra cá.

Eu sei que minha avó falou que a mãe dela tinha um pente de bolso, que na verdade era do meu avô, e que ela encostou no Padre Cícero. *Deixa eu* explicar direito como foi... peço até desculpa porque *tô* meio atrapalhado e desnorreado. Minha vó contou que a mãe e o pai dela alcançaram na época o Padre Cícero vivo, ela disse que chegou a ver ele duas vezes vivo. Da primeira vez, eles viajaram mais por curiosidade, ela contava que todo mundo da região só falava de Juazeiro. Contava que era muita história que o povo dizia dele, que ele tinha virado um cangaceiro, que tinha botado pra correr o exército sozinho e que tinha até desmanchado um canhão, que a bala não estourou quando foi mirar nele, porque ele *tava* sozinho na frente do bicho pra defender a Igreja das Dores. (Aqui uma clara referência a chamada revolução de Juazeiro e ao canhão que iria destruir as torres da igreja matriz).

E era muita história que ela falava, que o povo de lá ficava encantado e querendo conhecer Juazeiro, parecia, quando ela ia contando, sabe, aquelas cidades de filmes? Então ela falou que a mãe e o pai juntaram um dinheiro, eles eram até bem de vida, meu bisavó tinha uma mercearia na época e minha avó era professora de costura, e foram pra Juazeiro. Quando chegaram lá eles foram lá na casa do Padre Cícero, a lá do centro e depois na Igreja das Dores. Vovó disse que conseguiram receber a benção do *Padim*, da janela da casa lá de baixo.

Só sei que voltaram encantados, e minha bisa um pouco frustrada, porque queria muito conhecer a beata que a hóstia tinha virado sangue na boca dela. Só que eu não lembro o que aconteceu, mas a beata parece que não *tava* por aqui. Minha bisa falava pra minha avó que o Padre Cícero era um homem santo, que quando ele deu a benção da janela da casa dele ela sentiu um alívio muito grande dentro dela, como se ali realmente fosse uma benção diferente das dos padres lá de Pernambuco. Pronto, dali em diante ela só falava que queria voltar em Juazeiro *pra* rever o Padre Cícero, virou devota mesmo dele. O tempo foi passando e todo ano eles combinavam de vir, mas

nunca dava certo sempre acontecia alguma coisa. Acho que passou uns 7 a 8 anos sem *eles vir* pra cá.

E só em 1931, mais ou menos, eles conseguiram ir de novo, e foram também porque meu bisavô *tava* com um derrame na pleura, minha bisavó contou que quando foi pedir a benção ao Padre, ele já *tava* bem velhinho, muito diferente daquele que ela tinha visto antes. Mas ela disse que ainda tinha aquela sensação quando chegou perto dele. Ai já não sei se é verdade, mas ela falou que tinha um vento que ficava perturbando o cabelo do Padre Cícero e que ficou meio espetado pra cima, ela pegou o pente que meu bisavô sempre levava no bolso da frente e deu para o padre pentear os cabelos, depois pegou de volta e, quando meu *bizo* usou o pente outro dia, ficou curado do derrame que tinha.

De lá pra cá minha família toda vem pra Juazeiro, e todo mundo sabe da história do pente deles. Depois minha avó passou a vir, ela vinha junto com meu avô. Me lembro dela contando que ele começou a beber demais e parou de ter vontade de vir pra Juazeiro. Quando ele parou de vir, as coisas começaram a dar *tudo* errado, *foi aparecendo* doenças, eles brigavam muito, porque ele ficava muito violento quando bebia, não podia beber que já começava a gritar com todo mundo. Não teve outro jeito, vó veio sozinha pra Juazeiro e fez uma promessa pra vovô para de beber, que no outro ano ela ia vir com ele pra rezar o terço, lá na igreja do Socorro, onde tem o corpo do Padre Cícero. E ela conseguiu, viu? Vovô não parou de beber, mas só bebia assim, em festa na família e não de ficar bêbado nem briguento. Vó dizia que toda noite ela passava o pente do Padre Cícero na cabeça dele quando ele *tava* dormindo e rezava pra ele parar de beber daquele jeito.

E essas histórias eu escuto desde novinho, meus primos, minhas tias, todo mundo sabe dessas coisas. E eu comecei a vir para cá, eu acho que tinha uns 5 ou 6 anos de idade, vinha com mãe e minha tia. Era aquela festa, antigamente eu ficava naquelas pousadas bem pobres, sabe? Mãe, principalmente, não tinha muita condição pra vir, só conseguia porque minha tia ajudava. Os banheiros eram coletivos, cheios de baratas, aquela coisa que dava nojo. Mas a gente era feliz, teve uma vez que faltou água e a gente teve que ir buscar num poço do primo da dona da pousada, que morava longe que só de lá. Mas era o jeito, *né?* Nesse calor ninguém aguenta ficar sem tomar banho. E eu fui crescendo, mas continuei vindo pra cá, só deixei de vim umas três vezes só. Quando eu passei no vestibular, minha mãe veio pagar promessa aqui em Juazeiro e eu a escutei agradecendo a Nossa Senhora e ao Padre Cícero. E falou até assim, 'Muito obrigado meu Padrinho, e minha Mãezinha, se eu soubesse eu tinha pedido mais'. Foi muito difícil pra ela, sabe? Meu pai largou a gente, eu tinha 12 anos, eu e meu irmão mais novo que tinha 5 na época, e mãe criou a gente sozinha, nunca deixou faltar nada em casa, mas eu via o sacrificio dela, chorava tanto...

Nesse momento a entrevista parou, pois o choro havia voltado, Eduardo não conseguia conter as lágrimas, pediu desculpas várias e vezes e continuou, com voz trêmula:

Meu irmão, quando fez 16 anos sofreu um acidente de moto, ele ficou bem no dia, machucou a perna e o braço esquerdo, mas ficou bem, só que no outro dia ele amanheceu com a boca toda torta, e o braço também. Ele tinha sofrido um derrame... (novamente o choro quebra sua fala) e *a gente ficou se sentindo culpados*, porque minha mãe falou que achava melhor levar ele para o hospital e eu falei que achava que não, porque ele conseguia andar e tudo mais. Fico me perguntando, se a gente tivesse levado ele para o hospital se ele *tava* bem até hoje...

Minha mãe foi ficando depressiva, sabe? Caladona, não falava muito, parecia que ela sempre *tava* pensando em outra coisa, preocupada com tudo, e a vida foi ficando mais difícil, tinha remédios, tinha fisioterapia, ela tinha remédios também. Claro que eu ajudava em casa, comecei a trabalhar em um bar lá perto pra ajudar nas contas só que o dinheiro era pouco e as contas eram muitas... (o silêncio volta a tomar a fala).

O silêncio falava também, não sei explicar como, mas ele preenchia o ar e tomava meu corpo, não conseguia incentivar a fala, a emoção que ele sentia ao falar, as palavras tremulantes que ele soltava faziam meu corpo tremer também, e tudo que ele sentia preenchia o silêncio e me fazia chorar também. Aquele silêncio era amedrontador e devastador, não havia urgência em falar. Pois naquele momento eu escutava muito mais que palavras.

E quando eu vi minha mãe desesperada por dinheiro, para pagar as contas, eu vi naquele momento que eu podia fazer qualquer coisa que me pedissem para ajudar em casa. E naquele fim de semana, tinha dois senhores que ficavam sempre no bar que eu trabalhava soltando piadinhas pra mim, toda vez que eu passava eu escutava um gracejo, depois quando me viam na rua um me pedia desculpa e o outro fingia que não tinha feito nada. Só que eu naquele dia eu comecei a dar corda pra eles, e antes de fechar o bar um me chamou perto do ouvido e me convidou para ir no sítio dele, falei que dependia de quanto ela *ia* me dar. Ele me perguntou quanto eu ganhava no fim de semana no bar, eu falei e ele disse que se gostasse de mim pagava o mesmo valor só naquela noite.

E eu fui. Não me orgulho disso, nem sei porque *tô* contando aqui, mas era o jeito, entende? Eu tinha que ajudar em casa. E quando eu fui eu me senti a pessoa mais podre e suja do mundo, aqueles velhos pelados em cima de mim, foi como se eu tivesse traindo toda a minha família e principalmente minha mãezinha. O que ela não ia sentir se descobrisse? E aquilo se repetiu várias vezes, e até com outras pessoas, (volta a chorar) desculpa...

E novamente o silêncio estira a fala e o choro já era comum em nós dois.

Mas eu conseguia ajudar em casa, minha chegou a suspeitar que eu *tava* envolvido com droga, ou qualquer outro tipo de coisa errada, é coisa de mãe, *né*? Elas sentem as coisas, nem adianta tentar esconder, mas nunca tive coragem de falar a ela. Tanto que só pra você ter uma ideia, quando eu chegava em casa eu me trancava no banheiro e me lavava muito, aquele cheiro ficava em mim, o cheiro daqueles homens lá, o gosto de cigarro deles na minha boca me dava vontade de vomitar, eu cuspiava, comia alguma coisa, bebia suco de limão pra ver se saía de mim, só que eu sabia que era por minha mãe e meu irmão. E toda vez que isso acontecia eu pedia a Deus pra me tirar daquela situação, pedia a Padre Cícero pra me ajudar.

Minha mãe, como te falei, foi ficando em depressão, tomava remédio *e tal*. Pegou uma anemia muito forte, foi ficando debilitada, depois, descobrimos diabetes e ela faleceu... foi a maior dor que eu tive na minha vida... eu tinha 22 anos e meu irmão 15. Eu tive que me virar pra criar ele, trabalhava direto, em uma fábrica durante a semana e naquele mesmo bar no fim de semana, meu irmão dependia de mim. Não tive tempo pra chorar nem sentir dor, nada, era trabalhar pra meu irmão poder terminar pelo menos o ensino médio.

E depois que minha mãe morreu, eu não sei te explicar, fui perdendo os sonhos, sabe? Tipo assim, se alguém me perguntasse o que eu queria para o futuro, eu não queria nada, nada, só *tava* vivendo. Só que um dia eu fui na minha tia, que *tava* com aquele pente que eu te falei e comecei a pedir a Padre Cícero que me ajudasse, pedia pra minha mãe pra me dar ajuda também, e comecei a estudar para concurso. E, em 2018 eu passei na PM de Pernambuco. Não consegui vir agradecer aqui em 2019, depois veio a pandemia e hoje eu *tô* aqui para agradecer, por ter conseguido tudo isso, meu irmão ainda mora comigo, mas já tem namorada e tudo, trabalha lá em uma farmácia e ganha o dinheirinho dele.

Mas sabe que quando eu cheguei aqui em Juazeiro, eu me lembrei de tudo isso, me deu uma dor... uma saudade de mãe, agradei tanto a ela, ao Padre Cícero, a Nossa

Senhora das Dores. Obrigado por ter me ajudado. E se eu pudesse hoje, ver minha mãe, tão linda ela... desculpa ...

O relato de José Eduardo se desenrola em meio a uma atmosfera de profunda conexão com a fé e tradição familiar. O personagem se encontra em um estado emocional vulnerável, evidenciado pela interrupção causada pelo choro compulsivo. Este momento de vulnerabilidade cria uma abertura para explorar camadas mais íntimas da experiência de José Eduardo.

A utilização de referências ao Padre Cícero revela a importância desse líder religioso na vida de José Eduardo e de suas gerações passadas. A fé no Padre Cícero é transmitida de maneira visceral, enraizada na história da família, transcendendo o tempo e as gerações. A narrativa se desdobra como um artefato, entrelaçando os fios do passado com os do presente, numa busca por significados mais profundos.

Ao mencionar a prática de juntar dinheiro para a viagem a Juazeiro, José Eduardo desenha um espaço liso, alinhado ao conceito deleuzeano, onde as fronteiras do tempo se tornam permeáveis. A repetição desse ritual ao longo das gerações sugere a criação de um espaço heterotópico, uma espécie de enclave que transcende o cotidiano, conectando diferentes momentos temporais.

A história da beata que acreditava ter presenciado um milagre relacionado à hóstia transformada em sangue acrescenta uma dimensão mística à narrativa. A busca pela beata e a subsequente frustração de não encontrá-la introduzem uma nuance de desconcerto diante das expectativas religiosas.

A descrição da última visita em 1931 revela a fragilidade do Padre Cícero, envelhecido e diferente da imagem que persistia na memória de José Eduardo. Este momento sugere a inevitabilidade da passagem do tempo, contrastando com a persistência da fé e das tradições. O gesto de pentear os cabelos do Padre Cícero com o pente de bolso, associado à cura do bisavô, adiciona uma camada de simbolismo. O ato transcende o gesto físico e torna-se um ponto de contato entre o divino e o humano, um momento de transcendência.

O relato continua a explorar a narrativa pessoal de José Eduardo, mantendo-se fiel ao estilo introspectivo e emocional observado anteriormente. O tema central continua sendo a devoção à figura do Padre Cícero e como essa devoção permeia a vida e as experiências da família.

A história do avô, que inicialmente deixou de vir a Juazeiro devido ao vício em álcool, cria uma tensão familiar que é vinculada à devoção religiosa. A avó, em um gesto de compromisso e fé, faz uma promessa para que o avô retorne a Juazeiro e participe da oração do terço na igreja do Socorro. A utilização do pente do Padre Cícero como um elemento simbólico

para interceder na transformação do comportamento do avô adiciona uma dimensão ritualística à narrativa.

A persistência das tradições familiares, mesmo em meio a desafios e dificuldades, revela uma conexão profunda com o espaço de Juazeiro como um lugar sagrado. Esse lugar transcende o cotidiano, sendo palco de encontros com o divino, promessas e superações. A descrição das pousadas simples, dos banheiros coletivos e da busca de água em um poço remete à vida cotidiana, enquanto a devoção ao Padre Cícero confere um significado mais profundo a essas experiências.

O crescimento de José Eduardo, sua continuidade em vir para Juazeiro e sua referência à mãe pagando promessas após sua conquista no vestibular refletem a transição da narrativa pessoal para uma perspectiva mais ampla. A gratidão expressa pela mãe ao Padre Cícero destaca a presença constante do sagrado na vida da família, mesmo diante das adversidades.

Na narrativa vívida do entrevistado, desvelam-se as complexas tramas de um espaço que transcende sua mera existência física, revelando-se como um campo de significados intrincados. A peregrinação anual a Juazeiro, enraizada na história familiar, lança sementes em uma jornada impregnada de uma aura que transcende o plano terreno. O tempo, nesse compromisso perene, desdobra-se em uma espiral de renovação.

A narrativa evoca uma compreensão do conceito foucaultiano (2003). A praça central, qual microcosmo, é um espaço "outro", onde as distinções cotidianas se desvanecem. Nesse limiar entre o convencional e o extraordinário, os romeiros se encontram, partilhando histórias e sorrisos que desafiam o próprio tempo. É uma fissura na realidade, onde as noções tradicionais se desintegram, cedendo espaço a um instante atemporal.

A imagem do avô, antes um companheiro na peregrinação, simboliza uma inversão de valores que ressoa conceitos de Eliade (2001) e Foucault (2003). O consumo excessivo de álcool torna-se um entrave à vontade de viajar para Juazeiro, resultando em consequências desastrosas para a família. A decisão da avó de vir sozinha e fazer uma promessa para o avô interrompe esse ciclo, transformando-se em uma estratégia para redirecionar a trajetória familiar. A ação de passar o pente do Padre Cícero na cabeça do avô, enquanto ele dorme, torna-se um ritual íntimo de devoção, um gesto de transcendência sobre os vícios.

As histórias entrelaçadas na narrativa, compartilhadas entre familiares desde a infância do entrevistado, ressoam como testemunhos de uma tradição viva. O relato pessoal da experiência desde tenra idade, ficando em pousadas simples, enfrentando desafios como a falta de água, cria uma atmosfera de humildade e simplicidade que contrasta com a riqueza espiritual da jornada.

O crescimento do entrevistado e sua continuidade na peregrinação, apesar dos desafios e responsabilidades crescentes, evidenciam uma ligação profunda com a devoção. A superação de obstáculos físicos e financeiros para participar da peregrinação destaca a resiliência e a determinação ligadas a uma crença arraigada.

A história da mãe do entrevistado, que veio pagar promessa após sua aprovação no vestibular, lança uma luz sobre as interseções entre a vida cotidiana e a espiritualidade. A gratidão expressa à Nossa Senhora e ao Padre Cícero revela uma conexão intrínseca entre conquistas pessoais e a devoção religiosa. O sacrifício da mãe, enfrentando a jornada solo após a partida do pai, destaca a força resiliente ligada à fé.

A parte da entrevista que menciona o sacrifício da mãe na criação dos filhos após o abandono do pai, acrescenta uma camada adicional à compreensão do entrelaçamento entre a devoção e as vicissitudes da vida familiar. O relato, permeado pelo sofrimento e pelas lágrimas, ressalta o papel redentor da devoção em meio às adversidades.

A narrativa de Eduardo mergulha em uma trajetória repleta de desafios, onde a dor e as escolhas difíceis se entrelaçam com a experiência de vida. O relato do acidente de moto de seu irmão, seguido por um derrame, lança uma sombra de incerteza sobre as decisões tomadas naquele momento crucial. A dúvida sobre a escolha de não levar imediatamente o irmão ao hospital ecoa como um fardo emocional, criando um senso de culpa que permeia a narrativa.

A expressão de tristeza e arrependimento, marcada pelo choro intermitente do entrevistado, revela uma vulnerabilidade profunda. A situação delicada, onde a vida do irmão sofre uma virada dramática após o acidente, gera reflexões sobre a responsabilidade e as consequências das escolhas. O peso emocional do "e se..." paira sobre a retrospectiva da decisão tomada naquele momento de urgência, criando uma narrativa densa e cheia de nuances.

A deterioração da saúde mental da mãe, manifestada através de sintomas depressivos, adiciona uma camada adicional de complexidade à narrativa. O silêncio e a preocupação constante da mãe revelam o impacto profundo das adversidades na dinâmica familiar. A introdução de tratamentos médicos, remédios e fisioterapia, delineia um cenário onde as batalhas físicas e emocionais se entrelaçam, aumentando a carga de desafios a serem enfrentados.

A decisão do entrevistado de assumir um trabalho em um bar próximo, na tentativa de aliviar as dificuldades financeiras, destaca a luta contínua contra as adversidades. A referência ao dinheiro escasso e às contas numerosas acentua a pressão econômica que se soma aos desafios de saúde enfrentados pela família. O silêncio que retorna à narrativa parece ecoar as dificuldades inexprimíveis que envolvem a batalha diária contra as adversidades.

A entrevista continua a traçar uma teia de experiências, onde as escolhas, a dor e a resiliência se entrelaçam. A análise dessa narrativa revela uma profundidade emocional significativa, onde o entrevistado compartilha não apenas eventos passados, mas também as emoções cruas e as reflexões íntimas associadas a esses eventos. Essa riqueza emocional adiciona uma dimensão tocante à entrevista, proporcionando uma visão mais ampla da complexidade humana em face das adversidades da vida.

A narrativa avança para uma dimensão mais sombria e complexa, onde as circunstâncias difíceis da vida empurram o entrevistado para escolhas dolorosas e moralmente ambíguas. A introdução do episódio envolvendo os senhores do bar revela uma resposta pragmática e desesperada às dificuldades financeiras enfrentadas pela família. O entrevistado, motivado pela urgência de ajudar em casa diante das necessidades econômicas, permite-se envolver em situações que, de outra forma, teria evitado.

A dinâmica dos senhores do bar, soltando piadas e oferecendo oportunidades financeiras, destaca um ambiente de exploração que aproveita a vulnerabilidade do entrevistado. A relação entre dinheiro, poder e exploração se torna evidente, pintando um retrato cruel de como indivíduos em situações precárias muitas vezes se veem presos em circunstâncias que comprometem sua dignidade e integridade.

O relato detalhado da visita ao sítio desses senhores expõe a dor emocional e a confusão moral experimentadas pelo entrevistado. A descrição gráfica da sensação de ser a pessoa "mais podre e suja do mundo" reflete a carga psicológica devastadora dessas experiências. A expressão do sentimento de traição para com a própria família, especialmente para com a mãe, adiciona uma camada profunda de conflito interno à narrativa.

O retorno do choro durante a narrativa revela a carga emocional associada a essas experiências traumáticas. A quebra da voz durante o relato indica não apenas o impacto psicológico do que ocorreu, mas também a angústia de expressar essas experiências em palavras. O pedido de desculpas do entrevistado sugere uma autoconsciência de que compartilhar esses eventos é difícil e doloroso.

Essa parte da entrevista destaca a complexidade das escolhas motivadas pela necessidade financeira e as consequências emocionais avassaladoras que surgem dessas decisões. A narrativa revela a vulnerabilidade do entrevistado em um contexto de exploração e aponta para questões sociais mais amplas relacionadas à exploração econômica e ao poder desigual nas relações interpessoais. Essa história, embora dolorosa, oferece uma visão necessária sobre os desafios enfrentados por indivíduos em situações difíceis, explorando as camadas emocionais subjacentes a essas experiências complexas.

A narrativa continua a desvelar as camadas emocionais profundas da experiência do entrevistado, destacando momentos de desespero, autossacrifício e, por fim, uma busca por redenção e agradecimento. A exploração da necessidade financeira anteriormente mencionada agora se conecta à deterioração da saúde de sua mãe, acrescentando uma dimensão adicional de tragédia e responsabilidade ao seu fardo.

A descrição detalhada do ritual pós-trabalho, no qual o entrevistado se esforça para se livrar do cheiro e gosto indesejados, oferece uma visão angustiante do impacto físico e psicológico dessas experiências. A repulsa visceral, evidenciada pelo enjoo e pelo pedido a Deus e a Padre Cícero para libertá-lo dessa situação, destaca a carga emocional intensa associada a esses episódios.

A morte da mãe torna-se o ponto crucial da narrativa, provocando uma reviravolta significativa na vida do entrevistado. A responsabilidade de criar o irmão mais novo, enquanto lida com a própria dor e perda, revela a resiliência do entrevistado diante das adversidades. A renúncia de seus próprios sonhos em prol do sustento do irmão demonstra um ato altruísta, moldado pelas circunstâncias desafiadoras.

A narrativa, então, evolui para um momento de redenção quando o entrevistado decide buscar um futuro diferente, canalizando sua dor em motivação para estudar para concursos. O sucesso na PM de Pernambuco marca um ponto de virada positivo na trajetória do entrevistado, simbolizando a superação das dificuldades passadas.

A visita a Juazeiro é revelada como uma oportunidade para expressar gratidão e reflexão sobre essa jornada tumultuada. A ligação emocional com o passado, manifestada pela saudade da mãe e agradecimentos a Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores, destaca a importância da fé e das conexões espirituais na vida do entrevistado.

O choro, mais uma vez presente na narrativa, atua como uma expressão genuína de emoções profundas. O pedido de desculpas do entrevistado ressalta a vulnerabilidade ao compartilhar essas experiências íntimas. Em última análise, essa história complexa ilustra não apenas as adversidades enfrentadas, mas também a resiliência, a busca por redenção e a importância das conexões espirituais na superação de desafios extraordinários.

Neste encerramento, somos levados não apenas a testemunhar as vicissitudes de uma vida extraordinária, mas a nos conectar emocionalmente com a coragem, a dor, e, por fim, a esperança do entrevistado. A narrativa não é apenas um relato, mas um testemunho comovente da resiliência humana diante de adversidades profundas.

A intervenção verbal de José Eduardo emerge neste texto como uma manifestação de descontinuidade, revelando uma narrativa permeada pela vivência da escassez material e, mais

profundamente, expondo a dolorosa lacuna de uma existência marcada pelas adversidades das camadas socioeconômicas desfavorecidas. Em certo sentido, o discurso de Eduardo representa uma quebra paradigmática em relação às narrativas sobrenaturais e místicas que frequentemente permeiam os relatos acerca de Juazeiro. Ele delineou com veemência a árdua realidade cotidiana, destacando o desgaste e a desumanização a que seu corpo foi submetido, ao ponto de afastar-se irremediavelmente de suas aspirações e esperanças.

Pude perceber aqui a mesma inquietude que mexeu com a Professora Doutora Keila Queiroz em sua tese “Os corpos enrugados e meus ‘outros’ espelhos etários” (2008), na qual ela problematiza como o conceito de pobreza tem sido negligenciado nas ciências sociais. Mas, a fala de José Eduardo, de um corpo atravessado pela fome, pela dificuldade, pela prostituição e pela desesperança, produziu múltiplos caminhos e anunciou inicialmente a morte. Entretanto, a lealdade e o sentido de pertencimento por sua família o fez continuar lutando, mesmo que a luta significasse abrir mão dos seus sonhos. Ele enclausurou-se em um modo de vida retilíneo e opaco, onde a única operacionalização possível seria a de ajudar a sua família num momento de dificuldade. Essa narrativa encontra outros contornos e palavras primordialmente inesperadas, ela é um desencontro das forças e das falas, que vibram em outros modos de vida, que ao tratar de Juazeiro, destacam apenas a superação. Contudo, o enclausuramento no vazio da vida de Eduardo fez com que esse texto habitasse outros meandros, o meandro da dor, mesmo que depois, através de sua fé, ele conseguisse uma superação no fim.

O relato de José Eduardo, portanto, foi propositalmente colocado ao fim desse texto, pois ele revela duras realidades, que incomodam, que preferem não ser vistas. Fechado sobre seus próprios limites, desterrado de si e de um tempo que não o reconhecia, e de um espaço a qual ele não pertencia mais. Até mesmo seu próprio corpo tornou-se corpo estranho. Fazendo-o assim caminhar pelas margens.

Os excluídos da história deixaram de ser os camponeses e os proletários e passaram a ser os negros, as mulheres e os homossexuais. De repente, falar de pobreza virou um tabu. O reconhecimento da nossa impotência diante das desigualdades gritantes fabricadas pelo capitalismo nos levou ao extremo do silenciamento e da invisibilidade no que diz respeito as diferenças sociais. (SILVA, 2008, p. 83)

A fala do entrevistado revela uma realidade marcada pela pobreza e pela adversidade. Ele descreve a trajetória de sua família, que, apesar de enfrentar dificuldades financeiras, mantém uma forte devoção ao Padre Cícero. O conceito de "refugos humanos", cunhado por Zygmunt Bauman (2008), torna-se evidente ao analisar a situação do entrevistado e de sua

família. Essa ideia refere-se à marginalização e exclusão social dos indivíduos, que são deixados à margem da sociedade devido à sua condição econômica desfavorecida.

A narrativa de José Eduardo revela a luta constante de sua família para sobreviver, enfrentando doenças, acidentes e a morte da mãe. A pobreza é retratada de forma visceral, desde as condições precárias das pousadas em Juazeiro até a necessidade de trabalhar em um bar para ajudar nas despesas domésticas. O sofrimento emocional também é evidente, especialmente nas passagens em que ele descreve a depressão da mãe e a culpa que sente em relação ao acidente do irmão.

A busca por redenção e esperança é representada pela devoção ao Padre Cícero e às práticas religiosas. José Eduardo encontra consolo na fé, pedindo ajuda divina para superar as adversidades e agradecendo pelas bênçãos recebidas. Sua história é um testemunho da resiliência humana diante das dificuldades e da capacidade de encontrar significado e propósito mesmo nas circunstâncias mais desafiadoras.

A produção de “refugo humano”, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os excessivos e redundantes, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernidade, é um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da construção da ordem. Cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis” e do progresso econômico que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de “ganhar a vida” e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência. (BAUMAN, 2008, p. 12).

A exclusão social, causada pelas políticas neoliberais, é a raiz de uma nova dinâmica social. Nesse novo cenário, predomina um forte individualismo, onde cada um precisa batalhar para sobreviver. Essa mentalidade de luta pela sobrevivência fomenta a competição entre as pessoas, gerando desigualdade e desamparo social. Como resultado, aqueles que não conseguem acompanhar o ritmo do mercado e competir são deixados de lado. São esses indivíduos, chamados de “refugo humano”, que acabam marginalizados e excluídos, não sendo reconhecidos como parte integrante da sociedade.

A contemporaneidade tem exacerbado esse problema de exclusão social. As políticas neoliberais têm implementado novos mecanismos de controle e disciplina, resultando na fragmentação das subjetividades e na falta de proteção social. Essas pessoas rotuladas como refugo humano acabam sendo vistas como excluídas da sociedade, perpetuando ainda mais sua marginalização.

Ao escrever sobre os refugos humanos, estamos, essencialmente, refletindo sobre nosso olhar: quem são esses indivíduos marginalizados? Eles são, antes de tudo, uma imagem, uma

representação arraigada em nossa visão de mundo, moldada pelos sentimentos em relação aos outros seres humanos. Essa imagem aciona lugares familiares em nosso olhar, como uma forma de enxergar. Não é necessário explicar o conceito de refugio humano em detalhes, basta mencionar o termo para que essa imagem se apresente: trapos em corpos maltratados, um abandono de si mesmo, frequentemente associado aos mendigos, pobres, minorias e marginalizados. Contudo, é importante ressaltar que todos estão sujeitos à exclusão brutal do capitalismo implacável.

Ao final de cada entrevista fiz uma pergunta inicialmente de forma despretensiosa, apenas a título de curiosidade: “ao falar sobre Juazeiro, qual a primeira palavra que surge em sua mente?”. As respostas foram as mais variadas. Pude perceber que as práticas compreendem um vasto repertório de atitudes que são características da heterogeneidade dos romeiros, como mostra o quadro a seguir:

TABELA 2

PERGUNTA	PALAVRA RESPOSTA
Quando falamos do Padre Cícero, qual a primeira palavra que surge na sua mente?	“fé”; “devoção”; “milagre”; “amigo”; “reza”; “Juazeiro”; “missa”; “igreja”; “oração”; “sagrado”; “romeiro”.
Quando falamos sobre a cidade de Juazeiro, qual a primeira palavra que surge na sua mente?	“saudade”; “romaria”; “estrada”; “Deus”; “tradição”; “devoção”; “amor”; “gratidão”; “paz”; “melhor lugar”; “Padre Cícero”.
Em uma palavra, o que te motiva a vir a Juazeiro?	“amor”; “costume”; “família”; “devoção”; “necessidade”; “esperança”; “fé”; “confiança”; “Deus”; “Nossa Senhora das Dores”; “divertimento”; “tudo”.
Quais são os sentimentos que aparecem quando você chega em Juazeiro?	“saudade”; “amor”; “lembrança”; “ansiedade”; “alegria”; “fé”; “emoção”; “confiança”; “gratidão”; “felicidade”; “penitência”; “alívio”.

Quadro produzido pelo autor a partir das entrevistas coletadas em julho e outubro de 2023.

Podemos constatar a partir das respostas coletadas que os significados das romarias colam-se de forma acentuada a aspectos emocionais e devocionais. Além disso, podemos

constatar que na pergunta “Quando falamos do Padre Cícero, qual a primeira palavra que surge na sua mente?”, uma das respostas foi “Juazeiro”, assim como na pergunta “Quando falamos sobre a cidade de Juazeiro, qual a primeira palavra que surge na sua mente?”, uma das respostas foi “Padre Cícero”, confirmando o que foi afirmado no capítulo um deste texto, que a figura do Padre Cícero e a cidade de Juazeiro do Norte se misturam no imaginário, não apenas dos habitantes locais como dos romeiros e visitantes.

Esses resultados também nos informam sobre a dimensão da tradição de relação com o santo, principalmente se considerarmos que a fé e a devoção dessas pessoas são direcionadas de forma acentuada ao Padre Cícero. A última sentença do sacerdote, “no céu pedirei a Deus por todos vocês”, traz para essa relação de romeiro e Cícero os sentimentos de aliança e de continuidade. Sendo percebido através das entrevistas e das emoções relatadas na tabela acima, uma condição de proximidade.

Nesse contexto, as romarias se revestem também de intenções que celebram essa aliança firmada em um compromisso muito importante, nas palavras “tradição”, “devoção” e “necessidade”, a romaria é valorizada dentro de um aspecto moral, mas suscita também outros sentimentos, que a partir da “amizade” destacada, como relação entre romeiro e o objeto de devoção, neste caso, o Padre Cícero, geram sentimentos de: “amor”; “gratidão”; “alegria”; “felicidade”; “alívio” e “emoção”, podendo inclusive chegar a sentimentos mais abrangentes, como ao responder a questão “Em uma palavra, o que te motiva a vir a Juazeiro?”, o romeiro chegou a responder de forma simples e englobante: “tudo”.

A vida não se resolve com palavras.

João Cabral de Melo Neto

O TEMPO FINALMENTE ESTILHAÇADO: ENFIM, PONTO FINAL NA ESPERANÇA

É chegada a hora de retornar a Ítaca, à Ulisses, cuja casa agora, após tantas batalhas e uma jornada árdua, parece mais distante do que nunca, como se fosse um sonho longínquo. Penélope persistia como uma imagem que corroía suas lembranças e permeava seu espírito. No entanto, finalmente, o momento de voltar ao lar acolhedor se apresentou, de retornar ao aconchego da casa. Menelau conseguiu retornar, assim como Agamenon, mas era vital evitar o destino trágico de Aquiles, que heroicamente pereceu na guerra. Ulisses, após inúmeras tentações, encontrou-se na ilha dos Feácios, onde foi tentado novamente a desviar-se de seu caminho para casar-se com a princesa. Contudo, ele resistiu com determinação e decidiu encerrar sua jornada conforme planejado, voltando para casa.

Entretanto, a deusa Atena o alerta de que ainda havia mais desafios a enfrentar: os pretendentes de Penélope. Devido à demora no retorno de Ulisses, vários pretendentes lançaram-se sobre sua amada esposa, deixada desamparada. Homens cruéis que cometeram atrocidades contra as servas do palácio e almejavam seu trono mais do que qualquer outro prêmio. Ulisses, caso aportasse em sua casa, seria morto. Por isso, Atena o transmuta em um velho mendigo. A estratégia, formulada em conjunto com seu filho Telêmaco, era que a mão de Penélope seria dada àquele que conseguisse utilizar o arco de Ulisses e fazer a flecha atravessar o furo dos machados enfileirados.

Ulisses cumpre a missão, revela-se, e pune aqueles que destruíram seu reino. A deusa da sabedoria o transforma de volta a seu estado natural, e Ulisses recupera sua amada esposa. Contudo, há algo que Ulisses não pode negar: mesmo após retornar a Ítaca, recuperar seu trono, seu filho e sua amada esposa, o mundo não é o mesmo. Seu olhar sobre as coisas e a vida transformou-se. É preciso encarar as ausências, as novas presenças, as diferenças e todas as mudanças que se avolumaram diante dele. Esta, portanto, é a última missão desta dissertação. Aqui, na conclusão, percebo que o mundo diante do meu olhar está alterado, minha percepção e relação como pesquisador e objeto de pesquisa mudaram drasticamente. Preciso enfrentar essa mudança e relatá-la na tentativa de oferecer um fechamento para esta empreitada homérica que tracei durante os anos dedicados a este estudo.

Ao finalizar esta jornada de pesquisa e reflexão sobre Juazeiro do Norte, percebo que cada página escrita foi como um mergulho nas águas profundas da história, onde os mistérios se entrelaçam com as memórias e os sentimentos dos que habitam essa cidade tão singular. Assim como Ulisses em sua busca incansável, me vi desbravando os enigmas e costurando nas

páginas do tempo as vozes silenciosas e os murmúrios do passado. Ao seguir as dobras do espaço liso e heterogêneo que é Juazeiro do Norte, pude compreender a complexidade e a multiplicidade que permeiam essa realidade tão rica e diversa. As tradições inventadas se revelaram como fios que tecem o tecido social, conectando pessoas, instituições e valores em uma dança harmoniosa de pertencimento e identidade.

Neste caminho de descobertas e reflexões, pude contar com a sabedoria e o apoio daqueles que me acompanharam, seja nas palavras de Deleuze e Leibniz, seja nas contribuições da banca examinadora que enriqueceram meu trabalho com suas perspectivas e *insights*. Que este estudo possa ecoar como um convite à reflexão e ao conhecimento, inspirando novas pesquisas e ampliando o horizonte de compreensão sobre as intrincadas tramas que tecem a história e a identidade de Juazeiro do Norte. Que as palavras aqui escritas sejam como sementes lançadas ao vento, prontas para germinar e florescer em novos olhares e interpretações.

Ao concluir esta dissertação, é possível afirmar que a análise dos fenômenos das romarias na construção identitária da cidade de Juazeiro do Norte revelou-se como um mergulho profundo nas camadas complexas que compõem a identidade social e cultural desse lugar tão emblemático. Através das lentes dos autores sociais, foi possível desvendar as múltiplas facetas e significados que as romarias assumem nesse contexto específico. Ao explorar as percepções dos autores sociais sobre as romarias, foi evidente que esses eventos não se limitam a simples práticas religiosas, mas se entrelaçam com aspectos históricos, culturais e sociais que moldam a identidade coletiva de Juazeiro do Norte. As romarias emergem como um fenômeno vivo e pulsante, capaz de unir pessoas, tradições e crenças em torno de um mesmo propósito, fortalecendo os laços de pertencimento e construindo uma narrativa compartilhada.

Juazeiro do Norte, com sua rica tapeçaria de narrativas entrelaçadas e tradições profundamente enraizadas, emerge como um verdadeiro lugar de memória, conforme discutido por Pierre Nora (1984). A cidade transcende sua mera existência física, transformando-se em um cenário vivo onde o sagrado e o profano dançam em harmonia. A interação complexa entre memória, espaço e sacralidade molda a essência de Juazeiro, tecendo uma teia de significados que ecoam através do tempo. A memória urbana é entrelaçada em cada rua, praça e história compartilhada, revelando camadas ocultas das tradições inventadas que permeiam a vida cotidiana.

Ao explorar as profundezas da memória urbana de Juazeiro, somos convidados a desvendar as conexões íntimas entre o passado e o presente, entre o individual e o coletivo. A cidade se torna um reflexo vivo das transformações sociais, culturais e espirituais que moldam sua identidade única. A tradição oral, poderosa e resistente, desafia as narrativas

preestabelecidas e institucionais, dando voz ao povo e tecendo uma gama de perspectivas diversas.

Sob a lente de Mircea Eliade (2001), Juazeiro adquire uma dimensão única, onde o tempo assume uma forma espiralada e as experiências cotidianas se entrelaçam com o sagrado. A cidade se torna um espaço onde a memória oficial é esculpida pela voz do povo, desafiando narrativas institucionais e revelando a força da tradição oral. A memória coletiva, como delineada por Maurice Halbwachs (2004), encontra solo fértil em Juazeiro, onde as conexões entre as lembranças individuais e o contexto social se tornam evidentes.

Juazeiro do Norte, com sua sinfonia de vivências e ações, se destaca como um espaço vivo de que falou Nora (1984), moldado pelas práticas cotidianas e pelas experiências das pessoas que a habitam. A cidade se torna um lugar emblemático onde as nuances entre o sagrado e o profano, o passado e o presente, se entrelaçam em uma trama rica de significados. A oralidade e a documentação escrita desempenham um papel fundamental na preservação da memória coletiva de Juazeiro, permitindo a continuidade de narrativas ao longo das gerações, como nos lembra Meihy (2015).

Em Juazeiro, a memória e a história se fundem para criar uma identidade cultural única, onde as lembranças coletivas se entrelaçam com a vida cotidiana, nutrindo a alma e iluminando o caminho dos habitantes. Cada lugar, cada detalhe, cada história compartilhada se torna uma estrela que brilha intensamente, lembrando a todos que a memória e a história são eternas companheiras nessa jornada fascinante chamada vida. Juazeiro do Norte se consolida como um verdadeiro lugar de memória de que falou Nora (1984), onde as narrativas do passado e do presente se entrelaçam para criar uma identidade urbana rica e multifacetada.

A partir das reflexões dos autores sociais, foi possível compreender como as romarias atuam como elementos catalisadores na construção identitária da cidade, influenciando não apenas a religiosidade dos indivíduos, mas também a forma como Juazeiro do Norte é percebida e representada tanto interna quanto externamente. As romarias se tornam, assim, um fio condutor que conecta o passado ao presente, o sagrado ao profano, o individual ao coletivo, tecendo uma teia de significados e simbolismos que permeiam o tecido social da cidade. Nesse sentido, a análise dos autores sociais sobre as romarias na construção identitária de Juazeiro do Norte revela a importância desses eventos como elementos dinâmicos e transformadores, capazes de reconfigurar e reafirmar constantemente a identidade e a memória coletiva da cidade. As romarias não são apenas manifestações religiosas, mas também expressões profundas de uma identidade em constante construção, enraizada nas tradições, nos valores e nas práticas cotidianas que permeiam o cotidiano dos habitantes de Juazeiro.

Juazeiro do Norte, cidade emblemática do interior do Ceará, apresenta um cenário único onde se entrelaçam as dimensões visíveis, sensíveis e imaginárias como afirmou Pesavento (2007). A presença marcante dos romeiros que visitam a cidade em devoção ao Padre Cícero revela a complexidade dessas interações. Os romeiros, ao percorrerem as ruas e praças de Juazeiro, não apenas transformam a paisagem urbana com suas vestes coloridas e cantos de fé, mas também trazem consigo uma carga simbólica e emocional que permeia o ambiente, tornando a cidade um espaço de intensa sensibilidade religiosa.

A devoção ao Padre Cícero, figura central na história e na cultura de Juazeiro do Norte, é um elemento fundamental na construção do imaginário coletivo da cidade. Os romeiros, ao participarem de rituais e celebrações em homenagem ao Padim Ciço, contribuem para a manutenção e renovação dessas tradições, reforçando os laços de identidade e pertencimento à comunidade juazeirense. Dessa forma, a cidade se torna um palco onde se desdobram narrativas sagradas e profanas, entrelaçando passado e presente em um constante diálogo entre o real e o imaginário.

A sensibilidade urbana em Juazeiro do Norte se manifesta não apenas nas práticas religiosas dos romeiros, mas também nas expressões culturais e artísticas que permeiam o cotidiano da cidade. As romarias ao Padre Cícero não são apenas eventos religiosos, mas também manifestações de fé, devoção e solidariedade que ecoam nas ruas e nos corações dos habitantes locais. A presença dos romeiros, com suas histórias, crenças e esperanças, enriquece o tecido social de Juazeiro, criando um ambiente de intercâmbio cultural e espiritual que transcende as fronteiras físicas da cidade.

A cidade de Juazeiro do Norte, assim, se revela como um espaço de encontros e convergências, onde as múltiplas camadas de significado e experiência se entrelaçam para criar uma teia complexa de relações humanas e simbólicas. Os romeiros do Padre Cícero, ao buscarem curas, milagres e conforto espiritual na cidade, contribuem para a construção de um imaginário coletivo que transcende as barreiras do tempo e do espaço, conectando passado, presente e futuro em uma rede de significados compartilhados. Juazeiro do Norte se torna, assim, um exemplo vivo de como as cidades podem ser compreendidas não apenas como espaços físicos, mas, como afirmou Pesavento (2007), são também territórios de experiência, memória e imaginação que se renovam constantemente através das práticas e das narrativas dos que a habitam.

Partir das narrativas orais dos romeiros que ainda peregrinam ao Ceará, é possível compreender como Juazeiro do Norte e Padre Cícero transcendem suas fronteiras geográficas e se inserem de forma profunda no cotidiano de seus fiéis. As histórias e experiências

compartilhadas pelos peregrinos revelam a influência e a presença marcante desses elementos na vida cotidiana das pessoas, extrapolando os limites físicos da cidade e do santuário. Conforme mencionado por Von Simson (2000), a memória é uma lente através da qual os romeiros revisitam os momentos que constituíram suas jornadas, permitindo que o passado seja resgatado e reavivado no presente. Essas narrativas orais não apenas recontam as peregrinações, mas também destacam a importância de Juazeiro e Padre Cícero como elementos centrais na construção da identidade e da devoção dos fiéis. Através dessas histórias, é possível perceber como a cidade e o líder religioso se tornam parte integrante do cotidiano dos peregrinos, influenciando suas práticas, crenças e valores.

Além disso, conforme apontado por Cordeiro (2010), as romarias a Juazeiro do Norte representam uma tradição que atravessa séculos, reunindo multidões de pessoas em uma jornada encharcada de simbolismo. Essa experiência de peregrinação não se limita apenas ao momento da visita ao santuário, mas se estende para além das fronteiras físicas da cidade, penetrando no cotidiano dos fiéis e permeando suas vidas com significados profundos. A presença constante de Juazeiro e Padre Cícero nas narrativas orais dos romeiros evidencia a relevância desses elementos na construção de uma identidade religiosa e cultural que ultrapassa os limites territoriais.

Portanto, a análise das narrativas orais dos romeiros que ainda peregrinam ao Ceará revela como Juazeiro e Padre Cícero se estendem para além de suas fronteiras físicas e se tornam parte integrante do cotidiano dos fiéis. Essas histórias testemunham a influência duradoura e significativa que a cidade e o líder religioso exercem sobre aqueles que os veneram, demonstrando como Juazeiro do Norte e Padre Cícero se tornaram elementos essenciais na vida e na devoção dos peregrinos, transcendendo o espaço físico e penetrando no âmago de suas práticas e crenças.

É notório a importância da construção simbólico-imagética do Padre Cícero na formação das identidades individuais dos romeiros e na maneira como a história percebe esse processo, levando à associação da cidade de Juazeiro do Norte com a figura do *Padim Ciço*. A sensibilidade dos fiéis é apontada como ponto de partida para essa fusão entre a imagem do líder religioso e a identidade da cidade.

Conforme discutido, a figura do Padre Cícero é envolta em uma aura mítica e heroica, sendo santificada e cultuada pelo povo, que atribui a ele poderes extraordinários e capacidades divinas. Essa construção simbólica e imagética do Padre Cícero não apenas influencia a devoção dos romeiros, mas também se incorpora às suas individualidades, moldando suas

crenças, práticas e visões de mundo. A história oral e as narrativas populares contribuem para a perpetuação desse imaginário, fortalecendo a ligação entre o líder religioso e os fiéis.

A associação entre a cidade de Juazeiro do Norte e a figura do *Padim Ciço* reflete a profunda interpenetração entre a identidade urbana e a devoção religiosa. Como mencionado, os nomes dos lugares se tornam veículos vivos da memória coletiva, e Juazeiro do Norte, ao ser carinhosamente designada com o nome do Padre Cícero, demonstra como a cidade e o líder religioso se entrelaçam de forma indissociável na percepção dos fiéis. Essa fusão simbólica não apenas confunde as fronteiras entre o sagrado e o profano, mas também ressalta a importância da sensibilidade dos indivíduos na construção e na interpretação dessas representações.

Portanto, fica evidente como a construção simbólico-imagética do Padre Cícero se agrega às individualidades dos romeiros, influenciando suas percepções e práticas religiosas, e como a história enxerga esse processo de identificação entre a cidade de Juazeiro do Norte e a figura do *Padim Ciço*. A sensibilidade dos fiéis emerge como um ponto crucial nessa relação complexa entre a devoção, a identidade urbana e a construção simbólica do líder religioso, revelando as múltiplas camadas de significado e devoção que permeiam a experiência dos peregrinos em Juazeiro do Norte.

Ao perceber as movimentações de Juazeiro à luz do conceito de "invenção das tradições" de Eric Hobsbawm revela a complexidade da construção simbólico-imagética do Padre Cícero e sua integração às individualidades dos romeiros, bem como a associação da cidade de Juazeiro do Norte com a figura do *Padim Ciço*. Hobsbawm e Ranger, em "A Invenção das Tradições" (1984), discutem como as tradições inventadas são criadas e manipuladas para atender a determinados propósitos, sejam eles políticos, culturais ou ideológicos. No contexto de Juazeiro do Norte, a construção simbólica do Padre Cícero como uma figura carismática e santificada exemplifica a invenção de uma tradição que transcende a realidade histórica, moldando a devoção dos fiéis e influenciando suas identidades individuais.

A associação da cidade de Juazeiro do Norte com a figura do *Padim Ciço* ilustra como a tradição foi inventada e perpetuada ao longo do tempo, criando uma narrativa coletiva que mistura elementos históricos, culturais e religiosos. Essa fusão simbólica não apenas fortalece a coesão social em torno do líder religioso, mas também confunde as fronteiras entre o sagrado e o profano, estabelecendo uma identidade urbana profundamente enraizada na devoção ao Padre Cícero.

Ao analisar a construção simbólico-imagética do Padre Cícero e a associação da cidade de Juazeiro do Norte com o *Padim Ciço* sob a perspectiva das tradições inventadas, percebemos como esses elementos são utilizados para moldar e perpetuar uma narrativa que atende às

necessidades e aos interesses da comunidade. A sensibilidade dos romeiros é fundamental nesse processo, pois é a partir dela que a devoção e a identificação com a figura do Padre Cícero se fortalecem, criando uma teia complexa de significados e práticas culturais que permeiam a experiência dos fiéis em Juazeiro do Norte.

Também foi ressaltado no trabalho a complexidade da cidade de Juazeiro do Norte como um espaço que desafia as convenções e cria alternativas à compreensão usual de lugares. Foucault (2003), em sua obra sobre as heterotopias, descreve esses espaços como locais reais que apresentam uma dualidade intrigante: são simultaneamente concretos e imaginários, reais e simbólicos. No contexto de Juazeiro do Norte, a cidade profundamente marcada pela devoção religiosa, torna-se evidente como a noção de heterotopia se encaixa e se aprofunda em sua essência.

Juazeiro do Norte desafia as normas e convenções estabelecidas, erguendo-se como um espaço singular onde a vida assume uma importância ímpar e especial para seus habitantes. A descrição do cotidiano de Rafael, um residente da cidade, ilustra vividamente como Juazeiro do Norte se transforma em um local impregnado de uma atmosfera única, uma espécie de enclave onde a existência transcende as limitações do dia a dia e adquire significados mais profundos e pessoais. Ao investigar as características singulares de Juazeiro do Norte, percebemos como esses espaços especiais coexistem com outros ambientes, porém mantêm características distintas e, por vezes, contraditórias. A cidade se configura como um espaço onde as normas sociais podem ser desafiadas e redesenhadas, permitindo que os moradores encontrem alegria, plenitude e um senso de pertencimento que ultrapassa suas origens individuais.

Portanto, ao analisar Juazeiro do Norte como uma heterotopia, é possível compreender como a cidade se destaca como um espaço que vai além das definições convencionais de lugar, criando um ambiente onde as experiências individuais se entrelaçam com a história, a cultura e a devoção religiosa, gerando significados únicos e pessoais para aqueles que a habitam.

Que a jornada do hermenauta rumo a Juazeiro continue a desdobrar-se em epopeias inéditas, onde as aventuras floresçam como jardins de Prometeu, e que o legado de Ulisses, como rastro de memórias, continue a nos guiar pelos labirintos do tempo, em busca do elo que a história tece. Cheguei em casa, voltei a Ítaca, é hora de olhar para o céu e agradecer. No eco do silêncio, resgato os sonhos que teceram o caminho, reunindo as folhas de uma jornada que me trouxe de volta ao epicentro da minha própria essência.

Na minha visão, é crucial definir as características do protagonista central em estudos sobre romarias para avançar na pesquisa. Em ambientes de romarias, vários agentes trabalham

com diferentes conjuntos de categorias. Identificar, classificar e compreender a diversidade de perspectivas nesse contexto demanda um esforço intelectual considerável. Além disso, cada participante da entrevista representava uma trama única, uma narrativa completa que me proporcionava uma perspectiva parcial daquele universo que se desdobrava durante as romarias. No encontro pessoal, cada indivíduo apresentava uma mistura singular de participação coletiva e percurso biográfico.

Nos segmentos deste trabalho, busquei identificar a representação do romeiro por meio de diferentes discursos que o delineiam: nas concepções teóricas; na tentativa de compreender a visão dos protagonistas de um fenômeno significativo; na interação entre pesquisador e entrevistado; e, especialmente, no contexto cultural em que emerge, estabelecendo relações por meio de práticas e discursos. Considerando o cenário das romarias, é importante lembrar que estruturas e mudanças não são estáticas ou desestruturam o sistema. Há continuidades e inovações criativas, movimentos que intensificam tanto o aspecto religioso quanto desmantelam práticas tradicionais. Novas expressões de atitude religiosa surgem como adaptações às estruturas sociais, contextos locais e interesses diversos.

Em Juazeiro do Norte, a interação entre a cidade, as romarias e as pessoas é um elemento essencial na formação dos significados dessas peregrinações. Essa combinação funciona como um ponto central que afeta as dinâmicas das romarias, demonstrando a ligação entre os diferentes aspectos que influenciam esse evento. Ao examinar essa rede de conexões, pode-se analisar as romarias de uma maneira que ultrapassa a ideia convencional de sagrado, explorando elementos frequentemente ignorados em estudos sobre peregrinações.

Em Juazeiro do Norte, as romarias e sua relação com a cidade são complexas e profundas, revelando camadas de significado que não se revelam de forma simples ou completa à primeira vista. É essencial compreender que a história da cidade está intrinsecamente ligada ao seu habitante mais ilustre, o Padre Cícero, reverenciado como o patriarca de Juazeiro. Sua trajetória de vida se entrelaça com a própria formação e desenvolvimento da cidade, sendo um elemento central na construção da identidade local. As romarias desempenham um papel crucial nesse processo, pois foram através delas que o pequeno vilarejo se viu transformado pela presença constante de romeiros em busca da proximidade com o sacerdote cearense.

O milagre da hóstia marca um ponto de inflexão na história de Juazeiro do Norte, conferindo ao local uma aura mística que perdura até os dias atuais. A fama de Padre Cícero se espalhou pelos sertões nordestinos, consolidando sua influência e prestígio. A medida que seu nome era associado a adjetivos como milagroso, santo, sábio, generoso e escolhido, sua figura se tornava cada vez mais venerada e reverenciada. A devoção e a devoção dos fiéis contribuíram

para fortalecer a imagem do Padre, transformando-o em uma figura central não apenas na esfera religiosa, mas também na identidade coletiva de Juazeiro do Norte.

A presença marcante de Padre Cícero na história e na cultura de Juazeiro do Norte reflete-se nas romarias, que se tornaram um ponto de convergência para os devotos e peregrinos que buscam estar mais próximos do patriarca. A devoção e a fé dos romeiros se entrelaçam com a história da cidade, criando uma atmosfera única e carregada de significados simbólicos. A cada romaria, as ruas se enchem de fiéis em busca de bênçãos, milagres e conforto espiritual, reforçando a ligação indissociável entre a cidade, as romarias e a figura do Padre Cícero.

Padre Cícero Romão Batista exerceu uma influência significativa não apenas no aspecto religioso, mas também na esfera política da região do Cariri, no Ceará. Sua presença carismática e seu papel de liderança espiritual o tornaram uma figura central na vida dos habitantes locais, sendo reverenciado não apenas como um guia espiritual, mas também como um líder comunitário. No contexto do Cariri, sua atuação política foi marcada por uma abordagem engenhosa e estratégica, que o permitiu navegar pelas intrincadas relações de poder da região. Ao assumir o cargo de prefeito de Juazeiro do Norte, Padre Cícero mergulhou de cabeça na política local, utilizando-a como uma plataforma para ampliar sua influência e ecoar sua voz junto às altas instâncias da Igreja Católica.

A presença do Padre Cícero na política do Cariri foi muito além de um mero exercício de poder. Sua atuação como líder político foi permeada por um profundo compromisso com a justiça social e a defesa dos mais vulneráveis. Ao desafiar as estruturas de poder estabelecidas, Padre Cícero se destacou como um defensor dos direitos dos menos favorecidos, lutando incansavelmente por melhores condições de vida para a população local. Sua postura solidária e sua capacidade de mobilização o tornaram uma figura emblemática para os mais necessitados, que viam nele não apenas um líder espiritual, mas também um aliado na busca por dignidade e igualdade.

A atuação política de Padre Cícero no Cariri do Ceará foi marcada por uma habilidade singular de conciliar interesses rivais e promover a pacificação da região. Sua estratégia de "algodão entre vidros", como descrita por Lira Neto, evidencia sua capacidade de articular diferentes grupos e correntes políticas em prol de um bem comum. Ao ocupar o cargo de prefeito de Juazeiro do Norte por quase duas décadas, Padre Cícero não apenas exerceu um papel de liderança local, mas também se inseriu ativamente na política estadual, deixando sua marca indelével na história política do Ceará.

A influência do Padre Cícero na política do Cariri do Ceará vai além de sua atuação como prefeito de Juazeiro do Norte. Sua presença na cena política local foi marcada por uma

profunda conexão com as demandas e aspirações da população, refletindo um compromisso genuíno com o bem-estar e o progresso da região. Sua capacidade de mobilização e sua habilidade de conciliar interesses diversos o tornaram uma figura central na história política do Cariri, deixando um legado de luta pela justiça social e pela igualdade de direitos. A trajetória política de Padre Cícero no Cariri do Ceará ilustra não apenas sua habilidade como líder, mas também sua dedicação em transformar a realidade de sua comunidade e promover mudanças significativas em prol do bem comum.

O que aconteceu na chamada, Sedição de Juazeiro foi um reflexo das tensões políticas e das disputas de poder que permeavam o cenário cearense na época, com o Padre Cícero emergindo como uma figura central nesse contexto. A atuação política de Padre Cícero durante a Sedição de Juazeiro evidenciou sua habilidade em articular diferentes interesses e grupos sociais em prol de seus objetivos políticos. Sua liderança carismática e sua capacidade de mobilização foram fundamentais para a resistência e defesa dos interesses da população local diante das investidas das autoridades estaduais. A Sedição de Juazeiro representou um momento de confronto entre as forças políticas estabelecidas e a influência do Padre Cícero, que se tornou um símbolo de resistência e luta pela autonomia e dignidade do povo do Cariri.

A análise do conceito de espaço na filosofia de Merleau-Ponty (1999), conforme apresentado no documento, revela uma abordagem fenomenológica que vai além da concepção tradicional de espaço como mero vazio tridimensional. Para o filósofo, o espaço é uma dimensão essencial da nossa existência, uma teia interconectada de experiências e significados que nos molda constantemente. Essa perspectiva nos convida a perceber o espaço não como algo externo, mas como parte integrante de quem somos, destacando a importância da nossa corporeidade e da nossa relação com o mundo.

Ao trazer essa reflexão para a cidade de Juazeiro, percebemos como o espaço urbano se torna um cenário vivo onde as memórias e a cultura local se entrelaçam com o cotidiano dos habitantes. Cada rua, praça e construção carrega consigo a história e as tradições desse lugar sagrado, transformando o espaço em um protagonista que influencia as percepções e experiências daqueles que o habitam. A topografia rica de Juazeiro se torna um reflexo tangível da complexidade e profundidade do espaço vivido.

A interação entre o sagrado e o profano, evidenciada nas ruas estreitas, nas cores das fachadas e nos símbolos religiosos presentes em cada canto, convida os indivíduos a mergulharem em uma atmosfera única, onde a espiritualidade se entrelaça com o dia a dia. Essa fusão de elementos ressalta a importância de olhar para além da superfície das coisas, buscando a profundidade e a complexidade que se escondem em cada espaço vivenciado. O espaço se

torna, assim, uma linguagem que comunica não apenas a geografia física, mas também as narrativas e significados que o permeiam.

A dimensão coletiva da peregrinação em Juazeiro, evidenciada pela presença de muitas pessoas no ônibus e em hospedagens coletivas, ressalta a importância do espaço como um organismo vivo em constante interação com seus habitantes. A descrição da caminhada até a imagem do Padre Cícero, destacando o sacrifício físico em prol da devoção, enfatiza a dimensão corporal e encarnada da fé, alinhando-se com a filosofia de Merleau-Ponty (1999). Essa experiência revela como as mudanças ao longo do tempo, como a introdução de comodidades modernas, contrastam com as práticas mais desafiadoras do passado, evidenciando a evolução do espaço e da experiência humana.

A observação atenta do espaço, exemplificada pela descrição da cena do senhor rezando na praça do centro, destaca a importância de uma percepção mais profunda do ambiente, indo além das aparências superficiais. A fé manifestada não apenas nas igrejas, mas também na interação direta com o espaço público, revela a interconexão entre o indivíduo, o sagrado e o espaço compartilhado. A presença da mulher franzina que entra de joelhos na igreja do Coração de Jesus ressalta não apenas a devoção, mas também a dimensão corporal e encarnada da fé, alinhando-se com a filosofia de Merleau-Ponty (1999). Esses relatos evidenciam como a experiência do espaço sagrado em Juazeiro transcende o individual, incorporando uma dimensão coletiva e cultural que enriquece a vivência do local.

Por fim, a compreensão do espaço como uma fusão de dimensões tangíveis e intangíveis nos convida a desvendar as múltiplas camadas de significado que permeiam cada canto de Juazeiro. O espaço não é apenas uma localização geográfica, mas um testemunho vivo da jornada humana através do tempo e da experiência, manifestando a presença e a essência da comunidade local. A cartografia sagrada de Juazeiro desempenha um papel fundamental nessa busca por respostas, imergindo no contexto histórico e cultural do passado para compreender os cenários que moldaram a identidade e as práticas da cidade. Juazeiro se revela não apenas como um ponto no espaço, mas como um ponto de encontro entre o palpável e o intangível, entre a materialidade do ambiente e as emoções que o permeiam, destacando a complexidade e a riqueza das conexões físicas e simbólicas que definem o espaço vivido.

A migração dos sertanejos do Nordeste para os centros urbanos do Brasil é um fenômeno multifacetado que reflete não apenas a busca por melhores condições de vida, mas também a interação complexa entre fatores econômicos, sociais e climáticos. Esse movimento histórico, iniciado no século XX e ainda presente nos dias atuais, moldou não apenas as cidades de destino, mas também as regiões de origem, impactando profundamente a cultura, a economia e

a estrutura social do país. A presença marcante da cultura nordestina nas metrópoles brasileiras evidencia a riqueza e a diversidade trazidas pelos migrantes, ao mesmo tempo em que ressalta a importância de políticas de inclusão e desenvolvimento social para garantir uma transição mais equitativa e sustentável.

Ao final desta jornada de reflexão e descoberta sobre Juazeiro do Norte, percebemos que a cidade transcende as definições convencionais de utopia e se revela como um espaço complexo e multifacetado. Através das experiências compartilhadas pelos moradores, peregrinos e pesquisadores, somos levados a mergulhar nas camadas profundas de significado e esperança que permeiam as ruas e praças dessa terra sagrada. Assim como Teseu em seu labirinto, nos vemos diante de um emaranhado de narrativas e emoções que desafiam nossas concepções preestabelecidas, nos convidando a abraçar a incerteza e a inquietação como parte essencial do processo de compreensão e conexão com Juazeiro. Nesse contexto, os espaços de possibilidade e transformação se revelam, onde os silêncios e as entrelinhas das histórias compartilhadas se tornam os fios condutores de uma narrativa rica e profundamente humana. Assim, ao encerrar este capítulo de reflexão, somos lembrados da importância de acolher a complexidade e a diversidade de vozes que ecoam nas ruas de Juazeiro, tecendo um mosaico de significados que desafiam e enriquecem nossa compreensão do sagrado e do profano, do real e do imaginado.

Ao explorarmos a narrativa como a de Rafael da Praça e outros relatos sobre Juazeiro, somos levados a compreender a profundidade da conexão emocional que esses indivíduos estabelecem com a cidade. Juazeiro transcende sua natureza física e se transforma em um espaço simbólico, onde a vivência cotidiana se entrelaça com o sagrado, criando uma atmosfera única de pertencimento e renovação espiritual. A ideia de heterotopia, conforme proposta por Michel Foucault (2003), ressoa nesses relatos, evidenciando como Juazeiro se torna um lugar especial, onde as normas e as definições convencionais se diluem em uma experiência singular e significativa.

A jornada dos peregrinos a Juazeiro revela não apenas a importância da cidade como destino espiritual, mas também como um espaço de memória e de significado profundo. A prática de trazer lembranças físicas dessas visitas, como testemunhas tangíveis de suas experiências, destaca a continuidade entre dois mundos e a coexistência de diferentes espaços em suas vidas. Juazeiro não é apenas um local de passagem, mas um ponto de encontro anual que transcende a rotina comum, oferecendo um refúgio temporário onde as preocupações do dia a dia se dissipam e a paz interior é encontrada.

Diante das narrativas intensas e pessoais apresentadas, emerge uma conclusão que transcende a individualidade, delineando Juazeiro do Norte como um espaço de significado coletivo, onde a religiosidade, a tradição e a comunidade convergem. A cidade sagrada não é apenas um local físico, mas uma experiência heterotópica que transcende fronteiras geográficas, incorporando-se às vidas dos devotos muito antes de sua chegada.

Ao explorar as jornadas espirituais compartilhadas, percebemos não apenas a evocação nostálgica durante as missas, mas também a complexidade emocional que permeia as peregrinações. O contraste entre as mudanças físicas na cidade e a imutabilidade das memórias destaca Juazeiro como um espaço onde diferentes tempos coexistem, uma heterotopia onde a experiência temporal é sobreposta.

A intervenção divina na vida dos entrevistados, evidenciada por episódios marcantes, revela Juazeiro como não apenas um local de devoção regular, mas um refúgio em momentos de aflição. A conexão espiritual com a cidade transcende o ritual anual, moldando a percepção de segurança e proteção.

As histórias de superação e transformação ilustram Juazeiro como um lugar de cura e renovação. A mudança de propósito inicial para a gratidão reflete a dinâmica da cidade como um espaço de transformação espiritual contínua. A sensação de pertencimento e utilidade ressalta a natureza acolhedora e inclusiva da comunidade, alinhando-se com os conceitos de coesão social.

Em consonância com as ideias sociológicas, Juazeiro do Norte emerge não apenas como um destino de peregrinação, mas como um microcosmo onde a religião transcende o indivíduo, moldando e fortalecendo a coletividade. Os rituais, práticas e a comunidade que se formam em torno da devoção convergem para criar um espaço sagrado que ultrapassa as fronteiras físicas, integrando-se à vida cotidiana dos devotos.

Por um lado, os romeiros são fundamentais para a própria configuração demográfica e econômica da cidade. Seus fluxos migratórios periódicos durante as festividades religiosas contribuem para o crescimento populacional e também têm impacto na economia local, movimentando setores como hospedagem, alimentação e comércio de produtos religiosos. Dessa forma, os romeiros se tornam atores ativos na construção do espaço urbano e na dinâmica socioeconômica de Juazeiro do Norte.

Por outro lado, esses mesmos romeiros, vindos de diversas partes do país, trazem consigo uma aura de "estranheza". A cidade, que tem um contexto social e cultural único, é visitada anualmente por milhares de pessoas que, temporariamente, se tornam parte do cenário urbano. Essa presença efêmera de pessoas de diferentes origens traz um elemento de

diversidade cultural e também cria um desafio para a cidade em relação à recepção e acomodação desses visitantes.

A repetição ritual das práticas de peregrinação ao longo dos anos não só reforça a ligação entre os romeiros e a cidade, mas também estabelece laços entre os próprios romeiros e os habitantes locais. Essa convivência durante as festas religiosas cria oportunidades para a construção de espaços de proximidade e interação, nos quais as diferenças culturais são negociadas e compartilhadas.

Essa dinâmica reflete a complexidade das peregrinações como um fenômeno sociocultural. As peregrinações transcendem os limites físicos dos lugares sagrados, estendendo-se para as relações interpessoais e para a própria construção da identidade das comunidades envolvidas. Assim, Juazeiro do Norte emerge como um exemplo vivo da interação entre os conceitos discutidos, onde a peregrinação, os romeiros e a cidade se entrelaçam em uma narrativa rica e multifacetada.

As romarias nesta cidade são fundamentais para o seu dinamismo. O pulsar constante desses eventos é comparado a batimentos cardíacos que propagam a fé e devoção ao Padre Cícero. No cerne desse fenômeno, destaca-se a capacidade intrínseca das romarias de gerar um impacto profundo nos próprios romeiros. Isso acontece de maneira dupla: primeiro, consagrando-os ao Padre Cícero e, simultaneamente, fazendo deles protagonistas ativos da própria cidade.

É importante ressaltar que, independentemente dos avanços em logística e infraestrutura para os romeiros, a essência da peregrinação permanece ancorada na fé, nas confissões e na participação em rituais sagrados. A cidade de Juazeiro do Norte não apenas acolhe os visitantes temporários, mas os incorpora efetivamente à sua história e identidade. A dualidade experienciada pelos romeiros, ao serem "dentro" e "fora" da comunidade local, revela a complexidade social dessas peregrinações.

A cidade de Juazeiro do Norte, nesse contexto, emerge como um espaço de renovação espiritual. Os romeiros buscam não apenas a proximidade física com o sagrado, mas também uma jornada de transformação pessoal e coletiva. A narrativa dessas peregrinações destaca não apenas as mudanças ao longo do tempo, mas também a resiliência da fé e a continuidade da busca pelo sagrado no contexto contemporâneo.

Em síntese, as profundas narrativas dos romeiros revelam a complexidade da peregrinação a Juazeiro, transcendendo uma simples jornada física para se tornar uma rica experiência espiritual e comunitária. Através da lente de diversas perspectivas teóricas, como as ideias de Foucault (2003) sobre heterotopia, Hobsbawm (1984) sobre invenção de tradições

e Durkheim (1989) sobre formas elementares da vida religiosa, emergem várias camadas de significado na relação entre os romeiros e a cidade. A repetição anual da romaria não é apenas uma tradição inalterada, mas uma jornada contínua de autodescoberta, coletividade e renovação espiritual. O elo simbiótico entre os romeiros e Juazeiro, enraizado na devoção e na experiência compartilhada, constrói uma narrativa envolvente que transcende o tempo e o espaço, deixando uma marca profunda na história da cidade e na vida dos devotos.

Na cidade de Juazeiro do Norte, onde os passos dos romeiros se misturam ao fervor da devoção, algo grandioso se desvela. É nessa terra abençoada, onde o sagrado e o profano dançam em compasso harmonioso, que se entrelaçam as histórias de fé e devoção dos filhos e filhas do sertão.

As ruas estreitas, por onde transitam as romarias, testemunham a caminhada incansável daqueles que, movidos por uma crença que atravessa gerações, buscam nos braços do *Padim Ciço* alívio para suas dores e esperança para suas vidas. Os passos dos romeiros ecoam como murmúrios sagrados, entrelaçando-se com a poeira do chão e com as preces sussurradas ao vento. Em cada rosto marcado pelo sol inclemente, nas mãos calejadas que seguram os terços com devoção, reside a história de um povo que encontrou nas romarias uma maneira de transpor as agruras do dia a dia. Juazeiro do Norte é palco dessa peregrinação incessante, onde o sertão se converte em caminho, e as estradas se tornam veredas de esperança.

E assim, a cidade se transforma em cenário vivo, onde os romeiros tecem uma teia de encontros, de abraços fraternos e de olhares que se reconhecem. Nas ruas, nos espaços de acolhimento e nas sombras da Basílica, a solidariedade se faz presente. Os laços de irmandade se estendem para além das fronteiras geográficas, unindo corações que compartilham das mesmas promessas e das mesmas buscas.

Juazeiro do Norte se ergue como um altar ao céu, com suas casas simples e seus santuários de devoção. Cada pedra, cada tijolo, cada pedaço de história que permeia suas ruas e praças carrega consigo a energia dos romeiros, que deixam ali sua marca indelével. Os muros da cidade são testemunhas silenciosas dos agradecimentos, das súplicas e das promessas que se entrelaçam em um emaranhado de vozes que clamam por bençãos.

E é nessa interseção entre a fé e a vida cotidiana que a cidade encontra sua essência. Juazeiro do Norte é o encontro entre o divino e o humano, um lugar onde os romeiros se tornam protagonistas de sua própria história. E assim, enquanto os pés cansados percorrem os caminhos do sertão, a cidade acolhe, abraça e se renova a cada passo, revelando a força da devoção que transcende fronteiras e se eterniza nas memórias de um povo.

E assim, enquanto o sol brilha sobre as terras do Cariri, a cidade segue abraçando seus filhos e filhas, envolvendo-os em seu manto acolhedor. Em Juazeiro do Norte, a devoção não se limita a um lugar, mas se espalha como um rio caudaloso, irrigando almas sedentas de esperança e fortalecendo os laços que unem a humanidade em sua busca pelo transcendente.

E assim, entre romarias e orações, Juazeiro do Norte se revela como um espaço de encontro, de renovação e de esperança. Nesse intricado tecido de tradições, desvendo os fios que tecem as relações humanas e as estruturas sociais. Como um leitor atento, sigo as palavras do autor, imerso nas categorias que revelam a essência das tradições inventadas. E assim, a história se desdobra diante de mim, como um espetáculo de significados, onde cada categoria assume seu papel na dança eterna da cultura e da sociedade.

Que assim seja, em cada linha não escrita que se segue.

O passado ainda aguarda uma palavra...

*Silêncio! Para eu me lembrar de tanta coisa que eu sonhei
e encontrar todas as folhas que eu juntei
por essa estrada que me trouxe até aqui.*

Flávia Wenceslau

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. "**Pobres Leitores**", m: <http://www.unicamp.br/iellmemoria/literaturapopular/index.html>.
- ABREU, M. A. **Cordel Português I Folhetos do Nordeste: confrontos - um estudo histórico-comparativo**. Tese de doutoramento, IEL-UNICAMP, Campinas, 1993.
- AIRES, José Luciano de Queiroz. **Inventando Tradições, Construindo Memórias: “A Revolução de 30” na Paraíba**. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA, 2006.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.
- ALMEIDA, A. A. F. de. **Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada**. João Pessoa, Ed. Universitária, 1978, 2 vol.
- ALMEIDA, M. W. B. **Folhetos (A Literatura de Cordel no Nordeste Brasileiro)**. Dissertação de Mestrado, FFLCH- USP, 1979.
- ÂNGELO, A. **A Presença dos Cordelistas e Cantadores Repentistas em São Paulo**. São Paulo, Ibrasa, 1996.
- ANTUNES, Antônio Lobo. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- ANTUNES, Antônio Lobo. **Eu hei-de amar uma pedra**. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- ANTUNES, Antônio Lobo. **Não entres tão depressa nessa noite escura**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- ANTUNES, Antônio Lobo. **Que farei quando tudo arde?** Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- BARBOSA, Walter. **Padre Cícero: Pessoas, Fotos e Fatos**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1980.
- BARROS, L. O. C. "**Do Ceará, Três Santos do Nordeste**". In: Antropologia, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1980.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero, sociologia de um padre, antropologia de um santo**. Porto Alegre: Edusc, 2007.

BURKE, Peter. **História Cultural na Idade Média**. 1988

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história**. Campina Grande, Editora da UFCG, 2009.

CAMPINA, Maria da C. L. **Voz do Padre Cícero e Outras Memórias**. São Paulo: Edições, Paulinas, 1985.

CASTELO BRANCO, Uyguciara Veloso. **A construção do Mito do “Meu Filho Doutor”:
Fundamentos Históricos do Acesso ao Ensino Superior no Brasil**. Paraíba. João Pessoa:
UFPB/Editora Universitária, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária,
2007.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**, Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo:
Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

COMBLIN, J. **Padre Cícero de Juazeiro**. São Paulo: Editora Paulus, 2011.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em
Juazeiro do Norte**. Universidade Federal do Ceará. 2010. Programa de Pós-graduação em
Sociologia (Tese de Doutorado).

DELEUZE, G. **A dobra: Leibniz e o Barroco**. Trad. Luiz Orlandi. Campinas, São Paulo:
Papyrus, 1991.

DELEUZE, G. **A Imanência: uma vida**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva.
<http://pt.scribd.com/doc/Deleuze-Gilles>. Acesso em 21/05/2011. Originalmente publicado em
Philosophie, no 47, 1995.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed, 34, 1997.

DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'água
Editores, 1996.

DELEUZE, G. **Différence et répétition**. Paris: PUF, 1969.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro:
Graal, 2006.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva,
2007.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia.** V.1. Trad. Aurélio Guerra neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia.** V. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed 34, 1996.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia.** V. 4. Trad. Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed 34, 1997.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 [1977].

DINIZ, M. **Mistérios do Joazeiro: história completa do Padre Cícero Romão Batista do Ceará.** Juazeiro: Tipografia de O Joazeiro, 1935.

DURKHEIM, E. **Formas Elementares de Vida Religiosa.** 2ª edição. São Paulo: Paulus Editora, 1989.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. **Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade.** Linha D'Água (online), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, 2014.

FAUSTO, Boris (Org.). **História geral da civilização brasileira: sociedade e instituições (1889-1930).** 3. ed. São Paulo: Difel, 2006. v. 9. p. 46-103. 139

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de A. Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930).** Vol. 1 – 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERRO, Marc. **A história vigiada.** Tradução de Doris Sanches Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **"O Sujeito e o Poder"** in RABINOW, Paul e. 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France,** pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Nacimiento de la Biopolítica.** Curso em el Collège de France: 1978-1979. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2007.

FOUCAULT, Michel. **"Entrevista a Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow"**. in RABINOW. 1995.

FOUCAULT, Michel. "**Outros espaços**". In: Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 1991.

FREUD, Sigmund. **Interpretação dos Sonhos (I) (1900)**, A - vol. 4. 2ª edição. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. (formato 27x21 cm).

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GEERTZ, Clifford. **Saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. 4ª. Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

GERSON, Paula L. **Pilgrimage**. In: Medieval France. 1995. Disponível em: <http://www.bookrags.com/tandf/pilgrimage-tf/> Acesso: 15 nov. 2019.

GOLD, Ann Grodzins. **Pilgrimage – South Ásia**. In: Encyclopedia of Modern Ásia. 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **La Topographie Légendaire des Évangiles en Terre Sainte**. Paris: PUF, 1971.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWM, Eric. **Ecos Da Marselhesa: Dois séculos reveem a Revolução Francesa**. Tradução: Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1988.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.

LEE, E. S. **Uma teoria sobre migrações**. In: MOURA, H. M. (Coord.). Migrações internas: textos selecionados. Fortaleza: BNB-ETENE, 1980.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, Editora da Unicamp. (Reunião dos artigos do autor publicados na Enciclopédia Einaudi), 1990b.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Joazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1926].

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Juazeiro do Padre Cícero** (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927). 4a edição aum. Brasília: MEC/Inep, 2002. (Edição digital).

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Testes ABC: Para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

MATTOS, Hebe. **A Vida política IN: SCHWARCZ, Lília Moritz. História do Brasil Nação: 1808- 2010. A abertura para o mundo (1889-1930)** Vol. 3. Fundación Mapfre. Editora Objetiva, 2012, p. 85-131.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. - 2. ed., 4a reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e Outros Poemas Para Vozes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MENEZES, Eduardo. Diatahy B. de. Pe. **Ibiapina**: figura matricial do Catolicismo sertanejo no Nordeste do século XIX. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, Ano CXII, 1998, p. 73-98.

MENEZES, Fátima; ALENCAR, Generosa. **Homens e fatos na história de Juazeiro**: estudo cronológico – 1827-1934. Recife: Edição da UFPE, 1989.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **Estado e sociedade: a consolidação da república oligárquica**. In: LINHARES, Maria Yeda (Org.). História geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIRANDA, Mario França. **Sacramento da penitência**: o perdão de Deus na comunidade eclesial. São Paulo: Loyola, 1978.

MONTEIRO, Douglas Teixeira, **Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestados IN: FAUSTO, Boris (dir.). III. O Brasil Republicano. 2 Sociedade e Instituições (1889-1930)**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p 40 - 85.

MOREL, Edmar. **Padre Cícero: o santo de juazeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

NETO, Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no Sertão**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

NOBRE, Edianne dos Santos. **Incêndios da alma: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos**. 2014. Tese (Doutorado) - Programa de Pósgraduação em História Social, Rio de Janeiro, 2014.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

NORA, Pierre. **Historien public**. Paris: Gallimard, 2011a.

NORA, Pierre. (dir.). **Les lieux de mémoire – I: La République**. Paris: Gallimard, 1984.

NORA, Pierre. (dir.). **Les lieux de mémoire – II: La Nation**. Paris: Gallimard, 1986.

NORA, Pierre. (dir.). **Les lieux de mémoire**. Paris: Quarto Gallimard, 1997. v.1-3.

NORA, Pierre. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008.

NORA, Pierre. **Présent, nation, mémoire**. Paris: Gallimard, 2011b. (Bibliothèque des Histoires).

NUNES. A. Seda. **As gerações na sociedade moderna**. Conceitos e perspectivas gerais. In: Sociologia e ideologia do desenvolvimento. Lisboa: Moraes Eds., 1969. P. 75-93.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu de; SIMÕES, André Geraldo. **Deslocamentos populacionais no Brasil: uma análise dos censos demográficos de 1991 e 2000**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2004, Caxambu. Anais... Caxambu: ABEP, 2004.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci - Verdadeira História de Juazeiro**. Fortaleza: Premium, 2001 [1969].

OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de. **Memória da Cidade: transformações e permanências na produção espacial do núcleo de formação histórico da cidade de Juazeiro do Norte**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Xavier de. **Beatos e Cangaceiros. História Real, observação pessoal e impressão psicológica de alguns dos mais celebres cangaceiros do Nordeste**. Rio de Janeiro, 1920.

PACHECO, C. A. e PATARRA, N. L. **Movimentos Migratórios nos Anos 80: novos padrões?** In: Encontro Nacional sobre Migração. Anais..., Curitiba, 1997.

PAUL e DREYFUS, Hubert. 1995. Michel Foucault. **Uma Trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

PECHMAN, Robert Moses. **9 cenas, algumas obs-cenas da rua**. Fractal Revista de Psicologia, Niterói, v. 21, n. 2, p. 351-368.

PENNA, Lincoln Abreu. **República brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PEREIRA, Auricélia Lopes. **Fluxos de Vida/textos de rua: mendigos nas dobras do tempo**. UFPE. 2010. Doutorado em História – Programa de pós-graduação em História do Brasil-Recife 2010.

PEREIRA, Auricélia Lopes. **O rei do cangaço e os vários lampiões**. UFPE. 200. Mestrado em História- Programa de pós-graduação em História do Brasil-Recife 2000.

Pesavento, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, 2007, (53), 7-22.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 395.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. P. 7-21.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e sensibilidades**. In Revista Tempos Acadêmicos nº 3. Santa Catarina: UNESC, 2005. pp. 127-134.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista de estudos históricos. Vol. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo. 1997.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A república burguesa (1989-1930)**. In: SANTOS, Raimundo (Org.). Dissertações sobre a revolução brasileira. São Paulo: Brasiliense, 2007.

RAMOS, Maria de Lourdes Lôpo. **História Oral de Vida: professor, identidade e PCN-História**. Campina Grande: UEPB, 2001. Dissertação.

ROSENDAHL, Zeny. **Percepção, vivência e simbolismo do sagrado no espaço: peregrinos e turistas religiosos**. In: LIMA, Luiz Cruz (Org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: UECE, 1998. p. 134-143.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SALLNOW, Michael. **Pilgrims of the Andes: regional cults in Cusco**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1987.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo; As romarias portuguesas**. Lisboa, Dom Quixote, 1983.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdígão. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 782.

SILVA, Antenor Andrade de. **Cartas do Padre Cícero [1877 - 1934]**. Salvador: E. P. Salesianas, 1982.

SILVA, Honório de Pedra e. **História profetizada pelo Revdmo Padre Carlos Galli**. Juazeiro do Norte, s.d.

SILVA, Keila Queiroz e. **Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários**. 2008. 278 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. **Turismo e consumo: a religião como lazer em Aparecida**. In: ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003.

SLATER, Candace. **Trail of Miracles**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1986.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. 1ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 1996.

STEIL, Carlos Alberto. **Padre Cícero: Tradição e Modernidade. Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro: e... quem é ele?** Dumoulin, A. Guimarães, A. Forti, M. C. P. (Ed.) 18 a 22 de Julho em Juazeiro do Norte – CE, 2004.

TEXEIRA, Paulo Eduardo, Antonio Mendes da Costa Braga, Rosana Baeninger (org.). **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras Marília**: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

TIMOTHY, Dallen J.; OLSEN, Daniel H. **Tourism, religion and spiritual journeys**. New York: Routledge, 2006.

VON, SIMSON. Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento – O exemplo do Centro de Memória da UNICAMP**. In: Faria Filho, Luciano Mendes de (org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Autores Associados, Bragança Paulista: Universidade São Francisco (2000). (Coleção Memória da Educação).

WEBER, Max. **The protestant ethic and the spirit of capitalism**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1950.

WEBER, Max. **Economía y sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

WEBER, Max. **História geral da economia**. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

WEBER, Max. **A política como vocação. A ciência como vocação**. In: GERTH, H. H.; WRIGHT MILLS, C. **Ensaio de sociologia** Rio de Janeiro: Zahar, 1974a.

WEBER, Max. **Rejeições religiosas do mundo e suas direções**. In: GERTH, H. H.; WRIGHT MILLS, C. *Ensaio de sociologia* Rio de Janeiro: Zahar, 1974b.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de M. Irene Szmrecsányi e Tamás Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.